

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

**O COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO NOS ANOS 1980 E 1990: ESTRUTURA
E EVOLUÇÃO DO PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO**

Marcilene Aparecida Martins

Tese de Doutorado em Economia
apresentada ao Instituto de Economia da
Universidade Estadual de Campinas,
sob a orientação do Professor Doutor
Mariano Francisco Laplane.

Março, 2005

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	TJUNICAMP
	M366c
V	EX
TOMBO BC/	64690
PROC.	16.86-05
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	9-7-05
Nº CPD	

Biblid 357848

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO INSTITUTO DE ECONOMIA**

M366c Martins, Marcilene Aparecida.
O comércio exterior brasileiro nos anos 1980 e 1990 : estrutura e evolução do padrão de especialização / Marcilene Aparecida Martins. – Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador: Mariano Francisco Laplane.
Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Economia.

1. Comércio internacional - Brasil. 2. Comércio exterior - Evolução. I. Laplane, Mariano Francisco. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.

200 514 050

AGRADECIMENTOS

Ao Prof^o Mariano Laplane, que num momento particularmente delicado de indefinição de rumo, e com espírito acadêmico generoso, assumiu a orientação desta tese, conduzindo-a de forma serena e segura, e com quem aprendi a importância de manter os pés-no-chão, deixando, porém, a mente sempre livre.

Aos meus professores do Instituto de Economia, em particular, João Manoel C. de Mello, Luiz G. Belluzzo, Mariano Laplane, Margarida Baptista, Paulo C. da C. Davidoff e Wilson Suzigan, pelas sementes lançadas. À Profa. Margarida Baptista agradeço ainda pela valiosa contribuição na etapa inicial de definição do tema da tese.

À CAPES, pelo apoio financeiro, através do Programa Institucional de Capacitação de Docentes e Técnicos.

Ao Departamento de Economia da UFRGS, pelo apoio institucional.

Aos servidores e colaboradores do Instituto de Economia/Unicamp, pela sempre eficiente “retaguarda”: Cida e Alberto, da Secretaria; Adilson e Pedro, do NEIT; Almira e Lourdes, da Biblioteca; Daniel, Conceição e Zé, da Xerox.

A Cristhian, Ely e Vinícius, pelo trabalho de digitação dos dados.

Aos amigos, André, pela tradução das citações em inglês e pelos esclarecimentos estatísticos, e Noemí, pelo envio de material bibliográfico e pela ajuda estatística.

A André, Eneida, Gentil, Graça, Ilaine, Lussieu, Marcelino, Márcia e Orlando Martinelli, pela sincera torcida.

A Eneuton, meu porto seguro nas horas mais difíceis.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iii
ÍNDICE DE TABELAS	vii
ÍNDICE DE GRÁFICOS	ix
RESUMO	xi
INTRODUÇÃO	01
1. PADRÕES DE EFICIÊNCIA NO COMÉRCIO: DEFINIÇÕES E IMPLICAÇÕES NORMATIVAS	05
1.1. Definições de Eficiência no Comércio	05
1.2. Padrões de Eficiência no Comércio e a Possibilidade de Trade-offs	12
1.3. Ainda sobre as Definições de Eficiência no Comércio: Dificuldades “Internas” e de Operacionalização	18
1.4. Conclusões	23
2. ESPECIALIZAÇÃO NO COMÉRCIO INTERNACIONAL NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990: ANÁLISE PANORÂMICA COM ÊNFASE NA COMPARAÇÃO ENTRE ÁSIA E AMÉRICA LATINA	25
2.1. Evolução da Produção e do Comércio Internacional nas décadas de 80 e 90	26
2.1.1. Evolução da Produção	26
2.1.2. Aspectos Básicos na Evolução do Comércio	30
2.2. Especialização Comercial Asiática e Latino-Americana: Caracterização Básica e Análise Comparativa	41
2.2.1. Evolução dos Padrões de Comércio Asiático e Latino-Americano - segundo países selecionados	41
2.2.2. Sobre os Condicionantes da Evolução dos Padrões de Comércio: uma análise introdutória	45
2.2.3. Padrões de Industrialização Asiático e Latino-Americano - um contraponto necessário	55
2.3. Conclusões	57

3. O COMERCIO EXTERIOR NA ECONOMIA BRASILEIRA DOS ANOS 80 e 90	61
.....	
3.1. Anos 80: Constrangimento Externo e Superávits Comerciais	61
3.2. Anos 90: Estabilização Monetária e Déficits Comerciais Crescentes	66
3.3. Conclusões	72
4. O COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO NOS ANOS 1980 E 1990:	
ESTRUTURA E EVOLUÇÃO DO PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO	75
4.1. Aspectos da Evolução do Comércio Exterior no Período 1981-1998	76
4.1.1. Crescimento e Composição Relativa dos Fluxos de Comércio	76
4.1.2. Composição e Evolução do Saldo Comercial	82
4.2. O Padrão de Comércio Brasileiro Segundo Alguns Indicadores de Especialização	87
4.3. Especialização Comercial Brasileira: Convergência ou Divergência ao Padrão de Comércio Mundial?	101
4.3.1. Crescimento e Composição Relativa das Exportações Brasileiras e Mundiais ...	102
4.3.2. Crescimento e Composição Relativa do Market-Share das Exportações Brasileiras	112
4.4. Conclusões	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
APÊNDICE METODOLÓGICO	133
ANEXO ESTATÍSTICO	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219

ÍNDICE DE TABELAS

2.1- Taxa de Crescimento Médio Anual do Produto Interno Bruto - países selecionados: 1980-1999	28
2.2- Exportações Segundo Regiões e Países Selecionados - taxa de crescimento médio anual: 1980-2000	31
2.3- Composição Relativa das Exportações Mundiais segundo Regiões e Países Selecionados: 1980-2000.....	35
2.4- Composição Relativa das Importações Mundiais segundo Regiões e Países Selecionados: 1980-2000	36
2.5- Estrutura de Participação Relativa nas Exportações e no Valor Agregado pelas Manufaturas Mundiais - segundo regiões e países selecionados: 1980-1997	38
4.1- Exportações Brasileiras - taxas de crescimento: 1981-1998 - classificação segundo a tipologia II	77
4.2- Importações Brasileiras - taxas de crescimento: 1981-1998 - classificação segundo a tipologia II	78
01- Exportações Brasileiras – “Ganho” ou “Perda” como % da “Exportação Potencial” – 1989/1981	153
02- Exportações Brasileiras – “Ganho” ou “Perda” como % da “Exportação Potencial” – 1998/1990	155
03- Composição Relativa das Exportações Brasileiras (1981-1998) - classificação segundo a tipologia II	157
04- Composição Relativa das Importações Brasileiras (1981-1998) - classificação segundo a tipologia II	160
05- Composição do Saldo Comercial Brasileiro: 1981-1998 - classificação segundo a tipologia II	162
06- Exportações Brasileiras - contribuição ao saldo comercial médio - classificação segundo a tipologia I: 1981-89/1990-98	164
07- Brasil - saldo comercial médio, segundo a natureza do saldo: 1981-89/1990-98 – classificação pela tipologia II	166
08- Exportações Brasileiras - ranking de Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDERS) positivos: 1981-89/1990-98	169
09- Exportações Brasileiras - ranking de Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDERS) negativos: 1981-89/1990-98	170
10- Exportações Brasileiras - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) - classificação segundo a tipologia I: 1981-89/1990-98	172
11- Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) - classificação segundo a tipologia II: 1981-89/1990-98	174
12- Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo (Ider): 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento da participação relativa no comércio mundial	177
13- Brasil - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC): ranking de ICSC positivos: 1984-86/1995-97	180
14- Brasil - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC): ranking de ICSC negativos:1984-86/1995-97	181

15- Brasil - índice de contribuição ao saldo comercial (ICSC): 1984-86/1995-97 - classificação segundo a tipologia II	182
16- Exportações Brasileiras - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) - teste de diferença de média: 1981/1989 E 1990/1998.....	184
17- Brasil - Índice de Contribuição Relativa ao Saldo Comercial (ICSC) - teste de diferença de média: 1981/1989 e 1990/1998	185
18- Brasil – Produtos que apresentaram queda do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) entre 1981-89 e 1990-98 – segundo a natureza do saldo comercial	186
19- Brasil – Produtos que apresentaram elevação do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) entre 1981-89 e 1990-98 – segundo a natureza do saldo comercial	187
20- Exportações Brasileiras e Mundiais - taxa de crescimento: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento no comércio mundial	188
21- Exportações Brasileiras – taxa de contribuição ao crescimento: 1981-89/1990-98	191
22- Exportações Brasileiras - taxa de crescimento e taxa de contribuição ao crescimento: ranking de taxas positivas de contribuição ao crescimento - 1981-89/1990-98	193
23- Exportações Brasileiras - taxa de crescimento e taxa de contribuição ao crescimento: ranking de taxas negativas de contribuição ao crescimento: 1981-89/1990-98	195
24- Exportações Brasileiras - taxa de crescimento e taxa de contribuição ao crescimento: 1981-89/1990-98	197
25- Composição Relativa das Exportações Mundiais e Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento no comércio mundial	199
26- Índice de Dissimilaridade das Exportações Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento no comércio mundial	203
27- Exportações Brasileiras Mundiais - market-share (Ms) médio e taxa de crescimento: (1981-89/1990-98) - classificação segundo o dinamismo em participação relativa no comércio mundial	204
28- Evolução das Exportações Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em participação relativa no comércio mundial	207
29.A- Variação do Market-Share Médio (VMS) das Exportações Brasileiras e Mundiais e Posicionamento Relativo do Brasil - 1981/1989.....	210
29.B- Variação do Market-Share Médio (VMS) das Exportações Brasileiras e Mundiais e Posicionamento Relativo do Brasil - 1990/1998	213
30- Posição do Market-Share Brasileiro em Relação às Exportações Mundiais: 1981-1998	216

ÍNDICE DE GRÁFICOS

4.1- Exportações Brasileiras: "Ganhos" ou "Perdas" como % da "Exportação Potencial" e Participação Relativa na Pauta - 1981-89/ 1990-98	80
4.2- Composição Relativa das Exportações Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo a tipologia II	81
4.3- Composição Relativa das Importações Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo a tipologia II	81
4.4- Brasil - composição do saldo comercial médio: 1981-89/1990-98 - classificação segundo a tipologia II	85
4.5- Brasil - estrutura de contribuição ao saldo comercial positivo: 1981-89/ 1990-98 - classificação segundo a tipologia I	85
4.6- Brasil - estrutura de contribuição ao saldo comercial negativo: 1981-89/ 1990-98 - classificação segundo a tipologia II	86
4.7- Brasil - estrutura de contribuição ao saldo comercial positivo: 1981-89/ 1990-98 - classificação segundo a tipologia I	86
4.8- Brasil - estrutura de contribuição ao saldo comercial negativo: 1981-89/ 1990-98 - classificação segundo a tipologia II	87
4.9-A e 4.9-B. Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo - participação relativa na pauta: 1981-89/1990-98	90
4.10- Índice de Desempenho Exportador Relativo: 1981-89/1990-98 - classificação segundo a tipologia I	91
4.11- Índice de Desempenho Exportador Relativo: 1981-89/1990-98 - classificação segundo a tipologia II	91
4.12- Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento de participação relativa no comércio mundial	94
4.13- Índice de Contribuição ao Saldo Comercial: 1981-89/1990-98 - classificação segundo a tipologia II	97
4.14-A e 4.14-B. Crescimento das Exportações Brasileiras e Mundiais no Período 1981-89 - classificação segundo o dinamismo em crescimento no comércio mundial	103
4.15- Composição Relativa das Exportações Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento no comércio mundial	109
4.16- Composição Relativa das Exportações Mundiais: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento no comércio mundial	110
4.17- Exportações Brasileiras - índice de dissimilaridade: 1981-89/1990-98 -classificação segundo o dinamismo em crescimento no comércio mundial	112
4.18- Taxa de crescimento do Market-Share das Exportações Brasileiras: 1981-89/ 1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento de participação relativa no comércio mundial	114
4.19- Market-Share Médio das Exportações Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento de participação relativa no comércio mundial	115
4.20- Composição Relativa das Exportações Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o dinamismo em crescimento de participação relativa no comércio mundial	116

4.21-A e 4.21-B. Composição Relativa das Exportações Brasileiras segundo a posição em Market-Share no Comércio Mundial: 1981-89 / 1990-98	117
4.22- Posição do Market-Share Brasileiro em relação a Produtos que tiveram Aumento de Participação Relativa no Comércio Mundial no Período 1981-1998	120
4.23- Posição do Market-Share Brasileiro em relação a Produtos que tiveram Queda de Participação Relativa no Comércio Mundial no Período 1981-1998	120

RESUMO

Esta tese se ocupa da caracterização e análise da evolução do padrão de especialização comercial brasileiro no período 1981-1998. Conclui-se que a evolução de tal padrão de comércio veio reforçar as características estruturais que o definiam, já no início do período, uma especialização do tipo Ricardiana, vale dizer, baseada em produtos intensivos em recursos naturais e ou mão-de-obra. Como consequência, a inserção comercial brasileira viu-se determinada por uma estrutura de comércio pouco dinâmica e cuja evolução afetou negativamente o seu desempenho em termos da composição do comércio e da capacidade de crescimento das exportações e geração de saldos comerciais positivos. Mais do que isto, o Brasil deixou de aproveitar as oportunidades abertas pelo expressivo dinamismo tecnológico que caracterizou a evolução do comércio mundial no período, o que projeta, para o futuro, e de forma ampliada, as limitações do seu padrão corrente de especialização comercial.

Introdução

O objeto de estudo desta tese é a caracterização e análise da evolução do padrão de especialização comercial brasileiro no período 1981-1998. As perguntas-chave que norteiam este estudo são as seguintes: Ao final do período analisado, o padrão de comércio brasileiro apresentava características de composição e desempenho convergentes ou divergentes para o padrão de comércio prevalecente a nível mundial? No período estudado processou-se alguma mudança mais significativa no padrão de comércio brasileiro? A especialização comercial brasileira melhorou ou piorou ao final deste período? Melhorou ou piorou em relação a que, e quais as implicações disto?

A preocupação de fundo é no sentido de analisar as implicações do dado padrão vigente de comércio, no que tange à *qualidade da especialização comercial* brasileira. Parte-se da idéia de que *qualificar* a especialização comercial implica em avaliar em que medida um dado padrão corrente de especialização, e sua evolução ao longo do tempo, terão condicionado o perfil da inserção comercial externa do país, propondo-se, neste sentido, em que se deva analisá-lo com referência ao padrão de comércio prevalecente no âmbito mundial e à luz dos conceitos de eficiência no comércio.

O argumento-síntese desta tese é o de que a evolução do padrão de comércio brasileiro nas últimas duas décadas veio reforçar as características estruturais que o definiam, já no início do período, uma especialização do tipo Ricardiana, vale dizer, baseada em produtos intensivos em recursos naturais e ou mão-de-obra. Como conseqüência, a inserção comercial do país viu-se determinada por uma estrutura de comércio pouco dinâmica e cuja evolução afetou negativamente o seu desempenho em termos de composição do comércio e da capacidade de crescimento das exportações e geração de saldos comerciais positivos. Mais do que isto, ao deixar de enfrentar o desafio de criar as condições necessárias para a convergência da sua estrutura de comércio ao padrão de comércio prevalecente a nível mundial, senão que, pelo contrário, ao permitir que fosse reforçado um tal padrão de especialização caracterizado por um baixo grau de dinamismo, se avaliado pelos critérios de oportunidade tecnológica (*eficiência*

Schumpeteriana) e de elasticidade-renda da demanda (*eficiência Kaldoriana*), o Brasil deixou de aproveitar as oportunidades abertas pelo expressivo dinamismo tecnológico que caracterizou a evolução do comércio mundial no período, o que projeta, para o futuro, e de forma ampliada, as limitações do seu padrão corrente de especialização comercial.

O capítulo 1 procura demarcar alguns aspectos conceituais e normativos implicados na discussão sobre padrões de especialização no comércio, os quais serão retomados no final da tese. Partindo-se da hipótese de que caracterizar o padrão de especialização comercial requer não apenas a quantificação, mas também a qualificação dos fluxos de comércio, e de que esta última remete à necessidade de alguma noção prévia de eficiência no comércio, busca-se então discutir as possibilidades teóricas dessa definição. À luz dos conceitos de eficiência no comércio, então discutidos, enfatiza-se que os condicionamentos técnicos e alocativos associados a um dado padrão corrente de especialização, envolvem efeitos que são dinâmicos e cumulativos, condicionando, portanto, a *construção* de trajetórias futuras de especialização. Ressalta-se também a importância de que a discussão sobre estratégias de especialização seja balizada pela consideração da possibilidade de trade-offs entre os distintos critérios de eficiência no comércio.

O capítulo 2 faz uma caracterização panorâmica da evolução do comércio internacional nas duas últimas décadas, com ênfase na comparação entre os desempenhos da Ásia e da América Latina. O intuito deste capítulo é o de servir como referência ou base de apoio para uma avaliação comparativa da evolução da especialização comercial brasileira vis-à-vis outros países ou regiões. Nesse sentido, ainda que indiretamente, este capítulo nos ajuda também a responder em que medida o padrão de comércio brasileiro acompanhou as mudanças verificadas no âmbito do padrão de comércio mundial.

O capítulo 3 insere a análise do comércio exterior na agenda da economia brasileira dos anos 80 e 90, discutindo as prioridades e expectativas das políticas econômicas relacionadas ao comércio exterior brasileiro, com o objetivo de avaliar em que medida e de que forma as orientações de política econômica condicionaram a definição do padrão de especialização comercial vigente no período.

O capítulo 4 converge para o objetivo de responder as questões acima explicitadas. Para tanto, faz-se uma caracterização empírica do padrão de comércio exterior brasileiro no período 1981-1998. Num primeiro momento, esta caracterização se baseia na análise da composição e evolução dos fluxos de exportação e importação brasileira, complementada pela aplicação de indicadores de especialização a fim de se ter alguma medida do *grau de especialização* associado ao padrão de comércio brasileiro. Num segundo momento, o foco desta caracterização é a comparação entre os padrões de comércio exportador brasileiro e mundial. Utilizaram-se então alguns indicadores convencionais de desempenho no comércio (composição relativa, taxa de crescimento, market-share, etc), recorrendo-se também à classificação das exportações segundo os critérios de conteúdo fatorial e grau de elaboração dos industrial dos insumos, *dinamismo em crescimento* e *crescimento de participação relativa* no comércio mundial. Os procedimentos envolvidos na operacionalização de tais indicadores e classificações foram explicados no apêndice metodológico. Todas as estatísticas mencionadas e/ou diretamente utilizadas neste capítulo encontram-se no anexo estatístico.

1. PADRÕES DE EFICIÊNCIA NO COMÉRCIO: DEFINIÇÕES E IMPLICAÇÕES NORMATIVAS

Quando nos referimos ao padrão de especialização comercial de um país, pensamos basicamente na composição setorial do seu comércio exterior vis-à-vis a estrutura setorial do comércio em termos mundiais. Assim, quando indagamos se um dado padrão de especialização é de boa ou má qualidade, pensamos basicamente no seu grau de aderência ou similaridade ao padrão de comércio mundial. A princípio, não há nada de errado com essa definição de qualidade do comércio, devendo-se apenas observar que a mesma não esgota a questão em pauta. A perspectiva de se qualificar o padrão de especialização comercial remete à necessidade de alguma noção prévia de “*progressiveness*”, no sentido de eficiência no comércio. A literatura oferece ao menos três possibilidades de onde apoiar essa definição: eficiência Ricardiana (Ricardian efficiency), eficiência em Crescimento (Growth efficiency) e eficiência Schumpeteriana (Schumpeterian efficiency) (Dosi, Tyson e Zysman (1989); Dosi, Pavitt e Soete, 1990).

1.1. Definições de Eficiência no Comércio

A *eficiência Ricardiana* inscreve-se no campo da teoria ortodoxa, remete, pois, às abordagens Clássica (Modelo Ricardiano) e Neoclássica (modelo de Heckscher-Ohlin) do comércio internacional, e estas têm como ponto de partida o conceito de vantagem comparativa de custos. Este conceito nos diz que um país possui vantagem comparativa na produção de um bem se o custo de oportunidade da produção do mesmo em termos de outros bens é mais baixo que em outros países. Partindo deste conceito, a *eficiência Ricardiana* baseia-se na idéia-chave de que os recursos produtivos estarão sendo empregados com a máxima eficiência (*alocativa*), se distribuídos em consonância à estrutura intersetorial de vantagens/desvantagens comparativas de custos do país. A abundância ou escassez relativa dos fatores de produção é o que determina tal condição de vantagem/desvantagem comparativa de custos e, por conseguinte, os padrões de especialização produtiva e comercial do país. Supõe-se então que o país tenderá a exportar produtos em relação aos quais seus custos sejam comparativamente mais baixos que os de

seus concorrentes. Esses produtos seriam aqueles cuja produção requeresse maior quantidade do fator relativamente abundante em termos domésticos.

Lembramos, no parágrafo anterior, que as teorias Ricardiana e Neoclássica do comércio internacional têm como ponto de partida comum o conceito de vantagem comparativa de custos. Ressalte-se agora que as hipóteses formuladas por uma e outra teoria, sobretudo no que diz respeito à tecnologia, são bastante distintas¹. Daí observar-se que estas teorias tomam rumos diferentes quando se trata de descrever o mecanismo básico de operação do conceito de vantagens comparativas enquanto determinante da especialização no comércio. A teoria Ricardiana explica o comércio entre países em termos estritamente das diferenças internacionais na produtividade do trabalho, do que resulta a condição de vantagem ou desvantagem comparativa de custos de um dado país na produção de um bem qualquer. As diferenças na produtividade do trabalho entre países se explicam pela hipótese de que as tecnologias são não-uniformes, inclusive no interior de um mesmo país. Já a teoria Neoclássica enfoca as diferenças de recursos entre países, relacionando-as à abundância relativa dos fatores domésticos de produção e à intensidade relativa com a qual diferentes fatores de produção são usados na produção de bens diferentes. A proposição central é de que os países tendem a se especializar na produção de bens cuja produção requiera maior quantidade do fator relativamente abundante em termos domésticos. Ambas as teorias concluem pela existência de diferentes custos de oportunidade em cada país, mas enquanto a teoria Ricardiana explica essas diferenças como decorrência da existência de diferentes tecnologias, para a teoria Neoclássica o que as explicam são as diferentes dotações de fatores de produção.

¹ As hipóteses básicas dos modelos Ricardianos podem ser resumidas nos seguintes termos: o fator de produção, trabalho, é perfeitamente móvel no interior de um país, e imóvel externamente; existem distintas tecnologias no interior de um mesmo país; de modo que a possibilidade de diferenças intersetoriais na produtividade do trabalho fica definida em função dessas da existência de diferentes tecnologias; a produção está sujeita à ocorrência de rendimentos constantes de escala. Já os modelos Neoclássicos (Heckscher-Ohlin) distinguem-se dos Ricardianos ao suporem a existência de dois fatores de produção, capital e trabalho, cuja dotação relativa difere de país para país; que os países empregam uma mesma dada tecnologia; e que os padrões de preferência dos consumidores situados em diferentes países sejam idênticos (Gonçalves et alli, 1998: 14 -24).

Demarcadas as diferenças de fundo entre as teorias Ricardiana e Neoclássica, cumpre agora esclarecer que quando falamos da *eficiência Ricardiana* é dos modelos de comércio desenvolvidos na tradição do pensamento Neoclássico que estamos falando. Tais modelos se baseiam na hipótese de que os mercados operam sob concorrência perfeita. Supõem, portanto, retornos constantes de escala, pleno emprego e livre mobilidade dos fatores de produção e funções de produção e de demanda “bem comportadas” (tecnologia uniforme e preferências dos consumidores estáveis) e idênticas entre países. Satisfeitas estas condições, supõe-se a ocorrência de ajustamentos (via preços relativos) suficientes para garantir *ex hypothesi* o equilíbrio dos mercados de bens e fatores (Dosi & Soete, 1988:403). Tais hipóteses desembocam na assertiva de que a especialização comercial guiada pela *eficiência Ricardiana* constitui uma condição necessária e suficiente para o país obter ganhos no comércio, independente da magnitude absoluta dos seus custos de produção. Dito de outro modo,

“De acordo com a teoria das vantagens comparativas, mesmo um país com uma desvantagem absoluta de produção, no sentido de custos de produção domésticos mais elevados para todas as mercadorias comercializadas, obtém ganhos de comércio pela exportação daquelas mercadorias nas quais suas desvantagens de produção são menores” (Dosi, Tyson e Zysman, 1989:6).

Como resultado, em qualquer dado momento, a estrutura intersetorial de vantagens/desvantagens comparativas de custos, que é definida pela disponibilidade relativa dos fatores de produção, determina a composição e a participação do país no comércio internacional. Os agentes econômicos responderão invariável e imediatamente a essa estrutura, desde que disponham de um sistema de incentivos (preços) que funcione a contento. Guerrieri (1994) descreve esse processo nos seguintes termos:

“O pensamento ortodoxo vê a mudança estrutural como um suave e contínuo processo gerado por uma estrutura correta de incentivos (preços) desfrutada por economias abertas. Nesta perspectiva, mudanças nas estruturas industriais ao longo do tempo são vistas meramente como um sub-produto automático de mudanças nas vantagens comparativas. No curso do desenvolvimento, a vantagem comparativa é assegurada pelos ‘fundamentos

corretos [*‘getting fundamental rights’*], através de fortes vínculos com o mercado internacional” (Guerrieri, 1994:171).

O relaxamento de algumas hipóteses do modelo neoclássico padrão, isto é, nos termos acima descritos, é suficiente para romper com a simplicidade do mecanismo de ajustamento, bem como o automatismo dos resultados nele previstos. Assim, admitindo-se, por exemplo, a possibilidade de funções de produção variáveis (diferentes) entre países, a equalização de preços deixa de ser automática; admitindo-se a possibilidade de economias de escala e, por conseguinte, retornos crescentes de escala, a hipótese de ganhos no comércio para todos necessita ser relativizada; admitindo-se, enfim, a existência de “imperfeições” de mercado, não mais se sustenta a hipótese de modelos de equilíbrio “geral” para o comércio. Com efeito, importa ressaltar que tais resultados levam a conclusões que contrastam com as obtidas pelo modelo ortodoxo padrão, quais sejam:

“Os preços dos fatores em geral não estão equalizados, há rendas oligopólicas, os padrões de comércio não dependem apenas das dotações de fatores dos países, os graus e formas de ‘imperfeições’ do mercado tornam-se um determinante por si mesmos da localização da produção e do comércio. (Dosi e Soete, 1988: 403-406)”².

O conceito de *eficiência em Crescimento*, ainda que sendo nomeado e operacionalizado por autores da vertente neo-schumpeteriana (Dosi, Pavitt e Soete, 1990; Dosi, Tyson e Zysman, 1989), remete à teoria Kaldoriana³. Recuperando alguns principais argumentos de Kaldor acerca da relação entre padrão de comércio exportador e crescimento econômico, sintetizamo-los nos seguintes pontos: i) o crescimento econômico é induzido pela demanda (demand-induced), ao invés de restringido pelos recursos (resource constrained), com a demanda externa vindo a cumprir o papel de principal fator propulsor do crescimento da taxa de produto; ii) variações das importações se explicam em função

² Paul Krugman chega a conclusões semelhantes, ainda no início da década de 80, ao introduzir a concorrência imperfeita e as economias de escala na teoria neoclássica do comércio, dando origem à denominada “Nova Teoria do Comércio Internacional”. Cf. Gonçalves et alli (1998:29). Para uma síntese da abordagem de Krugman, ver Krugman & Obstfeld (2001, capt.6).

³ Com destaque para a contribuição de A. P. Thirlwall. Ver, por exemplo, Thirlwall, 1979;1980; 1986, e também McCombie e Thirlwall (1994).

mais de variações da renda real do que dos preços; iii) a elasticidade-preço da demanda é um fator que importa no que tange à exportação de “bens tradicionais”, isto é, no caso daqueles produtos para os quais as inovações tecnológicas se mostrem de menor importância; iv) o crescimento das exportações de um país é resultado dos esforços feitos no sentido da busca de novos mercados potenciais e da capacidade em adaptar sua estrutura produtiva ao perfil da demanda internacional. Depende, assim, da elasticidade-renda da demanda internacional por seus produtos, a qual será tanto mais alta quanto maiores as capacidades inovativa e adaptativa dos exportadores; v) os países desenvolvidos apresentam elevadas elasticidades-renda das exportações e baixas elasticidades-renda das importações, o que reflete sua liderança no desenvolvimento de novos produtos (Kaldor, 1981:339-340).

A definição de *eficiência em Crescimento* está relacionada à intensidade renda da composição do comércio exportador de um dado país e, assim, ao nível da demanda externa por ele gerada (Dosi, Pavitt e Soete, 1990:208). Baseia-se na hipótese de uma relação positiva entre a magnitude da elasticidade-renda da demanda internacional e o potencial de crescimento das exportações, afirmando-se que as exportações de um país tenderão a crescer tanto mais rápida e firmemente quanto mais elevados forem seus coeficientes de elasticidade-renda. Uma derivação lógica desta hipótese é a afirmação de uma interação positiva entre expansão das exportações e crescimento econômico, pela qual se assume que uma estrutura exportadora de caráter market-dynamic pode favorecer maiores taxas de crescimento econômico, permitindo, inclusive, um deslocamento “para frente” da restrição ao crescimento imposta pelo desequilíbrio do balanço de pagamentos; mesmo na hipótese de uma elevação do coeficiente de importações induzida pelo crescimento da renda real.

De um ponto de vista normativo, o conceito de *eficiência em Crescimento* converge para a preocupação em avaliar como o potencial de crescimento de longo prazo pode ser afetado pela composição do produto e do comércio nacionais. A resposta a essa questão remete aos elementos considerados nos dois parágrafos precedentes, podendo ser sistematizada nos seguintes termos: tudo o mais constante, quanto maior e mais veloz a taxa de crescimento da demanda internacional pelos produtos de um país em resposta ao

crescimento da renda mundial, maior a perspectiva de se obterem elevadas taxas de crescimento econômico. Considerando que os produtos/setores diferem entre si no tocante à elasticidade-renda, resultará eficiente um padrão de especialização baseado na exportação de produtos market-dynamics ou de alta elasticidade-renda (de longo prazo) no comércio mundial. Neste sentido, em perspectiva dinâmica, uma trajetória de especialização comercial convergente para o padrão de demanda internacional vem se caracterizar por um maior grau de aderência entre as estruturas de exportação nacional e mundial.

Voltando ao esquema teórico de Kaldor, vale ressaltar a importância conferida ao desenvolvimento tecnológico e à habilidade inovativa dos agentes econômicos, como fatores explicativos dos diferenciais de elasticidade-renda das exportações. Nesse sentido, ao identificar na contraposição entre alta elasticidade-renda das exportações versus baixa elasticidade-renda das importações, uma situação característica aos países desenvolvidos e um reflexo de sua liderança no que concerne ao desenvolvimento de novos produtos, Kaldor explica que

“O progresso tecnológico é um processo contínuo e em grande parte adquire a forma do desenvolvimento do *marketing* de novos produtos, os quais proporcionam uma nova forma preferida de satisfazer alguma demanda existente. Tais novos produtos, se bem sucedidos, gradualmente substituem o produto pré-existente que serve às mesmas necessidades, e no curso desse processo de substituição, a demanda pelo novo produto cresce acima do crescimento geral da demanda resultante do crescimento econômico. Como resultado, os exportadores mais bem sucedidos estarão aptos a alcançarem maior penetração tanto nos mercados internacionais quanto nos domésticos, porque seus produtos substituirão os produtos existentes” (Kaldor, 1989:340).

A transcrição acima evidencia a percepção acurada desse autor acerca do papel central a ser cumprido pelo progresso técnico na redefinição dos padrões de demanda e de produção nacionais. Ocorre que nem o próprio Kaldor nem os autores que sua teoria inspirara deram seqüência à análise das propriedades e características do progresso tecnológico e seus impactos dinâmicos sobre o padrão de especialização. A superação

desta “lacuna” pressupõe incorporar-se ao conceito de *eficiência em Crescimento* o caráter endógeno e dinâmico do progresso técnico. É precisamente este o ponto de partida ao conceito de *eficiência Schumpeteriana*, o qual pode ser considerado “... *um desdobramento e uma sofisticação da contribuição de Kaldor, através da agregação do aporte teórico encontrado em Schumpeter – destacando-se, a este respeito, a introdução de uma distinção crucial entre os conceitos de ‘eficiência em Crescimento’ e ‘eficiência schumpeteriana’ (...)* que tem como raiz a endogeneização do progresso técnico feita por estes últimos”. (Baptista, 2000: 24-25).

A distinção entre as noções de *eficiência em Crescimento* e *eficiência Schumpeteriana* pode ser demarcada nos seguintes termos: a noção de *eficiência em Crescimento* se preocupa em avaliar a alocação de recursos com ênfase em seus efeitos sobre a taxa de crescimento econômico de longo prazo; a explicação para as diferenças intersetoriais de crescimento constitui o ponto de partida da *eficiência Schumpeteriana*, que considera o desenvolvimento tecnológico como sendo o principal fator explicativo daquelas diferenças e o motor do crescimento econômico, enfatizando-se ainda a relação entre padrões correntes de especialização e mudança tecnológica, através dos efeitos dos primeiros sobre o ritmo e a direção desta última (Dosi, Tyson e Zysman, 1989:13)⁴.

A definição de *eficiência Schumpeteriana* prescreve um padrão de especialização baseado na exportação de produtos para os quais se identifique um elevado grau de oportunidade, apropriabilidade e cumulatividade tecnológica⁵. A idéia de oportunidade tecnológica diz respeito às possíveis rotas de desenvolvimento tecnológico – em termos da possibilidade de aperfeiçoamentos e/ou ampliação do leque de “artefatos” tecnológicos e do seu escopo de aplicação - associadas a um dado paradigma tecnológico. Um grau elevado de oportunidade tecnológica significa um campo mais amplo de possibilidades de introdução de inovações. Mas tal condição não é suficiente para justificar a decisão de

⁴ É interessante observar que a reintrodução do tema da tecnologia como fator explicativo dos padrões de especialização no comércio significa a retomada de uma preocupação que já fora de Ricardo. A diferença está em que este autor tinha uma visão estática da tecnologia, ao passo que os evolucionistas partem de uma concepção dinâmica.

innovar. A disposição dos agentes econômicos privados de investirem recursos na exploração de oportunidades tecnológicas depende ainda de como avaliam o retorno econômico esperado com a inovação e a sua capacidade de apropriar-se deles. Quanto mais favoráveis forem as expectativas de “lucros monopólicos” associados à inovação, menores as chances de que estas sejam facilmente imitadas por terceiros, mais elevado o grau de apropriabilidade privada dos retornos econômicos a elas associadas e maior o estímulo à inovação.

Além da ênfase nos aspectos de oportunidade e apropriabilidade tecnológica, a noção de *eficiência Schumpeteriana* baseia-se na hipótese de que o padrão de mudança tecnológica não é exógeno aos padrões correntes de especialização produtiva e comercial. Estes últimos condicionarão aquele primeiro, positiva ou negativamente, a depender do que ofereçam em termos de externalidades positivas, oportunidades e grau de aprendizado tecnológico. Afirma-se, assim, que a evolução dos padrões de especialização encerra um elemento de cumulatividade (“cumulativeness”), no sentido de que o padrão corrente de alocação de recursos – ao qual corresponderá um determinado padrão de desenvolvimento tecnológico - condiciona as possibilidades futuras de especialização. Neste ponto, a questão essencial é avaliar se tais efeitos cumulativos caracterizam “círculos virtuosos” de aprendizado tecnológico, ou se, ao contrário, caracterizam “círculos viciosos” de eficiência alocativa, no sentido de um baixo grau de aprendizado tecnológico e, por conseguinte, baixa capacidade de aumento dessa eficiência no longo prazo.

1.2. Padrões de Eficiência no Comércio e a Possibilidade de Trade-offs

A afirmação da cumulatividade como uma característica intrínseca à evolução tecnológica implica em também supor que o padrão alocativo da economia tende a encerrar um maior ou menor grau de rigidez (“stubbornness”), no sentido de que “... *a configuração do perfil de especialização de determinado país – ou seja, o tipo e composição das atividades econômicas do país em causa e seu padrão de inserção no comércio*

⁵ Os conceitos de oportunidade, apropriabilidade e cumulatividade tecnológica perpassam grande parte da literatura neo-schumpeteriana. A seqüência deste parágrafo está baseada em Dosi (1982; 1984; 1987; 1988), Nelson e Soete (1988) e Nelson e Winter (1982).

internacional - apresenta uma inércia significativa dados os custos de entrada, de saída e irreversibilidades...” (Baptista, 2000:56).

A propósito, ao analisarem a evolução do padrão de exportação de 20 países da OECD, no período 1965-1992, Dalum et alli (1996) chegam a resultados que sustentam empiricamente essa hipótese, ao constatarem que os padrões de exportação mostraram-se estáveis no longo prazo, embora tendo combinado um elemento de rigidez – caracterizado pela ausência de modificações estatisticamente significativas na composição setorial do market-share dos países - com mudanças incrementais. Nesse sentido, concluem os autores supracitados:

“Em nossa opinião estes resultados não deixam, portanto, dúvidas de que os padrões de especialização das exportações nacionais são muito resistentes ou rígidos. **Os padrões nacionais deixam suas impressões digitais nas prováveis trajetórias do desenvolvimento futuro...**” (p:21) (grifo nosso).

Deve ser notado que a propriedade de cumulatividade do desenvolvimento da tecnologia, que imprime à direção do desenvolvimento tecnológico um caráter path-dependent, depõe contra a hipótese da teoria tradicional do comércio, segundo a qual o mercado por si só, necessária e automaticamente, conduziria a economia a uma situação de máxima eficiência alocativa, o que significaria, no caso, uma situação em que os ganhos no comércio seriam extensivos a todos os países que, sintonizados com suas vantagens comparativas “naturais”, comercializem entre si. Em realidade, nada garante que a alocação de recursos induzida pela estrutura de vantagens comparativas “Ricardianas” será igualmente benéfica para todos os parceiros comerciais. Como observa Dosi (1987:2), muito provavelmente ela não o será no caso de países que não dispõem de um eficaz regime de apropriabilidade tecnológica e cujo padrão de especialização se caracterize pela ausência de significativas externalidades positivas e por um baixo grau de oportunidade tecnológica. Noutras palavras, ceteris paribus, o “ponto de partida” de cada país no que tange aos aspectos de geração e difusão de artefatos e conhecimentos tecnológicos é um fator que importa em termos da maior ou menor capacidade de apropriação de ganhos no comércio, associada a um dado padrão prevalecente de especialização.

A consideração deste último aspecto remete a uma discussão importante, em termos normativos, por suas implicações relacionadas à definição de estratégias de especialização, qual seja, a possibilidade de trade-offs entre os critérios de eficiência “Ricardiana”, “em Crescimento” e “Schumpeteriana”. A ocorrência de um trade-off pode ser definida como descrevendo uma situação em que a condição de máxima eficiência alocativa de curto prazo (Ricardiana) ou não signifique o máximo crescimento econômico de longo prazo ou não corresponda a um padrão de especialização que mostre um elevado grau de oportunidade e aprendizado tecnológicos que o habilite a potencializar o crescimento da economia para além do seu nível corrente. Ou seja, a existência de trade-offs caracteriza uma situação em que os critérios de eficiência no comércio não convergem entre si.

Tal discussão pode ser problematizada a partir da seguinte indagação: sob que condição poder-se-ia esperar que uma alocação de recursos guiada pelos sinais de mercado e dirigida pelo objetivo do máximo retorno de curto prazo para o capital investido (eficiência Ricardiana) pudesse coincidir com a maximização do potencial de crescimento de longo prazo da economia (eficiência em Crescimento) e da taxa de mudança tecnológica (eficiência Schumpeteriana)? Seriam duas as condições requeridas a tal convergência quanto aos critérios de eficiência no comércio: que a economia funcionasse em condição de concorrência perfeita e, nesse sentido, que qualquer dado padrão corrente de especialização correspondesse à máxima eficiência alocativa de curto prazo; que a lucratividade esperada nos setores de alta-elasticidade renda da demanda internacional e elevada oportunidade tecnológica fosse a mesma auferida dos setores correntemente explorados pela especialização no comércio. Satisfeitas tais condições, poder-se-ia supor que a especialização ótima no curto prazo mostrar-se-ia igualmente ótima no longo prazo.

Suponhamos agora uma situação na qual tais condições não se verifiquem, digamos, uma economia cujos mercados de capitais e de produtos funcionem em condições de concorrência imperfeita. Na hipótese de imperfeições nos mercados de capitais,

“Empresas ou futuros empreendedores podem ser capazes de obter financiamento para investimento em atividades que ofereçam altas taxas de

retorno em um intervalo de tempo relativamente curto, mas podem ser incapazes de obter financiamento para investimentos em indústrias que ofereçam retornos que são ao mesmo tempo incertos, devido às condições existentes do mercado mundial, e recuperáveis somente após um longo prazo.” (...) De modo análogo, a existência de imperfeições nos mercados de produtos “... torna impossível reconciliar plenamente os riscos futuros e o retorno sobre o investimento corrente em atividades e tecnologias emergentes e incertas. (...) Devido aos retornos crescentes, os sinais correntes de mercado podem ser um indicador ilusório da lucratividade futura” (Dosi, Tyson e Zysman 1989:17). Conclui-se disto, que, na ausência de *imperfeições* de mercado⁶, a especialização ótima no curto e no longo prazo poderiam convergir entre si, não havendo, porém, nenhuma garantia de que tal ocorra, sendo outra a situação.

A teoria ortodoxa (Clássica e Neoclássica) considera a tecnologia uma variável determinada exogenamente ao sistema econômico, conferindo ao mercado uma função exclusivamente alocativa e supostamente equalizadora das diferenças produtivas e de desempenho entre os agentes econômicos. Sob tais hipóteses, variações nos preços de mercado desencadeariam um processo de “ajustamento Ricardiano” (Dosi, Pavitt e Soete, 1990:226), à base do qual as empresas responderiam prontamente aos novos sinais do mercado, movendo-se na direção das atividades que atendessem à condição de máximo lucro/mínimo custo. Contudo, uma vez que se supõe a tecnologia constante, pode-se também supor que eventuais ganhos de eficiência surgidos desse processo seriam do tipo “*once-and-for-all*”⁷.

⁶ Compartilhando da interpretação evolucionista, entendemos não se tratar aqui de “imperfeições de mercado” – aliás, uma terminologia que só tem significado conceitual sob o referencial neoclássico –, mas de assimetrias (nos mercados de capitais e de produtos) que decorrem de características inerentes ao processo de inovação e de mudança tecnológica, vale dizer, da incerteza intrínseca a esse processo. Não fosse essa incerteza, os capitalistas incluiriam nas suas projeções de rentabilidade os diferentes impactos do potencial de inovações futuras em cada projeto de investimento, decidindo então, à base desse cálculo prospectivo, o padrão de especialização corrente.

⁷ Neste sentido, observa-se que uma deficiência crítica da teoria ortodoxa “... é seu tratamento da informação tecnológica como exógena ao sistema econômico, e, conseqüentemente, sua falha em oferecer qualquer entendimento de que mudanças na tecnologia (ou gostos) são mais adequadamente descritas como um processo econômico – uma falha que está estreitamente ligada à dependência do método de análise de equilíbrio de longo prazo” (Metcalf, 1999:5).

A teoria evolucionista, por seu turno, concebe a tecnologia, o mercado e a relação entre ambos, numa visão diametralmente oposta a da ortodoxia econômica. Os evolucionistas interpretam os fenômenos relacionados à mudança técnica e seus efeitos sobre o comércio e o crescimento econômico, baseados na concepção de que a tecnologia e sua dinâmica evolutiva são endógenas ao sistema econômico; exercem importante influência na evolução das vantagens comparativas e constituem a principal fonte de criação de vantagens absolutas, portanto, da competitividade estrutural da economia; têm implicações dinâmicas sobre o ritmo e a direção do progresso técnico e o potencial de longo prazo de crescimento econômico, condicionando, portanto, as possibilidades futuras de especialização produtiva e de inserção comercial do país.

Afirma-se, assim, o caráter endógeno e dinâmico da tecnologia e o seu papel determinante na obtenção de vantagens absolutas de custos, e também a visão de que o mercado, para além de sua função alocativa, constitui-se no principal mecanismo por meio do qual se processa a “seleção” das estruturas organizacionais, produtivas e tecnológicas. Admitindo-se que a economia opere em condições de mudança tecnológica, isto é, em condições não-estacionárias, o que se entende por “seleção” envolve fundamentalmente a descoberta e o aproveitamento das oportunidades geradas ou impulsionadas pela dinâmica do processo inovativo. Tal processo assume, assim, a característica de um “ajustamento dinâmico”, por meio do qual operam as forças transformadoras da mudança tecnológica (Dosi, Pavitt e Soete, 1990:226). Ressalte-se ainda que esse processo é não-linear, ou seja, em cada dado momento, e em ritmos diferenciados, setores/países estarão se aproximando ou se afastando da fronteira tecnológica internacional, tornando-se relativamente mais ou menos competitivos. A pressão exercida por esse “ajustamento dinâmico” sobre as vantagens absolutas de custos dos setores/países, sobrepõe-se aos efeitos estáticos do “ajustamento Ricardiano” para definir a composição do comércio e o nível de competitividade internacional de qualquer dada economia (Dosi e Soete, 1983:219).

A distinção entre os processos de ajustamento “estático” (Ricardiano) e “Dinâmico” (Schumpeteriano) ajuda a melhor perceber as implicações dinâmicas associadas ao surgimento de trade-offs entre as diferentes noções de eficiência no comércio. Começemos por observar que “... enquanto o mecanismo das vantagens comparativas, baseado nos preços relativos e na lucratividade relativa, indubitavelmente ainda opera e pode explicar a especialização **relativa**, (...) qualquer medida absoluta da competitividade internacional de um país ou atividade é primariamente baseada em suas vantagens/desvantagens absolutas (em termos da tecnologia dos produtos e da produtividade do trabalho)” (Dosi e Soete, 1983:211). Por conseguinte, a composição do comércio e o nível de competitividade internacional de uma economia qualquer, determinar-se-ão em termos de *eficiência Schumpeteriana*, sendo, portanto, “... menos uma função de sua dotação nacional de fatores e vantagens comparativas naturais, e mais uma função do complexo de estratégias comerciais, industriais e tecnológicas seguidas por empresas e nações” (Guerrieri, 1994:199).

Assim, adicionalmente ao que já vimos discutindo, acrescenta-se agora que no caso de não haver uma aderência entre os critérios de eficiência alocativa estática (Ricardiana) e dinâmica (Kaldoriana e Schumpeteriana), a “distância” entre os mesmos se expressará, fundamentalmente, sob a forma de hiatos tecnológicos. Por outro lado, ressalta-se que o padrão futuro de vantagens/desvantagens absolutas é condicionado, também, pelo padrão alocativo presente. De um ponto de vista analítico, e também normativo, a consideração deste condicionamento mostra-se particularmente importante na situação em que o padrão alocativo corrente tome a forma de uma especialização do tipo Ricardiana. Supõe-se, nesse caso, que os padrões de especialização e de lucratividade setoriais respondem a decisões alocativas, as quais, invariavelmente, se fazem orientadas pelo critério da busca de vantagem comparativa. Na seqüência do argumento, supõe-se que qualquer que seja o perfil de especialização resultante dessa orientação, este terá o significado de aproveitamento máximo dos recursos econômicos à disposição de cada agente econômico e, por extensão, significará o melhor emprego possível dos recursos da economia (máxima eficiência alocativa). Sendo esta a lógica do modelo, não há porque esperar, por exemplo, que havendo algum *trade-off* entre este critério de eficiência, estática, e os critérios de

eficiência dinâmica, os mecanismos endógenos de mercado por si só conduzam à sua eliminação, já que estes (mecanismos), por hipótese, terão desde sempre operado com a máxima eficiência possível. Analisando essa questão sob o prisma dos agentes econômicos individuais, mesmo que os empresários pudessem perceber com clareza as implicações definitivas de suas decisões presentes - por exemplo, que a decisão de não investir ou investir pouco em tecnologia fragiliza suas possibilidades de retorno futuro -, o caráter cumulativo e irrevogável das decisões anteriores pode tornar difícil, senão impossível, alterar o padrão corrente de especialização em direção a um mais eficiente, do tipo Schumpeteriano.

1.3. Ainda sobre as Definições de Eficiência no Comércio: dificuldades “internas” e de operacionalização

Com relação à *eficiência em Crescimento*, cabe a lembrança óbvia de que a expansão das exportações tende a ser condicionada por fatores outros que não apenas uma condição favorável em termos de elasticidade-renda da demanda internacional, como, por exemplo, variações nos preços relativos (termos de troca) e na taxa de câmbio⁸. É possível, assim, que mesmo um país cujo padrão de comércio seja de baixa qualidade, porquanto baseado na exportação de bens com baixo potencial de crescimento da demanda em termos de *elasticidade-renda*, consiga, a despeito disto, elevadas taxas de crescimento das exportações, em decorrência, por exemplo, a uma tendência de queda dos preços de seus produtos no mercado internacional. Logo, sem a especificação dos efeitos preço e renda na explicação da evolução das exportações, corre-se o risco de tomar por *eficiência em Crescimento* o que é tão somente *eficiência Ricardiana*, ou seja, uma expansão das exportações explicada por uma conjuntura de preços favorável ao mercado comprador. A propósito, pode-se supor que a probabilidade de ocorrer esse tipo de problema será maior quanto menor o período da análise, haja vista que os efeitos de oscilações conjunturais dos preços e do câmbio se fazem sentir mais no curto que no longo prazo.

⁸ Ou seja, além da elasticidade-renda, também a elasticidade-preço, os preços relativos e a taxa nominal de câmbio condicionam a taxa de crescimento do comércio. *Ceteris paribus* estas três últimas variáveis - e somente nesta hipótese -, a elasticidade renda é o fator determinante. Ver McCombie e Thirwall (1994).

A noção de *eficiência Schumpeteriana* também encerra algumas dificuldades, como a que se relaciona à questão da apropriabilidade dos resultados da atividade inovativa. Um primeiro aspecto a ser considerado refere-se à propriedade da tecnologia. Nesse sentido, importa ter em conta a vinculação – quantitativa e qualitativa – entre crescimento das exportações e das importações⁹. Com efeito, o fato de um país exportar produtos intensivos em tecnologia não é por si só garantia de que ele disponha de uma elevada base tecnológica de caráter endógeno, no sentido da construção de capacidade inovativa. Ocorrendo de o crescimento das exportações ter como contrapartida elevados coeficientes de importação de insumos (equipamentos, componentes, etc...), e dependendo das características dos ativos tecnológicos adquiridos – em termos da importância relativa dos conteúdos “público” e “protegido” da tecnologia - e da forma de sua incorporação na economia - no sentido da medida do esforço imitativo/adaptativo/inovativo feito para tal incorporação -, o resultado pode ser um aumento da restrição externa ao crescimento, no sentido Kaldoriano, ao invés de uma ampliação da base tecnológica endógena, no sentido Schumpeteriano.

A questão da propriedade da tecnologia implica ainda na necessidade de se distinguir entre as dimensões micro e macroeconômica da apropriação do conhecimento tecnológico, sob o risco de cometer-se o equívoco de considerar eficiência microeconômica como sinônimo de eficiência macroeconômica. A economia pode ter aumentado sua eficiência ao nível microeconômico, mas não em termos macroeconômicos ou sistêmicos. Se do ponto de vista da empresa, o que conta é que a importação de insumos ou maquinários seja uma opção vantajosa para a composição do custo do produto, do ponto de vista do país, interessa avaliar se tal importação não terá também o significado de uma maior dependência externa no que tange aos determinantes da competitividade.

Por fim, cabe observar que o problema da apropriabilidade tecnológica não se esgota na consideração da propriedade da tecnologia, nos termos acima discutidos. A apropriabilidade envolve ainda determinantes relacionados à propriedade do conhecimento

⁹ Note que tal necessidade se coloca também para os modelos Kaldorianos, daí o porque de considerarem não apenas a elasticidade-renda das exportações como também das importações.

tecnológico e dos artefatos técnicos (que se manifestam nos paradigmas/trajetórias tecnológicas), à estrutura dos mercados e ao padrão de concorrência, o que remete à consideração, por exemplo, do “poder de mercado” exercido pelos grupos oligopólicos; da forma de inserção das empresas nas cadeias globais de mercadorias (*global commodity chains*) - o grau de controle dos canais de distribuição, no caso de cadeias “dirigidas por compradores” (*buyer-driven*), e o grau de apropriação do valor adicionado, no caso de cadeias “dirigidas por produtores” (*producer-driven*)¹⁰; e das características do sistema de proteção dos direitos de propriedade industrial.

Finalizando, convém chamar a atenção para algumas dificuldades relacionadas à operacionalização dos conceitos de eficiência acima discutidos. O ponto ser enfatizado é que, rigorosamente falando, nenhum daqueles conceitos se mostra diretamente aplicável aos dados de comércio.

O conceito de *eficiência Ricardiana* se baseia na definição de vantagem comparativa de custos. Nesse sentido, rigorosamente falando, sua aplicação implicaria na necessidade de ter em conta a composição relativa dos preços e salários em cada país considerado na transação comercial. Em termos práticos, porém, o procedimento correntemente adotado consiste simplesmente em “traduzir” a noção teórica de vantagem comparativa no conceito empírico de vantagem revelada pelo comércio. E embora existam indicadores indiretos de eficiência Ricardiana (p.ex., custo unitário do trabalho, produtividade total dos fatores), permanece a questão de que os custos de oportunidade da produção local versus comércio não podem ser diretamente estimados, como sugere a teoria, posto que a hipótese de pleno emprego dos fatores de produção nos países envolvidos na transação comercial nunca se verifica.

A *eficiência em Crescimento* parte da hipótese de que os coeficientes de elasticidade-renda da demanda internacional são diferentes entre produtos/setores, devendo a eficiência exportadora ser analisada à luz desse critério. Portanto, a rigor, dever-se-ia

¹⁰ Para a conceituação de “cadeias globais de mercadorias” e análise de suas implicações no que tange ao padrão de organização da produção e de especialização no comércio dos países em desenvolvimento, ver Gereffi (1994).

partir de uma classificação das exportações e importações definida em termos de elasticidade-renda dos produtos, o que, via de regra não ocorre. O que se faz, concretamente, é substituir o que deveria ser um ordenamento explícito dos produtos segundo os coeficientes de elasticidade-renda, pela hipótese intuitiva de que os produtos que apresentarem maiores taxas de crescimento no mercado mundial corresponderão aos de mais alta elasticidade-renda. Por trás desse raciocínio está a hipótese básica da teoria do consumidor de que o consumo de bens de “primeira necessidade” tende a cair relativamente com o aumento da renda, e quanto mais alto o nível de renda, ao passo que o consumo de bens de “luxo” tende a fazer o movimento inverso.

A aplicação do conceito de *eficiência Schumpeteriana* ao comércio parece ser ainda mais complexa. A dificuldade básica está em conseguir operacionalizar (mensurar) os atributos de oportunidade, cumulatividade e apropriabilidade das inovações que caracterizam o progresso técnico nos produtos/ setores exportadores e importadores. Dificuldade esta que decorre da complexidade inerente aos processos de geração e difusão tecnológica, o que remete, em última análise, ao fato de que tais processos são de natureza intrinsecamente dinâmica, envolvem incerteza “substantiva” (não passível de ser eliminável por meio de cálculo probabilístico) e encerram determinações que são de natureza *path dependent* (a direção imprimida ao progresso técnico não é aleatória, mas condicionada por padrões previamente selecionados) e idiossincrática (as capacitações e os ativos - tangíveis e intangíveis – são específicos à firma; as estratégias competitivas e os condicionantes técnico-produtivos respondem às especificidades do padrão de concorrência vigente no setor de atuação das firmas; as trajetórias tecnológicas respondem, também, às especificidades técnico-científicas colocadas por cada particular paradigma).

Na expectativa de algo que sirva como expressão e medida do grau de oportunidade, apropriabilidade e cumulatividade tecnológica, a alternativa tem sido a utilização de um indicador de intensidade tecnológica, o qual, geralmente definido com referência a uma ou mais das seguintes variáveis: taxa de desenvolvimento de novos produtos;

aquisição/depósito de patentes; gasto com P&D como proporção da produção/vendas¹¹. A questão, porém, é saber até que ponto uma maior *intensidade* em tecnologia pode ser considerada sinônimo de elevada oportunidade, cumulatividade e apropriabilidade tecnológica? De início, cumpre reconhecer que mesmo as tipologias de comércio que fazem uso de indicadores de intensidade tecnológica mostram-se limitadas ao propósito de se avaliar a eficiência schumpeteriana do padrão de comércio. Considera-se que “*Tais taxonomias são insatisfatórias para avaliar a capacidade tecnológica e o desempenho do comércio internacional de um país, porque ignoram as diferenças proeminentes relativas aos mecanismos de introdução e difusão de tecnologias, (...) no interior e entre os setores de atividades. Portanto, elas tendem a reduzir a mudança tecnológica a uma alternância fisiológica de atividades ‘em crescimento’ (high-tech sectors) e atividades ‘em declínio’ (low-tech sectors)*” (Guerrieri, 1992:30-31). Acrescentando que os mecanismos de introdução e difusão de tecnologias são parcialmente específicos aos setores/produtos, em razão do caráter cumulativo do conhecimento tecnológico e da natureza sector-firm-specific da apropriabilidade e oportunidade tecnológica, a conclusão é de que as condicionantes da dinâmica tecnológica apenas se “revelam” ou se expressam, de forma plena, nas características essenciais das trajetórias tecnológicas, o que reforça a observação acerca do caráter limitado das tipologias baseadas em indicadores de intensidade tecnológica.

Em que pesem as limitações acima apontadas, tais tipologias constituem, ainda assim, um ponto de partida útil ao objetivo de aproximação da noção de eficiência schumpeteriana¹². Isto implica ainda em aceitar a hipótese de que a oportunidade,

¹¹ Definindo-se a (s) variável (s) proxy (ies) do indicador de intensidade tecnológica, o passo seguinte consiste em toma-lo como base à classificação do fluxo de comércio (exportações ou importações), do que resulta, comumente, a distinção entre produtos de *alta*, *média* e *baixa* intensidade tecnológica. Tal procedimento é adotado pelas classificações de comércio elaboradas pela ONUDI (1983), OECD (1986), CEPAL (1992) e UNCTAD (2002).

¹² Optamos por incorporar as classificações da CEPAL (1992) e da UNCTAD (2002). A classificação utilizada pela CEPAL é ela mesma o produto da fusão entre as classificações da ONUDI (1983) e da OECD (1986). Os critérios que servem de base a esta classificação do comércio são o grau de elaboração dos insumos, a exigência de qualificação do trabalho e a intensidade requerida dos fatores capital e tecnologia. Quanto à classificação elaborada pela UNCTAD, registre-se que esta não difere significativamente da utilizada pela CEPAL, no que tange aos critérios adotados à classificação do comércio, difere sim, na maneira de combiná-los, e, conseqüentemente, de proceder ao agrupamento dos produtos. A diferença fundamental está em que a classificação da UNCTAD confere uma importância relativamente maior às manufaturas, particularmente às de maior intensidade tecnológica, vis-à-vis as semimanufaturas e as manufaturas menos

apropriabilidade e cumulatividade tecnológica podem ser também aprendidas de forma *ex-post*, por exemplo, sob a forma de elevadas elasticidades-renda da demanda ou de ciclos de vida de produtos mais curtos. Em termos teóricos, a vinculação entre produção (características da tecnologia) e comércio já se mostra bastante firme, particularmente no âmbito da literatura Kaldoriana-Schumpeteriana. Em termos empíricos, porém, persiste a dificuldade básica de como estabelecer tal conexão a partir de estatísticas de comércio. O que se pode e se tem procurado fazer, a este respeito, é tentar estabelecer mediações de análise, respaldadas na teoria, que permitam enxergar por detrás das variáveis *ex-post* de comércio a existência de elementos característicos da eficiência schumpeteriana.

1.4. Conclusões

Uma principal conclusão que resulta da análise das noções de eficiência acima discutidas é que elas diferem entre si quanto à definição, explícita ou não, do que seja “qualidade” da especialização. A idéia de *eficiência Ricardiana*, a bem dizer, nem mesmo contempla alguma preocupação diretamente relacionada à qualidade do comércio. Questões por assim dizer elementares, sob a perspectiva de avaliar o padrão de comércio, tais como, *o que, quanto e como* se exporta, não são consideradas pela *eficiência Ricardiana*, pelo menos não explicitamente. Na verdade, fica subentendido que a satisfação da condição de *eficiência Ricardiana* seria também garantia de que seriam exportados os produtos “certos” e nas quantidades “certas”. Já a definição de *eficiência em Crescimento* baseia-se explicitamente na concepção de que um padrão de comércio de boa qualidade é o que se caracteriza pela exportação de produtos com elevada elasticidade renda no mercado internacional. As questões de *o que e quanto* se exporta são então avaliadas com base no critério de sua aderência ou não a tal noção de eficiência no comércio. Sob a definição de *eficiência Schumpeteriana*, a idéia de um perfil de especialização de boa qualidade se expressa num padrão de exportação caracterizado por produtos que signifiquem elevadas oportunidades futuras de desenvolvimento tecnológico e de expansão do comércio no longo prazo.

elaboradas (intensivas em trabalho ou recursos naturais). Daí entendermos haver uma importante complementaridade entre as classificações da CEPAL e da UNCTAD. Para maiores explicações e uma análise comparada destas classificações, ver o apêndice metodológico, pp.142-149.

Além de envolverem concepções distintas acerca do que seja “qualidade” do padrão de especialização comercial, as noções de eficiência acima discutidas diferenciam-se também no tocante ao modo como se relacionam com a variável tempo. Observa-se uma nítida contraposição entre, de um lado, o conceito de *eficiência Ricardiana*, cuja perspectiva de análise é estática, e de outro, os conceitos de eficiência “*em Crescimento*” e “*Schumpeteriana*” que compartilham a preocupação com as implicações dinâmicas de um dado padrão corrente de especialização. Nos termos da noção de *eficiência em Crescimento*, trata-se de considerar a interação entre mudanças de longo prazo na composição da demanda e da renda internacionais e capacidade de resposta ou de adaptação dos padrões nacionais de especialização comercial. A noção de *eficiência Schumpeteriana* também se ocupa dessas questões, mas o faz trazendo para o centro da discussão o papel da tecnologia na configuração e evolução dos padrões de especialização, e focando as implicações dinâmicas colocadas pela interação entre tecnologia, comércio e crescimento econômico.

A discussão em torno da possibilidade de trade-offs entre um padrão de especialização que atenda ao critério de *eficiência Ricardiana*, um que seja aderente ao critério de *eficiência em Crescimento* e um que corresponda ao critério de *eficiência Schumpeteriana*, deixou clara a importância, inclusive de um ponto de vista normativo, de se conferir à análise do padrão de especialização uma perspectiva de longo prazo. Ressalta-se a conclusão de que os efeitos “virtuosos” ou “perversos” que decorrem a um dado padrão corrente de especialização não se restringem ao período de curto prazo, vale dizer, à esfera da distribuição intersetorial dos recursos produtivos disponíveis na economia, pois eles são de caráter cumulativo e afetam o ritmo e a direção da mudança tecnológica e do potencial de crescimento econômico no longo prazo.

2. ESPECIALIZAÇÃO NO COMÉRCIO INTERNACIONAL NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990: UMA ANÁLISE PANORÂMICA COM ÊNFASE NA COMPARAÇÃO ENTRE ÁSIA E AMÉRICA LATINA

No período das últimas duas últimas décadas tiveram curso importantes mudanças estruturais no âmbito da concorrência internacional: o processo de integração econômica, com a criação de blocos regionais ou áreas de livre comércio; o acirramento da competição entre EUA e Japão, nos anos 80, e a expansão de empresas dos EUA em direção à Europa e à Ásia, nos anos 90, culminando num aumento da presença americana nas economias europeia e asiática, simultaneamente ao aumento da influência japonesa sobre a periferia asiática; esses processos sendo acompanhados de uma crescente interpenetração patrimonial, envolvendo empresas dos EUA, da Europa e do Japão; e nos anos mais recentes, a importância crescente da China no comércio global, conjugada à afirmação de sua liderança na economia regional. O período caracterizou-se também por mudanças nos parâmetros técnico-organizacionais das atividades industriais e de serviços, em decorrência à difusão da tecnologia de base microeletrônica, inclusive o desenvolvimento da telemática. Outro importante fator de mudança deveu-se ao processo de desregulamentação dos mercados financeiros, cujos efeitos mais imediatos se fizeram sentir nas crises financeiras e cambiais dos anos 90. Outros condicionantes das transformações produtivas e comerciais verificadas no período referem-se àqueles fatores que, em boa medida, são determinados de modo interno às economias nacionais, no sentido de responderem mais diretamente às especificidades estruturais e conjunturais de cada país. Tais condicionantes remetem às definições de ordem institucional, às orientações de política macroeconômica e às estratégias microeconômicas enquanto elementos definidores de cada particular trajetória econômica.

A configuração e evolução das estruturas produtivas e comerciais serão o resultado da combinação entre os condicionantes estruturais e conjunturais gerais e aqueles determinados internamente aos países. Os primeiros delimitam os graus de liberdade de atuação dos segundos, mas são estes últimos, isto é, os fatores condicionantes inscritos na realidade de cada país, que em última instância definem as possibilidades e as limitações

com que se deparam, em cada momento, qualquer dada economia. Com efeito, observa-se, por exemplo, que as restrições macroeconômicas colocadas pela crise da dívida externa dos anos 80 e pelas políticas econômicas de corte neoliberal dos anos 90, não foram sentidas com a mesma intensidade e respondidas da mesma forma pelas regiões da Ásia e da América Latina. Do mesmo modo que foram distintas as respostas dadas pelos países latino-americanos ao processo de reestruturação produtiva e às reformas econômicas a que foram submetidas as economias da região ao longo dos anos 90. E distintas foram também as estratégias de inserção comercial e produtiva adotadas por uma e outra região em resposta ao padrão atual de internacionalização produtiva e tecnológica, definido e comandado pelos países desenvolvidos por meio de suas empresas transnacionais.

As considerações acima pretendem chamar a atenção para a complexidade de fatores e processos envolvidos na explicação da evolução da produção e do comércio mundiais no período em estudo. Certamente que a análise desses condicionantes justificaria por si só uma tese. Não será este, portanto, o propósito deste capítulo, o qual se volta para o objetivo de fazer uma caracterização panorâmica da evolução do comércio internacional nas duas últimas décadas, visando a estabelecer um quadro de análise, que, posteriormente, sirva de base para uma avaliação comparativa da evolução do padrão de comércio brasileiro vis-à-vis outros países ou regiões. Por ora, ou seja, para fins deste capítulo, interessa a comparação entre as regiões da Ásia e da América Latina, em termos das estratégias de especialização comercial adotadas, dos seus resultados e fatores condicionantes. Compartilhando da condição de países de industrialização periférica e retardatária e que se encontram em vias de desenvolvimento, enquanto os países asiáticos seriam um exemplo de inserção comercial dinâmica e “virtuosa”, posição esta, a qual, consolidada ao longo das duas últimas décadas, a América Latina apontaria mais propriamente um exemplo em sentido oposto.

2.1. Evolução da Produção e do Comércio Internacional nas Décadas de 80 e 90

2.1.1. Evolução da Produção

A evolução da produção apresentou um comportamento bastante diferenciado por regiões e países, como reflexo do caráter diverso dos condicionamentos estruturais e das conjunturas econômicas incidentes sobre cada particular realidade econômica.

Na década dos 80, no âmbito das economias desenvolvidas, enquanto a Europa seguia com a política do “orçamento equilibrado”, preparando-se para a criação do mercado comum europeu, o Japão ampliava sua área de influência e estreitava vínculos econômicos com os países vizinhos, avançando por sobre os espaços de mercado ocupados pelos americanos, enquanto estes últimos, resistindo à ofensiva japonesa, se agarravam à política do “dólar forte”. A década dos 90 foi marcada pelo expressivo crescimento da economia americana, tendo por base o dinamismo do consumo interno e dos investimentos, sobretudo nos setores de alta tecnologia - informática e telecomunicações (CEPAL, 2001, parte 1, pgs. 27 e segts.), e pela recessão que acompanhou a economia japonesa ao longo de toda a década.

No âmbito das economias em desenvolvimento, nos anos 80, a América Latina viu-se paralisada pela crise da dívida externa e asfixiada pela inflação galopante, ao passo que a Ásia seguia colhendo os frutos das reformas econômicas e institucionais iniciadas em décadas anteriores, enquanto, sob o impulso da demanda americana, buscava pela ampliação dos seus mercados domésticos. Assim, enquanto a América Latina era duramente afetada pelo encolhimento do crédito externo e a retração da demanda interna, num contexto de crise da dívida externa e ameaça de hiper-inflação, a Ásia deslanchava, beneficiada pela entrada maciça de capitais estrangeiros e pelo impulso advindo da crescente abertura do mercado americano às suas exportações. Os anos 90 foram marcados pela implementação de programas de estabilização econômica, pelo paulatino realinhamento da América Latina e de parcela da periferia asiática às reformas e políticas econômicas propostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) - no contexto do “Consenso de Washington”-, pelas turbulências financeiras – agravadas na segunda metade da década – e por uma crescente dependência dos países da região à entrada de capitais externos, como consequência da liberalização desses mercados. Nesse contexto, o dinamismo das economias asiáticas prossegue até ser freado pela crise cambial-financeira

que atinge a região em fins da década, ao passo que a América Latina segue mergulhada nas reformas econômicas e “políticas de ajuste” neoliberais impostas pelo FMI à região.

Consoante a esta diversidade de orientações e restrições político-econômicas, a evolução da produção e do comércio mundiais mostrou-se bastante heterogênea entre regiões e países, como nos mostra a tabela 2.1.

Tabela 2.1 - Taxa de Crescimento Médio Anual do Produto Interno Bruto - países selecionados: 1980-1999

Regiões e Países selecionados	Produto Interno Bruto Real				Tx. Crescimento Médio Anual (%)			
	1980-85	1985-90	1990-95	1995-99	1995-96	1996-97	1997-98	1998-99
América do Norte	3,1	3,4	2,6	4,1	3,4	4,2	4,5	4,3
Canadá								
Estados Unidos	3,2	3,4	2,6	4,2	3,6	4,2	4,6	4,2
Europa	1,6	3,2	1,4	2,3	1,6	2,4	2,7	2,3
França	1,5	3,3	0,9	2,3	1,1	1,9	3,2	2,9
Alemanha	1,5	2,9	1,7	1,5	0,8	1,5	2,2	1,5
Itália	1,6	3	1,1	1,5	1,1	1,8	1,5	1,4
Inglaterra	2,3	3,5	1,8	2,7	2,6	3,5	2,6	2,2
Suécia	1,9	2,4	0,2	1,5	0,3	1,7	2,3	1,5
Espanha	1,5	4,7	1,1	3,4	2,4	3,5	3,8	3,7
América do Sul	0,3	0,2	4,2	2,0	3,3	4,8	1,2	-1,2
Argentina	-1,2	-0,8	6,3	3,5	5,5	8,1	3,9	-3,4
Brasil	1,3	2,7	3,2	1,8	2,7	3,3	0,2	0,8
Chile	-1,4	7,1	8,5	4,4	7,4	7,4	3,9	-1,1
Outros países Latino-ameríc.	1,2	2,2	2,4	4,8	4,6	6	4,6	3,8
Costa Rica	0,5	4,6	5,7	5,5	0,3	5,8	8,0	8,0
República Dominicana	2,1	3,5	4,4	7,8	7,3	8,2	7,3	8,3
México	1,1	1,9	2,0	5,1	5,2	6,8	4,8	3,7
Ásia Desenvolvida (Japão)	3,3	4,8	1,2	1,0	5,1	1,4	-2,9	0,3
Ásia em Desenvolvimento	5,0	7,5	6,1	4,7	6,8	5,6	0,7	5,6
Índia	5,3	6,6	5,3	6,3	7,0	4,6	6,4	7,2
China	11,0	8,2	12,4	8,3	9,6	8,8	7,8	7,1
Filipinas	-1	5,1	2,2	3,4	5,8	5,2	-0,6	3,3
Hong-Kong	5,8	7,6	5,5	1,8	4,5	5	-5,3	3,1
Indonésia	5,7	7	7,7	0,1	7,8	4,7	-13,1	0,8
Coréia	8,1	9,4	7,1	4,0	6,8	5	-6,7	10,7
Malásia	5,5	7,1	8,6	3,9	10	7,5	-7,5	5,4
Singapura	6,7	9	9,5	5,4	7,6	8,2	0,4	5,4
Taiwan	7	9,2	6,8	5,8	6,1	6,7	4,6	5,7
Tailândia	5,5	10,7	8,6	-0,6	5,9	-1,8	-10,4	4,1

Fonte: UNCTAD - Handbook of Statistics, United Nations, 2001, pp.292-299.

Nota: Taxas de crescimento calculadas sobre o PIB real a preços constantes, em dólares de 1995.

Na década de 80, no âmbito das economias desenvolvidas, o Japão foi o país que apresentou taxas mais elevadas de crescimento do PIB (3,3% entre 1980-85 e 4,8% entre 1985-90). Vieram em seguida os EUA (3,2% e 3,4%) e a Europa (desenvolvida) (1,6% e 3,2%). No âmbito das economias em desenvolvimento, observa-se que o medíocre crescimento do PIB da América do Sul (0,3% entre 1980-85 e 0,2% entre 1985-89) e “Outros Países Latino-americanos” (1,2% e 2,2%) contrasta com a excelente performance da Ásia em Desenvolvimento (crescimento de 5,0% entre 1980-85 e 7,5% entre 1985-90, onde se destacam a China (11,0% e 8,2%), Coreia do Sul (8,1% e 9,4%), Taiwan (7,0% e 9,2%) e Singapura (6,7% e 9,0%).

Na década de 90, entre as economias desenvolvidas o destaque foram os EUA cujo PIB cresceu em torno de 4,0% na segunda metade da década. A Europa apresentou taxas de crescimento próximas às da década anterior (1,4% entre 1990-95 e 2,3% entre 1995-99), enquanto o Japão experimentou forte queda de crescimento do PIB (cujas taxas situaram-se em torno de 1,0% durante a década). No âmbito das economias em desenvolvimento, os tigres asiáticos, até a crise cambial de 1997 ¹, apresentaram expressivas taxas de crescimento entre 1990-95 e 1990-99, com destaque para Singapura (9,5% e 5,4%), Malásia (8,6% e 3,9%), Taiwan (6,8% e 5,8%) e Coreia do Sul (7,1% e 4,0%). A China mantém a liderança isolada de crescimento na região (12,4% entre 1990-95 e 8,3% entre 1995-99) e a Índia praticamente repete o desempenho da década anterior (crescendo 5,3% e 6,3%). Na América Latina, entre os países que apresentaram maiores taxas de crescimento do PIB estão aqueles vinculados à dinâmica exportadora: Chile (8,5% e 4,4%), Costa Rica (5,7% e 5,5%), República Dominicana (4,4% e 7,8%). O México, que também ocupa posição de destaque nas exportações da região, teve seu crescimento afetado pela crise de 1994 (2,0% e 5,1%). Já a Argentina conseguiu beneficiar-se, por algum tempo, do plano de convertibilidade (6,3% e 3,5%), ao passo que o Brasil atravessou a década com um desempenho pífio de crescimento (3,2% e 1,8%).

¹ É interessante observar que a despeito de as principais economias asiáticas terem sido duramente afetadas pela crise de 1997, o que se expressa na magnitude das taxas negativas de crescimento do período 1997-98, já em 1998-99 esse quadro será revertido; ainda que se verificando, daí por diante, fortes oscilações em termos de taxas de crescimento. Ver Medeiros (2001).

O que mais chama a atenção na análise comparativa da evolução do PIB por regiões e países são as elevadas taxas de crescimento obtidas pelos países asiáticos, especialmente os denominados países da Ásia em Desenvolvimento – países do Sul, Leste e Sudeste asiático -, além de China e Índia. De outra parte, o baixíssimo nível de crescimento apresentado pelos países da América Latina na década de 80, dá bem a medida do impacto produzido pela crise da dívida externa sobre as economias da região.

2.1.2. Aspectos Básicos na Evolução do Comércio

As exportações mundiais também cresceram em ritmo bastante diferenciado entre regiões e países (ver tabela 2.2). Considerados os períodos 1980-90 e 1990-00, constata-se que o desempenho das exportações asiáticas mostrou-se, em geral e em média, bastante superior ao dos demais países e regiões, destacando-se, em termos de países: China (12,8% e 14,5%), Coreia do Sul (15,0% e 10,1%), Hong-Kong (16,8% e 8,3%) e Tailândia (14,0% e 10,5%). Já o desempenho exportador dos países latino-americanos – com as exceções parciais da Costa Rica (4,6% e 16,9%) e do Chile (8,1% e 8,3%) - foi bem menos expressivo, além de mais instável que o dos países asiáticos; o México, por razões óbvias, constitui um caso à parte (5,9% e 15,9%). Considerado o decênio 1985-1995 tem-se os seguintes números: as exportações asiáticas cresceram 15,5% entre 1985-90 e 12,9% entre 1990-95; as exportações mundiais totais cresceram então 12,3% e 7,5%; as europeias, 14,8% e 5,4%; e as norte-americanas, 12,4% e 7,9%. Nota-se que sob o impacto da crise cambial de 1997, as exportações asiáticas perderam fôlego na segunda metade da década de 90, e a maioria dos países da região chegou ao final desta década apresentando resultados bem inferiores aos obtidos nos demais sub-períodos, embora muito superiores aos obtidos pela maioria dos países europeus e latino-americanos.

Tabela 2.2 - Exportações segundo Regiões e Países Selecionados - Taxa de Crescimento Médio Anual: 1980-2000

Regiões e Países selecionados	Exportações - taxa de crescimento médio anual (em %)					
	1980-90	1990-00	1980-85	1985-90	1990-95	1995-00
Mundo	6,0	6,6	-0,8	12,3	7,5	3,5
Economias Desenvolvidas						
América do Norte	6,0	7,5	0,8	12,4	7,9	5,6
Canadá	6,8	8,3	6,5	8,2	8,7	6,9
Estados Unidos	5,7	7,3	-1,1	14,0	7,7	5,2
México	5,9	15,9	8,1	11,0	13,8	13,9
Europa	7,9	5,0	-1,2	14,8	5,4	9,2
França	7,5	4,2	-2,6	15,3	4,3	1,0
Alemanha	9,2	3,9	-1,0	15,7	3,8	1,2
Itália	8,7	4,6	-0,6	16,0	5,6	-0,3
Inglaterra	5,9	5,4	-2,1	12,7	4,6	2,3
Espanha	10,8	8,6	3,5	17,7	9,2	4,0
Portugal	15,1	5,2	5,3	22,8	5,4	0,4
Ásia	8,9	4,4	5,5	10,1	8,8	1,5
Japão	8,9	4,1	5,7	10,0	8,7	1,1
Economias em Desenvolvimento						
América do Sul	2,3	6,9	-0,7	8,7	8,0	3,1
Argentina	2,1	10,1	-0,3	9,9	10,6	3,1
Brasil	5,1	5,9	5,1	7,6	8,9	2,4
Chile	8,1	8,3	-3,3	19,4	11,9	1,6
América Central	0,9	13,6	-0,2	6,3	10,6	12,5
Costa Rica	4,6	16,9	-0,4	8,2	20,3	14,1
República Dominicana	-2,1	4,9	-6,3	2,8	2,0	-0,3
Ásia	4,7	9,6	-3,9	15,5	12,9	5,5
Índia	7,3	9,5	2,0	15,7	11,5	5,4
China	12,8	14,5	7,6	18,3	18,7	10,0
Filipinas	3,9	18,8	-3,7	13,7	16,1	18,8
Hong-Kong	16,8	8,3	8,8	23,7	15,9	1,6
Indonésia	-0,9	8,1	-3,6	8,8	11,7	4,1
Coréia do Sul	15,0	10,1	11,5	18,1	12,8	5,5
Malásia	8,6	12,4	5,9	16,2	19,9	5,2
Singapura	9,9	9,9	3,7	20,6	17,6	1,1
Taiwan	14,9	7,2	9,7	17,2	9,5	4,3
Tailândia	14,0	10,5	1,5	28,0	18,7	3,2

Fonte: UNCTAD - Handbook of statistics, United Nations, 2001, pp.14-18.

Nota: Taxas calculadas com base no valor das exportações em dólares correntes.

As exportações expandiram-se a taxas diferenciadas não apenas entre regiões e países, mas também entre produtos. Enquanto as exportações dos 20 primeiros produtos no

ranking mundial² cresceram a taxas que variaram entre 16,3% e 11,5%, as exportações dos produtos ocupando as 20 últimas posições cresceram a taxas que oscilaram entre 2,4% e -5,8%. Consideradas as 40 primeiras posições, essas taxas variaram entre 16,3% e 10,2%; da 41^a à 80^a posição, entre 10,1% e 8,7% ; da 81^a à 120^a posição, entre 8,1% e 7,3% ; da 121^a à 140^a posição, entre 7,3% e 6,6% ; da 141^a à 180^a posição, entre 6,6% e 4,4%; e da 181^a à 225^a posição, entre 4,2% a -5,8% (UNCTAD, 2002:55). Note que as primeiras classes de posições no ranking foram também as que apresentaram maior grau de dispersão de crescimento, o que implica dizer que a composição da pauta foi um condicionante importante ao maior ou menor êxito exportador dos países.

Entre as exportações mais dinâmicas em crescimento no comércio mundial a maior presença foi de itens ligados aos ramos da elétrica e eletrônica (776, 752, 759, 764, 773, 771, 778, 872), têxtil e vestuário (846, 844, 655, 612). Os países desenvolvidos foram os principais exportadores e concentraram as maiores parcelas de mercado destes produtos. A pauta desses países contemplou 15 dos 20 produtos que mais cresceram no período 1980-1998. Apenas 08 desses produtos foram exportados pelos países em desenvolvimento. Sendo que deste total, 05 foram exportados por países asiáticos³ (752- computadores; 871- instrumentos ópticos; 759- máquinas de escritório e partes de computadores; 773- equipamentos de distribuição de eletricidade; 655- tecidos/malhas) e 02 foram exportados por países Sul-Americanos (655- tecidos/malhas e 111- bebidas não-alcoólicas) (UNCTAD,2002: 93-94). No âmbito dos países em desenvolvimento, a Ásia constitui a principal região exportadora - com destaque para um seletivo grupo de países que inclui: Singapura, Coreia do Sul, Taiwan (Província da China) Hong-Kong (China), Malásia,

² A fonte para estas e as demais informações estatísticas utilizadas nesta seção, salvo quando especificado de outra maneira, é o relatório da UNCTAD (2002). Neste documento foram listados 225 itens de exportações mundiais, classificados ao nível de 3 dígitos da SITC/rev2 e ordenados segundo a taxa de crescimento médio anual no período 1980-1998.

³ Incluindo os “países de industrialização recente” (*newly industrializing economies – NIEs*) do leste asiático [Coreia do Sul, Hong-Kong (China), Singapura e Taiwan (Província da China)], os países integrantes da Associação das Nações do Sudeste Asiático (*Association of South-East Asian Nations –ASEAN*) (Indonésia, Malásia, Filipinas e Tailândia) e países do Sul da Ásia (Bangladesh, Índia e Sri Lanka). O primeiro grupo de países (Coreia do Sul, Hong-Kong, Singapura e Taiwan) é também conhecido como *first-tiers newly industrializing economies*, em referência à condição pioneira destes países no processo de industrialização recente do Leste Asiático.

China e Índia - disputando com os países desenvolvidos os mercados da eletrônica, têxtil e vestuário (776, 752, 759, 871, 612, 655). Entre os países latino-americanos, apenas o México conseguiu uma posição pontual de maior destaque, marcando presença no vestuário (655) e na elétrica (773 e 778) (UNCTAD, 2002:57).

Os países desenvolvidos fizeram-se também presentes em 12 das 20 primeiras posições no ranking das exportações mundiais de commodities primárias agrícolas (códigos da SITC: 111, 048, 098, 062, 122, 073, 269, 112, 054, 091, 292, 024). Excetuada a presença também marcante da China, os demais países asiáticos aparecem nesse ranking em número reduzido (Indonésia, Tailândia, Taiwan e Malásia), ainda que, em alguns casos, respondendo por significativas parcelas de mercado (036- crustáceos frescos, 037- preparados de peixes, 431- gordura vegetal e animal processada, 245- combustível de carvão vegetal e lenha). Comparativamente à Ásia, os países da América Latina aparecem em maior número, porém, com inserções apenas pontuais: México (054- vegetais frescos), Chile (034- peixe fresco), Equador (036- crustáceos frescos) e Brasil (058- preparados de frutas) (UNCTAD, 2002:61).

Cruzando-se os aspectos de dinamismo em crescimento e dinamismo tecnológico, observa-se que entre os 20 produtos cujas exportações mais cresceram em termos mundiais, 08 foram classificados como de *alta intensidade tecnológica* e somaram 5,7% das exportações mundiais, no ano de 1980, e 15,9%, no ano de 1998. A participação desses produtos nas exportações dos países em desenvolvimento, que foi de 4,7%, no ano de 1980, chega a 20,5%, no ano de 1998 (UNCTAD, 2002: 55). Considerada a pauta de exportação dos países desenvolvidos, e o ano de 1998, somaram dez (10), os produtos classificados em *alta intensidade tecnológica* e posicionados entre os (vinte) mais dinâmicos em crescimento. Os países asiáticos mostraram números bem próximos a este: (10) South Ásia; (09) First-tier NIEs; (08) Asean 4. Já no que tange aos países da América do Sul, entre os 20 principais produtos exportados pela região, 03 pertenciam à categoria *alta intensidade tecnológica*, e 09 pertenciam à categoria *produtos primários* (UNCTAD, 2002: 88-94). Duas principais conclusões podem ser extraídas destes números: A importância relativa dos produtos de mais elevada intensidade tecnológica aumentou enormemente no período estudado; O perfil tecnológico das exportações dos países asiáticos convergiu

razoavelmente para o dos países desenvolvidos, o que não ocorreu no caso dos países da América do Sul.

O relativo maior dinamismo de crescimento das exportações asiáticas resultou num expressivo aumento da participação relativa dessa região nas exportações mundiais, conforme evidenciado na tabela 2.3. As participações relativas da China, da Índia e do grupo *outros países da Ásia* - que inclui os “tigres asiáticos”-, totalizaram, no ano de 1980, 8,0% das exportações mundiais, elevando-se para 20,1%, no ano de 2000; para fins comparativos, observe que o segundo melhor desempenho foi o da América do Norte (EUA e Canadá), cuja participação relativa elevou-se de 14,4% para 16,7%, no mesmo período. Por outro lado, entre as regiões “perdedoras” no comércio mundial estão a África (em situação de “queda livre”), a Europa (cuja participação relativa nas exportações mundiais naquele último ano será em torno de três pontos percentuais menor que a do início do período, quando foi de 40,1%) e a América Latina (cujas exportações somavam 5,5% do total mundial em 1980, caindo para 4,2% em 1990, e retornando ao patamar inicial de 5,4%, no ano 2000). Ressalta-se, portanto, o caráter assimétrico da evolução das participações relativas das distintas regiões nas exportações mundiais.

Tabela 2.3 - Composição Relativa das Exportações Mundiais segundo Regiões e Países Selecionados: 1980-2000

Regiões e Países selecionados	Participação relativa nas exportações mundiais				
	1980	1990	1993	1997	2000
Mundo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Economias Desenvolvidas					
EUA e Canadá	14,4	14,9	16,2	16,3	16,7
Ásia ⁽¹⁾	6,7	8,6	10,0	8,0	8,1
Europa ⁽²⁾	40,1	45,8	41,8	40,4	37,4
Oceania ⁽³⁾	1,3	1,4	1,4	1,4	1,2
Economias em Desenvolvimento					
África ⁽⁴⁾	4,6	2,4	1,7	1,7	1,8
América Latina	5,5	4,2	4,2	5,0	5,4
Ásia Ocidental e Central	10,0	3,9	3,5	3,7	4,4
Outros países da Ásia ⁽⁵⁾	8,0	12,9	17,1	18,7	20,1

Fonte: UNCTAD - Handbook of statistics, United Nations, 2001, pp.24-25.

(1) Japão e Israel

(2) Inclui os seguintes países membros do G7: França, Alemanha Itália e Inglaterra.

(3) Austrália e Nova Zelândia.

(4) África do Norte e outros países da África.

(5) Inclui Índia, China, Filipinas, Hong-Kong, Indonésia, Coreia, Malásia, Singapura, Taiwan e Tailândia.

Nota: Participações calculadas com base no valor das exportações em dólares correntes.

Conclusão análoga obtém-se da análise da evolução do market-share ao nível de países (ver tabela 2.4). Considerados os anos de 1980 e 2000, verifica-se, no que tange aos países latino-americanos, que o Chile e a Costa Rica obtiveram, ambos, um pequeno aumento de market-share (alta de 0,23% para 0,29%, no caso do Chile, e alta de 0,05% para 0,09%, no caso da Costa Rica), enquanto apresentaram queda de market-share, o Brasil (0,99% para 0,87%), a Venezuela (0,95% para 0,50%) e a República Dominicana (0,05% para 0,02%). Entre os latino-americanos, o México foi o único país que obteve expressivo aumento de market-share (alta de 0,89% para 2,5%). De outra parte, observa-se que o market-share dos países asiáticos aumentara de maneira expressiva e ininterrupta, como nos mostram os exemplos de China (0,89% para 3,94%), Hong-Kong (0,97% para 3,19%), Coreia do Sul (0,86% para 2,72%) e Taiwan (0,97% para 2,35%).

Tabela 2.4 - Composição Relativa das Importações Mundiais segundo Regiões e Países Seleccionados:1980-2000

Regiões e Países seleccionados	participação relativa nas importações mundiais (em %) ¹			
	1980	1990	1995	2000
Mundo ²	2031210	3485598	5127780	6326525
América do Norte				
Canadá	3,33	3,66	3,75	4,37
Estados Unidos	11,1	11,29	11,40	12,35
Europa				
França	5,71	6,21	5,56	4,66
Alemanha	9,49	11,77	10,21	8,69
Itália	3,85	4,89	4,56	3,77
Inglaterra	5,42	5,32	4,72	4,45
Suécia	1,52	1,65	1,56	1,37
Espanha	1,02	1,59	1,78	1,79
Portugal	0,23	0,47	0,45	0,37
América Latina				
Argentina	0,39	0,35	0,41	0,42
Brasil	0,99	0,90	0,91	0,87
Chile	0,23	0,24	0,31	0,29
Venezuela	0,95	0,50	0,36	0,50
Costa Rica	0,05	0,04	0,07	0,09
República Dominicana	0,05	0,02	0,02	0,02
México	0,89	1,17	1,55	2,50
Ásia				
Japão	6,42	8,25	8,64	7,58
Índia	0,42	0,52	0,60	0,67
China	0,89	1,78	2,90	3,94
Filipinas	0,28	0,23	0,34	0,63
Hong-Kong	0,97	2,36	3,39	3,19
Indonésia	1,08	0,74	0,89	0,98
Coréia	0,86	1,87	2,44	2,72
Malásia	0,64	0,84	1,44	1,62
Singapura	0,95	1,51	2,31	2,18
Taiwan	0,97	1,92	2,18	2,35
Tailândia	0,32	0,66	1,10	1,09

Fonte: UNCTAD - Handbook of statistics, United Nations, 2001, pp.2-9.

Notas:

(1) Calculada como parcela das exportações do país no total das importações mundiais..

(2) Valores em milhões de dólares, a preços correntes.

A análise da composição relativa das exportações e do valor adicionado pelas manufaturas mundiais entre regiões e países, permite avaliar por um outro ângulo esta questão. A tabela 2.5 apresenta estas informações para os anos de 1980 e 1997, o conjunto

das economias desenvolvidas, das economias em desenvolvimento e alguns países selecionados da Ásia e da América Latina. As economias desenvolvidas reduziram de 82,3% para 70,9%, a participação relativa no valor das exportações mundiais de manufaturas, enquanto a participação no valor adicionado elevou-se de 64,5% para 73,3%. Já as economias em desenvolvimento elevaram a primeira participação de 10,6% para 26,5%, e a segunda, de 16,6% para 23,3%. Verifica-se também que os países do Sul e Leste Asiático mais que triplicaram sua participação nas exportações mundiais de manufaturas (alta de 6,0% para 16,9%); os países do grupo ASEAN-4 aumentaram-na em seis vezes (alta de 0,6% para 3,6%); os denominados “países de industrialização recente” do Leste asiático elevaram-na de 5,1% para 8,9%; e a América Latina praticamente duplicou essa participação (alta de 1,5% para 3,5%). Em termos de participação relativa no valor adicionado pelas manufaturas mundiais - que pode ser tomada como um indicador de eficiência Kaldoriana -, observa-se que o *Sul e Leste Asiático* duplicaram-na (aumento de 7,3% para 14,0%); o mesmo sendo verificado para o grupo *ASEAN-4* (aumento de 1,2% para 2,6%); já o grupo dos “países de industrialização recente” elevou em quase três vezes a sua participação (aumento de 1,7% para 4,5%); enquanto a participação da América Latina manteve-se praticamente estável (foi de 7,1% em 1980, e de 6,7% em 1987)⁴.

⁴Cabe destacar o caso do México, que elevou em mais de dez vezes (aumento de 0,2% para 2,2%) sua participação no valor das exportações mundiais de manufaturas, ao passo que teve queda de participação em termos de valor adicionado (queda de 1,9% para 1,2%), o que dá uma boa idéia do perfil da especialização em curso neste país, precisamente, o seu caráter de ineficiência Kaldoriana.

Tabela 2.5 - Estrutura de Participação Relativa no valor das Exportações e no Valor Adicionado pelas Manufaturas Mundiais – segundo Regiões e Países Selecionados: 1980 e 1997

Região / Economia	Part. % nas export. mundiais de manufat.		Part. % no valor adicionado. pelas manufat. mundiais	
	1980	1997	1980	1997
Economias Desenvolvidas	82,3	70,9	64,5	73,3
Economias em Desenvolvimento	10,6	26,5	16,6	23,8
América Latina	1,5	3,5	7,1	6,7
Argentina	0,2	0,2	0,9	0,9
Brasil	0,7	0,7	2,9	2,7
Chile	0,0	0,1	0,2	0,2
México	0,2	2,2	1,9	1,2
Sul e Leste Asiático	6,0 ^a	16,9	7,3	14,0
NIEs	5,1	8,9	1,7	4,5
Hong Kong (China)	0,2	0,6	0,3	0,2
República da Coréia	1,4	2,9	0,7	2,3
Singapura	0,9	2,6	0,1	0,4
Taiwan (Província da China)	1,6	2,8	0,6	1,6
ASEAN-4	0,6	3,6	1,2	2,6
Indonésia	0,1	0,6	0,4	1,0
Malásia	0,2	1,5	0,2	0,5
Filipinas	0,1	0,5	0,3	0,3
Tailândia	0,2	1,0	0,3	0,8
China	1,1 ^b	3,8	3,3	5,8
Índia	0,4	0,6	1,1	1,1
Turquia	0,1	0,5	0,4	0,5

Fonte: UNCTAD (2002, :p.81).

Nota: Cálculos em dólares correntes. Os dados sobre valor adicionado são baseados na definição de manufaturas usada nas estatísticas industriais, enquanto os dados de exportação são baseados na definição de manufaturas usada nas estatísticas de comércio. Contudo, Calculando a participação no valor das exportações mundiais de manufaturas, à base da definição de manufatura usada nas estatísticas Industriais, obtém-se resultados bastante similares em países para os quais há dados disponíveis.

(a) Excluindo a China

(b) 1984

Observa-se, assim, que as economias em desenvolvimento, consideradas em bloco, ampliaram seu espaço no comércio mundial, mas foram as economias desenvolvidas, e entre as economias em desenvolvimento, algumas poucas economias asiáticas, as que mais se beneficiaram do maior ritmo de crescimento das exportações de produtos *market-dynamics* e *high-technology*, além de se apropriarem de parcela significativa do valor adicionado pelas manufaturas mundiais. De outra parte, o fato de as principais economias asiáticas terem obtido ganhos substanciais em termos de produtos *market-dynamics* e *high-technology*, aumento de market-share e da participação no valor adicionado pelas

manufaturas mundiais, dá a medida do grau de oportunidade perdida pela América Latina, vale dizer, do grau de ineficiência Kaldoriana do padrão de comércio prevalecente nesta região.

As informações sistematizadas nesta seção evidenciam que a produção e o comércio mundiais tiveram uma evolução espacialmente bastante diferenciada ao longo das duas últimas décadas. E não poderia ser diferente, uma vez que tal evolução não é senão o resultado-síntese de uma vasta e complexa gama de fatores condicionantes – externos e internos, estruturais e conjunturais –, os quais incidindo de forma diferenciada sobre cada particular economia. Considerando-se as economias em desenvolvimento, mostra-se evidente que mesmo certos condicionantes de ordem mais geral - basicamente, a crise da dívida externa dos anos 80 e, nos anos 90, as crises financeiras internacionais e as políticas de ajuste macroeconômico de corte neoliberal -, à medida que não tiveram exatamente a mesma resposta, seja ao nível de países, seja ao nível de regiões, afetaram distintamente a dinâmica e o desempenho econômico de tais economias.

No que tange à evolução do comércio, especificamente, observa-se que as taxas de crescimento e a evolução da composição das exportações mundiais variaram enormemente por regiões, países e produtos. As economias em desenvolvimento, tomadas em conjunto, aumentaram a sua participação no valor das exportações mundiais de vários produtos de maior dinamismo em crescimento e tecnologia, e no valor adicionado pela produção mundial. Todavia, a comparação entre os desempenhos das regiões da Ásia e da América Latina evidencia que tal êxito reflete basicamente a excelente performance de alguns poucos países do Sul e Leste Asiático, além de China e Índia. Excetuando-se esses casos, foram poucos os países que lograram um desempenho exportador mais significativo, particularmente no que respeita ao conteúdo tecnológico das exportações. Assim, em que pese a crescente integração da Ásia ao comércio de maior dinamismo mundial, em absoluto contraste com a situação de marginalização da América Latina desse comércio, observa-se que a grande maioria dos países em desenvolvimento permaneceu a margem desse processo, não sendo exagero afirmar que “... em seu conjunto os países da América do Sul

estão sendo largamente excluídos das exportações dinâmicas nos mercados mundiais (UNCTAD, 2002: 72).

É importante também ressaltar, que a posição da América Latina como “perdedora” no comércio mundial, mais do que evidenciar as implicações de um padrão de eficiência no comércio do tipo *Ricardiano*, revela a incapacidade de romper as “amarras” colocadas por esse padrão de especialização, deixando, com isso, de aproveitar as janelas de oportunidade de eficiência *Kaldoriana* e *Schumpeteriana* que caracterizaram o comércio mundial nas duas últimas décadas, como o fizeram, com relativo êxito, algumas principais economias asiáticas.

A propósito do relativo maior dinamismo exportador dos países asiáticos, importa destacar, conforme já observado, que: i) as exportações que mais se expandiram foram, em grande medida, as de produtos de maior dinamismo no comércio mundial (*market-dynamics* e *high-technology*); ii) tal expansão foi acompanhada de um aumento da participação desses países no valor adicionado pelas manufaturas mundiais. O fato de os países asiáticos terem conseguido ampliar, de forma expressiva, sua participação no comércio mundial, apoiados na expansão da exportação de produtos para os quais se associam elevados níveis de demanda externa, concomitante ao aumento de sua participação no valor adicionado pelas manufaturas mundiais, é indicativo de que o padrão de comércio vigente nessas economias mostrou-se apto não apenas a explorar positivamente o efeito elasticidade-renda da demanda internacional, como também a internalizar parcela significativa da renda realizada com esse comércio, o que sugere tratar-se então de *eficiência Kaldoriana*.

Note-se, porém, que, sendo possível estabelecer uma relação positiva entre a intensidade da elasticidade-renda das exportações e a capacidade de inovar (desenvolvimento de novos produtos, exploração de novos mercados, etc), transitamos da *eficiência Kaldoriana* à *eficiência Schumpeteriana* – rigorosamente falando, tem-se uma sobreposição da *eficiência Schumpeteriana* à *Kaldoriana* - , o que, conforme discutido no capítulo anterior, têm implicações dinâmicas muito distintas. Poder-se-ia então indagar se

e em que medida o sucesso exportador asiático teve esse sentido de convergência ao padrão de *eficiência Schumpeteriana*. Espera-se que a próxima seção consiga jogar alguma luz sobre esta questão.

2.2. Especialização Comercial Asiática e Latino-Americana: Caracterização Básica e Análise Comparativa

No que segue, faz-se uma caracterização sumarizada da evolução da especialização comercial de alguns países da Ásia e da América Latina, com o que se busca, em última análise, delinear um quadro de referência à análise da especialização comercial brasileira, objeto de estudo do próximo capítulo.

2.2.1. Evolução dos Padrões de Comércio Asiático e Latino-Americano - países selecionados⁵

A evolução da especialização comercial dos países asiáticos convergiu para o padrão de comércio dos países desenvolvidos com relação a duas tendências principais: a diminuição da importância relativa das exportações intensivas em recursos naturais vis-à-vis o aumento da participação relativa das exportações de alta-tecnologia. Cabe ressaltar que este segundo aspecto mostrou-se mais intenso no caso dos países asiáticos que no dos países desenvolvidos, o que sinaliza a aproximação da estrutura de comércio dos primeiros ao padrão de comércio mundial.

Entre os países asiáticos, os casos de Malásia e Tailândia são ilustrativos dessa direção assumida pela evolução da especialização comercial dos países da região. Ambos experimentaram uma forte redução na participação relativa das exportações intensivas em recursos naturais, no período 1980-1995: queda de 69,0% para 19,3%, no caso da Malásia,

⁵Serão considerados o grupo dos “países de industrialização recente” [(Hong Kong (China), Coréia do Sul, Singapura e Taiwan (República da China)] e os países da Malásia, Tailândia, Chile, México, Costa Rica e República Dominicana. O Brasil foi deliberadamente excluído desta análise, uma vez que dele se ocupará o próximo capítulo. As informações utilizadas abrangem o período 1980-1995. Ver UNCTAD (2000:25-37).

e de 59,8% para 28,1%, no caso da Tailândia. Já a participação relativa das exportações de alta-tecnologia (“cluster elétrico/eletrônico”) elevou-se de forma expressiva, em ambos os casos: alta de 14,4% para 56,9% (Malásia) e de 2,9% para 29,4% (Tailândia). Observa-se, por outro lado, que a participação relativa das exportações de média-tecnologia (“cluster automotivo”), além de diminuta, reduzira-se em ambos os casos: queda de 10,0% para 7,0% (Malásia) e de 14,5% para 7,5% (Tailândia) o que é indício de que a relativa fragilidade industrial desses países não fora superada (UNCTAD, 2000: 29).

A evolução da estrutura de comércio do grupo dos “países de industrialização recente” [(Hong Kong (China), Coreia do Sul, Singapura e Taiwan (República da China)] deu-se consoante às tendências acima apontadas: as exportações intensivas em recursos naturais perderam importância relativa (queda de participação de 6,2% para 1,7%), ao passo que as de alta-tecnologia tiveram expressivo aumento de participação (alta de 17,8% para 51,3%). Neste caso, porém, também as exportações de baixa-tecnologia (“cluster – têxtil, vestuário e calçados”) apresentaram significativa redução de participação relativa (queda de 63,0% para 31,5%). Nesse sentido, comparativamente aos casos de Malásia e Tailândia, observa-se que o padrão de especialização do grupo dos “países de industrialização recente” mostrou maior grau de convergência ao dos países desenvolvidos.

Uma outra importante característica na evolução da especialização comercial asiática foi a crescente presença de empresas transnacionais (ETNs) atuando na linha de frente das principais atividades exportadoras da região, de que são exemplo as indústrias de aparelhos de TV (Coreia e Malásia), vestuário (Coreia, Hong-Kong, Singapura e Taiwan) e automobilística e elétrico/eletrônica (Singapura, Coreia, Taiwan e Malásia) (UNCTAD, 2002: 197-215)⁶. Em que pese a impossibilidade de se falar em um padrão único e homogêneo de atuação das ETNs, uma vez que a natureza desta tende a variar de país para país, os casos de Malásia e Tailândia são ilustrativos da orientação geralmente

⁶ Lembrando, porém, que há também o caso de empresas asiáticas que se tornaram corporações transnacionais. A Coreia do Sul é um exemplo de país bem sucedido a esse respeito. À base de uma estratégia de competitividade que combinava o fortalecimento de empresas domésticas com o desenvolvimento de capacidade inovativa autônoma, este país logrou colocar alguns de seus *chaebols* entre as ETNs líderes nos países em desenvolvimento vide os exemplos de empresas dos setores automobilístico e eletro-eletrônicos (p.ex., Hyundai, Samsung, Lucky-Goldstar, Daewoo). Veja-se UNCTAD (2000).

predominante na estratégia de inserção local das ETNs na Ásia, em particular, e nos países em desenvolvimento, em geral. Nesse sentido, observa-se que tanto num caso quanto noutro, a presença de ETNs esteve vinculada à busca de vantagem de custo de mão-de-obra, dirigindo-se então ou para indústrias intensivas em mão-de-obra (como o vestuário) ou para atividades trabalho-intensivas de indústrias de maior conteúdo tecnológico (como semi-condutores e receptores de TV) (UNCTAD, 2000: 33). Note que tais grupos de produtos figuram entre os de maior dinamismo em crescimento no comércio mundial. Isto significa dizer que, embora assentada em bases competitivas relativamente frágeis, a evolução do padrão de exportação desses países convergiu para o padrão prevalecente de eficiência no comércio mundial.

Entre os países latino-americanos, o México foi o país cuja estrutura de comércio modificou-se de maneira mais profunda, o que se deu basicamente na mesma direção verificada para os países asiáticos. A evolução comercial mexicana caracterizou-se por uma forte redução da participação relativa das exportações intensivas em recursos naturais (queda de 67,2% para 20,4%, entre 1980 e 1995) e um expressivo aumento da parcela relativa das exportações de alta-tecnologia (alta de 11,6% para 30,6%). Nota-se ainda que as exportações de média-tecnologia acompanharam bem de perto as de alta-tecnologia, elevando sua participação de 10,2% para 29,1%. O ponto de partida a essas mudanças foi a integração do México ao North American Free Trade Agreement (NAFTA), que levou a que este país se tornasse um importante recebedor de investimentos diretos estrangeiros e atraísse um grande número de ETNs com atuação principalmente nos setores automotivo e eletrônico. Vale frisar que enquanto as ETNs do setor automotivo tenderam a uma maior integração tecnológica e produtiva entre as atividades exportadoras e a estrutura produtiva local, as do setor eletrônico permaneceram na condição de “maquiladoras”. Seja como for, o excepcional dinamismo das exportações manufatureiras mexicanas deveu-se em grande medida à presença das ETNs (UNCTAD, 2000: 37).

O Chile é outro exemplo de país latino-americano cujo padrão de especialização comercial modificou-se substancialmente nas últimas duas décadas, o que teve, neste caso, o sentido de um aprofundamento do padrão vigente de especialização, caracteristicamente

intensivo em recursos naturais⁷, e comandado pela presença de ETNs. Isto se evidencia no significativo aumento da participação relativa das exportações intensivas em recursos naturais, que, de 49,0% em 1980, eleva-se para 67,7%, em 1995. As exportações de média-tecnologia - basicamente associadas à manufatura de produtos ligados ao refinamento de cobre - tiveram sua participação reduzida de 48,1% para 26,8%. É bem verdade que há indícios da presença de um maior esforço de capacitação tecnológica nas exportações chilenas de produtos intensivos em recursos naturais⁸, mas nada que indique, até aqui, uma mudança mais profunda nas condições que definem o Chile um caso típico de especialização baseada em vantagens comparativas naturais, com as limitações e os riscos inerentes a esse tipo de especialização. A transcrição abaixo sintetiza bem o impasse que se coloca à especialização Chilena:

“O caso chileno demonstra que há considerável potencial de crescimento [para as exportações baseadas] em recursos naturais, e que as empresas transnacionais podem ser encorajadas a explorar este potencial (...). Os países deveriam, todavia, estar cientes de que esta atividade tende a ser limitada em termos de aprendizado, encadeamentos tecnológicos e crescimento de mercados (embora possa haver segmentos em que o crescimento veloz e o desenvolvimento tecnológico sejam possíveis, como, por exemplo, na aplicação da biotecnologia)” (UNCTAD, 2000: 208).

Além de México e Chile, poucos foram os países da América Latina que experimentaram alguma modificação mais significativa no padrão de especialização. A Costa Rica e a Republicana Dominicana foram dois desses países. Em um curto período de tempo, ambos passaram da condição de exportadores de bens primários à de exportadores de manufaturados, tendo como vantagem competitiva, além do baixo custo da mão-de-obra, a proximidade e o acesso privilegiado das exportações de vestuário e eletrônicos ao mercado dos EUA (UNCTAD, 2000:36-37). A estrutura do comércio desses países

⁷ No ano de 1995, em torno de 95,0% das exportações manufatureiras do Chile para os países da OCDE, referiam-se a produtos vinculados a agroindústria (incluindo peixe e madeira) e ao processamento de cobre. Cf. UNCTAD (2000, p. 36).

⁸ Nesse sentido, Pietrobelli (1998) apud UNCTAD (2000:30), destaca o caráter capital-intensivo da atividade de refinamento de cobre e o elevado conteúdo tecnológico das exportações agro-industriais chilenas.

modificou-se profundamente, o que tomou a forma de uma forte redução na participação das exportações intensivas em recursos naturais (queda de 62,3% para 14,9%, no caso da República Dominicana), e um expressivo aumento da participação relativa das exportações de baixa-tecnologia (alta de 6,2% para 30,3%, para a Costa Rica, e de 25,2% para 67,1%, para a República Dominicana) (UNCTAD, 2000: 29). As ETNs, majoritariamente de origem estadunidense, estiveram à frente dessas mudanças. No caso da Costa Rica, a estratégia de inserção das ETNs contemplou a criação de novas bases locais de competitividade (UNCTAD, 2000: 197), enquanto que no caso da República Dominicana predominou a opção por uma inserção na condição de “maquiladoras” (CEPAL, 1996:187).

2.2.2. Sobre os Condicionantes da Evolução dos Padrões de Comércio: uma análise introdutória

O início deste capítulo chamou a atenção para as transformações estruturais que condicionaram a dinâmica do comércio exterior nas últimas duas décadas, enfatizando, por outro lado, a importância de se ter em conta os condicionantes específicos à realidade de cada país ou região, tais como a estrutura produtiva, o arcabouço macro-institucional, as definições de política econômica e as estratégias microeconômicas adotadas pelas empresas - nacionais ou transnacionais. Assim, ao perguntarmos pelos fatores que explicam o excepcional dinamismo exportador asiático vis-à-vis o baixo dinamismo das exportações latino-americanas, a resposta remete, em última instância, à consideração desses elementos básicos. Evidentemente que foge ao escopo deste trabalho o propósito de reconstituir tal quadro explicativo. Nesse sentido, o que segue consiste numa análise, assumidamente introdutória, de dois principais aspectos implicados na evolução das estruturas comerciais no período estudado, cuja explicitação entendemos ser indispensável ao propósito de compararmos a evolução dos padrões de especialização comercial asiático e latino-americano.

O Papel das Empresas Transnacionais (ETNs)

Sob o comando de empresas transnacionais, verificou-se nas últimas duas décadas uma profunda reorganização do *sistema internacional de produção*⁹, expressa na tendência à separação geográfica das atividades de produção ou comercialização de um bem ou serviço, em consonância à constituição da cadeia de valor do produto em escala mundial. Em decorrência ao contínuo reposicionamento, em escala mundial, das cadeias de valores industriais, a especialização produtiva vem se constituindo, cada vez mais, numa característica do sistema internacional de produção, com as ETNs passando a desempenhar o papel de agente principal desse processo (UNCTAD,2001: capt.II). Com efeito, a produção tende a mostrar-se cada vez mais espacialmente concentrada e globalmente interligada, sendo que “*a essência de seu formato organizacional [do sistema internacional de produção] é a especialização geográfica [da produção] segundo as diferentes partes [ou etapas] do sistema de produção da empresa transnacional (por exemplo, componentes, sub-montagens, produtos semi-acabados).*” (UNCTAD,2001: 85).

A posição ocupada ou aspirada pelas ETNs no interior das redes internacionais de produção, passa a assumir importância-chave no processo de tomada de decisão quanto a distribuição espacial das funções produtivas e comerciais dessas empresas. Nesse contexto, a possibilidade de um país alcançar uma inserção comercial mais dinâmica tende a mostrar-se mais fortemente dependente da capacidade de atrair investimentos diretos estrangeiros (IDEs) e das estratégias de inserção produtiva e comercial das ETNs.

No tocante ao aspecto de atração de IDEs, observa-se que a participação relativa do conjunto das economias em desenvolvimento no fluxo mundial desses investimentos aumentou consideravelmente no intervalo das últimas duas décadas: elevando-se de 17%,

⁹ A idéia de um “*Sistema Internacional de Produção*” não é absolutamente nova. Pode-se reconhecê-la na noção clássica de *divisão internacional do trabalho*. No atual contexto, entretanto, ao se fazer uso do termo *Sistema Internacional de Produção*, busca-se antes ressaltar o caráter globalizado da produção em sua mais nova dimensão, qual seja, a da separação geográfica, em escala mundial, das atividades envolvidas na produção ou comercialização de bens ou serviços destinados ao mercado internacional.

entre 1985-90, para 26%, no ano de 1998¹⁰. Do total de investimentos recebidos pelo conjunto dessas economias neste último ano, 51% coube à Ásia e 43% à América Latina (UNCTAD, 2000: 08). A tendência do período, no entanto, foi de uma significativa redução da participação relativa da América Latina no total de IDEs recebidos pelas economias em desenvolvimento, isto como reflexo da crise da dívida e do fechamento do mercado de crédito externo aos países da região nos anos 80; enquanto no ano de 1985, a Ásia e a América Latina obtiveram igual participação relativa no total de investimentos diretos recebidos pelas economias em desenvolvimento (em torno de 23,0%), no ano de 2000, a participação da Ásia eleva-se para 42,3% e a da América Latina, para apenas 29,2% (UNCTAD, 2001: 52)¹¹.

A crise cambial asiática, deflagrada no ano de 1997, levou à retração dos investimentos diretos estrangeiros destinados aos países em desenvolvimento. No caso da América Latina, a queda foi menos acentuada devido à boa performance do Brasil e da Argentina (Laplante et alli, 2001:7). No que diz respeito à Ásia, a despeito dessa região ter sido duramente afetada pela crise, não perdeu a condição de grande receptora de investimentos diretos. O valor dos investimentos diretos recebidos pelos três principais países asiáticos [Hong-Kong (província da China), China e Coréia do Sul], totalizou, no ano de 2000, US\$ 115 bilhões; a parcela de Hong-Kong (província da China) neste total foi de US\$ 64 bilhões. No caso da América Latina e do Caribe, considerando igualmente os três principais países receptores (Brasil, Argentina e México), o valor desses recursos totalizou US\$ 58 bilhões (UNCTAD, 2001:28; 31).

¹⁰ O número de países em desenvolvimento classificados como grandes receptores de investimentos diretos estrangeiros aumentou de 07 (sete), em 1985, para 24 (vinte e quatro), no ano de 2000, com destaque para algumas economias da Ásia: Hong Kong (China), Singapura e Taiwan (província da China) (UNCTAD, 2001:47).

¹¹ Estes percentuais referem-se aos totais da participação da Ásia e da América Latina no ranking dos dez principais países receptores de investimentos diretos estrangeiros, no âmbito das economias em desenvolvimento, no anos de 1985 e 2000. Os países asiáticos estão representados nesse ranking por: China, Singapura, Malásia, Hong-Kong (província da China) e Coréia do Sul. Os países latino-americanos estão representados por: Brasil, Argentina, México e Chile.

A natureza das atividades absorvedoras de IDEs na Ásia e na América Latina difere entre si em pelo menos dois aspectos. Uma primeira diferença está em que as ETNs que operam na Ásia, além de basicamente voltadas para atividades industriais, têm presença marcante em setores de elevado conteúdo tecnológico (equipamentos elétricos e eletrônicos, química, biotecnologia e automobilística e vestuário) (UNCTAD, 2001:72), ao passo que ETNs que operam no setor industrial da América Latina se concentram nas indústrias de alimentos, bebidas, química, automobilística e, sobretudo, nos setores de processamento de recursos naturais em geral (Katz, 2000:161-164).

Além da maior participação da indústria como destino dos investimentos diretos recebidos pela Ásia vis-à-vis a América Latina, observa-se que a parcela de investimentos industriais no total de investimentos recebidos pela Ásia se manteve em torno de 60%, ao longo dos anos 90, enquanto reduzira-se à metade, caindo de 66,0% para 33,0%, no caso da América Latina e do Caribe (UNCTAD, 2001:72). Esta queda de participação da América Latina e do Caribe se verifica pari-passu ao esgotamento das privatizações das empresas públicas que foi um dos principais fatores de atração de investimentos diretos pelas principais economias da região no período dos anos 90 – como foram os casos de Brasil e Argentina. Observa-se, de outra parte, uma tendência mundial ao aumento da importância relativa do setor de serviços como receptor de IDEs, sendo que *“nos países avançados, o setor de serviços tem sido o alvo primordial dos investimentos e já detém a maior parcela do estoque de IDE.”* Contudo, em se tratando dos países em desenvolvimento, *“embora o setor de serviços venha recebendo expressivos recursos externos, em grande medida associados aos processos de privatização de serviços públicos e aquisições no sistema financeiro, a indústria continua exercendo uma forte atração, principalmente no caso dos asiáticos.”* (Laplane et alli, 2001:8-9).

O volume mais expressivo e o perfil essencialmente industrial dos IDEs recebidos pela Ásia são diferenças que ajudam a explicar o excepcional dinamismo das exportações dos países dessa região¹². Observe, nesse sentido, que entre os produtos cujas exportações mundiais cresceram a taxas mais elevadas nas últimas duas décadas, destacam-se os que

¹²Hong-Kong, Singapura e Taiwan (província da China) foram três das principais economias hospedeiras de empresas transnacionais no ano de 2000. Cf. UNCTAD (2001: 47).

integram as cadeias globais de produção de manufaturados: computadores, componentes, peças e acessórios elétricos e eletrônicos, artigos de vestuário e veículos automotores. Os países que conseguiram maior engajamento no interior daquelas cadeias, obtiveram melhor desempenho exportador nesses produtos. Foi o caso particularmente dos países do Sul e Leste asiático que tiveram à frente a presença maciça de empresas transnacionais.

Um segundo aspecto enfatizado na discussão sobre o papel das ETNs para o comércio exterior refere-se à sua importância com respeito à possibilidade de aumento da competitividade e da redefinição dos padrões nacionais de vantagens comparativas¹³. Em linhas gerais, a hipótese correntemente aceita é de que embora as ETNs em regra possuam significativas vantagens de custos e de capacitação tecnológica em relação às empresas nacionais, a perspectiva de contribuírem para o aumento da competitividade depende antes da natureza e do grau de linkings produtivos e tecnológicos que decidam estabelecer nas economias hospedeiras onde atuam. Por sua vez, tal decisão pressupõe a avaliação das vantagens oferecidas pelas economias hospedeiras, particularmente no que tange à qualidade do sistema de infraestrutura, às condições de acesso à base de recursos naturais e ao nível de capacitação tecnológica e organizacional dos fornecedores locais – que podem ser firmas domésticas ou estrangeiras. Noutras palavras, *“... a capacidade dos encadeamentos das filiais estrangeiras em contribuir para o desenvolvimento do fornecedor doméstico não pode, contudo, ser considerada como garantida. Ela depende dos mercados nos quais as filiais estrangeiras operam e, portanto, do incentivo que elas possuem para estabelecer operações internacionalmente competitivas. Ela também depende da capacitação das firmas domésticas. Poucas articulações ocorrerão onde estas são frágeis”* (UNCTAD, 2001: 132). Conclui-se, assim, que a presença de ETNs à frente da expansão das exportações não deve ser vista como garantia de transformação qualitativa da estrutura do comércio.

A propósito, vale observar que com a exceção parcial de Taiwan (província da China) e Singapura, *“a inclinação das economias do Leste Asiático para a exportação de produtos industrializados não produziu nem a quantidade e nem a profundidade de encadeamentos*

¹³ Ver a respeito, UNCTAD (2001), capt.IV.

para trás que os planejadores e o capital local desejavam (...) as exportações de produtos industrializados ainda são dominadas por fábricas que são filiais de empresas estrangeiras, com encadeamentos insatisfatórios tanto com o mercado quanto com as empresas locais” (Oxford Analytica, 2002a: 1-2, apud UNCTAD, 2002: 75).

A avaliação acerca da atuação das ETNs em países latino-americanos aponta nesta mesma direção, isto é, para a ausência de elos produtivos e tecnológicos que vinculem mais firmemente as atividades exportadoras às economias locais. Com efeito, observa-se que “... muitos países que melhoraram sua competitividade internacional através do investimento direto estrangeiro em indústrias que não são baseadas em recursos naturais geraram encadeamentos muito fracos entre a economia local e as plataformas de exportação. Em geral, a ausência de uma estratégia de promoção de encadeamentos foi realçada, especialmente nos casos do México, Costa Rica e Honduras, onde o sucesso nas exportações não fora seguido por um desenvolvimento similar da base da indústria local”. A preocupação, neste sentido, é de que “... esforços visando a simplesmente atrair o investimento direto estrangeiro através da estabilidade macroeconômica e de políticas de investimento passivas correm o risco de enclausurar as vantagens estáticas dentro de plataformas de exportação com encadeamentos mínimos na direção da indústria doméstica” (UNCTAD, 2002: 75).

A relação entre ETNs e economias hospedeiras, vale dizer, a questão da inserção das ETNs nos países em desenvolvimento, envolve ainda um outro aspecto crítico. Observa-se que os países em desenvolvimento que alcançaram maior êxito nas exportações de manufaturas, o fizeram, em boa medida, por meio de um maior engajamento nas cadeias globais de produção. Ocorre que tal maior engajamento teve o caráter de uma inserção comercial basicamente restrita aos segmentos trabalho-intensivos dessas cadeias. Há então uma preocupação de que as economias da região podem vir a enfrentar um problema de “falácia da composição”, na medida em que uma expansão simultânea (envolvendo vários países da região) das exportações de manufaturas intensivas em trabalho ou baseadas em recursos naturais, sendo estas caracteristicamente de baixa elasticidade-renda e alta elasticidade-preço da demanda, pode dar lugar a uma queda de preços que acabe por anular

o efeito positivo do aumento do quantum exportado sobre a receita das exportações (UNCTAD, 2002:113-116). Tal situação envolve ainda uma implicação de mais longo prazo, qual seja, a de que “... *na medida em que os países em desenvolvimento enfrentam uma tendência de queda nos termos de troca em manufaturas, uma estratégia de industrialização orientada para fora, baseada em uma mudança das exportações primárias para a de manufaturados, pode falhar na solução de seu problema com os termos de troca*” (UNCTAD, 2002: 118).

A Questão do Acesso a Mercados

A questão do acesso a mercados remete à discussão sobre barreiras ao livre comércio, um tema delicado e de vital importância para os países em desenvolvimento. Uma primeira razão dessa importância está na constatação de que parcela não desprezível do comércio realizado por esses países enfrenta pesadas barreiras ao comércio. Uma segunda consideração importante é a de que nas situações em que as economias de escala e a precedência no mercado afetem de maneira significativa a competitividade do produto, a extensão do mercado ganha importância no que tange à obtenção de retornos crescentes de escala no comércio.

A discussão sobre acesso a mercados envolve atores e interesses essencialmente distintos. Os interesses comerciais dos países desenvolvidos via de regra se opõem às demandas comerciais dos países em desenvolvimento. Enquanto os países desenvolvidos relutam em eliminar as barreiras (tarifárias e não-tarifárias) ou restrições de acesso a mercados, envolvendo produtos ou setores nos quais apresentam desvantagem comparativa de custos – agricultura e manufaturas intensivas em recursos naturais e em trabalho -, ao mesmo tempo em que insistem na retórica da defesa do livre comércio, os países em desenvolvimento, vendo-se incapazes de exercer qualquer influência sobre a definição das regras internacionais do comércio, limitam-se a insistir na necessidade da criação de um sistema multilateral de comércio que venha significar, na prática, e não apenas no discurso, regras de comércio mais livres e justas.

Os resultados obtidos na última Rodada de Negociações Multilaterais de Comércio, a Rodada Uruguai (1986-94)¹⁴, não sinalizaram muito firmemente nesta direção. A avaliação mais geral é de que essa rodada de negociações produziu, concretamente, resultados bastante modestos, em termos de liberalização do comércio, no que tange àqueles pontos que constituem as principais demandas dos países em desenvolvimento - a eliminação das barreiras e restrições ao comércio de produtos agrícolas e de algumas categorias de industrializados - sobretudo das indústrias têxteis e alimentares - e a redução das barreiras não-tarifárias - que têm forte incidência sobre os manufaturados intensivos em mão-de-obra -, ao passo que estabeleceu importantes medidas de liberalização do comércio em áreas que contam com grande interesse dos países desenvolvidos: comércio em serviços, investimentos e propriedade intelectual (Gonçalves et alli, 1998: pp.55-66; Krugman, 2001:243-247).

Entre as medidas de liberalização estabelecidas pela Rodada Uruguai, com impacto mais direto sobre os países em desenvolvimento, destacam-se o acordo firmado na área de comércio em serviços (*General Agreement on Trade in Services*) e o estabelecimento de novas regras multilaterais no que concerne aos investimentos (*Trade Related Investment Measures*) e à proteção dos direitos de propriedade intelectual (*Trade Related Intellectual Property Rights*). No que tange ao comércio em serviços e investimentos, buscou-se estabelecer uma base legal à exploração dessas atividades nos mercados - ainda não capturados - dos países em desenvolvimento. Com base na idéia da harmonização das condições de concorrência entre empresas nacionais e estrangeiras, tratou-se, nesses casos, de criar condições legais mais favoráveis à atuação destas últimas empresas, em atividades tais como, seguros, educação, consultorias, bancos e compras do governo. No tocante à proteção da propriedade intelectual, foi acordado, por exemplo, que os proprietários de

¹⁴O principal fórum para a discussão sobre acesso a mercados são as rodadas de negociações multilaterais de comércio (Multilateral Trade Negotiations). A primeira dessas negociações ocorreu no ano de 1947, simultaneamente ao estabelecimento do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (*General Agreement on Tariffs and Trade* - GATT), pela reunião de Genebra. A oitava e última rodada de negociações multilaterais de comércio foi a Rodada Uruguai (1986-94), concluída em abril de 1994, e ao final da qual fora criada a Organização Mundial do Comércio (*World Trade Organization* - WTO), com a missão de substituir o GATT no gerenciamento do sistema de comércio mundial. A nona rodada de negociações, denominada Rodada Doha, está em andamento, devendo ser concluída na reunião ministerial de Hong Kong, no final de 2005.

patentes têm direitos de monopólio por vinte anos, sem obrigação explícita de produzir a patente localmente e com direitos exclusivos de importação¹⁵ (Gonçalves et alli, 1998:61).

Ressalte-se que o problema não está no objetivo em si da liberalização do comércio. O que preocupa é o risco de que a liberalização do comércio avance sobre as estruturas produtivas e comerciais dos países em desenvolvimento, sem que a estes sejam asseguradas condições mínimas, a fim de responderem, de forma não-traumática, ao imperativo de convergência às normas de concorrência e legislações nas áreas acordadas internacionalmente. Sendo este o caso, pode ocorrer de que o processo de liberalização do comércio venha a se converter em apenas mais um expediente de exploração dos (países) mais frágeis pelos (países) mais fortes. Neste contexto, como observa Dias (1996:57), “*o pior cenário será aquele no qual os países com maior poder não respeitem o cerceamento às suas leis por instituições multilaterais, mas utilizem o seu poder para que outros países cumpram os acordos internacionais*” (Dias, 1996:57).

De todo modo, o fato é que, pelas regras atuais do jogo, diversos expedientes foram e continuam sendo utilizados, pelos países desenvolvidos, com o objetivo de criar barreiras de acesso a mercados, podendo-se destacar: a utilização de medidas de contingenciamento; a fixação de quotas de importação e de limites tarifários (tariff peaks) para produtos e mercados específicos, os quais incidindo negativamente sobre as exportações dos países em desenvolvimento; o estabelecimento de tarifas preferenciais para as importações de países membros de blocos de integração econômica ou áreas de livre comércio, que tendem a beneficiar apenas os grandes países importadores (EUA e Europa) e a significar um obstáculo a mais às exportações da maioria dos países periféricos; a utilização, cada vez mais intensa, de medidas configurando barreiras não-tarifárias, as quais aplicadas seletivamente a produtos e fornecedores, em detrimento de produtos nos quais os países

¹⁵ O aumento do pagamento de royalties para inovadores estrangeiros, a redução do potencial de competição e de oportunidades de investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e a perspectiva de preços mais elevados para os produtos sob monopólio de patentes, são algumas das consequências esperadas desses acordos de patentes para os países em desenvolvimento. Cf. Gonçalves et alli (1998:61).

menos desenvolvidos tendem a ser relativamente mais competitivos (UNCTAD, 2002:128-132).

Muitas dessas medidas, que não significam outra coisa senão formas de restrição do acesso a mercados, tendem a ser estabelecidas sob o amparo legal dos acordos comerciais preferenciais - áreas de livre comércio; união alfandegária; acordos regionais, sub-regionais ou mesmo bilaterais de comércio, etc -, os quais têm se constituído numa estratégia de política comercial de uso crescente nos últimos tempos. Não obstante o caso de alguns poucos países em desenvolvimento, os quais, em alguma medida, têm se beneficiado desses acordos¹⁶, o problema, neste ponto, é que se a condição de país-membro tende a significar, em tese, a possibilidade de alguma vantagem de acesso a mercados específicos, a condição de país-não membro terá o significado oposto, de modo que, sob a perspectiva de um dado país, o resultado final pode não ser positivo. Nesta perspectiva, cabe observar que tais circunstâncias tendem a tornar ainda mais complicada a situação daqueles países, que por sua condição de “periféricos” ao sistema ou não integram quaisquer um desses acordos ou só o fazem de forma muito subordinada.

As condições de acesso ao mercado internacional caracterizaram-se, assim, por medidas discricionárias que tenderam a afetar negativamente alguns dos principais produtos da pauta de exportação dos países em desenvolvimento. Com efeito, *“as tarifas mais altas impostas pelos países desenvolvidos estão frequentemente concentradas nos produtos que os países em desenvolvimento têm interesse em exportar; elas incidem principalmente sobre as indústrias intensivas em trabalho: produtos têxteis, de vestuário, de couro e de borracha”* – além de calçados, artigos de viagem e produtos agrícolas (União Européia) (UNCTAD, 2002:128). Os países em desenvolvimento enfrentaram e continuam enfrentando significativas barreiras (tarifárias e não-tarifárias) ao aumento de sua

¹⁶É o caso, por exemplo, do México, que na condição de país-membro do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (North American Free Trade Agreement – NAFTA), usufruindo, portanto, juntamente com o Canadá, da vantagem de livre acesso ao mercado dos EUA, logrou, na última década, uma extraordinária expansão das suas exportações para este país.

participação no comércio mundial nessas categorias de manufaturas¹⁷. No caso de países que participam de acordos comerciais preferenciais ou fazem parte de redes internacionais de produção, a situação tende a ser outra, isto é, a condição de acesso a determinados produtos e mercados pode ser até facilitada pelos países importadores (UNCTAD, 2002:132-136).

Os países em desenvolvimento se depararam ainda, mais especificamente ao longo dos anos noventa, com duas outras dificuldades. A primeira delas está em que as manufaturas intensivas em trabalho exportadas pelos países em desenvolvimento tenderam a se comportar mais como produtos primários do que propriamente manufaturas, caracterizando-se, inclusive, por preços mais flexíveis (para baixo) que os de similares exportados pelos países desenvolvidos. Com efeito, “... há sinais de que os preços das exportações de manufaturados dos países em desenvolvimento têm se enfraquecido vis-à-vis aos dos países industrializados, especialmente no que tange às exportações de manufaturas menos intensivas em qualificação (skill-intensive)” (UNCTAD, 2002:113-115). Ademais, observa-se que o valor das exportações de algumas principais manufaturas intensivas em tecnologia (computadores e eletrônicos) tem mostrado extrema volatilidade. A segunda dificuldade está em que os mercados para algumas principais manufaturas exportadas nas categorias intensivas em trabalho e em tecnologia (vestuários e eletrônicos), tornaram-se mais competitivos, o que levou a uma queda dos preços e a uma deterioração dos termos de troca dessas manufaturas, sinalizando ainda para o risco de que, num futuro próximo, os países da região venham a se defrontar com uma situação de saturação da oferta (UNCTAD, 2002: 120-124).

2.2.3. Padrões de Industrialização Asiático e Latino-Americano¹⁸ - um contraponto necessário.

¹⁷ Em fins dos anos noventa, vestuário e calçados, dois dos itens de maior peso nas exportações dos países em desenvolvimento, respondiam por mais de 60,0% do total de produtos exportados por esses países e afetados por tariff-peak (UNCTAD, 2002:128).

¹⁸ Não desconhecemos o risco de generalizações do tipo “padrão” de industrialização asiático ou latino-americano. Fazê-lo implica assumir a hipótese de que existem elementos comuns e particulares aos processos de industrialização das distintas economias que compõem cada uma das referidas regiões. Aceitamos, assim, implicitamente, a hipótese de que as experiências de industrialização dos denominados “países de

O padrão de industrialização asiático pode ser caracterizado, no que tange à orientação de política industrial, como um misto de estratégia de desenvolvimento voltada para “fora” (“promoção de exportações”) e para “dentro” (“substituição de importações”), tendo ainda por base um maior ou menor esforço local e “dirigido” de investimentos e de aprendizado tecnológico. A substituição e a proteção às importações dando-se concomitantemente à promoção das exportações, no contexto de políticas industriais de caráter ao mesmo tempo estruturantes (voltadas para o desenvolvimento de setores definidos como estratégicos) e reestruturantes (voltadas para a reconfiguração do padrão de vantagens comparativas). A estratégia de substituição de importações não teve, nesse caso, viés antiexportador, não havendo incompatibilidade entre as políticas de proteção às importações e de fomento às exportações (Cepal, 1999: p.36).

Já desde o início dos anos oitenta que tal padrão de industrialização, baseado em intervenções de política industrial e comercial, verticais e seletivas, vem paulatinamente cedendo lugar a políticas de corte horizontal e, sobretudo, de caráter liberalizante, sob a justificativa de tornar a região mais atrativa aos investimentos diretos estrangeiros, bem como estimular os investimentos privados internos. Essa tendência liberalizante se viu reforçada nos anos noventa, no contexto das mudanças nas regras do comércio internacional e do aprofundamento da subordinação das estratégias nacionais da periferia em desenvolvimento às orientações de política econômica do FMI.

No que tange ao padrão de industrialização latino-americano, não se pode dizer que a promoção das exportações tenha sido um elemento de todo ausente no processo de industrialização, ao menos em se tratando das economias mais importantes da região. Ocorre que, diferentemente do caso asiático, em que a estratégia de substituição de

industrialização recente” compartilham entre si condicionantes de ordem mais geral, não obstante tais processos encerrarem também singularidades, que se manifestam ao nível de cada país e que decorrem, em síntese, das especificidades históricas locais e dos condicionantes da inserção de cada país na estrutura econômica mundial. Em suma, aceitando a idéia da existência de características comuns e particulares às experiências de industrialização asiáticas e latino-americanas de “industrialização recente”, entendemos ser possível falarmos de um “padrão” de industrialização asiático e latino-americano. Para um bom embasamento sobre esse tema, veja-se Amsden (1988) e Canuto (1994).

importações esteve sempre apoiada numa combinação de medidas pró-exportação e intervenções verticais e seletivas de política industrial, na experiência latino-americana configurou-se a tendência ao descasamento entre essas políticas.

Com efeito, em que pese o recurso freqüente ao câmbio e aos subsídios como instrumentos de estímulo às exportações, a ausência de uma visão estratégica mais ampla e de longo prazo, inclusive no tocante aos setores a serem contemplados por tais medidas, somada às deficiências de coordenação e monitoramento na sua implementação, acabavam por tornar aqueles instrumentos pouco efetivos. Acrescente-se, por fim, que tal modelo de substituição de importações encerrava um viés anti-exportador, dado que as medidas de proteção e estímulo à indústria nacional, além de não necessariamente contemplarem os setores exportadores, efetivos ou potenciais, tendiam a gerar um diferencial de rentabilidade favorável à produção destinada ao mercado interno em detrimento da obtida com as exportações.

A vinculação estratégica entre indústria e comércio pode ser considerada um traço distintivo da industrialização asiática, do mesmo modo que a virtual ausência desse tipo de vínculo caracteriza a industrialização latino-americana. Esta é uma diferença importante na estratégia industrial de ambas as regiões, e que certamente concorreu para a evolução marcadamente distinta da especialização produtiva e comercial de uma e outra região. As transformações produtivas e os ganhos no comércio verificados para os países asiáticos não são compreensíveis sem a consideração do caráter estrategicamente virtuoso das políticas industriais, comerciais e de investimentos em aprendizado tecnológico que, via de regra, caracterizaram o padrão de industrialização desta região.

2.3. Conclusões

A evolução das taxas de crescimento e da estrutura de participação relativa das exportações mundiais se dera de forma espacialmente diferenciada. O desempenho exportador das economias em desenvolvimento sugere que estas responderam muito de perto à crise da dívida externa do início dos anos 80 (América Latina) e às turbulências

financeiras da segunda metade dos anos 90 (países asiáticos), o que se refletiu nas baixas taxas de crescimento das exportações das regiões latino-americana e asiática nos intervalos de 1980-85 e 1995-00, respectivamente. Ainda assim, o conjunto das economias em desenvolvimento apresentou um significativo aumento de participação relativa no fluxo de comércio mundial no curso das últimas duas décadas.

Todavia, a análise por regiões nos mostrou que tal resultado deveu-se basicamente à excelente performance das exportações asiáticas, já que o desempenho das demais regiões do mundo em desenvolvimento ou se manteve estável ou declinou. Como resultado, enquanto as economias asiáticas (com destaque para a Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Taiwan) lograram uma inserção crescentemente ativa no comércio mundial, melhorando expressivamente sua participação em market-share e no valor adicionado pela produção de manufaturas, as economias latino-americanas, com raras exceções – basicamente, México e Chile –, gravitaram em torno de suas participações relativas de há duas décadas atrás.

Em contraposição às profundas mudanças que caracterizaram a evolução da especialização comercial asiática no período, modificações no padrão de comércio latino-americano tiveram um caráter de exceção. Foram poucos os países latino-americanos que experimentaram alguma mudança mais significativa no padrão de especialização. Ocorrendo tal mudança, esta se caracterizou por uma queda na participação relativa das exportações intensivas em recursos naturais (com exceção do Chile) e um aumento na participação relativa de manufaturas de baixa tecnologia; a tendência de aumento da participação relativa das exportações de manufaturas de alta tecnologia, que foi a principal característica da evolução da especialização asiática, não se verificou aqui, exceto de forma pontual (o caso do México).

Como decorrência desta evolução distinta da especialização comercial dos países asiáticos e latino-americanos, evidenciou-se, favoravelmente aos primeiros: i) elevadas taxas de expansão das exportações e de crescimento de market-share, com destaque para os produtos dinâmicos em crescimento no comércio mundial e intensivos em tecnologia; ii) aumento da participação no valor adicionado pela produção mundial de manufaturas; iii)

estrutura setorial das exportações convergindo para o padrão de comércio mundial, sob a forma de uma redução da participação relativa das exportações de produtos intensivos em recursos naturais e um expressivo aumento da participação relativa das exportações de manufaturas intensivas em tecnologia (média e alta tecnologia).

Duas principais condicionantes atuaram como forças propulsoras das mudanças operadas no padrão de especialização dos países asiáticos e, por conseguinte, da “arrancada” exportadora da região: i) uma orientação de políticas industriais e comerciais de caráter “virtuoso”, no que tange aos seus efeitos sobre o comércio exportador, inclusive, porque contemplando, em maior ou menor medida, políticas de aprendizado tecnológico; ii) uma forte presença de ETNs, vinculadas ou não às redes de produção internacional, mas tendo, via de regra, uma inserção produtiva local voltada para a exportação de manufaturas; mostrando, ademais, que para o objetivo em si de expandir as exportações, importa menos, se “virtuosas” ou não as relações entre empresas domésticas e transnacionais, e sim, fundamentalmente, que estas últimas produzam bens comerciáveis e os dirija ao mercado externo.

Já a análise das forças originárias daquelas mudanças remete à consideração de dois principais fatores: a tendência à elevação da intensidade-renda da demanda internacional para algumas categorias de produtos (denominados market-dynamics), e a crescente difusão de novas tecnologias de base microeletrônica. Isto significa também dizer que os anos 80 e 90 constituíram um período bastante rico em termos de oportunidades Kaldorianas e Schumpeterianas de especialização no comércio, podendo-se ainda supor que os países que se mostraram mais aptos a tirar melhor proveito daquelas oportunidades, foram aqueles que lograram melhor integrar-se ao circuito de inovações tecnológicas e de dinamismo da demanda internacional, característicos à evolução do comércio no período.

Ressalta-se, neste sentido, que o fato de os países asiáticos terem modificado o seu padrão de especialização comercial, no sentido de torná-lo mais fortemente baseado nas noções Kaldoriana e Schumpeteriana de eficiência no comércio, conseguindo, assim, evoluir para uma estrutura de exportação caracteristicamente intensiva em conteúdo e

oportunidade tecnológica, enquanto os países latino-americanos basicamente permaneceram presos a um padrão de especialização Ricardiano, vendo-se, por conseguinte, praticamente a margem das principais tendências de mudanças no padrão de comércio, é um indicativo de que os primeiros, *aparentemente*¹⁹, fizeram melhor aproveitamento daquelas oportunidades. Assim como o fato de os países asiáticos terem se mostrado particularmente aptos para “capturar” parcela significativa do valor adicionado pelas manufaturas mundiais indica o quanto foi importante contar com um padrão de especialização mais aderente às noções Kaldoriana e Schumpeteriana de eficiência no comércio.

Sob a perspectiva desta tese, pela qual se propõe analisar a evolução do padrão de especialização comercial brasileiro à luz das noções de eficiência no comércio, a questão que emerge deste capítulo é se o Brasil terá conseguido estabelecer uma trajetória de especialização virtuosa, no sentido de permitir e favorecer um melhor aproveitamento de tais mencionadas oportunidades. O capítulo 3 dá um passo importante nesta direção, ao levantar a questão da relação que deve ser estabelecida entre a opção de política econômica adotada pelo Brasil nos anos 80 e 90 - as políticas de comércio exterior aí incluídas – e a trajetória seguida pela especialização comercial do país.

¹⁹ Cumpre reconhecer que a caracterização da noção de *eficiência Schumpeteriana*, em particular, requer uma vinculação entre produção e comércio, em termos analíticos e empíricos, que vai além da que foi realizada neste capítulo.

3. O COMÉRCIO EXTERIOR NA ECONOMIA BRASILEIRA DOS ANOS 80 E 90

A possibilidade de redefinição de um dado padrão de especialização vigente depende, em primeira instância, dele próprio, uma vez que os padrões correntes de especialização envolvem efeitos cumulativos que condicionam suas possibilidades futuras. Depende ainda de condicionantes microeconômicos, como os que se relacionam às decisões empresariais e aos determinantes mais imediatos da concorrência e da competitividade. E depende também de fatores relacionados ao ambiente macro-institucional e às definições de política econômica, particularmente no que tange à política industrial, comercial e tecnológica.

O foco deste capítulo refere-se a esta última ordem de condicionantes, podendo ser expresso na seguinte questão: Em que medida e de que forma as orientações de política econômica terão condicionado a definição do padrão de especialização vigente na economia brasileira nos anos 80 e 90? O objetivo deste capítulo consiste em analisar quais eram as prioridades e as expectativas de política econômica relacionadas ao papel do comércio exterior brasileiro, abordando-se, para tanto, os principais temas envolvidos no debate sobre o comércio exterior e as diretrizes de política econômica implementadas no período.

3.1 - Anos 80: Constrangimento Externo e Superávits Comerciais

A política de comércio exterior praticada no curso dos anos 80, um período marcado pelo estrangulamento das contas externas, mostrou-se determinantemente condicionada pela estratégia de ajuste do balanço de pagamentos. A prioridade se colocava na obtenção de elevados superávits comerciais para fazer face ao crescimento explosivo do serviço da dívida externa, após a crise dos juros em 1982. De maneira análoga, a orientação de política comercial dos anos 90 se prestou antes a responder às determinações da política de estabilização monetária. Sob condições de câmbio fixo e abertura comercial, a prioridade recaía sobre as importações, utilizada então, como instrumento de política

comercial na contenção de pressões pelo lado da oferta que viessem a por em xeque a estabilidade dos preços.

Como consequência, ao longo dessas duas décadas, a discussão mais de fundo envolvendo a análise das implicações de longo prazo do padrão vigente de especialização, no que tange à possibilidade de melhora na qualidade da inserção externa e, por conseguinte, da criação de condições efetivamente sustentáveis de redução do grau de vulnerabilidade externa da economia, acabou sendo premissa, seja pelo objetivo prioritário da geração de superávits comerciais visando ao financiamento do déficit em transações correntes - anos 80 -, seja pelo objetivo da manutenção da estabilidade monetária - anos 90.

Para melhor situarmos os temas que pautaram a discussão sobre o comércio exterior, convém resgatar um pouco da agenda econômica do período. Como ponto de partida, consideremos o cenário macroeconômico do início dos anos 80. O momento é de uma conjunção de fatores externos e internos bastante negativos. No front externo, tem-se o segundo choque do petróleo (1979), a explosão dos juros internacionais (1979/80) e, logo à frente (1982), praticamente o fechamento do mercado internacional de crédito. No front interno, vêm à tona os “desequilíbrios” estruturais herdados do padrão de industrialização pesada dos anos 50-70, quais sejam: o superdimensionamento de alguns setores-chave da economia e a paulatina perda de articulação e complementaridade entre os investimentos produtivos estatais e aqueles cujas decisões se encontravam sob a alçada da iniciativa privada (Carneiro, 1991: pp.47-57).

Nesse contexto, dada a magnitude do desequilíbrio do balanço de pagamentos e a virtual impossibilidade de compensá-lo via absorção de recursos externos, seja na forma de empréstimos, seja na forma de investimentos diretos estrangeiros, ao pagamento do serviço da dívida externa restou como única alternativa a geração de saldos comerciais positivos. Com efeito, em parte devido a um extenso conjunto de estímulos cambiais, fiscais e creditícios, em parte devido ao efeito maturação de determinados projetos de investimentos realizados no âmbito do II PND, que permitiu uma maior diversificação e expansão das

exportações sem o correspondente crescimento das importações, o resultado foi a obtenção de mega-superávits comerciais nos anos 80¹. A face interna desse ajuste pelo comércio exterior traduziu-se numa orientação de política econômica de caráter recessivo, com efeitos negativos sobre a capacidade de investimento do setor público e as decisões de investir do setor privado. De outra parte, a recuperação da economia a partir de 1984, se fazendo acompanhar, a partir de certo momento (1986/87), de um desempenho desfavorável da balança comercial, apontavam um trade-off entre superávit comercial e crescimento econômico (Markwald, 1987).

A questão do trade-off entre crescimento e geração de saldos comerciais positivos envolve uma outra dimensão, de caráter estrutural, a qual merece ser enfatizada. A transcrição que segue é bastante elucidativa acerca do ponto para o qual se deseja chamar a atenção:

“A solidariedade entre expansão do mercado interno e diversificação das exportações estava baseada, até os anos 80, na expansão da capacidade de importar da economia brasileira de modo a viabilizar o prosseguimento da industrialização (...) Com o colapso deste [do padrão de financiamento externo, a partir 1982], o crescimento das exportações foi inteiramente absorvido com o aumento das transferências financeiras e não aumentou a capacidade de importar. Quando nos anos 90 a economia brasileira retornou ao sistema financeiro internacional, sua indústria e sua competitividade externa eram significativamente menores, em relação ao resto do mundo, do que a existente no início dos anos 80” (Medeiros e Serrano, 2001:21).

Ou seja, observa-se uma certa mudança envolvendo os termos da equação exportações - importações - crescimento econômico: se até os anos 80, as exportações financiavam as importações, que, por sua vez, cumpriam um papel funcionalmente positivo na expansão das exportações e do nível de atividade interna, a partir de então, rompe-se esse elo funcional entre exportações e importações, com as receitas das primeiras sendo

¹ Entre 1983 e 1988, o Brasil acumulou saldo comercial de US\$70,7 bilhões de dólares, equivalente a 4% do PIB anual do país, neste período. Cf. Motta Veiga (1990:01).

progressivamente drenadas para o exterior a título de remuneração dos passivos externos. Conseqüentemente, o elo entre comércio exterior e crescimento tornar-se-á também menos direto e menos definido.

O ponto que mais interessa ressaltar, no entanto, é o de que a política de comércio exterior orientou-se então, nos anos 80, no que tange às exportações, pela prioridade à expansão comercial como estratégia de geração de mega-superávits, ou seja, com foco na quantidade ao invés da qualidade das exportações. Nesse sentido, o enorme “esforço exportador” que caracterizou boa parte do período não foi acompanhado de melhora na qualidade do perfil do comércio, e das exportações em particular. Senão que pelo contrário, evidencia-se claramente uma deterioração na qualidade da especialização comercial ao longo dessa década. Assim, enquanto na comparação com meados da década de 70, o início dos anos 80 mostra uma expressiva diversificação da pauta de exportações², passando a incluir produtos das indústrias intensivas em escala e em trabalho, observa-se, já a partir 1985, um menor ritmo de crescimento das exportações de manufaturados vis-à-vis as de semimanufaturados, uma crescente concentração do dinamismo exportador em produtos pertencentes a este último grupo³ e uma maior dependência do desempenho exportador do efeito-volume das exportações (Motta Veiga, 1991:69).

A paulatina perda de dinamismo do comércio exportador brasileiro, já a partir da segunda metade da década dos 80, fora detectada por diversos estudos analisando a estrutura da pauta e o desempenho das exportações no período (Bonelli, 1991; Nonnenberg, 1991 e 1994; Sarti, 1994; Motta Veiga, 1990_a, 1991 e 1994).

No que tange ao desempenho das exportações, constata-se que tanto o “efeito composição da pauta” quanto o “efeito mercado de destino” contribuíram negativamente para o desempenho das exportações brasileiras, em termos agregados, no período 1979-89

² A participação dos manufaturados na pauta de exportações eleva-se de 24%, em 1974, para 45% em 1980. Cf. Carneiro (1991:29).

³ Dentre as exportações de manufaturados que mais cresceram destacam-se: químicos orgânicos e inorgânicos, derivados básicos do petróleo, siderúrgicos, couros, papel, suco de laranja, vestuário e calçados. No grupo dos semimanufaturados destacam-se: ferro e aço, ferro-gusa, ferro-liga, alumínio e celulose (Sarti, 1994:98-101; Leal, 1992).

(Bonelli, 1991). Em termos desagregados, constata-se que o primeiro destes efeitos constituiu a principal influência negativa sobre as exportações de manufaturados, enquanto o segundo foi o principal fator a contribuir negativamente para a formação da taxa de crescimento das exportações de não-manufaturados (Bonelli, 1991:44-46). É também verificada uma perda de competitividade agregada das exportações brasileiras, na segunda metade da década, atribuindo-se este resultado ao desempenho fortemente negativo de competitividade dos não-manufaturados, já que os ganhos de competitividade obtidos pelos manufaturados foram bem pouco expressivos (Bonelli, 1991). A análise da evolução do market-share das exportações brasileiras, por produtos e mercados de destino, evidencia igualmente uma perda generalizada de competitividade após 1985 (Nonnenberg, 1994). Em termos de composição da pauta exportadora, configura-se a tendência a uma participação crescente de produtos com menor grau de elaboração industrial: semimanufaturados e manufaturados intensivos em recursos naturais e em trabalho (Sarti, 1994; Mota Veiga, 1991). Em sintonia com esses movimentos, os índices de especialização comercial apontam elevadas e crescentes vantagens comparativas em grupos de produtos intensivos em trabalho ou recursos naturais e a ampliação das desvantagens comparativas em grupos de produtos intensivos em tecnologia ⁴ (Nonnenberg, 1991; Leal, 1992; Mota Veiga, 1991).

Ao final dos anos 80, com todas as evidências apontando um retrocesso do perfil da especialização comercial e produtiva do país, e face à constatação de que a restrição cambial ao crescimento permanecia um problema crucial, até porque, com a deterioração progressiva do endividamento externo, as transferências financeiras ao exterior absorviam parcela cada vez maior da receita das exportações, sem que os problemas do endividamento

⁴ Leal (1992:83), que calculou os índices médios de Contribuição ao Saldo, tomando-os como base ao cálculo do índice de vantagens comparativas (VCRs) para a indústria manufatureira brasileira no período 1981-1988, constata que os 04 grupos de produtos que mais contribuíram positivamente para o saldo manufatureiro foram, em ordem decrescente de importância: metais, siderúrgicos, vestuários, calçados, materiais de transporte rodoviários e têxteis. Em termos de contribuição negativa, destacam-se, sob o mesmo critério de ordenamento, os seguintes grupos de produtos: eletro-eletrônicos, químicos, máquinas e fertilizantes. Nonnenberg (1991:13), que também utiliza o indicador de Contribuição ao Saldo para calcular os índices médios de VCRs da indústria de transformação brasileira no período 1980-1988, constatou que os cinco maiores índices positivos de VCRs referiam-se aos seguintes grupos de atividades: indústria do café, fabricação de óleo vegetal em bruto, siderurgia, fabricação de aparelhos e equipamentos elétricos e fabricação de automóveis e caminhões; e os cinco maiores índices negativos: fabricação de máquinas/equipamentos e instalações, produtos de elementos químicos não-petroquímicos, fabricação de materiais e aparelhos eletrônicos, fabricação de adubos e fertilizantes e petroquímica básica e intermediária.

externo e do financiamento do crescimento fossem resolvidos, retornam à cena a discussão sobre as possibilidades de ampliação e sustentação dos superávits comerciais no longo prazo e a necessidade de dinamização das exportações e de redefinição do padrão de inserção internacional. As questões pautando esta discussão podem ser sintetizadas em três pontos principais⁵: i) a necessidade de aumentar o grau de exposição da economia brasileira aos fluxos de comércio e de investimento internacionais; ii) a necessidade de rever em profundidade a política de comércio exterior e as estratégias de competitividade e de inserção externa do país; iii) a necessidade de integrar a estratégia de inserção comercial no marco de um projeto de desenvolvimento que permita uma “dinâmica virtuosa” entre comércio e crescimento, vale dizer, no sentido de compatibilizar “transformação produtiva com equidade social”.

3.2 - Anos 90: Estabilização Monetária e Déficits Comerciais Crescentes

Desnecessário dizer que os temas acima mencionados estiveram muito longe de terem tido efetivamente alguma importância na agenda econômica e de política econômica dos vindouros anos 90, com exceção do primeiro item – aumento do grau de exposição da economia à concorrência internacional. De forma bastante esquemática, pode-se dizer que a agenda dos anos 90 caracterizou-se por um conjunto de prescrições e medidas de política econômica articuladas em torno a três eixos principais, quais sejam: i) reformas estruturais voltadas para a desregulamentação do mercado de fatores e para a abertura do mercado de bens e serviços à concorrência e ao capital internacional; ii) políticas macroeconômicas focadas quase exclusivamente na estabilidade econômica e, nesse sentido, elegendo como prioridades absolutas o equilíbrio orçamentário e manutenção da estabilidade da moeda; esta última centrada na manutenção da taxa de câmbio nominal e em elevadas taxas de juros comparativamente aos juros externos; iii) redefinição do papel do Estado na economia, orientada pela idéia de um “Estado Mínimo”, cujas funções básicas passariam a ser as de garantir a estabilidade das “regras do jogo” e contribuir para a criação de um ambiente competitivo “virtuoso”.

⁵ Conforme Motta Veiga (1990b: 01).

A comparação entre as décadas de 80 e 90 revela ao menos três diferenças principais no que tange aos condicionantes macroeconômicos básicos. Senão vejamos. A economia brasileira enfrenta, nos anos 80, uma situação de estrangimento externo absoluto, em virtude da crise da dívida externa, enquanto os anos 90 caracterizam um significativo influxo de capitais externos. Amortizações de empréstimos e pagamentos de juros da dívida externa, basicamente respondiam pelo passivo externo brasileiro nos anos 80, remessas de divisas a título de remuneração ao capital de risco e aos investimentos diretos estrangeiros, representam a parcela maior do passivo externo nos anos 90. Por fim, enquanto o período dos anos 80 pode ser caracterizado como de “estagflação”, a década de 90 caracteriza uma situação de “*stop and go*”, onde se alternam fases de expansão e de retração da atividade econômica.

De outra parte, a comparação entre as duas décadas revela também pontos em comum. Elas compartilham entre si uma crise fiscal do Estado, expressa, nos anos 80, no esgotamento da capacidade de investimento do setor público, e ampliada, nos anos 90, para o quadro de um atrofiamento da capacidade de gasto público como um todo. Um segundo ponto de conexão é a ausência de um esquema de financiamento interno de longo prazo - o que se denominaria “finanças industrializantes”. Um terceiro resultado comum aos dois períodos é a situação de desequilíbrio do balanço de pagamentos e, por conseguinte, o componente de restrição externa ao crescimento.

No tocante a este último ponto, cumpre observar que a restrição externa se manifesta, nos anos 80, no descompasso entre o crescimento explosivo do serviço da dívida externa e a menor capacidade de expansão da receita das exportações, e nos anos 90, na assimetria entre o crescimento explosivo das importações versus o baixo crescimento das exportações. Recoloca-se, portanto, sob nova forma, nos anos 90, o velho problema da restrição externa, cuja raiz, entretanto, é uma só: o descompasso entre o ritmo de crescimento dos passivos externos (nos anos 80: pagamento de juros; nos anos 90: pagamento de juros, despesa com importações, remessas de lucros, saída de capitais voláteis, etc) e a capacidade de expansão das exportações. Pelo que se (re) afirma o papel “absolutamente central e estratégico” destas últimas no relaxamento da restrição externa ao

crescimento (Medeiros e Serrano, 2001:02). Observe, ademais, que o regime de abertura comercial inaugurado no início dos anos 90, torna ainda mais crítica a necessidade de equacionamento desta questão, uma vez que a perspectiva de “... *crescer a taxas elevadas com uma economia mais aberta às importações sem uma aceleração sustentada no crescimento das exportações é objetivamente impossível*” (idem, 2001:24); sob pena de o crescimento econômico vir a ser obstaculizado pelo déficit na balança de pagamentos.

Remetendo-nos ao contexto das mudanças promovidas (abertura comercial, desregulamentação dos mercados e privatizações) ou induzidas (reestruturação produtiva e internacionalização da economia) pelo modelo econômico dos anos 90, importa saber que efeitos essas mudanças produziram sobre a estrutura e evolução do comércio exterior, particularmente no que tange à capacidade de as exportações virem a contribuir para o relaxamento da restrição de divisas e a melhora da condição de inserção externa da economia brasileira.

Como ponto de partida, convém lembrar que a tese “oficial” em torno ao novo modelo econômico, substanciado no plano Real, era a de que uma vez recuperada a estabilidade econômica e concluídas as reformas estruturais propostas, a economia brasileira retomaria, em novas bases, a trajetória de crescimento interrompida já desde o início dos anos 80, a saber, tendo por base o tripé abertura comercial – produtividade – inserção competitiva no mercado internacional. Neste sentido, supunha-se então, que, “... *o novo modelo que se esboça, onde a mola mestra do processo é o crescimento da produtividade, as ações do governo não são, em si, deflagradoras do processo de desenvolvimento*” (...) “... *será o processo de abertura, através de seus efeitos sobre o dinamismo tecnológico do país, que definirá os contornos básicos do novo ciclo de crescimento*” (Franco, 1998:143; 122). Sob esta linha de interpretação, a expectativa seria de que a abertura comercial induzisse a um perfil de especialização mais aderente à disponibilidade de recursos no país, elevando, assim, os níveis de eficiência técnica e alocativa (Moreira, 1999) e alavancando a competitividade sistêmica (Barros e Goldenstein, 1998).

É inegável que o aumento da pressão da concorrência, decorrente da maior abertura da economia, induziu a um processo de reestruturação produtiva que repercutiu positivamente sobre as condições de eficiência das empresas e os níveis de produtividade industrial (Bonelli e Gonçalves, 1998; Castro, 2001). Ressalta-se, neste sentido, o lado positivo da retomada das importações, por seus efeitos em termos de renovação e atualização tecnológica do parque industrial, senão de forma generalizada, ao menos no caso de alguns setores e empresas “de ponta”. O processo de abertura induziu também a um maior grau de internacionalização da indústria, com o significado, em tese, de uma maior possibilidade de ganhos de escala e de especialização. A intensidade desse aumento já era bastante visível por volta de meados da década dos 90, tomando forma na elevação dos coeficientes de exportação e importação e de comércio intra-industrial e no aumento da presença de capitais estrangeiros - inclusive na forma de investimentos diretos (Bielschowsky & Stumpo, 1996:168; Moreira, 1999).

Contudo, quando se trata de fazer uma avaliação mais geral das mudanças que afetaram a estrutura e o desempenho dos fluxos de comércio exterior nos anos 90, os resultados obtidos não são muito alentadores. Inúmeros estudos apontam um aprofundamento da já frágil estrutura do comércio exterior brasileiro no período (ver, por exemplo: Laplane e Sarti, 1998; Kupfer, 1998; IEDI, 1999 e 2000; Miranda, 2001; Haguenaer et alli, 2001). As evidências que sustentam esta avaliação podem ser sistematizadas em quatro pontos principais: i) A combinação entre abertura comercial e valorização cambial afetou de forma assimétrica os fluxos de comércio, incidindo com muito maior força pelo lado das importações. Resultado disto é que os coeficientes de penetração de importações aumentaram em muito maior velocidade que os coeficientes de exportações⁶, numa dinâmica que foi também setorialmente diferenciada⁷; ii) A elevação do coeficiente de importações, além de generalizada, teve um componente de mudança

⁶ Segundo estimativas de Moreira (1999), entre 1989 e 1998, o coeficiente de penetração de importações na indústria de transformação elevou-se de 4,3% para 20,3% e o de exportações de 8,8% para 14,8%.

⁷ Segundo Kupfer (1998:108-110), que calculou os coeficientes de comércio da indústria brasileira no período 1989-1996, o grupo bens *Difusores de progresso técnico* foi o que experimentou o maior incremento do coeficiente de penetração de importações (alta de 11,4% para 44,0%). Para fins comparativos, observe que o segundo maior incremento desse coeficiente foi o verificado para o grupo bens *Duráveis* (alta de 3,8% para 15,6%). Estimativas mais recentes, abrangendo o período 1996-1999, sinalizam a continuidade desta

estrutural, na medida em que significou uma crescente substituição de insumos e produtos finais locais por importados, o que levou a um efeito desadensamento em determinadas cadeias produtivas⁸, com implicações para a competitividade no longo prazo; iii) O aumento generalizado das importações, que foi ainda acompanhado de uma tendência à maior sofisticação da pauta, contrasta fortemente com a evolução da pauta de exportações que, além de rígida e concentrada em produtos de menor valor agregado, apresenta perda de dinamismo em relação às exportações mundiais nos quesitos de competitividade, dinamismo em crescimento e intensidade tecnológica⁹; iv) O aprofundamento da internacionalização da indústria não teve, até aqui, a contrapartida de um significativo aumento da propensão a exportar das empresas estrangeiras, ao passo que sua maior propensão a importar significa uma ameaça contínua ao equilíbrio das contas externas¹⁰.

Do acima exposto pode-se concluir que a conjuntura econômica brasileira dos anos 90, e muito particularmente, o binômio abertura comercial – valorização cambial, afetaram perversamente a composição e dinâmica dos fluxos de comércio exterior, dando mostras, mais uma vez, da enorme fragilidade da inserção comercial brasileira, que, aliás, sob vários aspectos se viu reforçada ao longo dessa década, conforme analisado no parágrafo anterior. De outra parte, a magnitude daqueles efeitos foi ela mesma condicionada pelo elevado grau dessa fragilidade, expressa na baixa qualidade estrutural da pauta de exportações brasileiras, que se faz concentrada em produtos com grau relativamente baixo de transformação industrial, baixo dinamismo da demanda internacional e/ ou baixa

trajetória, havendo fortes indícios da ampliação do coeficiente de penetração de importações nos setores da química, bens de consumo finais e no conjunto da indústria metal-mecânica (Haguenauer et alli, 2001:26).

⁸ Isto ocorre na medida em que o aumento das importações passe a atuar como redutor do potencial de efeitos de encadeamento – em termos de fluxos comerciais, produtivos e tecnológicos - no interior dos complexos industriais. Há evidências da ocorrência desse tipo de fenômeno, nos anos 90, e com mais intensidade na primeira metade da década, no que se refere aos complexos da química e metal-mecânica, além das indústrias têxteis. Ver Haguenauer et alli (2001).

⁹ Para os dados e maiores informações a respeito, ver IEDI (2000).

¹⁰ A participação das 500 maiores empresas estrangeiras no total das exportações brasileiras eleva-se de 39,4% em 1990, para 51,6% em 1997. No mesmo período, a participação das 500 maiores exportadoras (nacionais e estrangeiras), reduz-se de 80,5% para 78,8% (Miranda, 2001:31; 36). A combinação desses resultados, e uma vez que se considere que, em se tratando de Brasil, exportação é quase sinônimo de grande empresa, nos leva a concluir que as empresas estrangeiras ocuparam boa parcela do espaço das empresas nacionais, mas tendendo a apenas reproduzir a propensão a exportar destas últimas. A transcrição que segue é também bastante esclarecedora a esse respeito: “A contribuição das empresas estrangeiras para a balança comercial, medida pelas propensões a exportar e importar, não difere significativamente da contribuição das

intensidade tecnológica. Tal condição não apenas restringe a capacidade de expansão das vendas externas, que tende a mostrar-se ainda mais dependente da dinâmica cíclica de preços e demanda internacional, como anula a perspectiva de uma maior autonomia no que tange à fixação de preços e dificulta o estabelecimento de relações comerciais mais estáveis (Miranda, 2001:113-114). A perspectiva de superação destas restrições repousa, em grande medida, na capacidade de superação ou redução gradual das deficiências estruturais da pauta de exportações, sem o que, a perspectiva de um relaxamento da restrição de divisas, sustentável no longo prazo, continuará bloqueada.

Não apenas os impactos, predominantemente negativos, das opções de política de estabilização macroeconômica e das estratégias microeconômicas adotadas ao longo dos anos 80 e 90, como também a ausência de políticas industriais, comerciais e tecnológicas *efetivamente* voltadas para a *construção* da competitividade¹¹ ajudam a explicar a deterioração da inserção comercial verificada no período. Alterar esse quadro é tarefa de longo prazo que remete, em última análise, “*[à] construção deliberada da competitividade como objetivo de políticas públicas*” (IE/UNICAMP; IE/UFRJ, 1994:48). A amplitude e complexidade dos fatores que concorrem para a determinação da competitividade¹² justificam que esta matéria seja tratada sob a perspectiva de políticas públicas. A articulação necessária entre as dimensões macro e micro dos determinantes da competitividade pressupõe tal perspectiva. A imprescindibilidade dessa articulação mostra-se evidente ao se ter em conta que “*O ambiente macro-institucional e as políticas horizontais, embora sejam vetores importantes à competitividade sistêmica, não são suficientes para aumentar e diversificar as exportações brasileiras. Parte dos fatores*

empresas nacionais. As diferenças são, de fato, em favor destas últimas, uma vez que seu esforço exportador é semelhante e sua propensão a importar é bastante inferior” (Laplane et alli, 2001:57).

¹¹A orientação programática do governo Fernando Henrique Cardoso, em sua proposta de um modelo econômico “conduzido” pelo mercado, já apontava nesta direção. Nesta perspectiva, argumenta Franco (1998:143), “... o novo modelo que se esboça, onde a mola mestra do processo é o crescimento da produtividade, as ações do governo não são, em si, deflagradoras do processo de desenvolvimento (...) O progresso e o crescimento se obtêm crescentemente na área privada e, nessas circunstâncias, o governo precisa se acostumar a exibir um cartel de realizações que não se limita, e nem mesmo prioriza, o número de obras ou programas que iniciou. As prioridades deslocam-se dos instrumentos (programas, despesas) para os objetivos finais (os indicadores sociais e econômicos).”

¹² Vale lembrar que a década de 90 foi particularmente rica em termos de diagnóstico e prognóstico dos determinantes estruturais da competitividade da indústria brasileira, tendo sido realizados importantes estudos

determinantes da competitividade de um país são setor-específico. Configurações industriais diferentes, dinamismos diversos de mercado, capacidade inovativa, produtiva e de absorção de choques exógenos diferenciadas requerem intervenções específicas de política industrial e tecnológica” (Miranda, 2001:121)¹³.

3.3. Conclusões

A administração da inflação e do desequilíbrio das contas externas (anos 80), e a preocupação com a estabilidade monetária (nos anos 90), dominaram as agendas do debate econômico e da política econômica brasileira nas duas últimas décadas. A definição da gestão macroeconômica de curto prazo como objetivo prioritário da formulação e implementação de políticas econômicas, foi retirando destas a capacidade de operarem como instrumento indutor de mudanças econômicas estruturais.

A orientação de política comercial não foi exceção a essa tendência de “esvaziamento” das políticas econômicas. Ora focadas na expansão meramente quantitativa das exportações (anos 80), e quase sempre limitadas a fazer uso de subsídios, tarifas e/ou do câmbio como instrumentos de “ajuste” do comércio, ora favorecendo as importações, em detrimento das primeiras (anos 90), as políticas comerciais do período, via de regra, passaram ao largo de qualquer perspectiva de mudança qualitativa do padrão de comércio.

Ao assumirem, ainda que de forma implícita, uma orientação pró-especialização induzida pelo mercado, tais políticas comerciais tiveram, em termos práticos, o significado de uma “opção” pela noção de *eficiência Ricardiana* – o que se tornou mais evidente após a abertura comercial do início dos anos 90, e se fez ressaltar a partir daí, à medida que foram

voltados para este tema, como por exemplo: IE/UNICAMP; IE/UFRJ, 1994; Ferraz, Kupfer e Haguenauer; 1996; Furtado (Coord.) (1994).

¹³ Ainda que óbvio, não é demais lembrar que o quesito competitividade foi sempre negligenciado pelas políticas industrial e de comércio exterior praticadas no Brasil. As décadas de 80 e 90 não fugiram a essa regra. Conforme já enfatizado, nos anos 80, a premência do equilíbrio das contas externas condicionou uma política comercial focada no objetivo de aumentar as exportações e restringir as importações, enquanto que nos anos 90, a prioridade absoluta à política de estabilização produziu, *na prática*, uma política comercial de perfil e resultados semelhantes, apenas que então favorecendo as importações em detrimento das exportações (Bonelli; Motta Veiga; Fernandes de Brito, 1997).

se tornando mais nítidos os contornos do padrão de especialização vigente, vale dizer, o seu caráter intensivo em recursos naturais e mão-de-obra.

Aceito este argumento, coloca-se a questão de quais as implicações de se ter optado por uma condução de política comercial orientada para a manutenção de um padrão de especialização baseado na noção de *eficiência Ricardiana*. Tal questão será analisada no próximo capítulo. Por ora, cabe lembrar que o padrão de comércio mundial experimentou, no decorrer dos anos 80 e 90, profundas mudanças de natureza Kaldoriana e Schumpeteriana, e que a implementação de políticas industrial, comercial e tecnológica, estrategicamente articuladas e vinculadas ao objetivo de redefinição do padrão de especialização, cumpriu, nesse processo, um papel de destaque, dando prova disto a evolução da especialização comercial dos países asiáticos. Conforme visto neste capítulo, tal não foi o caso da experiência brasileira, posto que, neste caso, as políticas econômicas se caracterizaram antes pela ausência daqueles que seriam os ingredientes básicos para a definição de um outro padrão de especialização comercial.

4. O COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO NOS ANOS 1980 E 1990: ESTRUTURA E EVOLUÇÃO DO PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO

O contexto no qual se deu a evolução do comércio mundial nas últimas duas décadas foi de profundas transformações técnico-produtivas e técnico-organizacionais, desencadeadas pela difusão do paradigma tecnológico da microeletrônica. Os produtos de base elétrico-eletrônica continuaram entre os mais dinâmicos no comércio mundial, mas a liderança desse comércio foi sendo progressivamente assumida pelos produtos baseados em tecnologias de informação de base microeletrônica.

O capítulo 2 mostrou que os países asiáticos souberam aproveitar com relativo êxito as “janelas” abertas pelas transformações produtivas verificadas no período. A opção por uma estratégia de especialização sintonizada com as diretrizes da reestruturação produtiva e das novas estratégias de concorrência, decorrentes à difusão do paradigma tecnológico da microeletrônica, possibilitou a esses países convergirem suas estruturas de comércio ao padrão prevalecente no âmbito mundial. O resultado foi um substancial incremento, qualitativo e quantitativo, da presença asiática no comércio mundial. Os países latino-americanos, por sua vez, com raras exceções, oscilaram entre a estagnação e o retrocesso de suas estruturas comerciais.

A análise do capítulo 3 apóia a hipótese de que a evolução do padrão de comércio brasileiro não terá sido exceção à tendência observada em termos latino-americanos. Ao fazer opção por uma política econômica – comercial e industrial – que não apenas favoreceu como ainda reforçou o padrão vigente de especialização (Ricardiano), o Brasil deixou de aproveitar as oportunidades de comércio Schumpeterianas que caracterizaram, de forma tão determinante, a evolução do comércio mundial nas últimas duas décadas.

A elaboração deste capítulo gira em torno aos objetivos de caracterizar a evolução do padrão de especialização comercial brasileiro e analisar se houve ou não convergência entre esta e a evolução do padrão de comércio mundial. Nesse sentido, buscar-se-á

responder as seguintes indagações: O perfil do comércio exterior brasileiro modificou-se de maneira significativa entre as décadas de 1980 e 1990? Em que medida o padrão de comércio do país acompanhou as mudanças verificadas no âmbito do padrão de comércio mundial? A inserção comercial brasileira melhorou ou piorou, ao final do período analisado? A partir da caracterização da especialização comercial brasileira, espera-se demonstrar, ao final desta tese, que o Brasil efetivamente desperdiçou a oportunidade de aumentar a eficiência Kaldoriana e Schumpeteriana do seu padrão de comércio.

4.1. Aspectos da Evolução do Comércio exterior no Período 1981-1998

Esta seção trata da caracterização da evolução do comércio exterior brasileiro, a partir da análise da taxa de crescimento das exportações e das importações, da composição relativa da pauta de comércio e da evolução do saldo comercial.

4.1.1. Crescimento e Composição Relativa dos Fluxos de Comércio

Observa-se que as importações brasileiras experimentaram forte impulso de crescimento entre os anos 1980 e 1990 (2,9% contra 12,8%), ao passo que as exportações apresentaram ligeira queda (6,1% contra 5,2%). O incremento das importações deveu-se, em boa medida, ao desempenho dos anos 1990-94 (crescimento médio de 12,1%), já que o período subsequente (1995-98) caracterizou-se por uma sensível redução daquela taxa (que ficou em 5,7%). As exportações também cresceram relativamente menos na segunda metade dos anos 1990 (4,2% entre 1995-98, contra 7,4% entre 1990-94), desempenho este, também bastante inferior ao verificado para a década de 1980 (crescimento médio de 9,4% entre 1981-84, e 6,1% entre 1985-89) (tabelas 4.1 e 4.2).

As cifras acima consideram as taxas de crescimento das importações e exportações brasileiras, em termos totais médios, tratando-se, portanto, de números obtidos em nível bastante agregado. Para efeito de podermos melhor qualificar as diversas trajetórias de

crescimento, pode-se considerar a classificação da corrente de comércio pela Tipologia II¹, que toma por base a natureza dos insumos e a intensidade fatorial da produção. Constatase que os anos 1990 significaram uma elevação generalizada do patamar de crescimento das importações, enquanto as exportações mostraram tendência à situação inversa, exceto no que se refere aos grupos *Produtos Primários (PP)* e *manufaturas de Média Intensidade Tecnológica (MIT)*, cujas taxas de crescimento elevaram-se, entre as décadas de 80 e 90, de 2,0% para 4,3%, e de 5,6% para 10,0%, em ambos os casos, respectivamente. Até mesmo as exportações de manufaturas de *Baixa Intensidade tecnológica (MBIT)* declinaram de forma acentuada (queda de crescimento de 16,0% para 0,5%). Por outro lado, constata-se que o salto de crescimento das importações na década de 1990 foi extensivo aos grupos *Manufaturas de Baixa, Média e Alta Intensidade Tecnológica (MBIT, MMIT e MAIT)*. As importações do grupo *MMIT* foram as que mais cresceram entre as duas décadas (-0,2% contra 14,6%), seguidas, muito de perto, pelas importações dos grupos *MBIT* (0,3% contra 13,1%) e *MAIT* (3,4% contra 14,0%).

Tabela 4.1. - Exportações Brasileiras - Taxas de Crescimento: (1981-1998)
Classificação Segundo a Tipologia II.

TIPOLOGIA II GRUPOS DE PRODUTOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)					
	1981-84	1985-89	1990-94	1995-98	1981-89	1990-98
PRODUTOS PRIMÁRIOS	9,92	-3,47	5,83	4,68	2,03	4,35
Manuf. Bas. Rec./Intens. Trab.	13,44	5,42	11,02	-2,26	6,38	4,76
Manuf. c/ Baixa Intens. Tecn.	18,57	23,31	4,25	-4,06	16,05	0,58
Manut. c/ Média Intens. Tecn.	-3,17	13,88	13,48	9,77	5,64	10,01
Manut. c/ Alta Intensid. Tecn	10,38	10,19	3,91	10,18	8,44	6,67
Taxa de Cresc. (Média Geral) ^a	9,47	6,20	7,55	4,00	6,22	5,28

Fonte dos dados: International Trade Statistics yearbook. Elaboração Própria

(a) Calculada para o total de produtos da Tipologia.

¹ Serão utilizadas duas tipologias de classificação do comércio (Tipologias I e II). Confira no apêndice metodológico, pp.144-149.

Tabela 4.2. - Importações Brasileiras - Taxas de Crescimento: (1981-1998)
Classificação Segundo a Tipologia II.

TIPOLOGIA II GRUPOS DE PRODUTOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)					
	1981-84	1985-89	1990-94	1995-98	1981-89	1990-98
PRODUTOS PRIMÁRIOS	-9,85	27,52	12,04	-11,47	5,17	5,94
Manuf. Bas. Rec./Intens. Trab.	-3,75	17,58	10,80	-2,41	7,57	12,86
Manuf. c/ Baixa Intens. Tecn.	-39,60	20,51	1,00	14,46	0,34	13,11
Manuf. c/ Média Intens. Tecn.	-22,62	7,07	12,82	11,18	-0,22	14,64
Manuf. c/ Alta Intensid. Tecn	-13,65	0,55	13,36	7,79	3,74	14,01
Taxa de Cresc. (Média Geral) ^a	-15,05	6,09	12,11	5,71	2,91	12,84

Fonte dos dados: International Trade Statistics yearbook. Elaboração Própria
(a) Calculada para o total de produtos da Tipologia.

A interpretação conjunta dessas cifras não deixa dúvidas: a despeito do relativo bom desempenho das exportações do grupo *MMIT*, as importações cresceram em muito maior ritmo e de forma generalizada. Nesse sentido, ressalta também a manutenção do baixo patamar, em termos absolutos, das taxas de crescimento das exportações de produtos menos elaborados (produtos primários e manufaturas baseadas em recursos intensivos em trabalho), em contraponto ao maior nível e maior incremento das taxas de crescimento das importações de produtos mais intensivos em tecnologia.

Quando comparamos distintas taxas de crescimento das exportações temos uma medida do potencial de crescimento de diferentes produtos (efeito composição da pauta) e do dinamismo relativo de diferentes mercados (efeito mercado de destino). Mas como avaliar se as exportações de um dado produto estão crescendo em ritmo satisfatório? Uma forma de fazê-lo seria comparar a taxa de crescimento das exportações do produto “X” pelo país “J” com a sua correspondente em termos mundiais; o que faremos mais adiante. Uma segunda alternativa é assumir que o ritmo de crescimento do produto “X” é satisfatório se suficiente para garantir-lhe a participação que tinha nas exportações totais do país “J”, no início de um dado período. A fim de operacionalizar esta idéia, denominaremos de “exportação potencial” o valor das exportações do produto “X” no período t (1989 e 1998),

compatível com a manutenção da taxa de participação relativa no período t_{-1} (1981 e 1990), e consideraremos que obtiveram “ganho” (“perda”) de dinamismo em crescimento, relativamente ao valor da “exportação potencial”, os produtos cuja participação relativa nas exportações do período t foi maior (menor) que a do período t_{-1} .

Os resultados deste exercício estão nas tabelas 01 e 02², onde se pode verificar que os produtos que obtiveram “ganho” de crescimento, entre 1981-89 e 1990-98, tiveram o seu número aumentado de 45 para 65, enquanto os produtos que obtiveram “perda” de crescimento, reduziram-se de 57 para 40. De outra parte, houve bem pouca mudança no que tange à participação relativa de ambos os grupos de produtos nas exportações médias de cada período. Os produtos em posição de “ganho” representaram 46,7% e 49,1% das exportações médias de 1981-89 e 1990-98, respectivamente. Para os produtos em posição de “perda” essas cifras foram de 51,9% e 49,3%, respectivamente (gráfico 4.1). Por outro lado, observa-se tendência à inversão das posições de elevados “ganhos” e “perdas” para posições de “perdas” e “ganhos” médios. Tais movimentos se coadunam com o resultado anteriormente obtido em termos do crescimento proporcionalmente maior das exportações de média intensidade tecnológica, e sugerem ainda, em suma, a ocorrência de uma queda na velocidade de crescimento das exportações de maior peso relativo na pauta e um aumento na velocidade de crescimento das exportações de menor participação relativa.

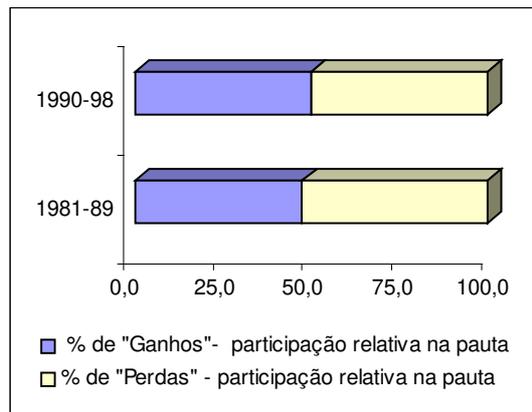
Como reflexo desse movimento, observa-se uma queda da participação relativa das exportações do grupo *produtos primários* vis-à-vis o aumento da participação relativa das exportações do grupo *MMIT*. A participação relativa do grupo de produtos primários foi reduzida de 44,2%, em 1981-84, para 31,4%, em 1995-98, ao passo que a participação relativa do grupo *MMIT* elevou-se, no mesmo período, de 14,5% para 21,8%. Alguns itens de maior peso relativo na pauta de exportação estiveram entre os que experimentaram maior queda de participação (014, 058, 071, 423, 651, 673, 674), embora um número menor desses tenha obtido aumento de participação (222, 611, 641 684). Por outro lado, internamente ao grupo *MMIT*, como regra, observam-se aumentos moderados de

² Todas as tabelas mencionadas neste capítulo, salvo se especificado de outra maneira, encontram-se no anexo estatístico, apresentado no final da tese. A numeração das tabelas está conforme indicada neste capítulo.

participação relativa, ocorrendo de forma extensiva a um grande número de produtos (tabelas 03 e 04). Já a composição relativa da pauta de importações mostrou-se relativamente mais estável. A mudança mais expressiva foi a do aumento da participação relativa do grupo *MAIT* (que se eleva de 43,8%, em 1981-84, para 44,8%, em 1995-98) (gráficos 4.2 e 4.3). Considerando que as importações cresceram de forma mais ou menos generalizada no período, a característica de estabilidade seria mesmo a evolução esperada em termos de composição relativa da pauta.

Gráfico 4.1

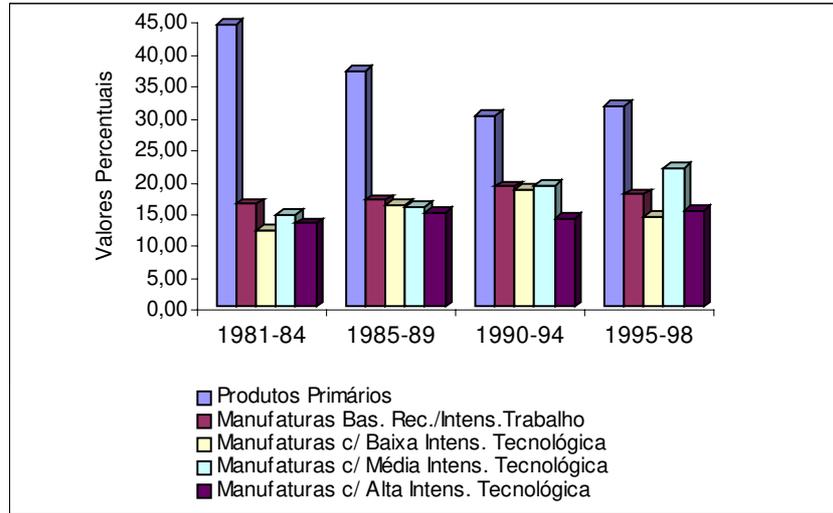
Exportações Brasileiras: “Ganhos” ou “Perdas” como % da “Exportação Potencial” e Participação Relativa na Pauta - 1981-89 / 1990-98



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.2

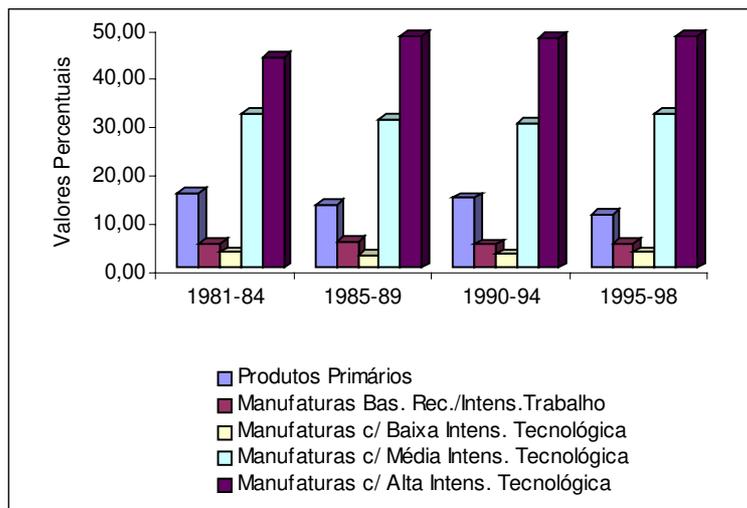
Composição Relativa das Exportações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo a Tipologia II



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.3

Composição Relativa das Importações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo a Tipologia II



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

4.1.2. Composição e Evolução do Saldo Comercial

A relativa estabilidade da estrutura de participação relativa das importações e exportações brasileiras contrasta com o caráter fortemente oscilante da evolução do saldo comercial cuja tendência geral foi um explosivo aumento do déficit acumulado entre os períodos 1981-89 e 1990-98. A análise da composição do saldo comercial, nos termos da Tipologia II, permite constatar que este resultado deveu-se integralmente aos déficits acumulados pelos grupos *MMIT* e *MAITT*, já que os grupos *PP*, *MRIT* (*manufaturas baseadas em recursos ou intensivas em trabalho*) e *MBIT* acumularam superávits ao longo de todo o período. O saldo médio negativo acumulado pelo grupo *MMIT* elevou-se de US\$ 972,04 milhões para US\$ 3300,18 milhões, e o acumulado pelo grupo *MAITT*, de US\$ 1572,19 milhões para US\$ 7094,42 milhões, entre 1981-89 e 1990-98, respectivamente (gráfico 4.4). Considerando o saldo médio total da tipologia II, tem-se que, de uma situação inicial de saldo médio próximo a zero, chega-se ao final dos anos 1990 com um déficit comercial médio de quase US\$ 8 bilhões de dólares, sendo que a parcela maior deste resultado foi gerada no triênio 1995-98, ou seja, sob o estímulo da valorização do câmbio promovida pelo plano Real.

Um outro aspecto relevante na análise do saldo comercial é o da estrutura de participação relativa do saldo, segundo a natureza positiva ou negativa do mesmo. Trata-se de identificar os grupos de produtos de maior importância na geração do superávit e déficit médios acumulados no período. Para efeito desta análise utilizaremos, além da Tipologia II, que propicia maior cobertura aos produtos manufaturados, também a Tipologia I, pela maior abrangência no que tange aos produtos semimanufaturados.

Pela Tipologia I verificamos que a composição relativa do saldo médio positivo modificou-se muito pouco no período, ao contrário do que ocorrera em termos da composição do saldo médio negativo. A participação relativa dos semimanufaturados no saldo médio positivo somou 34,0% e 38,0%, para 1981-89 e 1990-98, respectivamente. Por

consequente, a participação relativa dos manufaturados nesse saldo foi 66,0% e 62,0%. A participação relativa dos semimanufaturados no saldo médio negativo decresceu de 48,0% para 35,0%, enquanto a dos manufaturados elevou-se de 52,0% para 65,0%; devendo-se ao grupo *AIT* boa parte deste aumento – a participação relativa deste grupo no saldo médio negativo aumenta de 27,0% para 35,0% (gráficos 4.5 e 4.6). Entre os produtos que mais contribuíram para o saldo negativo estão os pertencentes aos capítulos, 51, 72, 76, 77 e 87 (tabela 05). Como resultado, o montante do saldo médio positivo acumulado entre 1981-89 (US\$ 2688,05 milhões) e 1990-98 (US\$ 2944,65 milhões) pouco se alterou, enquanto o valor do saldo médio negativo mais que triplicou (somando US\$ 9768,77 entre 1990-98) (tabela 06).

Fazendo a mesma análise com base nas informações da Tipologia II, obtemos, em termos de contribuição positiva ao saldo, que os grupos *PP* e *MRIT* tiveram sua participação aumentada de 40,5% para 57,0%, ao passo que os grupos *MMIT* e *MAIT* viram sua participação decrescer de 33,0% para 17,1%, entre 1981-89 e 1990-98, respectivamente. (gráficos 4.7 e 4.8). No que tange à estrutura de contribuição negativa ao saldo, tal como já detectado pela Tipologia I, verifica-se o aumento da participação do grupo *MAIT* na geração de saldo negativo (alta de 51,8% para 57,4%). Cabe ressaltar que o grupo *MMIT* reduziu de 35,3% para 28,7%, sua participação relativa na geração desse saldo. Observa-se, assim, que a estrutura de saldo positivo tornou-se mais intensiva em produtos de baixo grau de processamento industrial, ao passo que a estrutura de saldo negativo permanecera assentada em produtos relativamente mais intensivos em tecnologia.

Voltando à Tipologia I (tabela 06), verifica-se que cinco produtos se destacaram em termos de contribuição ao saldo médio positivo: laminado/chapeado/ferro/aço, granulado /etc de ferro, motor de combustão interna e suas partes, azeites vegetais e couro, os quais responderam por 75,0% e 80,0% do valor acumulado desse saldo, entre 1981-89 e 1990-98, respectivamente. Tomando essa informação da Tipologia II (tabela 07), excluiríamos da lista o item couro e incluiríamos o item sementes/frutas oleaginosas, totalizando 59,2% e 68,8% do saldo médio positivo acumulado entre 1981-89 e 1990-98, respectivamente. Em termos de participação no saldo médio negativo, considerada a Tipologia I, os cinco

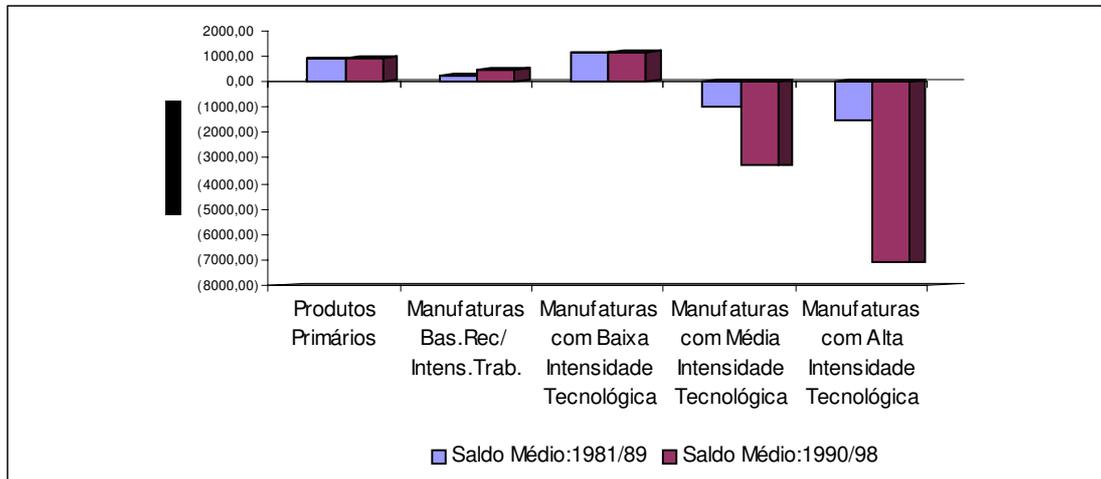
principais produtos foram: equipamentos/partes/acessórios para telecomunicações, fertilizantes, compostos químico-orgânicos, produtos medicinais/farmacêuticos e instrumentos de medida e controle, cuja participação relativa conjunta naquele saldo somou em torno de 35%, em ambos os períodos. Utilizando a Tipologia II, substituiremos os itens instrumentos de medida e controle e compostos químico-orgânicos, por componentes microeletrônicos, etc/ e suas partes e compostos orgânico-minerais.

Em suma, conclui-se que o padrão de comércio brasileiro se caracteriza por um elevado grau de concentração e rigidez da pauta. A concentração da pauta é mais pronunciada com respeito às exportações. A rigidez da pauta se evidencia no fato de que basicamente os mesmos principais produtos que tiveram participação de destaque na geração do saldo comercial médio, positivo e negativo, acumulados no período 1981-89, o fizeram também no período seguinte. O relativo maior grau de sofisticação da pauta de importações e a elevada concentração das exportações em um número reduzido de produtos com relativamente baixa capacidade de agregação de valor são indicativos da baixa qualidade do padrão de especialização e, por conseguinte, do elevado grau de vulnerabilidade da estrutura de saldo comercial do país³.

³ Conforme evidenciado também por Xavier (2002), ao concluir, com referência ao Brasil, sobre o condicionamento negativo exercido pelo padrão de especialização sobre os saldos comerciais gerados pelo país.

Gráfico 4.4

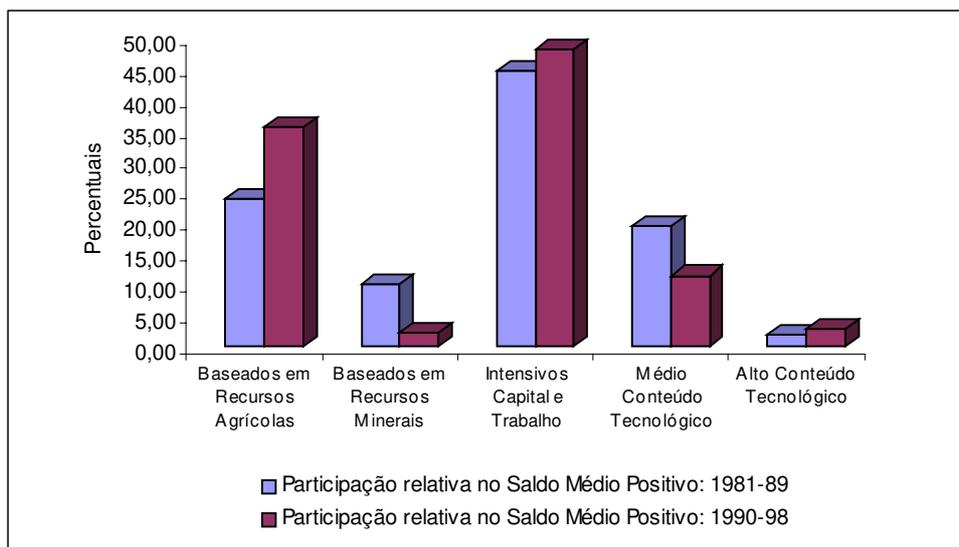
Brasil – Composição do Saldo Comercial Médio: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo a Tipologia II



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.5

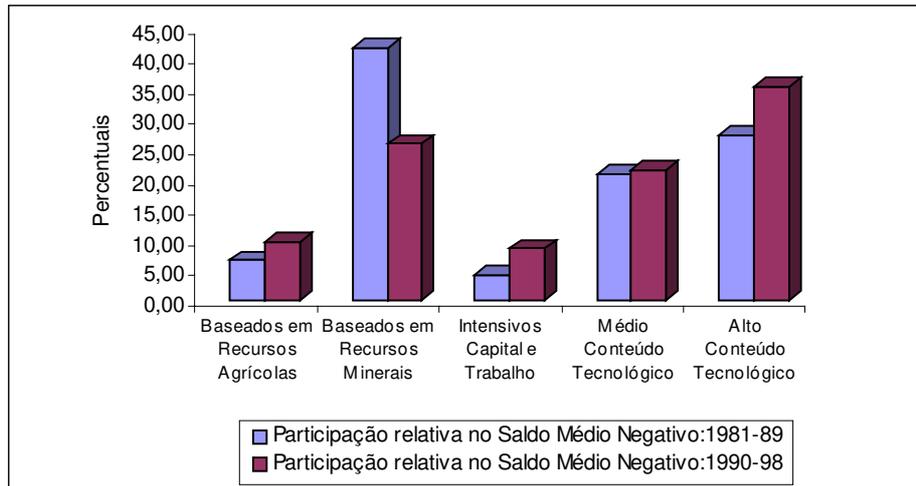
Brasil - Estrutura de Contribuição ao Saldo Comercial Positivo: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo a Tipologia I



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.6

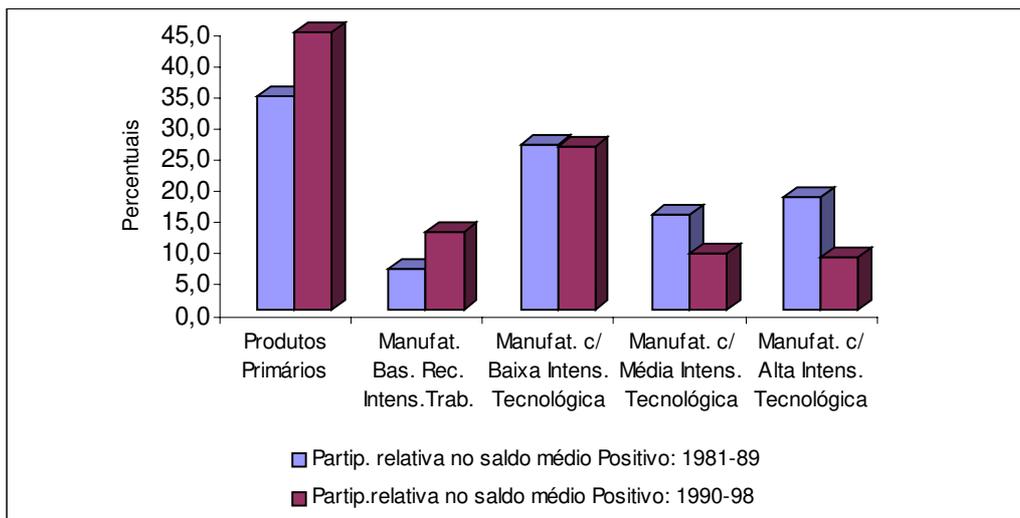
Brasil - Estrutura de Contribuição ao Saldo Comercial Negativo: 1981-89 / 1990-98 –
classificação segundo a Tipologia I



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

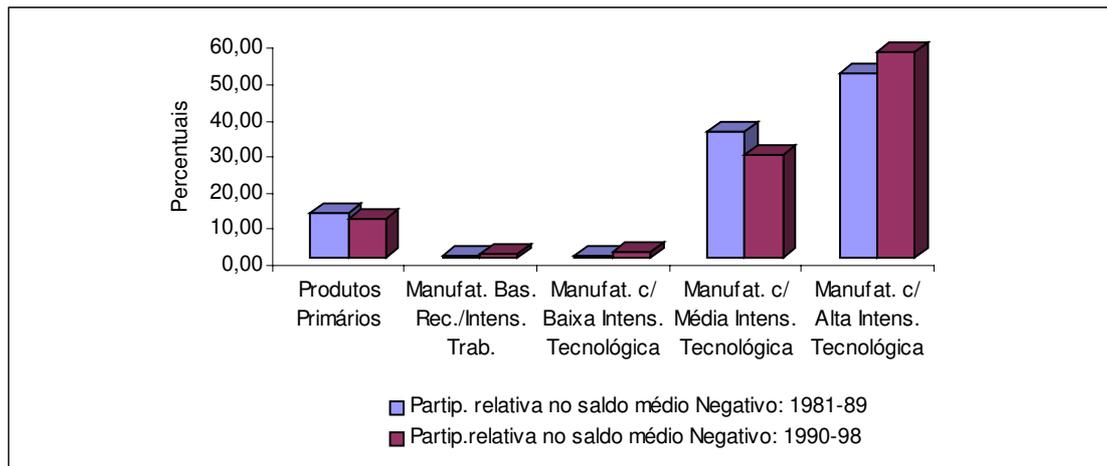
Gráfico 4.7

Brasil - Estrutura de Contribuição ao Saldo Comercial Positivo: 1981-89 / 1990-98 –
classificação segundo a Tipologia II



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.8
 Brasil - Estrutura de Contribuição ao Saldo Comercial Negativo: 1981-89 / 1990-98 –
 classificação segundo a Tipologia II



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

4.2. O Padrão de Comércio Brasileiro Segundo Alguns Indicadores de Especialização

A seção anterior analisou a evolução da taxa de crescimento, da composição relativa dos fluxos de comércio e do saldo comercial brasileiro. Pretende-se agora demonstrar que são a estrutura do comércio e o padrão de especialização que determinam as possibilidades de crescimento e de mudança da composição do fluxo de comércio e a capacidade de geração de saldos comerciais pelo país.

Sob a perspectiva de caracterizar mudanças no padrão de comércio por meio da utilização de indicadores de especialização, os estudos aplicados comumente se baseiam na adoção de versões melhoradas, ora do índice de vantagem comparativa revelada, cuja inspiração original vem do artigo seminal de Bela Balassa (1965), ora do indicador de contribuição ao saldo corrente, originalmente formulado pelo CEPII (1983). De fato, os

indicadores de especialização comercial mostram-se, em geral, bastante flexíveis a adaptações ou sofisticações de toda ordem, de modo que o critério de escolha deve pautar-se no objetivo desejado com sua aplicação. Os indicadores selecionados e as formulações adotadas nesta seção se orientam pelo objetivo de tentar captar a ocorrência de mudanças estruturais no padrão de comércio do país.

Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER)

O Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER)⁴, que a seguir se apresenta, pertence à classe de indicadores de especialização no comércio que tomam por base a noção de vantagem comparativa revelada (VCR), nos termos em que foi apresentada por Balassa (1965). Em sintonia com a interpretação deste autor, pensamos o IDER em termos de uma medida do desempenho exportador de um produto qualquer da pauta brasileira relativamente ao seu desempenho na pauta mundial.

A aplicação do IDER às exportações brasileiras evidenciou a baixa qualidade estrutural do padrão de especialização do país, e a sua manutenção no período estudado (tabelas 08 e 09). Neste sentido, pode-se constatar que os produtos cujos IDERs foram positivos, responderam por nada menos que 71,0% das exportações brasileiras, na década de 1980, e por 74,0%, na década de 1990 (gráficos 4.9-A e 4.9-B). Por conseguinte, os IDERs negativos representaram 29,0% e 26,0% das exportações brasileiras, na primeira e segunda décadas, respectivamente. IDERs positivos foram obtidos basicamente para produtos dos gêneros agro-industriais e minerais brutos ou processados, além de alguns poucos manufaturados (calçados, têxteis e química). Nos anos 1990, alguns poucos produtos do setor metal-mecânico passaram a também apresentar IDERs positivos. De outra parte, os IDERs negativos caracterizaram-se por uma estrutura de valores absolutos

⁴ O índice de desempenho exportador relativo (IDER) é definido como segue:

$$IDER_{ij} = \frac{X_{ij} / \sum X_{ij}}{\sum X_{ij} / \sum \sum X_{ij}}$$

um pouco menos concentrada e por abrangerem um espectro bem mais amplo de produtos, cujos valores, porém, pouco se alteraram entre as duas décadas.

Em resumo, observa-se que as estruturas de IDERs positivos e negativos pouco se modificaram, entre as décadas de 1980 e 1990. Isto se verifica não obstante algumas mudanças pontuais envolvendo produtos market-dynamic (telecomunicações, eletro-eletrônicos e microeletrônicos), cujos IDERs assumiram valores negativos nos anos 1990; de indústrias “maduras” (metal-mecânica e máquinas e aparelhos para a indústria em geral), que passaram à condição de IDERs positivos na década de 90; de indústrias “tradicionais”, com alguns produtos apresentando piora no desempenho de IDER (têxteis e vestuário e alimentos de primeiro processamento) e outros apresentando melhora (bebidas, minerais e alimentos mais elaborados).

Consideremos agora a evolução dos IDERs, com as exportações sendo classificadas segundo o conteúdo fatorial e o grau de elaboração industrial dos insumos (Tipologias I e II). Pela Tipologia I constata-se que IDER atingiu seu maior valor negativo para o grupo *manufaturados de alto conteúdo tecnológico* (-0,52 e -0,48, para 1981-89 e 1990-98, respectivamente). De outra parte, os grupos *semimanufaturados baseados em recursos agrícolas* e os *manufaturados intensivos em capital* responderam pelos maiores índices positivos de IDER. Estes foram também os grupos cujos IDERs apresentaram maior oscilação entre as décadas de 80 e 90: no caso do primeiro, queda de 0,47 para 0,39, no caso do segundo, alta de 0,29 para 0,44 (gráfico 4.10). Elevados IDERs positivos foram obtidos em alguns poucos casos: commodities e produtos agro-industriais em geral, alguns semimanufaturados baseados em recursos minerais (511, 512 e 687), manufaturados Intensivos em Trabalho (612, 658, 696 e 851) e manufaturados Intensivos em Capital (671 a 674) (tabela 10). No geral, porém, a tendência foi de as posições consolidadas de IDERs, positivos e negativos, se manterem mais ou menos estáveis.

Onde o numerador expressa a participação relativa do produto i nas exportações totais do país j (Brasil), e o denominador representa a participação relativa do produto i nas exportações totais mundiais. Fazendo $(IDER_{ij} - 1) / (IDER_{ij} + 1)$, temos o *IDER* simetrizado. Para maiores detalhes, ver apêndice metodológico.

A análise pela Tipologia II mostra resultados que basicamente convergem para os obtidos com a Tipologia I, com a vantagem, porém, de permitir uma melhor especificação da situação de IDER dos manufaturados em geral. Neste sentido, um primeiro aspecto a ser enfatizado é o sentido de rigidez que se observa com relação aos pontos extremos da estrutura de IDER, isto é, considerando, de um lado, os grupo PP, que respondeu pelo melhor desempenho do indicador (0,46 e 0,45), e de outro, o grupo *MAIT*, onde o IDER teve o seu pior desempenho (-0,37 e -0,41). Por outro lado, evidencia-se uma sensível melhora do IDER no que tange aos grupos *MBIT* (alta de 0,26 para 0,40) e *MMIT* (queda de -0,33 para -0,19) (gráfico 4.11). A consideração dos grupos *MBIT* e *MMIT*, em nível desagregado, mostra que, em ambos os casos, o melhor desempenho do indicador deveu-se basicamente a uma redução de seus valores negativos com respeito a diversos grupos de produtos de maior dinamismo no comércio mundial (capítulos 62, 69 e 71, e grupos 745, 749 e 784) (tabela 11). Todavia, em que pese a boa performance dos grupos *MBIT* e *MMIT*, particularmente deste segundo, o quadro geral é de uma estrutura de IDERs de baixa qualidade e bastante rígida.

Gráficos 4.9-A e 4.9-B

Brasil – Índice de Desempenho Exportador Relativo - participação relativa na pauta:
1981-89 / 1990-98

Gráfico 4.9-A

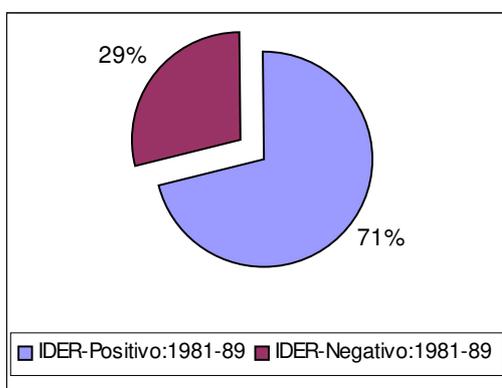
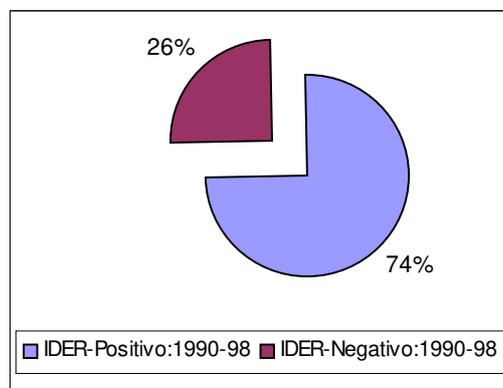


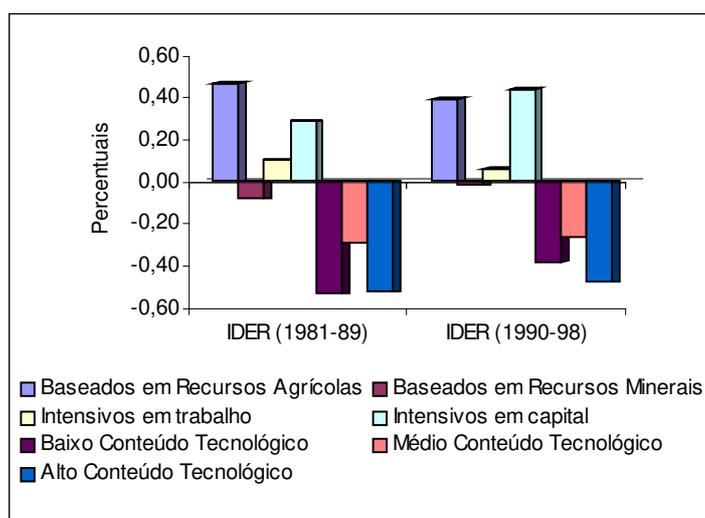
Gráfico 4.9-B



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.10

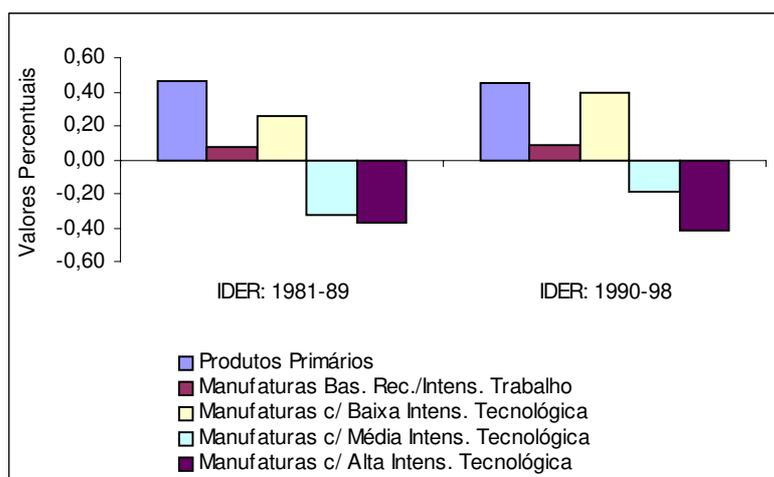
Brasil – Índice de Desempenho Exportador Relativo: 1981-89 / 1990-98 - classificação segundo a Tipologia I



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.11

Brasil – Índice de Desempenho Exportador Relativo: 1981-89 / 1990-98 - classificação segundo a Tipologia II



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Consideremos agora o ranking de IDERs das exportações brasileiras vis-à-vis as taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais. A idéia é avaliar se o Brasil obteve melhor desempenho exportador relativo no que tange a produtos de maior ou menor dinamismo em crescimento no comércio mundial. Verifica-se que os produtos para os quais o Brasil obteve IDERs positivos, tiveram queda de crescimento em termos mundiais; de 5,1% para 3,8%, entre 1981-89 e 1998-98. As exportações brasileiras também declinaram; queda de 6,2% para 3,8%, no mesmo período. As exportações brasileiras de produtos com IDERs negativos tiveram crescimento de 5,9%, entre 1981-89, e 9,3%, entre 1990-98. Em termos mundiais, a taxa de crescimento desses produtos declinou de 7,3% para 6,4%, no mesmo período (tabelas 08 e 09).

Dado que os IDERs negativos referem-se majoritariamente a produtos de maior conteúdo tecnológico ou dinamismo em crescimento no comércio mundial, o fato de as exportações brasileiras terem crescido, no que tange a esses produtos, bem à frente das exportações mundiais, sinaliza uma mudança positiva no perfil da especialização. Por outro lado, a distinção entre IDERs positivos e IDERs negativos permite constatar que a estrutura de participação relativa na pauta de exportação permaneceu estável, na comparação entre as duas décadas, o que indica ser ainda pouco expressiva a participação, na pauta brasileira, de produtos mais elaborados ou mais dinâmicos no comércio mundial; os produtos com

IDERs negativos representaram 26,0% das exportações brasileiras, na média do período 1990-98.

Sob a perspectiva de melhor embasar a discussão deste último ponto, incorporamos ao IDER, como fator de ponderação, a participação relativa do produto “X” nas exportações totais do país (Brasil), e denominamos o resultado deste procedimento de IDER ponderado⁵. A idéia subjacente a este último indicador é bastante simples: havendo diferença entre os valores calculados para o IDER simples e o IDER ponderado, esta decorrerá da variação na participação relativa do referido produto nas exportações do país. Neste sentido, a comparação entre ambos os indicadores serve para informar para onde se moveu a estrutura de vantagens/desvantagens comparativas reveladas pelo comércio, se na direção de produtos de maior ou menor peso relativo na pauta. Aplicamos esses indicadores às exportações brasileiras, também classificadas segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa no Comércio Mundial⁶ (o que traduz a estrutura de “market-share” mundial), visando identificar, com referência à estrutura de IDERs, se os produtos que tiveram aumento ou queda de participação relativa nas exportações brasileiras foram os de maior ou menor dinamismo de market-share no comércio mundial.

A aplicação do IDER simples às exportações do grupo *BDCPR* indicou uma significativa melhora no desempenho deste indicador (queda de -0,34 para -0,22, entre 1981-89 e 1990-98), verificando-se o oposto com a aplicação do IDER ponderado (alta de -0,42 para -0,52). Já no que tange às exportações do grupo *ADCPR*, o resultado obtido com

⁵ O procedimento consiste em multiplicar o *IDER* pelo fator de ponderação das exportações totais do país [$fp^{(n)}$], expresso por:

$$fp^{(n)} = \frac{W_i(b) \times W_j(n)}{W_j(b) \times W_i(n)}$$

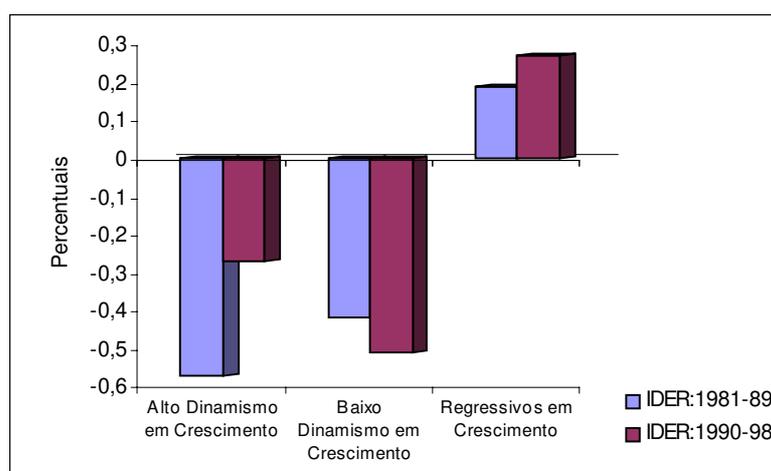
Onde W são as exportações do produto (i) e país (j); (b), o primeiro ano da série, definido como ano-base, e (n), os demais anos. Ver apêndice metodológico.

⁶Esta classificação considerou a estrutura de participação relativa das exportações mundiais no período 1981-1998, sendo os produtos ordenados num ranking simples, por ordem decrescente de taxas médias de crescimento de participação relativa, e agrupados em quatro categorias: i) *Alto Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial (ADCPR)*; ii) *Médio Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial (MDCPR)*; iii) *Baixo Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial (BDCPR)*; iv)

a aplicação do IDER ponderado (queda de -0,56 para -0,27) foi bastante superior ao obtido com a aplicação do IDER simples (queda de -0,40 para -0,35) (gráfico 4.12 e tabela 12). Os resultados apurados para *BDCPR* apontam um aumento da participação relativa desse grupo nas exportações brasileiras, enquanto os resultados obtidos para *ADCPR* indicam uma queda de participação relativa. A evolução da estrutura de desempenho exportador relativo teve, portanto, o sentido de reforçar uma das principais características do padrão de especialização brasileiro: a concentração dos IDERs positivos em um número reduzido de produtos de baixo dinamismo no comércio mundial e de elevada participação relativa na pauta de exportação do país.

Gráfico 4.12

Brasil – Índice de Desempenho Exportador Relativo: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)

Regressivos em Crescimento de Participação Relativa no comércio mundial (RCPR) - produtos que apresentaram taxa negativa de variação de participação relativa no período considerado).

Complementaremos a análise acima utilizando um indicador de especialização comercial que considera em sua formulação também as importações. Trata-se do índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)⁷, que consiste num índice de desempenho relativo em saldo comercial, originalmente desenvolvido pelo CEP II (1983)⁸. A formulação adotada para o indicador incorpora as correções posteriormente sugeridas pelo CEP II, com destaque para a que consiste em normalizar os saldos comerciais pelo PIB⁹. O fato de o ICSC ser definido como a razão entre o saldo comercial e a corrente total de comércio confere a este indicador a vantagem de permitir captar, por exemplo, se um melhor desempenho exportador relativo não teve como contrapartida um aprofundamento da condição importadora do país.

Começando por analisar a estrutura de ICSC segundo o sinal obtido para o valor do indicador, verifica-se que o ranking de ICSC negativos abrange um número bem maior de grupos de produtos que o do ranking de ICSC positivos. Isto significa que o padrão de comércio brasileiro mostrou-se mais propenso a geração de déficit do que de superávits comerciais relativos (saldo do produto em relação ao saldo total). No ranking de ICSC negativos foram contabilizados 55 e 60 produtos, no de ICSC positivos, 37 e 32 produtos,

⁷ O indicador ICSC será definido como segue:

$$ICSC = \frac{1000}{y_j} \times \left[(X_{jk} - M_{jk}) \times (X_{jn} + M_{jn}) \right] - \left[\frac{(X_{jk} + M_{jk}) \times (X_{jn} - M_{jn})}{(X_{jn} + M_{jn})} \right]$$

$$ICSC = \frac{1000}{y_j} \times 2 \left[\frac{(X_{jk} M_{jn}) - (X_{jn} M_{jk})}{(X_{jn} + M_{jn})} \right] \times \left[\left(\frac{Z_{k(\alpha)}}{Z_{j(\alpha)}} \right) \right] \div \left[\left(\frac{Z_{j(\Omega)}}{Z_{k(\Omega)}} \right) \right]$$

Onde X_{jk} , M_{jk} e Z_{jk} são, respectivamente, as exportações, importações e o comércio total pelo país j do produto k , e Z_j é o comércio total do país, o primeiro termo da equação, da esquerda para a direita $[1000/y_j]$, expressa a normalização do saldo comercial pelo PIB; o segundo termo expressa a razão entre os saldos relativo e total; o terceiro termo é um fator de ponderação que exprime o peso relativo do produto k no comércio total do país (Z_k/Z_j) , de modo que, dado um ano de referência (α) , os fluxos de X e M dos demais anos da série (Ω) , serão por ele multiplicados. Calculamos o ICSC para dois intervalos de tempo: 1984-1986 e 1995-1997, definindo como ano-base $Z_j(\alpha)$, o ano intermediário de cada período, portanto, 1985 e 1996.

⁸ Ver Lafay (1990).

⁹ Ocorre que na ausência dessa correção "... o simples aumento do comércio intra-industrial (aumentando, portanto, o denominador), sem que haja alteração do saldo, reduziria o coeficiente sem que, no entanto, houvesse diminuição da vantagem comparativa. Por outro lado, X e M poderiam variar, alterando a vantagem (ou desvantagem), apesar de o coeficiente permanecer constante" (Nonnenberg, 1991:10).

para os períodos de 1984-86 e 1995-97, respectivamente¹⁰. Em que pese mudanças pontuais a nível intra-ranking, a lista de produtos compondo um e outro ranking manteve-se basicamente inalterada entre os dois períodos, atestando o caráter de rigidez da estrutura de contribuição relativa ao saldo comercial (tabelas 13 e 14).

A estrutura de contribuição positiva ao saldo comercial (ICSC positivos) apresenta-se bastante diluída, de modo que elevados ICSC foram obtidos por alguns poucos produtos; o período 1995-97 apresenta uma relativa melhora no tocante a este aspecto. Nota-se também uma presença relativamente maior de produtos manufaturados que a verificada em termos do ranking de IDERs positivos¹¹. A estrutura de contribuição negativa ao saldo comercial (ICSC negativos) caracterizou-se igualmente por elevados índices de contribuição ao saldo, obtidos para um número reduzido de produtos, e por uma elevada dispersão intra-ranking. A principal característica do ranking de contribuição negativa ao saldo comercial está na presença maciça de produtos manufaturados, observando-se um aprofundamento da contribuição negativa ao saldo por parte de alguns principais produtos classificados nessa categoria (com destaque para os grupos 764, 776, 728, 541)¹².

Este último ponto pode ser mais bem analisado com a ajuda da Tipologia II. Observa-se que a estrutura de contribuição ao saldo caracterizou-se por posições bem

¹⁰ Cabe frisar que os ICSC foram calculados com referência a uma amostra de produtos bem menor (93 produtos) da que foi utilizada no cálculo dos IDERs (149 produtos), conforme explicado no apêndice metodológico. A isto se deve a ausência, aqui, de vários produtos de grande expressão na pauta exportadora do país, como é o caso de café e similares, calçados, vestuário e bebidas não alcoólicas.

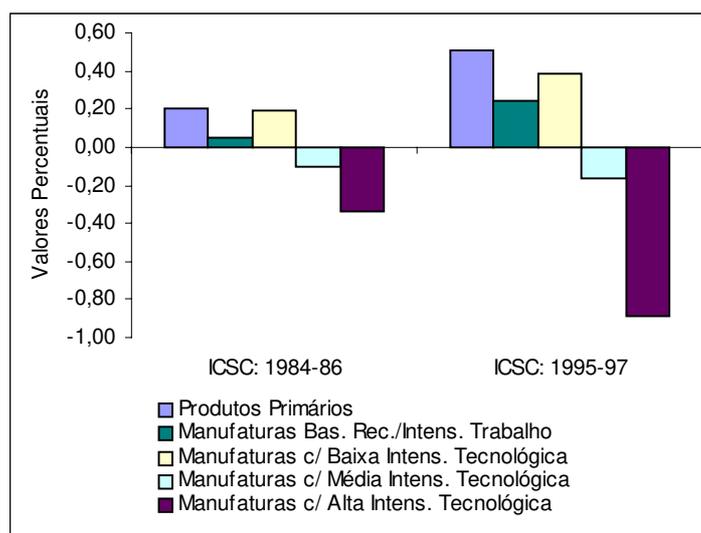
¹¹ Tal se deve, em parte, à própria estrutura do índice de contribuição ao saldo comercial. O fato é que pode ocorrer de um produto ter um fraco desempenho exportador relativo, nos termos do IDER, que relaciona o desempenho exportador do produto às exportações mundiais do mesmo, e um bom desempenho em saldo comercial relativo, nos termos do ICSC, que relaciona o desempenho de saldo comercial do produto à sua contribuição relativa ao saldo comercial total, daí a possibilidade que um mesmo produto apresente IDER negativo e ICSC positivo. Além disso, é também captado pelo ICSC o contraste entre a grande presença de produtos industrializados na estrutura produtiva brasileira e a diminuta participação relativa desses produtos nas exportações do país; aquela primeira, significativa ao ponto de garantir ICSC positivos, e esta última, insuficiente para permitir IDER positivos.

¹² Pode soar um pouco estranho, à primeira vista, o fato de que uma elevação mais acentuada dos índices de contribuição negativa tenha sido um fenômeno observável para um número relativamente reduzido de produtos, mesmo nos anos 1990, quando as importações receberam forte estímulo da apreciação cambial. Nesta perspectiva, cabe recordar que uma das “qualidades” esperadas da formulação aqui adotada para o ICSC é a sua “imunidade” à influência de oscilações conjunturais ou setoriais que afetem o fluxo de comércio e o saldo relativo (ver nota de rodapé n.9). E mesmo na hipótese de que tal “imunidade” não se verifique de forma plena, há que se considerar que o aumento das importações na década de 90 teve um caráter mais ou menos generalizado.

definidas no que se refere aos produtos que contribuíram positivamente (*PP*, *MRIT* e *MBIT*) e aos que contribuíram negativamente ao saldo (*MMIT* e *MAIT*), donde se observa que produtos intensivos em recursos naturais responderam pela primeira condição, e produtos de maior valor agregado ou conteúdo tecnológico, pela segunda. Ressalta-se também que elevados índices de contribuição positiva e negativa ao saldo foram alcançados por alguns poucos produtos (tabela 15). O grupo *PP* foi o que apresentou maior incremento de contribuição positiva ao saldo (alta de 0,20 para 0,51), seguido dos grupos *MBIT* (alta de 0,19 para 0,39) e *MRIT* (alta de 0,05 para 0,24), cujos desempenhos foram também expressivos. No outro extremo, o grupo *MAIT* respondeu pelo maior incremento de contribuição negativa ao saldo (queda de -0,33 para -0,88). Cabe destacar que a evolução do saldo comercial do grupo *MMIT* (-0,10 e -0,16) foi bem menos negativa que a do grupo *MAIT*, o que reforça evidências anteriores indicando um maior dinamismo das exportações desse primeiro grupo (gráfico 4.13).

Gráfico 4.13

Brasil – Índice de Contribuição ao Saldo Comercial: 1941-86/1995-97 – classificação segundo a Tipologia II



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Os resultados acima demonstram que as posições de contribuição positiva e negativa ao saldo foram não apenas mantidas como aprofundadas entre os períodos 1984-86 e 1995-97, o que implica dizer que o padrão inicial de contribuição ao saldo comercial se viu reforçado ao longo do período. Por conseguinte, a possibilidade de superávit comercial permaneceu fortemente dependente do desempenho das exportações em produtos de baixo valor agregado e menor dinamismo no comércio mundial - inclusive com o aprofundamento dessa tendência -, ao passo que a posição crescentemente deficitária de grande parte dos produtos de maior valor agregado foi aumentando a pressão negativa sobre a balança comercial.

Finalizando sobre os indicadores de especialização, é interessante ressaltar que chegamos essencialmente aos mesmos resultados, quer pela consideração apenas das exportações (IDER), quer pela inclusão também das importações (ICSC). A análise desses resultados nos leva a concluir que o padrão de especialização - a estrutura/hierarquia de vantagens e desvantagens comparativas no comércio - prevalecente nos anos 1980, não fora essencialmente alterado no curso dos anos 1990.

Neste ponto, resolvemos aplicar aos indicadores de especialização IDER e ICSC o teste de diferença de média (teste T), a fim de avaliar se as variações nos valores apurados para esses indicadores podem ser consideradas estatisticamente significativas. A ocorrência de diferença significativa de média pode ser interpretada como indicando mudança estrutural no padrão de especialização comercial do país; os índices de especialização teriam se modificado de maneira significativa entre os períodos 1981-89 e 1990-98.

Os resultados da aplicação desse teste indicam, no conjunto, uma situação basicamente indefinida. Para aproximadamente metade do número de produtos cujos índices de especialização foram testados, a diferença de média foi significativa, enquanto para a outra metade, constatou-se o oposto. O primeiro grupo de produtos respondeu por aproximadamente metade da pauta de exportação, e o segundo, pela outra metade. Assim, em relação ao IDER, o teste mostrou que a diferença de média entre os dois períodos foi

significativa para 78 produtos, e não significativa para 61 produtos (tabela 16). O primeiro grupo representou 46,0% das exportações totais médias de 1981-89, e 48,5% das exportações médias de 1990-98. No que tange ao ICSC, constatou-se diferença significativa de média para 51 de produtos, e não significativa para 43 de produtos. A participação relativa dos primeiros nas exportações totais médias do período 1981-89 foi de 55,6%, elevando-se para 63,4%, entre 1990-98 (tabela 17).

Interpretamos estes resultados como indicativos de que o padrão de especialização comercial brasileiro, quando avaliado nos termos do IDER e do ICSC, apresentou alguma modificação, mas as características básicas daquele padrão foram mantidas, quer se considere a composição ou o ranking de vantagens/desvantagens comparativas, quer os índices de especialização dos produtos individualmente considerados. Tais resultados aproximadamente convergem para os obtidos por Fonseca, Carvalho e Pourchet (1998), os quais, com o objetivo de detectar mudanças na estrutura de orientação externa da economia brasileira nos anos 90, estimaram os coeficientes de correlação simples entre as estruturas anuais dos coeficientes de importação, de exportação, de insumos importados e de orientação externa líquida. O estudo constatou que a correlação entre os anos 90 se manteve elevada, embora diminuísse à medida que aumentava o intervalo entre os anos, concluindo então que “... há indícios de mudanças estruturais, embora muito pequenas, no final do período analisado. O maior impacto estrutural ocorreu na estrutura de insumos importados” (Apud Miranda, 2001:30).

Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII)

No tocante ao comércio intra-indústria, o argumento teórico básico é de que sendo as economias de escala e a diferenciação de produtos importantes fontes de vantagem competitiva, esse tipo de comércio pode significar, em adição às vantagens comparativas estáticas, a oportunidade de ganhos “extras” no comércio internacional. Estes últimos decorreriam da possibilidade de o país especializar-se com maior eficiência na produção e exportação de um número menor de bens, ao mesmo tempo em que as importações garantiriam maior variedade e qualidade em termos dos bens disponíveis aos consumidores

domésticos¹³. Desse modo, aceita a tese de que o comércio intra-indústria exprima, em alguma medida, esse tipo de especialização “virtuosa”, considera-se desejada uma maior parcela desse comércio na corrente de comércio do país.

Uma maneira de se avaliar a importância relativa desse tipo de comércio é através do Índice de Comércio Intra-indústria (ICII)¹⁴. Este índice toma por base a razão entre o saldo comercial e a corrente de comércio de um produto e mede quanto esta corrente excede aquele saldo como proporção da própria corrente de comércio. A aplicação do índice à corrente de comércio brasileiro revela que o comércio intra-indústria mostrou-se importante para um grande número de produtos. Do total de 91 produtos para os quais o índice pôde ser calculado, aproximadamente 50% deles apresentaram $ICII \geq 0,5$. Isto se verifica tanto para 1981-89 quanto para 1990-98. Como seria esperado, entre os produtos com $ICII \leq 0,5$ encontram-se os principais itens da pauta de exportação brasileira (commodities – agrícolas, industriais e minerais).

Deve ser notado que o ICII, na formulação aqui adotada, varia inversamente com a magnitude do saldo comercial, seja este saldo positivo ou negativo¹⁵. Devido a esta característica, uma interpretação mais qualificada da evolução do ICII implica em que se deva distinguir os produtos que apresentaram queda dos que apresentaram alta no valor do índice, e distinguir também a natureza do saldo comercial. As tabelas 18 e 19 apresentam estas informações. Da análise destas tabelas resultam duas principais constatações: situações de queda do ICII deveram-se ao fato de as importações terem crescido

¹³ Ver Krugman & Obstfeld (2001, capt.6).

¹⁴ Definimos o índice de comércio intra-indústria (ICII) segundo a fórmula-padrão:

$$ICII = 1 - \frac{|X_j - M_j|}{(X_j + M_j)}$$

Sendo X_j e M_j , respectivamente, as exportações e importações do produto j , e a expressão $|X_j - M_j|$, o “valor absoluto” do comércio total de j . Nesta formulação, o ICII varia entre 0 e 1. O índice será 0 (zero) quando houver apenas exportação ou apenas importação, e será 1 (um) quando as exportações e importações forem de mesmo valor. O ICII mede a importância relativa da parcela de comércio “intra”- intra-setores, intra-firmas, intra-produtos. Para maiores detalhes, ver o apêndice metodológico.

¹⁵ A expressão |exportações - importações|, no numerador da fórmula do ICII, significa “valor absoluto” do saldo comercial do produto. Pode-se então deduzir que se as exportações superarem as importações em US\$ 50 milhões, ou estas ultrapassarem aquelas em US\$ 50 milhões, o valor calculado para o ICII será exatamente o mesmo.

relativamente bem mais que as exportações (o saldo médio positivo acumulado entre 1990-98, foi o dobro do acumulado entre 1981-89, enquanto o saldo médio negativo teve seu valor quintuplicado no período); situações de alta do ICII se explicam pelo fato de as importações terem aumentado, enquanto as exportações ou sofreram redução – o que foi a situação mais geral - ou se mantiveram próximas de seus valores para 1981-89 (os saldos positivo e negativo evoluíram, neste caso, de forma bem mais equilibrada, ainda que o segundo crescendo à frente do primeiro). Em suma, tanto os movimentos de queda quanto de alta do ICII, tiveram por base um crescimento relativamente bem mais acentuado do saldo médio negativo acumulado entre as duas décadas.

Diversos fatores podem ter contribuído para esta evolução do indicador. Tendo em conta as transformações produtivas experimentadas pela economia brasileira na última década, é razoável supor que o aumento da parcela de comércio intra-indústria possa estar associado, em alguma medida, a busca de ganhos de escala e de vantagens de custos, tendo concorrido para tal resultado: o aprofundamento da internacionalização da economia brasileira ao longo dos anos 90; a política de redução tarifária do início da década de 90, cujo efeito foi uma forte elevação do patamar de importações; o crescimento da participação do Brasil no comércio regional do Mercosul, que teve o significado de uma ampliação do mercado consumidor para a produção doméstica de diversos produtos da pauta brasileira, inclusive do setor manufatureiro. Contudo, como deixam transparecer os pontos acima levantados, uma avaliação efetiva de possíveis “ganhos” associados ao aumento da parcela de comércio intra-indústria deve contemplar a análise da especialização produtiva, o que foge ao escopo desta tese.

4.3. Especialização Comercial Brasileira: Convergência ou Divergência para o Padrão de Comércio Mundial?

Esta seção retoma as perguntas colocadas no início do capítulo: A especialização comercial brasileira convergiu para o padrão de comércio mundial no período 1981-1998? O padrão de comércio brasileiro melhorou ou piorou ao final do período analisado? Qual o seu significado?

4.3.1. Crescimento e Composição Relativa das Exportações Brasileiras e Mundiais

Sob a perspectiva de detectar se os padrões de comércio brasileiro e mundial evoluíram de forma convergente, pode-se partir da comparação entre as taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais, que informa se o país exportou os produtos “certos” e se essas exportações cresceram em um ritmo “satisfatório”.

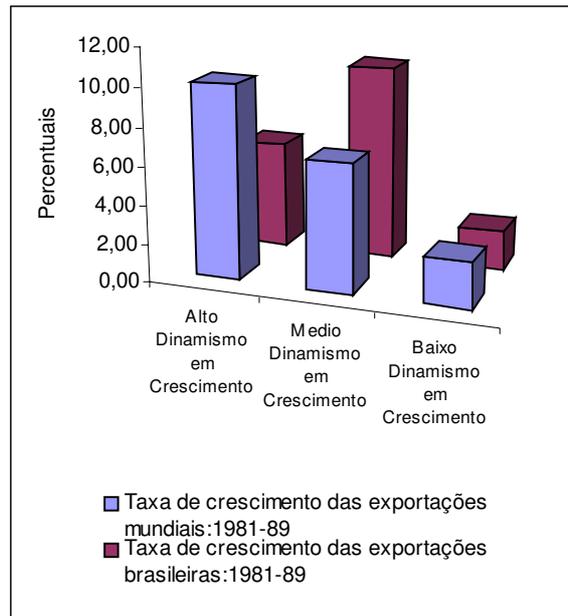
No que tange ao crescimento das exportações mundiais, observa-se, na década de 90, um menor ritmo de crescimento que o da década anterior. A queda da taxa de crescimento foi mais pronunciada para os grupos *ADCCM* e *MDCCM*¹⁶. Os *Altos* cresceram a taxa de 10,1%, na década de 80, contra 7,8%, na década seguinte. Os *Médios* cresceram a taxa de 6,6% e 4,5%, respectivamente (gráficos 4.14-A e 4.14-B). Internamente a *ADCCM*, basicamente os mesmos produtos ocuparam as vinte primeiras posições no ranking de crescimento, em ambas as décadas, com destaque para máquinas e aparelhos elétricos, equipamentos e componentes da eletrônica, equipamentos de telecomunicações, manufaturados de couro, bebidas não-alcoólicas e vestuário. Contudo, enquanto alguns produtos experimentaram significativa queda da taxa de crescimento; foi o caso de eletrônicos (776, 752 e 759), vestuário feminino, compostos hidrogenados e artigos e matérias plásticas (843, 514 e 893), outros apresentaram forte elevação daquela taxa; por exemplo, produtos de telecomunicações e distribuição de energia elétrica, aparelhos elétricos e produtos medicinais e farmacêuticos (764 e 773, 771 e 541). Internamente a *MDCCM*, enquanto alguns poucos produtos mostraram um comportamento mais estável (669, 554, 516, 625), a maioria apresentou taxas de crescimento bastante instáveis e com tendência de queda; com destaque para tecelagem, minerais e metais não-ferrosos (652, 653, 654, 657, 684, 672, 282, 288) (tabela 20).

¹⁶As exportações brasileiras e mundiais foram classificadas segundo a *eficiência em crescimento no comércio mundial* destas últimas, definida como segue: considerou-se o valor das exportações mundiais no período 1981-1998, sendo os produtos ordenados num ranking simples, por ordem decrescente de taxas médias de crescimento, e agrupados em três categorias: i) *Alto Dinamismo em Crescimento no comércio mundial (ADCM)*; ii) *Médio Dinamismo em Crescimento no comércio mundial (MDCM)*; iii) *Baixo Dinamismo em*

A evolução das taxas de crescimento das exportações brasileiras caracteriza um desempenho relativamente melhor que o das exportações mundiais, no grupo *ADCCM* (aumento de 5,6% para 9,2%), e relativamente pior, no grupo *MDCCM* (queda de 10,2% para 3,8%). Deve ser notado que tanto a maior alta em *ADCCM* quanto a maior queda em *MDCCM* deveram-se às taxas de crescimento da década de 1990 (gráficos 4.14-A e 4.14-B). Ressalta-se também que o melhor desempenho em *ADCCM* combinou elevadas taxas de crescimento tanto para produtos mais intensivos em tecnologia (p. ex., 752, 771, 764, 553, 778) quanto para produtos de menor grau de elaboração industrial (p. ex., 048, 098, 621, 635, 642, 821), sendo que, em ambos os casos, nota-se a presença de produtos cujas exportações receberam forte impulso de crescimento, no contexto da integração aduaneira do Mercosul. Já o desempenho em *MDCCM* deveu-se em boa medida à forte queda de crescimento de alguns importantes produtos da pauta de exportação brasileira (424, 431, 641, 672, 684, 713) (tabela 20).

Gráfico 4.14-A

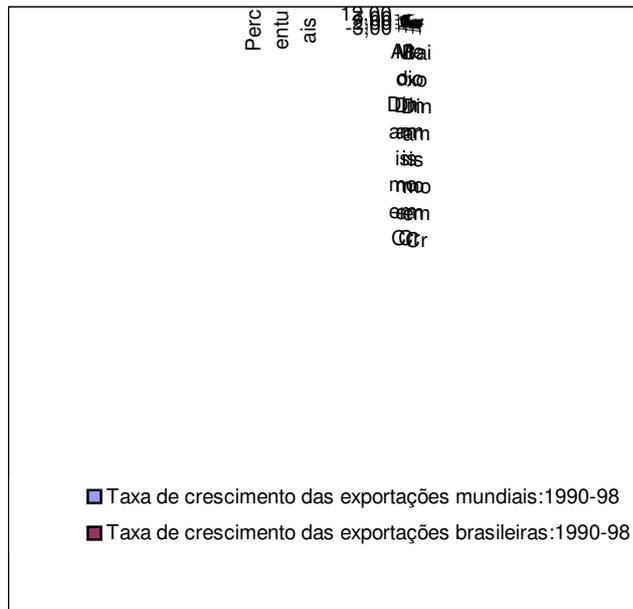
Crescimento das Exportações Brasileiras e Mundiais no período 1981-89 – classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.14-B

Crescimento das Exportações Brasileiras e Mundiais no período 1990-98 – classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Uma característica que sobressai na evolução das taxas de crescimento das exportações brasileiras, e que somente se evidencia quando da análise em nível menos agregado, é o de que essas taxas caracterizaram-se, no que tange à maioria dos produtos, por oscilações muito acentuadas e sem uma tendência definida. Um outro aspecto que dificulta a análise da evolução das taxas de crescimento, quando consideradas em termos agregados, é o fato de que elevadas taxas de crescimento foram obtidas tanto para produtos muito dinâmicos (p.ex., química, elétrico e eletrônicos) quanto para produtos de baixo dinamismo no comércio mundial (commodities agro-alimentares, minerais e industriais e manufaturados intensivos em trabalho e recursos naturais) (tabela 20); daí a necessidade de informações mais desagregadas.

No intuito de contornar em alguma medida a primeira dificuldade, pensamos num indicador, que, retendo o aspecto de velocidade, se mostrasse menos suscetível ao aspecto de volatilidade das taxas de crescimento. Chegamos ao indicador de Contribuição ao Crescimento. Este foi definido pela taxa de crescimento das exportações do produto “X” multiplicada pela taxa de participação relativa do produto “X” nas exportações totais do país. À definição desta última consideramos como ano de referência aquele no qual o valor da taxa de participação relativa de “X” mais se aproximou do valor de sua taxa de participação relativa média do período¹⁷.

A análise da contribuição dada por diferentes produtos ao crescimento do valor das exportações permite avaliar se as exportações que mais cresceram foram também as de maior participação relativa na pauta. Este tipo de informação mostra-se relevante em termos de se avaliar o potencial de crescimento do comércio exportador do país. Por fim, a comparação entre taxas de crescimento e de contribuição ao crescimento pode nos ajudar na questão de avaliar se houve alguma modificação mais substancial em termos de composição da pauta exportadora.

¹⁷ Ilustremos este procedimento através de um exemplo. Suponha para o produto “X” as seguintes taxas de participação relativa nas exportações brasileiras, com referência ao período 1981-89: 0,20; 0,30; 0,40; 0,30; 0,10; 0,70; 0,80; 0,60; 0,30. A taxa de participação relativa média do período será 0,41. A taxa de participação relativa que mais se aproximou da taxa média foi a do ano 1983 (0,40). O índice de contribuição ao crescimento do produto “X” será então definido pela taxa de crescimento das exportações de “X” no período 1981-89, multiplicada pela taxa de participação relativa de “X” no ano de 1983.

A contraposição entre taxas de crescimento e taxas de contribuição ao crescimento evidencia que a queda ou alta da primeira foi geralmente acompanhada pela queda ou alta da segunda, o que sinaliza a estabilidade da estrutura de participação relativa das exportações. As exceções envolveram os seguintes produtos: aparelhos elétricos nsp e pts/ (771), artigos de borracha nsp/ (628), pneumáticos/tubos/etc (625), níquel (683) e fertilizantes (562), com aumento da taxa de contribuição e queda da taxa de crescimento; máquinas e equipts/ engenharia civil e pts/ (723), produtos fotográficos e cinematográficos (882), partes e acess/ não elétricos/máquinas (784) e outras máquinas/ferram/aparelhos não elétricos (745), que aumentaram a taxa de contribuição enquanto a taxa de crescimento permaneceu estável (tabela 21).

Por outro lado, considerando apenas as trinta primeiras posições no ranking de contribuição positiva ao crescimento, evidencia-se que $\frac{1}{3}$ dos produtos que ocuparam essas posições entre 1981-89, o fizeram também entre 1990-98¹⁸ (tabela 22). O mesmo se verifica em relação ao ranking negativo de contribuição, onde apenas $\frac{1}{4}$ dos produtos se mantiveram entre as vinte primeiras posições, em ambos os períodos¹⁹ (tabela 23). Por conseguinte, $\frac{2}{3}$ e $\frac{3}{4}$ dos produtos em situação de contribuição positiva e negativa, respectivamente, não conseguiram preservar as posições que tinham na década de 1980.

A consideração dos produtos de maior peso na pauta de exportações também aponta mudança na estrutura de contribuição ao crescimento. Entre esses produtos poucos foram os que, tendo apresentado elevadas taxas de contribuição ao crescimento nos anos 1980, conseguiram a mesma performance nos anos 1990 (784, 222, 792, 625, 723); um maior número deles experimentou forte queda da taxa de contribuição na década de 90 (672, 851, 641, 671, 674, 762, 673); e outros tantos, invertendo as posições da década de

¹⁸ Quais sejam: partes e acess./ veículos automotores (784), sementes/frutas oleaginosas (222) aeronaves/ e equipt./ etc (792), couros (611), pneumáticos/ tubos/ etc (625), máquinas e equipamentos/engenharia civil e pts. 723), lingote/etc/ferro/aço (672), pts./acess./ máquinas não-elétricas (749), motor combustão interno e pts. (713) e papel (641).

¹⁹ Sendo eles: outros óleos vegetais (424), máquinas de escritório (751), fibras sintéticas (266), receptores de TV /radio-receptores (761) e tecidos de fibras artificiais (653).

1980, aumentaram significativamente a taxa de contribuição na década seguinte (071, 781, 122, 423, 611, 014).

A consideração dos *valores acumulados* como taxa de contribuição ao crescimento²⁰ indica o aumento do valor acumulado de contribuição pelos grupos *ADCCM* (alta de 83,2%) e *BDCCM* (alta de 79,2%), e a redução desse valor no que tange ao grupo *MDCCM* (queda de 34,5%) (tabela 24). Por outro lado, observa-se que estes resultados envolveram alguns poucos produtos: cerca de quatro produtos responderam por boa parte dos aumentos de contribuição acumulados por *ADCCM* (veículos automotores; cigarros; móveis e pts.; couros) e *BDCCM* (café e similares; carne/conservada/preparada; cal/cimento/mater/construção; madeira trabalhada), e outros seis produtos responderam pela sua redução no que tange ao grupo *MDCCM* (com destaque para motor de combustão e pts./; radioreceptores /etc; alumínio e produtos à base de ferro e aço). Ou seja, ocorreram, sim, mudanças em termos de taxa de contribuição ao crescimento, mas elas tiveram caráter bastante pontual.

Fazendo uma avaliação conjunta dos resultados acima, observa-se terem ocorrido mudanças na estrutura de contribuição ao crescimento, as quais relacionadas a um reduzido número de produtos e cuja contribuição ao crescimento variou de forma acentuada, porém, sem uma direção definida. As variações observadas em termos de aumento ou diminuição de contribuição ao crescimento não mostraram uma tendência definida, senão que pelo contrário. Em segundo lugar, e mais importante, cabe destacar que a participação relativa no total das exportações médias brasileiras do $\frac{1}{3}$ de produtos acima mencionados, elevou-se de 19,0% entre 1981-89, para 28,0% entre 1990-98, indicando que a estrutura de contribuição (positiva) ao crescimento tornou-se ainda mais concentrada ao final do período analisado.

Analisaremos agora a composição relativa da pauta de exportação brasileira vis-à-vis a estrutura de participação relativa das exportações mundiais, tendo por base a

²⁰ Os “valores acumulados” não têm significado analítico, servem apenas como indicador de tendência da evolução da contribuição ao crescimento ao nível dos sub-agrupamentos de produtos (alto, médio e baixo dinamismo).

classificação segundo o *dinamismo em crescimento no comércio mundial*. O objetivo é avaliar o grau de aderência das exportações brasileiras às exportações mundiais. Em termos da pauta brasileira, verifica-se que as exportações do grupo *BDCCM* tiveram queda de participação relativa de 9,0 pontos percentuais (redução de 39,2% para 30,3%) entre 1981-89 e 1990-98, enquanto a participação do grupo *MDCCM* elevou-se em 7,0 pontos percentuais (alta de 38,3% para 45,2%). Já a participação relativa do grupo *ADCCM* aumentou apenas 2,6 pontos percentuais (de 21,5% para 24,1%) (gráfico 4.15). Em termos da pauta mundial, tem-se que a participação relativa das exportações do grupo *ADCCM* elevou-se em 9,0 pontos percentuais (alta de 40,8% para 49,8%), a participação do grupo *BDCCM* reduziu-se em 6,9 pontos percentuais (queda de 24,8% para 17,9%) e a do grupo *MDCCM* decresceu 1,7 pontos percentuais (queda de 33,7% para 32,0%) (gráfico 4.16).

Em suma, as exportações brasileiras acompanharam as variações na estrutura de participação relativa das exportações mundiais no que tange aos grupos *BDCCM* e *ADCCM*, mas não o fizeram no que tange ao grupo *MDCCM*. A princípio, o primeiro movimento, relacionado aos grupos *BDCCM* e *ADCCM*, caracteriza uma convergência positiva, e o segundo movimento, verificado para *MDCCM*, caracteriza uma divergência positiva; ainda que *MDCCM* tenha reduzido sua participação nas exportações mundiais, é positivo o aumento de sua participação na pauta brasileira, uma vez que compõe esse grupo um grande número de produtos de maior dinamismo no comércio mundial.

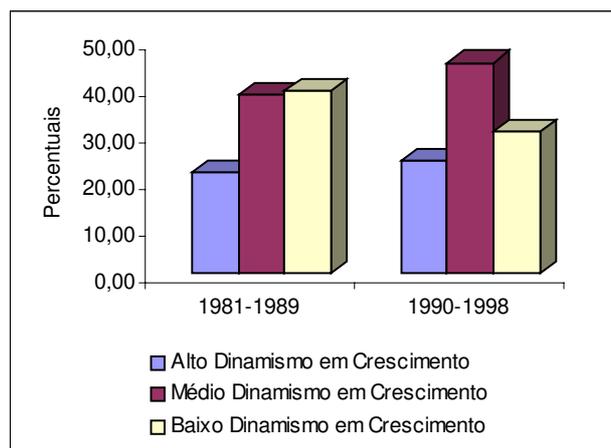
A análise por produtos mostra-se aqui necessária. Ao se comparar o desempenho em participação relativa das exportações brasileiras e mundiais no que tange, por exemplo, aos produtos que compõem o grupo *ADCCM*, observa-se, em termos mundiais, uma forte correspondência entre os produtos com maior participação relativa na pauta e os que obtiveram maiores taxas de crescimento (781, 776, 752, 764, 759, 583, 541, 778, 772). Já no que tange às exportações brasileiras, verifica-se que dos quatro produtos com maior participação relativa na pauta (781, 851, 583 e 611), apenas o item veículos leves (781) encontra-se entre os de maior dinamismo em crescimento de participação relativa na pauta das exportações mundiais (tabela 30). No que tange ao grupo *MDCCM*, tem-se que as exportações brasileiras cujas participações relativas mais aumentaram foram as de produtos

cuja participação nas exportações mundiais ou manteve-se estagnada ou decrescera (641, 672, 684, 784 e 792). O mesmo se observa para o grupo *BDCCM*, onde meia dúzia de produtos dos gêneros de alimentos e minerais brutos e processados (014, 071, 322, 671, 673, 651) respondeu por aproximadamente 26% e 18% do total exportado pelo Brasil, nos períodos 1981-89 e 1990-98, respectivamente, e cujas participações na pauta mundial, além de diminutas, mostraram-se declinantes (tabela 25).

A conclusão, assim, é de que as exportações brasileiras alcançaram relativo maior dinamismo em taxa de crescimento e variação de participação relativa no que tange a produtos menos dinâmicos em nível mundial. A exceção seria a convergência verificada em relação ao grupo *MDCCM*, mas, também neste caso, a análise por produtos não deixa dúvidas de que essa aproximação foi bem menos efetiva que o sugerido pela análise em nível mais agregado.

Gráfico 4.15

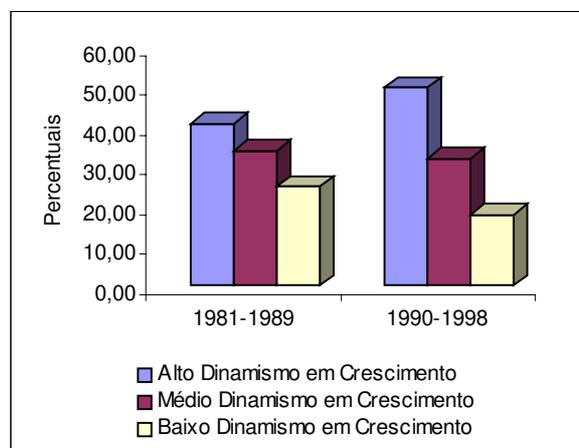
Composição Relativa das Exportações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.16

Composição Relativa das Exportações Mundiais: 1981-89/1990-98 – classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Ainda sob a perspectiva de avaliar se as exportações brasileiras convergiram para o padrão mundial, faremos uso de um índice de Dissimilaridade no Comércio, o qual, aqui denominado de A_j ²¹. Este índice pode ser interpretado como uma medida do grau de aderência da estrutura exportadora de um país (Brasil) à estrutura da demanda internacional (importações mundiais). A hipótese básica é de que havendo convergência entre a taxa de

²¹ A formulação adotada para o índice A_j é a que a seguir se apresenta:

$$A_j = \frac{1}{2} \cdot \sum_{1 \leq i \leq N} \left| \frac{X_{ij}}{X_{.j}} - \frac{X_{.j}}{X_{..}} \right|$$

Sendo X_{ij} as exportações do país j (Brasil) no produto i ; $X_{.j}$, o total de exportações do país j ; e $X_{..}$, as importações mundiais, representando a demanda internacional. O intervalo de variação do índice é dado por $0 \leq A_j \leq 1$. A interpretação estatística do índice é que A_j será nulo quando a estrutura exportadora do país mostrar-se perfeitamente aderente à demanda internacional, e será tanto mais alto quanto mais o país exportar produtos dissonantes com o crescimento da demanda internacional.

crescimento das exportações do país e a taxa de crescimento das importações mundiais, isto caracteriza um aumento do grau de similaridade entre ambas as estruturas de comércio.

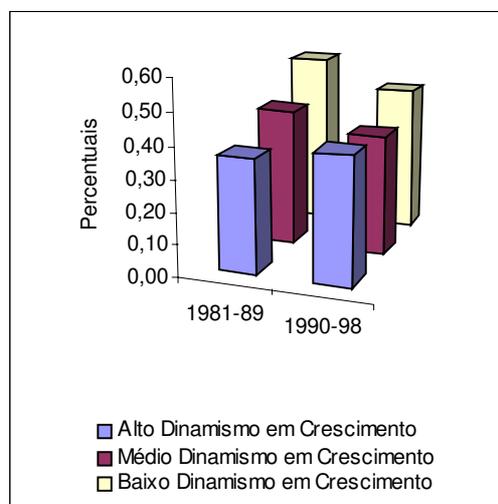
Optamos por adotar o índice A_j , primeiramente sob a forma do uso convencional deste índice, isto é, considerando o total agregado das exportações brasileiras, e num segundo momento, com base na classificação dessas exportações segundo o critério de *dinamismo em crescimento no comércio mundial*. Aplicando A_j ao total das exportações brasileiras, obtivemos os índices de 0,49 e 0,47, para 1981-89 e 1990-98, respectivamente, indicando, assim, que se manteve estável o grau de dissimilaridade entre os padrões de comércio exportador brasileiro e mundial (tabela 26). Aplicando A_j às exportações brasileiras, classificadas segundo o *Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial*, obtivemos os seguintes resultados: o grau de dissimilaridade diminuiu no que tange às exportações classificadas em *BDCCM* (queda de 0,55 para 0,46) e *MDCCM* (queda de 0,43 para 0,38), mas aumentou para as exportações classificadas em *ADCCM* (alta de 0,36 para 0,40) (gráfico 4.17). Portanto, as exportações brasileiras convergiram ao padrão mundial, com respeito aos grupos *BDCCM* e *MDCCM*, mas divergiram no que tange ao grupo *ADCCM*, sendo o primeiro movimento mais intenso que o segundo.

É preocupante que a redução do grau de dissimilaridade tenha se verificado, de forma mais significativa, apenas para as exportações do grupo *BDCCM*, ao passo que para as exportações dos grupos *ADCCM* e *MDCCM*, ele tenha, respectivamente, aumentado e diminuído. Dado que as exportações do grupo *BDCCM* sofreram forte queda de participação nas exportações mundiais, pode-se concluir que as exportações brasileiras tiveram maior êxito em se aproximar do padrão de comércio mundial apenas no que se refere a produtos para os quais o mercado se mostrara menos promissor²². A questão então é saber em que medida essa tendência a uma maior aproximação de mercados retrógrados repercutiu sobre o tamanho da parcela de mercado das exportações brasileiras.

²²A propósito, enquanto a taxa de crescimento das exportações mundiais do grupo *BDCCM* se manteve proximamente no mesmo patamar, entre os anos de 80 e 90 (2,4% e 1,8%), a taxa de crescimento das exportações brasileiras mais que duplicou, no mesmo período (aumento de 2,0% para 4,8%).

Gráfico 4.17

Exportações Brasileiras - Índice de Dissimilaridade: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

4.3.2. Crescimento e Composição Relativa do Market-Share das Exportações Brasileiras

Para efeito de avaliar se as exportações brasileiras ganharam ou perderam espaço no comércio internacional, consideraremos a evolução do market-share brasileiro, em termos de taxa de crescimento e composição relativa, e tomando por base a classificação das exportações segundo o critério de *dinamismo em crescimento de participação relativa no comércio mundial*.

As exportações brasileiras apresentaram significativa elevação da taxa de crescimento de market-share no que tange aos grupos *MDCPR* (-3,0% e +5,3%, para 1981-89 e 1990-98, respectivamente), *BDCPR* (+0,9% e +2,7%) e *ADCPR* (-7,4% e -0,05%) (gráfico 4.18). Ao nível mundial, as exportações que apresentaram taxas mais elevadas de incremento de participação relativa foram as do grupo *ADCPR* (+4,6% e +3,9%). As exportações mundiais do grupo *MDCPR* experimentaram forte redução na taxa de variação de participação relativa (queda de 2,2% para 0,2%), e as do grupo *BDCPR* apresentaram taxas de crescimento de participação próximas a zero (+0,4% e -0,3%). A comparação dessas taxas, em termos de Brasil e mundo, evidencia que as exportações brasileiras obtiveram crescimento positivo de market-share em grupos de produtos com variação negativa de participação relativa nas exportações mundiais - a exceção, favorável ao Brasil, ficou por conta do grupo *MDCPR*, no período 1990-98. A segunda constatação é de que a evolução de crescimento do market-share brasileiro mostrou-se, ao mesmo tempo, convergente (grupos *ADCPR* e *MDCPR*) e divergente (*BDCPR*) ao padrão de comércio mundial.

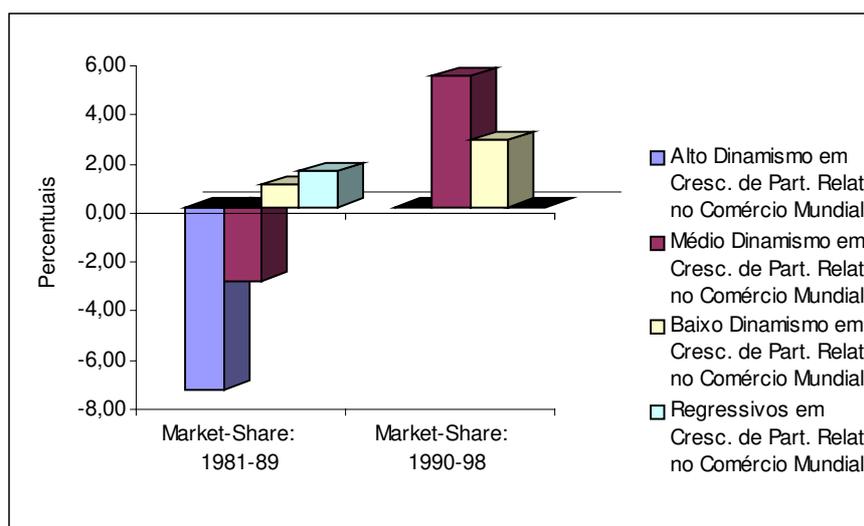
A análise da composição relativa do market-share das exportações brasileiras mostra que houve decréscimo de market-share (médio) para todos os grupos de produtos (*ADCPR*, *MDCPR*, *BDCPR* e *RCPR*), com os grupos *ADCPR* e *MDCPR* liderando essa queda. O grupo *ADCPR* respondeu pela maior redução de market-share (queda de 0,4% para 0,2%, entre 1981-89 e 1990-98), enquanto o grupo *BDCPR* foi o que apresentou a menor queda (de 1,3% para 1,1%). Somados o market-share médio dos grupos *ADCPR*, *MDCPR* e *BDCPR*, a perda de market-share foi da ordem de 26,0% (queda de 2,3% para 1,7%)²³; note que para o grupo *ADCPR* essa perda foi de 50,0% (gráficos 4.19 e 4.20). Conclui-se, portanto, que as exportações brasileiras não apenas perderam mercado, como isto parece ter ocorrido com mais intensidade em relação a produtos de maior dinamismo em participação relativa nas exportações mundiais.

²³ Em termos totais médios, isto é, calculado com referência aos 149 produtos listados no ITSY, o market-share das exportações brasileiras apresentou crescimento praticamente nulo entre as duas décadas, somando 1% e 0,9%, para 1981-89 e 1990-98, respectivamente.

Ao detalharmos a análise por produtos, um primeiro dado que chama a atenção refere-se ao elevado grau de concentração da estrutura de market-share brasileiro: cerca de meia dúzia de produtos, classificados em *RCPR* (684, 672, 431, 522, 721, 222), responderam pelos maiores incrementos de market-share, e pouco mais de uma dúzia de outros produtos (058, 071, 072, 073, 423, 611, 612, 687, 851, 671, 672), responderam pelas maiores reduções. Evidencia-se também que as exportações brasileiras que obtiveram maior incremento de market-share não coincidem com as exportações de maior dinamismo, neste quesito, em termos mundiais (776, 752, 759, 772, 764, 778, 541, 893) (tabela 27). Por fim, ressaltam-se o caráter regressivo e a rigidez da estrutura de market-share brasileiro: os grupos *ADCPR* e *MDCPR* somaram aproximadamente 13% das exportações do país, o grupo *BDCPR* respondeu por 17% e 20%, e o grupo *RCPR*, por 70% e 65%, nos períodos 1981-89 e 1990-98, respectivamente (tabela 28).

Gráfico 4.18

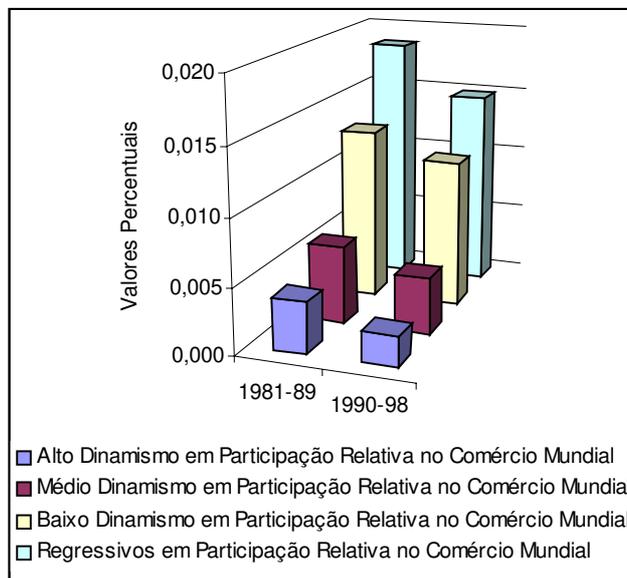
Taxa de Crescimento do Market-Share das Exportações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

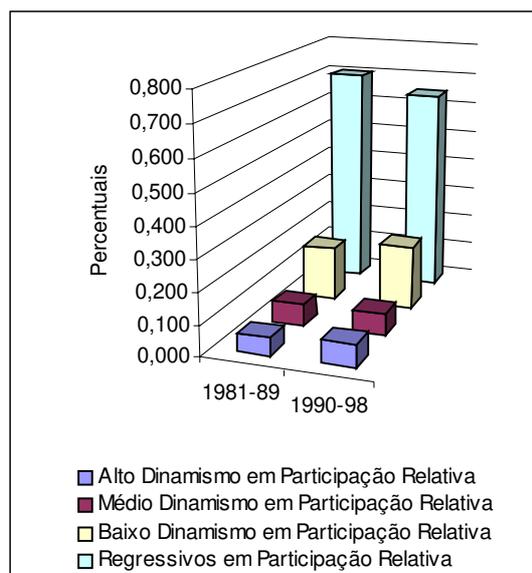
Gráfico 4.19

Market-Share Médio das Exportações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 –
classificação segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa
no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.20
 Composição Relativa das Exportações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 – classificação
 segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa no Comércio Mundial



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

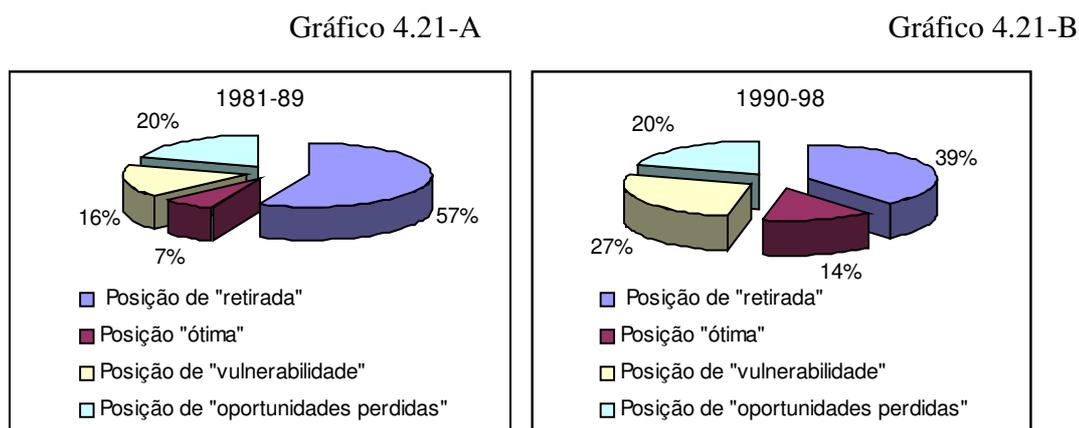
Retomando a discussão deste último ponto, adotamos uma metodologia baseada em Fajnzylber (1992:27-81), a qual consiste na especificação de quatro possibilidades de posicionamento relativo do market-share brasileiro: posição de “retirada” - combina variação negativa de “market-share” para o mundo com variação negativa de market-share para o Brasil; posição “ótima” - combina variação positiva de “market-share” para o mundo com variação positiva de market-share para o Brasil; posição de “vulnerabilidade” – combina variação negativa de “market-share” para o mundo com variação positiva de market-share para o Brasil; posição de “oportunidades perdidas” - combina variação positiva de “market-share” para o mundo com variação negativa de market-share para o Brasil; note que as duas primeiras posições caracterizam uma convergência, enquanto as duas últimas definem uma divergência. A partir destas definições, a aplicação da

metodologia consistiu em identificar a posição de cada produto naquela classificação – considerados os 149 grupos de produtos da amostra. Esta informação foi cotejada com a da participação relativa desses produtos nas exportações brasileiras, somando-se o total dessa participação em cada uma daquelas posições.

Os resultados obtidos com aplicação dessa tipologia foram os seguintes: na comparação entre 1981-89 e 1990-98, verificou-se uma sensível queda do percentual de exportações em posição de “retirada” (queda de 56,3% para 38,8%), e um expressivo aumento do percentual relativo de exportações em posição “ótima” (alta de 7,1% para 14,3%). Mas verificou-se também uma significativa elevação da participação relativa das exportações em posição de “vulnerabilidade” (que se eleva de 16,3% para 26,7%). Já o percentual relativo de exportações em posição de “oportunidades perdidas” se manteve estável em 20,2%.(gráficos 4.21-A e 4.21-B).

Gráficos 4.21-A e 4.21-B

Composição Relativa das Exportações Brasileiras segundo a posição em Market-Share no Comércio Mundial: 1981-89 / 1990-98



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tais números indicam por si só um movimento simultâneo de melhora e piora no posicionamento relativo de market-share das exportações brasileiras. Como devemos finalmente interpretá-los? Nesta perspectiva, cabe notar, em primeiro lugar, que dos produtos classificados na posição “ótima”, em torno de $\frac{1}{3}$ referem-se a produtos de maior valor agregado ou mais intensivos em tecnologia (capítulo 77 da SITC), enquanto $\frac{2}{3}$ referem-se a manufaturados básicos em geral. O contrário se observa para a posição “oportunidades perdidas”, que concentra boa parte dos produtos mais “nobres” - cerca de $\frac{3}{5}$ dos produtos classificados nessa posição pertencem aos capítulos 54, 55, 75-77, 84, 85-89 (tabelas 29-A e 29-B). Portanto, sob a perspectiva de uma mudança positiva no perfil do comércio brasileiro, seria preferível o aumento da parcela de exportações em posição de “oportunidades perdidas” ao invés do aumento da parcela em posição “ótima”. Uma segunda consideração diz respeito à queda do percentual relativo de exportações em posição de “retirada”, que poderia ser interpretada como um sinal de convergência ao padrão de comércio mundial, não fosse a simultânea elevação do percentual de exportações em posição de “vulnerabilidade” apontando em sentido contrário. Note ainda que as posições de “retirada” e “vulnerabilidade” somaram 62,6% das exportações brasileiras no período 1981-89 e 65,5% no período 1990-98. Somadas as participações relativas nas posições de “vulnerabilidade” e “oportunidades perdidas”, tais percentuais foram de 36,6% e 46,9%, respectivamente.

Os resultados obtidos isoladamente em termos das posições “ótima” e “retirada”, sobretudo esta última, não são desprezíveis. O quadro geral, todavia, sugere uma avaliação um pouco menos otimista. Uma vez que as exportações brasileiras não lograram uma maior presença em produtos *efetivamente* mais dinâmicos, ao passo que elevaram sua presença em produtos decadentes no comércio mundial (“vulnerabilidade” e “retirada”), a dúvida é se predominou o caráter de estagnação ou de regressão do padrão exportador brasileiro.

Esta questão pode ser formulada nos seguintes termos: a diferença de “market-share” mundo (-) market-share Brasil, aumentou ou diminuiu, entre as décadas de 80 e 90? Buscando responder a esta indagação, fizemos uso de uma metodologia que consistiu em calcular a taxa de variação de participação relativa (média) das exportações mundiais, entre

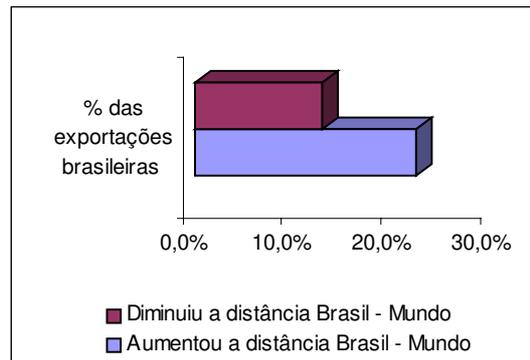
1981-89 e 1990-98, distinguindo os produtos com taxa positiva e negativa de variação de participação relativa; calcular a taxa de variação de market-share (médio) das exportações brasileiras, no mesmo período, distinguindo os produtos com variação positiva e negativa de market-share. Consideramos que a diferença, em termos absolutos, entre ambas as taxas de variação, define se a distância (em market-share) do Brasil em relação ao Mundo aumentou ou diminuiu, entre as duas décadas.

Os resultados desta análise encontram-se tabela 30. Considerados os produtos que tiveram aumento de participação relativa nas exportações mundiais entre 1981-89 e 1990-98, e tomando como base o valor total das exportações brasileiras no ano de 1998, a participação relativa no total dessas exportações dos produtos para os quais a distância do Brasil em relação ao Mundo também aumentou, somou 22,3%, enquanto foi de 12,9% a participação relativa dos produtos para os quais essa distância diminuiu (gráfico 4.22). Considerados os produtos que tiveram queda de participação relativa nas exportações mundiais, aqueles para os quais registrou-se um aumento da distância do Brasil em relação ao Mundo, representaram 24,6% das exportações brasileiras no ano de 1998, ao passo que a participação relativa dos produtos para os quais essa distância diminuiu, alcançou a cifra de 40,1% (gráfico 4.23).

Observa-se que o Brasil mais aumentou que diminuiu a diferença de market-share em relação ao Mundo, no que tange aos produtos com aumento da taxa de crescimento de participação relativa nas exportações mundiais, ao passo que mais diminuiu que aumentou essa diferença, com relação aos produtos com desempenho negativo em variação de participação relativa nas exportações mundiais. Isto pode ser interpretado como uma maior aproximação de produtos decadentes e um maior afastamento de produtos dinâmicos no comércio mundial, o que configura uma perda de qualidade ou um retrocesso do padrão de especialização, quando avaliado em termos de market-share.

Gráfico 4.22

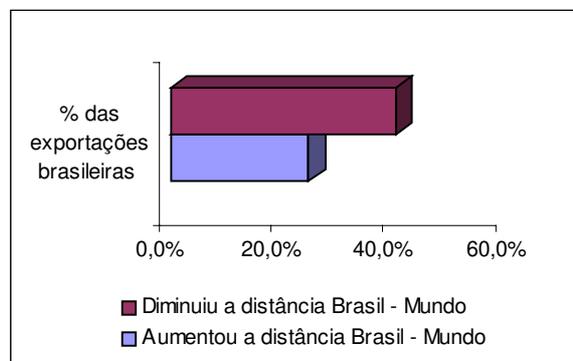
Posição do Market-Share Brasileiro em relação a produtos que tiveram aumento de participação relativa no comércio mundial no período 1981-1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 4.23

Posição do Market-Share brasileiro em relação a produtos que tiveram queda de participação relativa no comércio mundial no período 1981-1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

4.4. Conclusões

A análise da taxa de crescimento e da composição relativa dos fluxos de comércio e do saldo comercial brasileiro indica uma nítida piora no desempenho destas variáveis na década de 90. As exportações sofreram sensível queda de crescimento, em termos agregados, entre as décadas de 80 e 90, ao passo que as importações cresceram de forma generalizada e a taxas bem mais elevadas que as da primeira década. De outra parte, observa-se que a estrutura de participação relativa das exportações e das importações caracterizaram-se por elevado grau de rigidez, sinalizando, no primeiro caso, ausência de mudanças substanciais no que tange ao padrão exportador, e no segundo, além do caráter generalizado do aumento das importações na última década, o fato de que estas comportavam, já desde o início da década de 80, um elevado grau de sofisticação da pauta.

O crescimento marcadamente assimétrico das exportações e importações, com as últimas crescendo a taxas muito mais elevadas que as primeiras, implicou em déficits comerciais crescentes ao longo da década de 90. Mais do que isso, a estrutura de saldo comercial, que já era de baixa qualidade na década de 80, tornou-se ainda mais vulnerável no decorrer dos anos 90. Prova disto é o aumento da participação relativa de produtos menos elaborados ou menos intensivos em capital e tecnologia na geração de superávit comercial. Neste sentido, o ponto a ser destacado é que a deterioração do saldo comercial, mais do que o resultado de uma elevação geral do patamar das importações reflete também uma perda relativa de dinamismo das exportações, cuja característica de elevada concentração em um número reduzido de produtos de baixo grau de processamento industrial se viu reforçada no período em estudo.

Em que pese o aumento indiscriminado do déficit comercial, a maior intensidade desse aumento no caso de produtos manufaturados intensivos em tecnologia e a conseqüente deterioração da balança comercial que caracterizaram a década dos 90, a estrutura de vantagem e desvantagem comparativa das exportações brasileiras, principalmente a primeira, não se modificaram substancialmente, quando avaliadas com base nos indicadores de especialização no comércio, seja em termos do IDER, seja em termos do ICSC. A tendência, ainda que leve, foi de um aprofundamento do perfil de especialização já definido na década de 80.

Em relação ao IDER, o dado que ressalta é que a estrutura de participação relativa dos IDERs, positivos e negativos, manteve-se praticamente estável entre as décadas de 80 e 90, donde se percebe a rigidez da estrutura de vantagens comparativas das exportações brasileiras. De outra parte, tem-se a evidência do aumento da participação relativa do grupo BDCPR e da redução da participação do grupo ADCPR nas exportações brasileiras, o que é indicativo do aprofundamento do padrão corrente de desempenho exportador relativo, vale dizer, baseado em produtos de baixo dinamismo no comércio mundial. No que tange ao ICSC, igualmente se observa que as posições de contribuição positiva e negativa ao saldo foram não apenas mantidas como aprofundadas, ressaltando-se, neste sentido, que o grupo *produtos primários* foi o que respondeu pelo maior incremento de contribuição positiva ao saldo, ao passo que para os produtos de alta intensidade tecnológica registrou-se o maior aumento de contribuição negativa ao saldo.

O corte de análise por produtos mostrou-se útil em todos os casos, e particularmente necessário quando da avaliação do desempenho das exportações brasileiras à luz das classificações por *dinamismo em crescimento e crescimento de participação relativa* no comércio mundial. O ponto a ser observado é que vários produtos que compõem os grupos denominados de *Alto* e *Médio* dinamismo no comércio mundial são produtos caracteristicamente intensivos em trabalho ou recursos naturais (p.ex., preparado de cereais, bebidas não-alcoólicas, manufatura de couro, têxtil e vestuário).

Nesse sentido, deve ser notado que quando as exportações brasileiras convergiram, em termos de taxa de crescimento, para os grupos de exportações de maior dinamismo no comércio mundial (*ADCCM* ou *ADCPR* e *MDCCM* ou *MDCPR*), tenderam a fazê-lo com relação a produtos com menor grau de elaboração industrial e/ou de baixo conteúdo tecnológico, portanto, em sintonia com a baixa qualidade estrutural do padrão de exportação do país, que não se modificara no período. É sintomático dessa tendência que as taxas de crescimento e de contribuição ao crescimento das exportações tenham, em geral, variado na mesma direção, ao passo que a estrutura de contribuição positiva ao crescimento tornou-se ainda mais concentrada, ao final do período. Note também que onde o grau de dissimilaridade das exportações brasileiras mais se reduziu foi com relação ao grupo *BDCCM*, ao passo que aumentara em relação ao grupo *ADCCM*.

O baixo grau de aderência das exportações brasileiras ao padrão de comércio mundial constitui por si só importante fator de limitação da capacidade de expansão e de mudança qualitativa da pauta de exportação. Dado que no período em estudo, tal restrição não fora em nenhuma medida relaxada, e somando-se a ela o significado francamente negativo dos anos 90 para o desempenho do comércio, não surpreende a evidência de uma perda de dinamismo e um encolhimento mesmo do market-share das exportações brasileiras.

As exportações brasileiras obtiveram melhor desempenho em crescimento de market-share com respeito aos grupos de produtos que apresentaram taxas de variação de participação relativa nas exportações mundiais ou muito baixas ou negativas (*MDCPR* e *BDCPR*). Já em termos absolutos, verificou-se uma redução do market-share (médio) no que tange a todos os grupos de exportações, com destaque para os grupos *ADCPR* e *MDCPR*.

A análise da composição do market-share evidenciou que as exportações brasileiras não conseguiram afastar-se dos produtos menos dinâmicos em market-share no comércio mundial e ou aproximar-se dos *efetivamente* mais dinâmicos, e que tenderam a aumentar o market-share em produtos cujo “market-share” mundial mostrara-se ou estagnado ou

decrecente. A estrutura do market-share brasileiro, além de predominantemente regressiva – com o grupo RCPR representando entre 65% e 70% das exportações -, caracterizou-se por um elevado grau de concentração e de rigidez da pauta.

O encolhimento do comércio brasileiro tomou a forma de uma redução do market-share (médio) no que tange a todos os grupos de exportações, com destaque para os grupos ADCPR e MDCPR. A perda de mercado das exportações brasileiras se dera, portanto, com mais intensidade em relação a produtos de maior dinamismo em participação relativa nas exportações mundiais. A análise comparando a distância entre Brasil e Mundo, em termos de variação de market-share, mostrou que a aproximação (por parte das exportações brasileiras) de produtos retrógrados constituiu um movimento mais intenso que a aproximação de produtos dinâmicos. Noutras palavras, as exportações brasileiras mais divergiram do que convergiram ao padrão de comércio mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliamos que a estrutura do padrão de comércio brasileiro traduz um padrão de especialização basicamente do tipo Ricardiano. Considerado em termos da composição setorial dos fluxos de comércio e das estruturas setoriais de market-share e de vantagens/desvantagens comparativas, tal padrão de especialização não se modificara substancialmente no decorrer das últimas duas décadas, caracterizando, assim, uma evolução do tipo “*path-dependency*”, em que as características estruturais do padrão de comércio vigente no início do período não apenas se mantiveram como se viram reforçadas no curso daquela evolução.

Isto não significa que se deva interpretar esta rigidez (“*stubbornness*”) do padrão de especialização brasileiro no sentido apenas de um produto da “*path-dependency*”. É claro que a história e a “estrutura herdada” importam, e muito, na evolução dos processos econômicos, mas a história nunca é “fechada”, e isto também precisa ser considerado. Convém, portanto, não perder de vista que, se o perfil da especialização não mudou, isto se deveu antes a uma opção de política e/ou de interesses que de alguma forma convergiram para que tal resultado prevalecesse.

Quais as implicações de se manter inalterado um padrão de especialização comercial cujas características mais evidentes são o baixo grau de diversificação e sofisticação da pauta de exportação, o reduzido grau de oportunidade tecnológica e o baixo potencial de geração de renda e de expansão da demanda no longo prazo? E mais, de fazê-lo num contexto caracterizado por intensas mudanças tecnológicas e forte dinamismo do comércio a nível mundial, o que significa, também, um período propício à exploração de janelas de oportunidade tecnológica e de expansão no comércio? Nosso entendimento é de que tais questões devem ser respondidas, avaliando-se as implicações do referido padrão de especialização à luz da noção de eficiência no comércio.

A literatura apresenta três possibilidades de estratégia de configuração do padrão de especialização. Uma primeira opção remete à concepção de especialização aderente à noção

Ricardiana de eficiência no comércio. Tal alternativa consiste na especialização das exportações em produtos ou setores mais próximos da dotação fatorial do país. Ainda que tal padrão de especialização seja mais bem definido em termos do aproveitamento das vantagens comparativas consoantes à disponibilidade relativa dos recursos naturais do país, a possibilidade, em termos concretos, de novas formas de exploração desses recursos e, neste sentido, também da criação de novas oportunidades de mercado, não está absolutamente descartada, apenas que, falando em termos rigorosamente teóricos, tais novas possibilidades devem ser concebidas, elas mesmas, como resultado da ação de forças seletivas do mercado.

Poder-se-ia ainda pensar numa estratégia de especialização de base Ricardiana, mas que contemplasse algum grau de “dinamização” das exportações intensivas em recursos naturais e trabalho. Nesta perspectiva, o ponto de partida seria buscar fortalecer o elo entre tecnologia e recursos naturais, para com isso aumentar-se o valor agregado pela produção baseada nestes últimos. Obviamente que uma especialização em produtos intensivos em recursos naturais e trabalho não é necessariamente incompatível com a introdução de progresso técnico. Do mesmo modo que uma especialização em produtos intensivos em tecnologia não é por si só garantia de domínio nesta área. Todavia, o risco inerente a um tal padrão de especialização Ricardiano é semelhante ao já discutido nos termos da “falácia da composição”, qual seja, o de que uma estrutura exportadora intensiva em recursos naturais e trabalho, ainda que “dinamizados”, tende a mostrar-se mais vulnerável seja à queda de crescimento da demanda e/ou dos preços externos, seja ao processo de substituição tecnológica de produtos e processos.

A duas outras opções de configuração do padrão de especialização baseiam-se na definição de uma pauta de exportações caracterizada por produtos mais dinâmicos em crescimento, em termos de intensidade ou elasticidade-renda da demanda (*eficiência Kaldoriana*), ou que encerrem maior conteúdo ou elevada oportunidade tecnológica (*eficiência Schumpeteriana*). Há elementos teóricos suficientes para afirmar-se, que, se um padrão de especialização é aderente à eficiência Schumpeteriana, deverá sê-lo também em relação à eficiência Kaldoriana. Os produtos/setores que incorporam elevado conteúdo

tecnológico ou que ofereçam maiores oportunidades de exploração tecnológica encerram um maior potencial de crescimento da elasticidade-renda da demanda internacional, logo, traduzem maior potencial de expansão das exportações. Note também, que a capacidade para inovar se apresenta, então, com um fator determinante da capacidade de expansão das exportações de maior intensidade-renda e/ou maior valor agregado, com o que também se afirma o sentido de complementaridade e progressão da noção de *eficiência Kaldoriana* para a *Schumpeteriana*. Ao nível empírico, porém, a vinculação entre tecnologia e comércio se mostra bem mais complexa. A evolução dos padrões de especialização comercial asiático e latino-americano, analisada no capítulo 2, deu-nos prova disto, evidenciando-se, então, que nem sempre os produtos/setores cujas exportações cresceram a taxas mais elevadas coincidiram com os de maior conteúdo e/ou oportunidade tecnológica.

De todo o modo, o que também se evidenciou naquela análise, é que os países asiáticos foram os que obtiveram maior êxito em convergir suas estruturas produtivas e comerciais ao padrão de comércio dinâmico em termos mundiais, e o fizeram com base na adoção de estratégias produtivas, comerciais e tecnológicas focadas no objetivo de redefinição dos padrões vigentes de especialização, levando a que esses se modificassem em direção a uma estrutura de comércio mais aderente aos padrões Kaldoriano e Schumpeteriano de eficiência no comércio. Observando-se que nas situações em que tal evolução dos padrões de especialização tomou a forma de uma progressão do padrão de eficiência Kaldoriano para o Schumpeteriano, os países envolvidos obtiveram melhores resultados em termos de capacidade de expansão das exportações, ou seja, os países que optaram por explorar as oportunidades Schumpeterianas obtiveram também resultados Kaldorianos mais satisfatórios.

A opção por uma estratégia de redefinição do padrão vigente de especialização que o tornasse mais eficiente, em termos Schumpeterianos, e a criação das condições requeridas a esse objetivo, permitiram que os países asiáticos modificassem sua estrutura de comércio em sintonia com as principais tendências de mudança tecnológica e do padrão de demanda, com isso dinamizando as exportações, e obtendo, como resultado, uma expressiva ampliação da sua presença no comércio mundial, tanto em termos de aumento de market-

share quanto em termos de aumento da parcela apropriada do valor adicionado pela produção industrial mundial.

O Brasil, por seu turno, seguiu uma outra trajetória de especialização no comércio. Tendo por base, já no início dos anos 80, um padrão de especialização tipicamente Ricardiano, o Brasil efetivamente não buscou criar condições que permitissem substituí-lo por um outro mais eficiente, vale dizer, que oferecesse maior capacidade de geração de renda, de agregação de valor e de exploração de oportunidades tecnológicas no longo prazo, limitando-se a reproduzir a estrutura de comércio correspondente a tal padrão de especialização, permitindo inclusive que esta se visse reforçada no decorrer dos anos 90, devendo-se isto, em grande medida, ao fato de a política econômica ter se mostrado ainda mais passiva frente aos impactos negativos, para a indústria e o comércio, da abertura comercial indiscriminada que caracterizou o período.

Entendemos que tal “passividade” das políticas industrial e comercial brasileiras, na verdade, traduziu a opção por uma política econômica que subordinou toda e qualquer perspectiva de desenvolvimento à agenda de curto prazo da estabilização econômica. Embora tal opção de política econômica tenha tido contornos mais definidos na década de 90, ela não deixou de caracterizar também a década de 80. Uma principal consequência é que a política econômica basicamente deixou de exercer o seu virtual poder de impulsionar ou induzir transformações da estrutura produtiva, o que, em tese, poderia tomar a forma de uma participação estrategicamente ativa do Estado tanto na concepção e execução das diretrizes gerais desse processo quanto na indução de comportamentos competitivos, por parte dos agentes privados, que fossem compatíveis com os objetivos definidos pelas diretrizes de política.

No caso específico da política brasileira de comércio exterior, nossa avaliação é de que esta se caracterizou pela ausência de uma orientação estratégica que contemplasse algum objetivo mais efetivo de transformação do padrão vigente de especialização. Cremos que o mesmo se possa dizer com respeito à lógica presidindo as decisões privadas de produção e investimento no setor exportador brasileiro, onde a preocupação com a

“eficiência” de curto prazo (leia-se: maior lucratividade) parece ter prevalecido sobre a definição de estratégias competitivas de mais longo prazo, e mais agressivas, sobretudo no que se refere a dispêndio de recursos e esforços inovativos, visando algum maior progresso em termos da criação de capacidade tecnológica.

Deve ser notado que se a evolução do comércio exterior brasileiro não pôde contar com a presença de políticas públicas e de estratégias privadas de especialização, ativas e “virtuosas” em seus efeitos sobre a estrutura do comércio, tal é exatamente o oposto do que se observara no caso dos países asiáticos que obtiveram maior êxito em convergir suas estruturas produtiva e comercial para o padrão de comércio prevalecente a nível mundial, posto que o fizeram à base de uma atuação determinante do Estado, via formulação e implementação de políticas industriais, comerciais e tecnológicas pró-reconfiguração do padrão de especialização, e uma presença ativa do setor privado, ao adotarem estratégias competitivas e de reestruturação produtiva sintonizadas com as tendências de evolução do sistema de produção mundial.

Diante da opção feita pelo Brasil de manter-se vinculado a um padrão de especialização comercial cujo potencial de “dinâmica Schumpeteriana” é praticamente nenhum, em nada surpreende a constatação de que a crescente deterioração dos saldos comerciais no período se dera à base de um crescimento mais que proporcional das importações de produtos mais elaborados e/ou intensivos em tecnologia no total das importações brasileiras; que as exportações brasileiras tenham sofrido queda de market-share (médio), em termos absolutos, de forma mais ou menos generalizada; que esta queda tenha sido maior no caso de produtos mais dinâmicos em “market-share” mundial (i.e., classificados nos grupos de *Alto e Médio Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial*); que variações positivas de market-share foram mais frequentes com relação a produtos com “market-share” mundial ou estagnado ou decrescente; e que medida pelo critério de variação de market-share (se positiva ou negativa), a aproximação (das exportações brasileiras) de produtos retrógrados foi mais forte que a aproximação de produtos dinâmicos.

Tais resultados são expressão de uma mesma tendência, qual seja, a perda de dinamismo das exportações brasileiras, o que é também evidência de uma piora da qualidade da inserção comercial do país no decorrer das últimas duas décadas. Ressalte-se, nesse sentido, que não se trata apenas de um desempenho comercial circunstancialmente desfavorável, passível de ser revertido, digamos, por meio de uma política de câmbio de estímulo às exportações. Pois que se trata da perda de “posições” no mercado internacional (market-share), que somente podem ser (re) conquistadas se (re) “*construídas*”, o que tende a ocorrer apenas no longo prazo, e a depender de serem feitos investimentos, públicos e privados, em capacitação tecnológica, que permitam elevar o patamar de competitividade da produção e das exportações do país.

Retomando a questão das implicações de o Brasil, na contramão da tendência do comércio mundial no período, ter feito a opção ou, no mínimo, ter sido transigente com a manutenção de uma estrutura de comércio baseada em um padrão de eficiência (Ricardiano) que nada tem a oferecer em termos da possibilidade de uma melhora qualitativa da pauta de comércio e, conseqüentemente, de serem criadas condições para uma inserção comercial de melhor qualidade, cabem ainda duas considerações.

Em primeiro lugar, deve ser notado que o grau de ineficiência de um dado qualquer padrão de especialização não diz respeito apenas ao quanto com ele se perdeu, mas também ao que por conta dele se deixou de ganhar. O fato de o comércio brasileiro ter, no período analisado, colecionado indicadores de desempenho negativos, revela um lado importante do problema, mas que é apenas a sua face mais visível. O outro lado se expressa nas oportunidades - de transformação do perfil de especialização e de expansão do comércio - que deixaram de ser aproveitadas pelo país, e cuja medida está no quanto ganharam os países que optaram por um padrão de especialização apto a permitir uma melhor exploração daquelas oportunidades. Em segundo lugar, cabe lembrar que as implicações do padrão de especialização não se resumem a efeitos alocativos e nem se esgotam no curto prazo. Ao contrário, qualquer dado padrão de especialização encerra condicionamentos técnicos cujos efeitos, positivos ou negativos, são dinâmicos e cumulativos, influenciando, portanto, as possibilidades futuras de especialização; o que também afirma o caráter intertemporal das

perdas ou ganho associados a um dado padrão de especialização comercial. A conservação das características Ricardianas do padrão de especialização comercial brasileiro, significa, igualmente, a manutenção dos efeitos negativos sobre a estrutura do comércio que lhe são associados.

APÊNDICE METODOLÓGICO

PROCEDIMENTOS GERAIS

As informações estatísticas apresentadas nesta tese foram extraídas do International Trade Statistics Yearbooks (ITSY). Esta fonte classifica as importações e exportações conforme o Standard International Trade Classification (SITC) – Revisão 2. Utilizam-se aquelas estatísticas segundo a agregação por grupos de produtos, isto é, ao nível de 3 dígitos da SITC.

O período estudado compreende os anos de 1981 a 1998. Com o objetivo de analisar comparativamente as décadas de 80 e 90, definimos dois intervalos de tempo: 1981-1990 e 1991-1998. Todos os cálculos tomaram por base os valores médios das exportações e importações, para cada um destes intervalos. Utilizamos o critério de média simples, somando ano a ano aqueles valores e dividindo o resultado pelo total de anos do período. No ITSY, os valores das exportações e importações são computados em milhões de dólares correntes. Optamos por considerar aqueles valores a preços constantes de 1990, utilizando como deflator o Índice de Preço por Atacado Americano.

Os dados tabulados abrangem 147 itens (grupos de produtos) de exportações e 92 itens de importações. A diferença entre estes dois números se deve a ausência de estatísticas sobre as importações brasileiras em alguns anos do período em estudo, sobretudo os primeiros anos da década dos 80. O fato é que pela metodologia do ITSY são computadas apenas as exportações e importações, de cada país, cujos valores não sejam inferiores a 0,3% do comércio mundial do referido produto no período considerado¹. Ocorre que em virtude à forte contração das importações brasileiras nos primeiros anos da década de 1980, muitos grupos de produtos tiveram o valor de suas importações reduzido abaixo do limite de 0,3% do comércio mundial, deixando, assim, de serem computados

¹ Cf. International Trade Statistics Yearbook – notas metodológicas.

pelo ITSY. Em decorrência a isto, quando da tabulação das exportações e importações, conjuntamente, o tamanho da amostra foi reduzido de 147 para 92 grupos de produtos.

Para fins da análise comparativa da evolução dos padrões de comércio exportador brasileiro e mundial tomamos por base as definições de *Eficiência em Crescimento e Eficiência Tecnológica*. A Eficiência em Crescimento refere-se a dois critérios de desempenho comercial: i) *Eficiência em Crescimento no comércio mundial*: considerando a taxa de crescimento médio das exportações mundiais ao nível de grupos de produtos; ii) *Eficiência em Participação Relativa no comércio mundial*: considerando a taxa de crescimento médio da participação relativa dos diferentes grupos de produtos na pauta das exportações mundiais. A noção de Eficiência Tecnológica é a que se apresenta de modo corrente na literatura - referindo-se à avaliação do potencial de oportunidade tecnológica associada a um dado padrão de especialização comercial -, e que toma a forma de uma classificação tecnológica das exportações, tendo por base o critério do grau de intensidade tecnológica dos produtos.

O cálculo da Eficiência em Crescimento considerou as taxas de crescimento médio das importações e exportações mundiais no período 1981-1998. Os produtos foram ordenados num ranking simples e agrupados em quatro categorias: i) produtos de *Alto Dinamismo em Crescimento no comércio mundial* (primeiro 1/3 no ranking); ii) produtos de *Médio Dinamismo em Crescimento no comércio mundial* (1/3 intermediário no ranking); iii) produtos de *Baixo Dinamismo em Crescimento no comércio mundial* (último 1/3 no ranking); iv) *Regressivos em Crescimento no comércio mundial* (produtos que no período apresentaram taxas de crescimento médio negativas).

Procedimento análogo foi adotado para o cálculo da Eficiência em Participação Relativa no comércio mundial. Os produtos foram ordenados conforme a magnitude de suas taxas médias de crescimento de participação relativa no período 1981-1998, e então agrupados em quatro categorias: i) produtos de *Alto Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial* (primeiro 1/3 no ranking); ii) produtos de *Médio Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial* (segundo 1/3 seguinte no ranking); iii)

produtos de *Baixo Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial* (terceiro 1/3 no ranking); iv) *Regressivos em Crescimento de Participação Relativa no comércio mundial* (produtos que apresentaram taxas negativas de variação de participação relativa, no período 1981-1998).

Indicadores de Especialização Comercial e Outros

Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) - simples

Dentre os indicadores de especialização comercial mais difundidos na literatura, destacam-se aqueles que tomam por base a noção de vantagem comparativa revelada (VCR). A inspiração original vem de Balassa (1965), e a hipótese básica subjacente é de que o grau de vantagens (desvantagens) comparativas reveladas pelo comércio de um país qualquer se expressa no conjunto de setores/produtos cuja participação relativa nas exportações do mesmo seja relativamente maior (menor) do que a parcela por estes representada nas exportações totais de um dado conjunto de países ou “zona de referência”. O Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER), que a seguir se apresenta, pertence a essa classe de indicadores, apenas que, resgatando a interpretação original de Balassa, pensamos neste indicador em termos de uma medida do desempenho exportador relativo – com referência a um produto e/ou país qualquer. Definimos o IDER como segue:

$$IDER_{ij} = \frac{X_{ij} / \sum X_{ij}}{\sum X_{ij} / \sum \sum X_{ij}}$$

Onde o numerador expressa a participação relativa do produto i nas exportações totais do país j (Brasil), e o denominador representa a participação relativa do produto i nas exportações totais mundiais. O índice de desempenho exportador relativo (IDER) exprime a medida da vantagem ($1 < IDER \leq \infty$) ou desvantagem ($0 \leq IDER < 1$) exportadora relativa do país (j) no produto (i), com referência ao comércio mundial. Sendo que $IDER = 1$ significa que a participação do país j nas exportações mundiais de i é exatamente equivalente à participação do total de suas exportações nas exportações mundiais totais (ausência de vantagens ou desvantagens comparativas no comércio de i).

Note-se, porém, que a formulação deste índice embute um viés de assimetria: o IDER assume valores entre 0 e ∞ , sendo que aos valores acima de 1 tende a ser conferido um peso muito maior do que o atribuído aos valores abaixo de 1; usando a terminologia da VCR, a condição de desvantagem comparativa fica comprimida no intervalo entre 0 e 1, ao passo que a vantagem comparativa será definida para valores entre 1 e ∞ .

Para superar este problema, Laursen e Engedal (1995), citados por Dalum; Laursen; Villumsen (1996:8), propuseram uma fórmula para tornar o índice VCR simétrico. Considerando a nomenclatura utilizada nesta tese, tal procedimento resulta em: $(IDER_{ij} - 1) / (IDER_{ij} + 1)$; observe que os intervalos de referência são agora definidos em -1 e +1, com um valor neutro em 0, sendo que valores entre 0 e +1 definem a condição de vantagem comparativa e valores entre 0 e -1 caracterizam uma situação de desvantagem comparativa.

Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) – ponderado

Ponderação pelo Comércio (exportador) do País

Incorporarmos ao Índice de Desempenho Exportador Relativo um fator de ponderação, definido em termos da participação relativa do produto em questão nas exportações totais do país. Tal procedimento consistiu em multiplicar o IDER por um fator de ponderação definido em termos das exportações totais do país [$fp^{(n)}$], e expresso por:

$$fpp^{(n)} = \frac{W_i(b) \times W_j(n)}{W_j(b) \times W_i(n)}$$

Onde W são as exportações do produto (i) e país (j); (b), o ano-base da série, respectivamente, 1981 e 1990, e (n), os anos subsequentes.

Buscou-se, com este procedimento, obter-se um indicador de especialização que considerasse não apenas o fluxo (taxa de variação ou crescimento relativo das exportações), mas também o volume (participação relativa) do comércio. A importância disto é no

sentido de podermos avaliar em que medida a estrutura de vantagens e desvantagens comparativas se fez concentrada em setores/produtos de maior peso relativo nas exportações do país, o que pode ter implicações significativas no que tange, por exemplo, à geração de saldo comercial e ao potencial “efeito multiplicador” do comércio exterior.

Ponderação pelo Comércio (exportador) Mundial

Denominamos $fpm^{(n)}$ ao fator de ponderação pelo Comércio (exportador) Mundial, o qual definido em termos de uma fração que exprime o peso relativo das exportações de um particular produto no comércio mundial (W_j/W_t). Definido o ano-base (b), os valores das exportações mundiais do produto “ j ” nos demais anos da série (n) serão por ele multiplicados. A expressão algébrica de $fpm^{(n)}$ será dada por:

$$fpm^{(n)} = \frac{W_j(b) \times W_t(n)}{W_t(b) \times W_j(n)}$$

O objetivo desta ponderação pelo comércio mundial é no sentido de tornar o IDER menos vulnerável a “*distorções devidas às características mundiais do produto*” (Lafay, 1990). A idéia é que tal funcione como um “fator de correção” que, nesse sentido, contribua para evitar que a medida da especialização comercial – no caso, o IDER – seja “espuriamente” afetada por turbulências no mercado mundial de um particular produto - como fora o caso do choque de preços do petróleo nos anos de 1973 e 1979 –, o que poderia vir a distorcer a interpretação do indicador enquanto medida do grau de especialização comercial do país.

Em ambos os casos – ponderação pelo comércio do país e pelo comércio mundial -, os IDERs foram calculados considerando-se os valores médios das exportações brasileiras e mundiais nos períodos (1981-1989) e (1990-1998).

Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)

Medidas de especialização comercial baseadas apenas nas exportações constituem a opção predominante nos estudos sobre comércio internacional. Todavia, cabe ressaltar que a idéia mesma de um indicador de especialização baseado no saldo comercial remonta à formulação original do indicador baseado apenas nas exportações. Com efeito, em germinal artigo de 1965, Balassa propôs a elaboração de um indicador de especialização baseado no saldo comercial, formulado então nos termos de uma medida de exportação-importação relativa². No entanto, este autor não apenas não levou adiante tal linha de formulação, como ainda, posteriormente, acabou por rejeitá-la, baseado no argumento, já ventilado no artigo de 1965, de que as importações seriam muito afetadas por diferenças nos sistemas de proteção tarifária interpaíses³. A fragilidade deste argumento se revela na evidência do elevado grau de barreiras, tarifárias e não-tarifárias, que incidem sobre o comércio exportador entre países.

Seja como for, a necessidade de uma medida de especialização cuja formulação incorpore ambos os fluxos de comércio - exportação e importação -, se justifica enquanto tentativa de evitar uma visão unilateral da especialização comercial do país. Nesta perspectiva, e sob inspiração do Indicador de Contribuição ao Saldo Corrente, originalmente apresentado pelo *Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales* (CEPII, 1983), optamos por adotar o Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC), definindo-o como segue:

$$ICSC = \frac{1000}{y_j} \times [(X_{jk} - M_{jk}) \times (X_{jn} + M_{jn})] - \left[\frac{(X_{jk} + M_{jk}) \times (X_{jn} - M_{jn})}{(X_{jn} + M_{jn})} \right]$$

$$ICSC = \frac{1000}{y_j} \times 2 \left[\frac{(X_{jk} M_{jn}) - (X_{jn} M_{jk})}{(X_{jn} + M_{jn})} \right] \times \left[\left[\frac{Z_{k(\alpha)}}{Z_{j(\alpha)}} \right] \right] \div \left[\left[\frac{Z_{j(\Omega)}}{Z_{k(\Omega)}} \right] \right]$$

² Tal medida de exportação-importação relativa (*REI*) será expressa por : $REI = (X_a^i / M_a^i) / (X_m^o / M_m^o)$; onde X e M são as exportações e importações do produto *a* pelo país *i*; o sobrescrito *o* refere-se ao mundo menos o país *i*; o subscrito *m* refere-se ao comércio mundial total menos o produto *a*.

Onde X_{jk} , M_{jk} e Z_{jk} são, respectivamente, as exportações, importações e o comércio total pelo país j do produto k , e Z_j é o comércio total do país; o primeiro termo da equação, da esquerda para a direita $[1000/y_j]$, expressa a normalização do saldo comercial pelo PIB; o segundo termo expressa a razão entre os saldos relativo e total; o terceiro termo é um fator de ponderação que exprime o peso relativo do produto k no comércio total do país (Z_k/Z_j), de modo que, dado um ano de referência (α), os fluxos de X e M dos demais anos da série (Ω), serão por ele multiplicados. Calculamos o ICSC para dois intervalos de tempo: 1984-1986 e 1995-1997, definindo como ano-base $Z_j(\alpha)$, o ano intermediário de cada período, portanto, 1985 e 1996.

Cabe observar que esta formulação procura incorporar as “correções”, posteriormente sugeridas por Lafay (1990), visando tornar o indicador de contribuição ao saldo, digamos, menos vulnerável a influências “espúrias” decorrentes da evolução do fluxo minoritário e das características do produto em nível mundial. Nesta perspectiva, com o objetivo de evitar que o saldo comercial seja afetado pela evolução do fluxo minoritário - supondo $X > M$, M responderá pelo fluxo minoritário -, propõe-se que o saldo comercial seja relativizado pelo Produto Interno Bruto (y_j). A expressão para a normalização do saldo

comercial pelo PIB será dada por: $Y_{jk} = 1000 \times \left(\frac{X_{jk} - M_{jk}}{y_j} \right)$. E para efeito de isentar o

indicador de contribuição ao saldo do impacto de eventos ocorridos ao nível do mercado mundial do produto k , propõe-se incorporar ao indicador, como fator de ponderação, uma fração que exprima o peso relativo do produto k no comércio mundial (Z_j/Z_t), situando, em relação a um ano-base (α), os fluxos de exportação e importação de k nos demais anos da série (Ω) (Lafay,1990:38-39). Tal fator de ponderação seria então expresso por:

$\left[\left(\frac{Z_{j(\alpha)}}{Z_{t(\alpha)}} \right) \right] \div \left[\left(\frac{Z_{t(\Omega)}}{Z_{j(\Omega)}} \right) \right]$. Optamos, porém, por incorporar ao ICSC, ao invés deste fator de

ponderação pelo comércio mundial, o fator de ponderação pelo comércio total do país,

³ Ver Balassa (1965; 1977).

conforme acima explicitado, qual seja: $\left[\left(\frac{Z_{k(\alpha)}}{Z_{j(\alpha)}} \right) \right] \div \left[\left(\frac{Z_{j(\Omega)}}{Z_{k(\Omega)}} \right) \right]$. Fizemos esta opção após

constatarmos que a ponderação do comércio brasileiro pelo comércio mundial - dada a inexpressiva representatividade daquele primeiro neste último, acabaria por tornar os valores calculados para o ICSC praticamente indecifráveis, isto é, apresentando valor igual a 0 (zero) até por volta da 12^a decimal.

Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII)

O Índice de Comércio Intra-indústria consiste numa medida da importância relativa da parcela de comércio “intra” - intra-setores, intrafirmas ou intraprodutos. O que é interessante neste indicador é que ao conseguir medir a parcela de transações comerciais “intra”, ele nos fornece também, indiretamente, uma medida do grau das transformações não apenas comerciais, como também produtivas, experimentadas, no caso, no âmbito intragrupos de produtos. Com efeito, considera-se o comércio “intra” um fenômeno diretamente associado às transformações recentes envolvendo a especialização produtiva interfirmas e a especialização internacional da produção e do comércio.

Definindo o Índice de Comércio Intra-indústria (ICII) segundo a fórmula padrão de Grubel & Loyld, resulta que : $ICII = 1 - \frac{|X_j - M_j|}{(X_j + M_j)}$

Sendo X_j e M_j , respectivamente, as exportações e importações do produto j , e a expressão $|X_j - M_j|$, o “valor absoluto” do saldo comercial de j . O ICII varia entre 0 e 1. Será igual a zero, quando X_j ou M_j for igual a zero, e será igual a um, quando X_j e M_j apresentarem o mesmo valor. O ICII foi calculado para 1981-89 e 1990-98, considerando-se os valores médios das exportações e importações de cada período.

Não é demais lembrar que o ICII não se trata de uma medida de especialização do tipo “vantagem comparativa revelada pelo comércio”. Neste sentido, considerando o numerador da fórmula do ICII, onde a expressão $| \text{exportações} - \text{importações} |$ significa

“valor absoluto” do saldo comercial, pode-se deduzir que se, por exemplo, as exportações superarem as importações em US\$ 50 milhões ou estas ultrapassarem aquelas em US\$ 50 milhões, o valor do ICII será o mesmo. Não é difícil perceber que tais números, que podem ser expressão de um aumento ou redução das exportações/importações, não serão neutros quando considerados sob a ótica do desempenho exportador relativo ou da contribuição ao saldo comercial.

Índice de Dissimilaridade no Comércio (A_j)

Para avaliar o grau de dissimilaridade entre o padrão exportador brasileiro e a estrutura da demanda mundial utilizamos o Índice de Dissimilaridade no Comércio (A_j). A formulação original deste tipo de índice é creditada a Michaely (1967). Optamos, porém, pela sua apresentação numa versão baseada em Amable (1996), a qual, comparativamente à formulação original de Michaely, tem a vantagem de permitir que a estrutura (setores/produtos) das exportações do país seja diretamente relacionada à estrutura (setores/produtos) do comércio mundial.

A formulação adotada para o índice A_j é a que a seguir se apresenta:

$$A_j = \frac{1}{2} \cdot \sum_{1 \leq i \leq N} \left| \frac{X_{ij}}{X_{.j}} - \frac{X_{.j}}{X_{..}} \right|$$

Sendo X_{ij} as exportações do país j (Brasil) no produto i ; $X_{.j}$, o total de exportações do país j ; e $X_{..}$, as importações mundiais, representando a demanda internacional. O intervalo de variação do índice é dado por $0 \leq A_j \leq 1$. A interpretação estatística do índice é que A_j será nulo quando a estrutura exportadora do país mostrar-se perfeitamente aderente à demanda internacional, e será tanto mais alto quanto mais o país exportar produtos dissonantes com o crescimento da demanda internacional.

O índice A_j foi calculado para os períodos 1981-89 e 1990-98, considerando os valores médios das exportações brasileiras e mundiais, e aplicado à classificação das exportações segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial.

Classificação do Comércio exterior – Tipologias utilizadas

Para efeito de classificação do fluxo de comércio exterior brasileiro, fizemos uso de duas tipologias, as quais denominamos Tipologias I e II. Apresenta-se, a seguir, uma caracterização básica destas tipologias.

A Tipologia I baseia-se nas classificações propostas pela Cepal (1992) e Onudi (1983). Na verdade, a classificação da Cepal é ela mesma o resultado da fusão de duas outras tipologias: ONUDI (1983) e OCDE (1986); ao classificar as manufaturas não-baseadas em recursos naturais conforme a intensidade dos fatores capital, trabalho e tecnologia, a tipologia da Cepal toma por base critérios das classificações da ONUDI (participação dos recursos naturais no valor da produção, intensidade no uso dos fatores, necessidade de contar com pessoal qualificado e taxa de desenvolvimento de produto) e da OCDE (grau de intensidade tecnológica - definido pela razão entre o valor dos gastos em P&D e o valor da produção/vendas). Uma vantagem desta Tipologia está em que ela considera também as seções 0 a 4 da SITC, o que lhe confere maior aderência quando da análise de uma estrutura de comércio na qual produtos primários e semimanufaturados tenham uma presença importante, como vem a ser o caso do Brasil.

A Tipologia II baseia-se na classificação de comércio desenvolvida pela UNCTAD (1996; 2002). Em sua formulação original, esta tipologia abrange 225 itens de exportações mundiais, classificados ao nível de 3 dígitos da SITC/Revisão 2 (UNCTAD, 2002: 88-92), sendo os produtos agrupados em cinco categorias, com base em critérios que consideram a exigência de diferentes habilidades para o trabalho e os requerimentos de tecnologia, capital e escala no estágio final do produto (UNCTAD, 1996:116). O Grupo I (*Primary commodities*) compreende commodities primárias e alimentos processados. O Grupo II (*Labour-intensive and resource-based manufactures*) abrange indústrias baseadas em recursos naturais e trabalho-intensivas, as quais caracterizadas por um baixo grau de exigência de qualificação do trabalho e baixo conteúdo de capital e tecnologia, ou que se baseiem no uso de trabalho caracterizado por habilidades “inatas” (*indigenous*) e tecnologias adquiridas em bases tipicamente manuais (têxteis, vestuários e calçados); brinquedos e equipamentos de esporte; produtos de papel e madeira; produtos minerais não-

metálicos). O Grupo III (*Manufactures with low skill and technology*) compreende setores caracterizados por um baixo a médio (*low-a-medium*) grau de exigência de habilidade do trabalho e intensidade de tecnologia, capital e escala (ferro e aço; produtos de metal; equipamentos sanitários e de encanamento; equipamentos de transporte, exceto veículo a motor e aeronaves). O Grupo IV (*Manufactures with medium skill and technology*) compõe-se de setores com um médio a alto (*medium-to-high*) nível de requerimento, com relação aos quatro critérios já mencionados (pneumáticos e plásticos; maquinaria não-elétrica; maquinaria elétrica; veículo a motor). O Grupo V (*Manufactures with high skill and technology*) considera os setores, os quais, em geral, demandam maior nível de habilidade do trabalho e requerem alta intensidade de tecnologia, escala e capital (produtos químicos e farmacêuticos; computadores e equipamentos de escritório; equipamentos de comunicação e semicondutores; aeronaves e equipamentos associados; instrumentos científicos, relógios e equipamentos fotográficos).

Importa ressaltar que a classificação da UNCTAD confere um peso proporcionalmente maior às exportações de manufaturas de maior grau de elaboração industrial, inclusive se comparada à classificação da CEPAL. Assim, enquanto a Tipologia I é mais representativa no tocante às semimanufaturas e às manufaturas baseadas em recursos naturais, a Tipologia II oferece maior cobertura às manufaturas propriamente ditas, sobretudo as de média e alta intensidade tecnológica, logo, elas se complementam.

Por fim, cumpre observar que as tipologias I e II compartilham entre si, e com as versões originais das quais derivam, as seguintes principais limitações: não permitem identificar em qual etapa do processo de produção se deu a incorporação da tecnologia, e em que condições, isto é, se com elevado ou reduzido grau de desenvolvimento e/ ou aprendizado tecnológico endógenos ao país; não permite distinguir entre a tecnologia que é importada da que é produzida internamente, o que impede que se possa avaliar o grau de correspondência entre a *intensidade tecnológica das exportações* e o desenvolvimento de capacitação tecnológica pelo país, além de dificultar a avaliação do grau de dependência e vulnerabilidade tecnológica do país.

TIPOLOGIA I - CLASSIFICAÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR SEGUNDO A DOTAÇÃO FATORIAL E O GRAU DE ELABORAÇÃO INDUSTRIAL DOS INSUMOS**PRODUTOS SEMIMANUFATURADOS*****Baseados em Recursos Agrícolas***

- 012- Carne salgada e defumada
- 022- Leite e creme
- 023- Manteiga
- 024- Queijo e coalhada
- 046- Sêmolas e farinha de trigo
- 048- Preparados de cereais
- 056- Vegetais/ preparados e conservas
- 058- Sucos/frutas em conservas
- 062- Artigos de confeitaria (ex.chocolate)
- 071- Café e substitutos do café
- 072- Cacau
- 073- Chocolate e preparados
- 074- Chá e mate
- 091- Margarinas e manteigas
- 098- Outros produtos comestíveis
- 111- Bebidas não-alcoólicas
- 112- Bebidas alcoólicas
- 248- Madeira
- 423- Azeites vegetais
- 424- Outros azeites vegetais
- 431- Azeite e gordura animal/vegetal elaborados
- 635- Manufaturas de madeira
- 633- Manufaturas de cortiça
- 642- Artigos de papel e Cartum
- 037- Pescado em conserva
- 122- Manufatura de tabaco
- 246- Madeira/ polpa
- 634- Chapas de madeira/ etc
- 641- Papel de imprensa
- 611- Couro
- 651- Fibras têxteis

Baseados em Recursos Mineraiis

- 233- Látex e borracha sintética
- 266- Fibras sintéticas p/fiação
- 267- Outras fibras sintéticas
- 523- Outros produtos químicos inorgânicos
- 522- Elementos químicos inorgânicos
- 524- Material radioativo/etc
- 562- Fertilizantes
- 681- Prata, platino, etc.
- 683- Níquel

- 685- Chumbo
- 686- Zinco
- 687- Estanho
- 689- Metais não-ferrosos

PRODUTOS MANUFATURADOS

Intensivos em Trabalho

- 592- Amido e féculas; glúten de trigo.
- 612- Manufaturas de couro
- 652- Tecidos de algodão
- 653- Tecidos de fibras artificiais
- 654- Outros tecidos de fibras têxteis
- 657- Tecidos especiais de fibras têxteis
- 658- Artigos têxteis diversos
- 659- Artigos para cobertura de pisos/tapeçaria
- 621- Materiais e artigos de borracha
- 662- Manufaturas de argila
- 663- Manufaturas de minerais n.esp.
- 665- Manufaturas de vidro
- 666- Artigos de porcelana
- 693- Artigos de fio metálico
- 696- Cutelaria
- 821- Móveis e suas partes
- 851- Calçados
- 893- Artigos de matérias plásticas
- 894- Artigos de esporte

Intensivos em Capital

- 282- Refugo de ferro e aço
- 288- Refugo de metais não-ferrosos
- 661- Cal/cimento/outras materiais de construção
- 664- Vidro
- 671- Granulado/etc de ferro
- 672- Lingotes/barras/etc de ferro e aço
- 673- Lâminas/chapas/barras de ferro e aço
- 674- Lâminas/chapas/ferro e aço fundido
- 678- Tubos e acessórios de ferro e aço
- 677- Arame de ferro ou aço
- 695- Ferramentas p/ uso manual ou máquinas
- 628- Artigos de borracha n.esp.
- 625- Pneumáticos/tubos/etc de borracha

Baixo Conteúdo Tecnológico

- 697- Utensílios domésticos/metais comuns
- 892- Impressos
- 691- Estruturas de metal e suas partes (ferro/aço/alumínio)
- 692- Recipientes de metal para armazen/ e transporte

- 694- parafusos, pregos, porcas, etc.
- 699- Manufaturas de metais comuns n.esp.

Médio Conteúdo Tecnológico

- 885- Relógios
- 551- Óleos essenciais, concentrados/aromáticos, etc.
- 711- Caldeiras geradoras de vapor
- 712- máquinas vapor d'água e suas partes
- 713- motor de combustão interna e suas partes
- 721- Máquinas agrícolas e suas partes (exc. tratores).
- 737- Máquinas para trabalhar metais e suas partes
- 724- Máquinas p/ indústria têxtil/couros e suas partes
- 728- Maquinaria e equipamentos especiais p/indústria
- 745- Máquinas e equipamentos não-elétricos n.esp. e suas partes
- 763- Aparelhos gravadores/reprodutores de som
- 531- Materiais p/ tintura/ orgânicos e sintéticos
- 532- Extratos para tintura
- 533- Tinturas/vernizes e outros
- 553- Produtos de perfumaria/cosméticos
- 554- Preparados para limpeza
- 598- Produtos químicos diversos
- 781- Veículos automotores (exc. ônibus).
- 882- Produtos foto/cinematográficos

Alto Conteúdo Tecnológico

- 541- Produtos medicinais e farmacêuticos
 - 751- Máquinas para escritório
 - 771- Aparatos de eletricidade n.esp. e suas partes
 - 773- Equipamentos de distribuição de energia elétrica
 - 764- Equipamentos/partes/acessórios de telecomunicação
 - 775- Aparelhos elétricos e não-elétricos de uso doméstico
 - 774- Aparelhos elétricos para uso médico
 - 778- Outras máquinas e aparelhos elétricos
 - 792- Aeronaves e equipamentos /partes conexas
 - 871- Instrumentos ópticos
 - 872- Instrumentos médicos n.esp.
 - 873- Medidores e contadores n.esp.
 - 874- Instrumentos de medida e controle
-

TIPOLOGIA II - CLASSIFICAÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR SEGUNDO A INTENSIDADE TECNOLÓGICA

Produtos Primários

- 022-Leite e nata
- 037-Pescados, etc/conserv.
- 048-Prepar/ de cereais
- 057-Frutas frescas/secas
- 112-Bebidas alcoólicas
- 222-Sement./frutas oleaginosas
- 233-Latex/borracha sintética
- 266-Fibras sintéticas
- 267-Outras fibras artificiais
- 287-Minerais metálic./conc./
- 288-Refugo/metais n/ferrosos
- 423-Azeites vegetais
- 684-Alumínio
- 682-Cobre
- 681-Prata, platino, etc
- 683-Níquel
- 685-Chumbo
- 689-Metais não-ferrosos

Manufaturas baseados em recursos naturais/intensivas em trabalho

- 611-Couro
- 628-Artigos de borracha/ n. esp.
- 633-Manufatura/cortiça
- 641-Papel
- 657-Tecidos espec/ fibras têxteis
- 663-Manufaturas/minerais
- 664-Vidro

Manufaturas com Baixa Intensidade Tecnológica

- 671-Granulados/etc/ de ferro
- 674-Lâminad/chap/ferro/aço/fundido
- 693-Artigos de fio metálico
- 694-Parafusos/pregos/etc
- 695-Ferramenta p/uso manual ou máq.
- 699-Manufaruras de metais comuns n.sp.

Manufaturas com Média Intensidade Tecnológica

- 679-Manufatura/ferro/aço
- 621-Materiais/ artigos de borracha

714-Máquinas/motor/ não-elétrico
 718-Outras máquinas/ Energ. /partes
 711-Caldeiras geradoras de Vapor
 712-Máquinas/ Vapor d'agua
 713-Motor combustão Interna e partes
 716-Aparelhos Elétr./ pts/peças
 724-Máquinas p/têxtil /couros/e partes
 727-Máquinas para alimentação/ pts/ peças
 728-Maquinaría e equipt. espec. p/ indústria
 736-Máqu/ferrament/ metais/pts/acess.
 737-Máquinas p/ trabalhar metais/ pts nsp.
 745-Outras máq/ferrament/ apar./ não-elétr
 771-Aparelhos elétricos/nsp/partes
 773-Equipament/ distribuic/ energia elétrica
 774-Aparelhos elétricos de uso médico
 778-Máquinas e aparelhos elétricos nsp.
 784-Pts e acessór. de veículos automotores
 726-Máquinas/aparelhos/encadernaç/ e pts
 749-Pts/acessórios/não-elétr./ máquinas
 772-Acessórios elétricos diversos
 893-Artigos de matérias plásticas

***Manufaturas com Alta
Intensidade Tecnológica***

582-Produtos condensados/policon/
 583-Produtos polimerizaç./etc
 511-Hidrocarburetos/etc
 512-Álcool e concentrados
 513-Acidos carboxílicos/etc
 514-Compostos hidrogen.
 515-Compostos organomin.
 516-Outr.prod.quím.orgân.
 522-Element/químico./ inorgânic.
 523-Out/produtos químicos inorgânicos
 524-Materiais radioativos/ etc
 531-Materiais/tintura/orgânica/sintética
 532-Extratos/tintura/sintético/etc
 533-Tintas, vernizes, etc
 541-Produtos medicinais /farmacêutic.
 551-Óleos/ aromatizantes./etc
 554-Produtos de limpeza
 562-Fertilizantes
 592-Féculas de glúten /trigo
 598-Produtos químicos diversos
 751-Máquinas de escritório
 752-Máq/elaboraç/ automação de dados
 759-pts/aces/751 e 752

762-Radioreceptores /etc
763-Aparelhos reprodut/ gravadores de som
764-Equipos/pts/acessórios/ telecomunicaç.
776-Transist./válvul. Eletrônic./ etc/ e pts
792-Aeronaves e equip./etc
871-Instrumentos ópticos
872-Instrumentos médicos n.esp.
873-Medidores/ contadores n.esp.
874-Instrumentos de medida e controle
882-Produtos/ Foto cinematográficos
885-Relógios
881-Aparelhos/equipamentos fotográficos

ANEXO ESTADÍSTICO

Tabela 01- Exportações Brasileiras: "Ganho" ou "Perda" como % da "Exportação Potencial" - 1989/1981 ⁽¹⁾

PRODUTOS	Participação	"Ganho" ou ("Perda")
CÓDIGOS-SITC	Relativa na Pauta (%) ⁽²⁾	como % do Exportac. Potencial
672- Lingot./etc/ferro/aço	3,21	3568,68
684- Alumínio	2,68	1960,13
843- Vestuário feminino	0,28	293,36
583- Prod.polimerizaç./etc	1,39	278,10
682- Cobre	0,31	244,30
074- Chá e mate	0,10	202,04
771- Apar. Eletric./nsp/pts	0,08	192,13
792- Aeron./ e equip./etc	1,34	169,33
762- Radioreceptos/etc	1,37	162,16
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	0,25	133,55
516- Outr.prod.quím.orgân.	0,26	129,19
687- Estanho	0,97	129,05
515- Compost.organomin.	0,31	115,83
431- Azeit./gordur/elabor.	0,18	94,46
641- Papel	1,96	87,11
674- Lâm./chap/ferr/aç/fund	3,56	86,59
759- pts/aces/751 e 752	0,26	86,57
775- Apar.elét./n-elét./méd.	0,33	62,13
625- Pneumático/tubos/ etc	0,96	60,10
689- Metais não-ferrosos	0,00	58,61
673- Lâmin./chap./ferr./aço	2,04	53,02
592- Féculas, glúten trigo	0,12	50,56
222- Sement./frutas oleag.	3,27	43,66
612- Manufat./ de couro	0,38	42,87
671- Granulad./etc de ferro	2,84	39,16
522- Elem./quím. Inorgân.	0,47	35,44
745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,25	31,42
713- Motor comb. Int. e pts	3,52	29,88
723 Máq.eq. Eng.civ./e pts	0,61	29,00
611- Couro	1,02	26,33
851- Calçados	5,69	19,45
582- Prod/conden/policon/	0,18	18,39
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	0,39	14,23
764- eqts/pts/aces/ teleco.	0,39	14,17
749 Pts/aces/n.elét./ máq.	0,53	12,61
784 Pts e aces./veic.aut.	2,36	11,68
654- Outros tecidos	0,12	10,50
666- Artigos de porcelana	0,14	10,40
882- Produt. Foto.cinemat.	0,44	9,58
513- Ácidos carboxil./etc	0,41	9,46
662- Manufatura argila	0,37	9,22
677- Arame de ferro/aço	0,11	5,09
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	0,26	2,64
699- Manuf. Metais com.	0,30	2,39
658- Artig. Têxteis divers.	0,72	0,47
Particip. Relativ. Acum. (%)	46,74	
("Ganhos")		
098- Outros produt.comest.	0,19	(79,37)
736- Máq-ferr/met./pts/acs	0,21	(76,80)
892- Impressos	0,11	(75,26)
728- Máq. eq. Esp. Indústria.	0,31	(74,48)
423- Azeites vegetais	2,56	(72,06)
635- Manufatura/madeira	0,31	(70,97)
072- Cacau	3,24	(69,69)
751- Máquinas de escritór.	0,31	(69,35)
761- Recep.telev./radrecep.	0,17	(67,33)
691- Estrut. Metal e s/pts.	0,17	(66,05)
014- Carne/conserv./prepar.	1,74	(65,57)
752- Máq.elab.autom.dad.	0,97	(64,72)
692- Receptient. De metal	0,13	(60,90)

Tabela 01- Exportações Brasileiras: "Ganho" ou "Perda" como % da "Exportação Potencial" - 1989/1981 ⁽¹⁾

PRODUTOS CÓDIGOS-SITC	Participação	
	Relativa na Pauta (%) ⁽²⁾	"Ganho" ou ("Perda") como % do Exportaç. Potencial
248- Madeira trabalh.	1,05	(60,70)
424- Outr. Azeit. vegetais	0,34	(60,35)
653- Tecid./fibras artificiais	0,20	(59,99)
233- Latex/borrac.sint.	0,16	(56,94)
512- Álcool e concentr.	1,04	(50,38)
661- Cal/cim./ mat. Const.	0,10	(47,50)
642- Artigos de papel/cart.	0,24	(45,17)
071- Café e similares	13,72	(44,77)
678- Tub/aces/ ferro/aço	1,03	(44,20)
665- Artigos de vidro	0,13	(43,26)
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	0,44	(43,26)
776- microc.elet.,etc/e pts	0,42	(40,09)
551- Óleos, aromatiz./etc	0,21	(37,58)
893- Artig. Matér. Plásticas	0,21	(34,55)
541- Prod. Medic./farmac.	0,36	(32,61)
781- Veicul. Pasg.(ex.ônib)	3,22	(32,42)
737- Máq. p/met./ pts nsp.	0,11	(31,55)
287- Miner.metál./conc./	1,06	(31,36)
057- Frutas fresc./secas	1,03	(31,34)
697- Utens. Domés. Met.	0,16	(30,31)
651- Tecidos/fibras têxteis	1,93	(30,30)
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	0,58	(29,60)
842- Vestuário masculino	0,16	(29,12)
652- Tecidos de algodão	0,86	(29,07)
772- Acess. Elétric. Divers	0,35	(27,83)
695- Ferram.p/ man./maq.	0,24	(20,15)
532- Extrat./tint./sintét./etc	0,11	(17,24)
058- Sucos e frutas/conserv.	5,64	(15,61)
634- Chapas de mad./etc	0,78	(15,49)
874- Instr. Medid./controle	0,27	(12,66)
696- Cutelaria	0,21	(11,24)
821- Móveis/ e pts	0,23	(11,06)
531- Mat./tintur./orgân./sint.	0,03	(8,90)
514- Compostos hidrogen.	0,59	(8,69)
073- Chocol./ preparar/	0,57	(8,25)
062- Confeitar.(exc.choc.)	0,17	(8,16)
894- Artigos de esporte	0,43	(8,07)
693- Artigos de fio metálic.	0,24	(6,60)
511- Hidrocarburet./etc	1,25	(6,31)
716- Apar. Elét./ pts/peç.	0,27	(5,87)
598- Produtos quimic. Div.	0,57	(4,67)
664- Vidro	0,16	(4,29)
523- Out.prod.quím.inorg.	0,11	(1,08)
663- Manufatur./minerais	0,16	(0,81)
Particip. Relativ. Acum. (%) ("Perdas")	51,59	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook. Elaboração própria.

¹ Define-se como "exportação potencial" de X, o valor das exportações de X que prevaleceria em 1989, caso a participação relativa desse produto nas exportações de 1981 não houvesse se modificado em 1989. Algebricamente: $Exp(1989) = ExE(1981) / EtE(1981) \times EtE(1989)$. Onde Exp é a exportação potencial do produto X, $ExE(1981)/EtE(1981)$ é a taxa de participação relativa de X nas exportações do ano de 1981 e $EtE(1989)$ é o valor efetivo das exportações totais no ano de 1989. O "Ganho" ou "Perda" como percentual da exportação potencial pode então ser expresso como: $G/P = [ExE(1989) - Exp(1989)] / Exp(1989) \times 100$.

² Foram considerados apenas os produtos com participação relativa nas exportações maior ou igual a 0,1%.

Tabela 02 - Exportações Brasileiras: "Ganho" ou "Perda" como % da Exportação Potencial - 1998/1990⁰¹

CÓDIGOS-STIC	PRODUTOS	Participação	"Ganho" ou ("Perda")
		Relativa na Ponta (%) ⁰²	como % da Exportac. Potencial
122-	Cigarros/tabac.	1,14	562,13
714-	Máq/motor/ eléct.	0,27	478,36
661-	Cal/cim./ mat. Const.	0,45	448,54
098-	Outros produt.comest.	0,16	435,83
554-	Produtos de limpeza	0,16	434,83
821-	Móveis/ c pts	0,85	396,29
531-	Mat./tintur./orgân./sint.	0,19	350,64
642-	Artigos de papel/cart.	0,26	297,62
533-	Tintas, vernizes, etc	0,21	246,85
553-	Perfumar./cosmécic.	0,13	174,62
233-	Latax/boiac.sint.	0,23	160,16
732-	Máq. elab.autom.dad.	0,46	155,22
737-	Máq. p/mot./ pts asp.	0,12	142,69
893-	Artig. Mátr. Plásticas	0,37	142,63
781-	Veicul. Pass.(ex.ônib)	2,62	140,99
771-	Apar. Eléct./asp/pts	0,28	107,86
699-	Manuf. Metais com.	0,45	101,94
635-	Manufatura/madeira	0,54	101,66
664-	Vidro	0,21	98,20
541-	Prod. Medic./farmac.	0,52	97,64
248-	Madeira trabalh.	1,07	92,12
721-	Máq. agric (ex.trt./pts	0,46	90,50
784-	Pts e aces./veic.aut.	4,44	87,14
718-	Outr.maq. Energ. /pts	0,05	79,63
716-	Apar. Eléct./ pts/peç.	0,64	73,10
592-	Féculas, glúten trigo	0,25	68,49
728-	Máq. eq. Esp. Indúst.	0,35	66,83
764-	eqs/pts/aces/ teleco.	0,37	63,69
736-	Máq.ferr/mot./pts/acs	0,35	58,60
778-	Máq.e apar. elct. Nsp.	0,39	58,35
691-	Estrut. Metal e s/pts.	0,15	55,54
014-	Carne/conserv./prepar.	1,02	51,22
694-	Parafus/peços/etc	0,15	49,77
222-	Sement./frutas oleag.	4,18	48,22
792-	Aeron/ e equip./etc	1,83	47,72
683-	Niquel	0,11	45,09
692-	Recipient. De metal	0,16	43,96
634-	Chapas de mad./etc	1,04	43,11
073-	Chocol./ prepar/	0,15	43,03
611-	Couro	1,71	41,99
697-	Utens. Domést. Met.	0,33	41,66
628-	Artig. Borrach/ n. esp.	0,21	41,39
745-	Out.maq/ferr/ep. n. elé	0,42	39,18
662-	Manufatura argila	0,53	38,96
874-	Instr. Medic./controle	0,31	37,12
514-	Compostos hidrogen.	0,78	36,61
423-	Axites vegetais	2,08	36,49
625-	Pneumático/tubos/ etc	1,48	35,99
723-	Máq.eq. Eng.civ./e pts	1,11	35,22
382-	Prod/conden/policon/	0,32	34,73
516-	Outr.prod.quím.orgân.	0,30	33,58
663-	Manufatur./minerais	0,28	29,64
562-	Fertilizantes	0,19	29,41
515-	Compost.organoamin.	0,33	26,23
071-	Café e similares	6,99	26,14
727-	Máq. p/alimnt./ pts/peç.	0,10	25,46
882-	Produt. Foto.cisemat.	0,66	21,96
695-	Ferram.p/ man./maq.	0,32	21,91
749-	Pts/aces/n. elct./ máq.	1,04	18,98
657-	Tecid./ esp./fibr./text.	0,45	16,40
062-	Confeitar.(exc.choc.)	0,23	8,38
759-	pts/aces/751 e 752	0,37	7,88
772-	Acess. Eléctic. Divers	0,51	5,01
598-	Produtos químic. Div.	0,46	0,24
696-	Catcléris	0,34	0,08
Particip. Relativ. Acum. (%)		49,14	
("Ganhos")			

Tabela 02 - Exportações Brasileiras: "Ganho" ou "Perda" como % da Exportação Potencial - 1998/1990⁽¹⁾

CÓDIGOS-SIIC	Participação	"Ganho" ou ("Perda")
PRODUTOS	Relativa na Pasta (%) ⁽²⁾	como % da Exportac. Potencial
424- Outr. Azúcl.vegetais	0,24	(94,93)
687- Estanho	0,33	(87,21)
751- Máquinas de escrever	0,14	(78,00)
673- Lâmin./chap./ferr./aço	1,68	(75,13)
072- Cacaú	0,79	(72,25)
682- Cobre	0,64	(69,21)
894- Artigos de esporte	0,42	(66,64)
651- Tecidos/fibras têxteis	1,05	(61,19)
724- Máq. p/ôst./cont./e pts	0,40	(52,52)
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	0,31	(51,97)
693- Artigos de fio metálic.	0,21	(49,53)
511- Hidrocarburet./etc	0,82	(49,07)
028- Sucos e frutas/conserv.	4,18	(45,75)
666- Artigos de porcelana	0,13	(44,44)
762- Radioreceptos/etc	1,15	(37,98)
112- Bebidas alcoólic.	0,32	(37,54)
684- Alumínio	4,15	(35,32)
674- Lâm./chap./ferr./fund	3,00	(33,26)
671- Granulad./etc de ferro	2,71	(30,87)
583- Prod.polímericos./etc	1,62	(28,47)
612- Manteim./ de couro	0,31	(27,82)
672- Lingot./etc/ferro/aço	5,71	(26,13)
851- Calçados	5,02	(25,31)
658- Artig. Têxteis divers.	0,84	(24,64)
678- Tub./aces./ ferro/aço	0,85	(23,93)
074- Chá e mate	0,15	(23,15)
287- Miner.metál./concr./	0,93	(22,82)
641- Papel	3,05	(21,09)
522- Elem./quím. inorgâni.	0,74	(20,57)
713- Motor comb. Int. e pts	3,23	(20,31)
513- Ácidos carbónil./etc	0,38	(18,61)
665- Artigos de vidro	0,16	(16,57)
571- Óleos, aromatz./etc	0,23	(15,93)
512- Álcool e conecent.	0,56	(11,49)
431- Azúcl./gordur./elabor.	0,31	(10,68)
523- Out.prod.quím.inorg.	0,19	(6,69)
775- Apar.elét./m-elét./méd.	0,50	(5,84)
057- Frutas fresc./secas	0,91	(5,83)
776- microe.elét./etc/e pts	0,33	(5,67)
652- Tecidos de algodão	0,71	(4,57)
Particip. Relativ. Acum. (%)	49,29	
		("Perdas")

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook. Elaboração própria.

¹ Define-se como "exportação potencial" de X, o valor das exportações de X que prevaleceria em 1998

, caso a participação relativa desse produto nas exportações de 1990 não houvesse se modificado em 1998.

Alcetricamente: $Exp(1998) = ExE(1990) / ExE(1990) \times ExE(1998)$. Onde Exp é a exportação potencial do produto X, $ExE(1990)/ExE(1990)$ é a taxa de participação relativa de X nas exportações do ano de 1990 e $ExE(1998)$ é o valor efetivo das exportações totais no ano de 1998. O "Ganho" ou "Perda" como percentual da exportação potencial pode então ser expresso como: $G/P = [ExE(1998) - Exp(1998)] / Exp(1998) \times 100$.

² Foram considerados apenas os produtos com participação relativa nas exportações maior ou igual a 0,1%.

Tabela 03 - Composição Relativa das Exportações Brasileiras:(1981-1998) - classificação segundo a Tipologia II

Tipologia II Código / Produto	Export.Méd.	Export.Méd.	Export.Méd.	Export.Méd.
	(1981-84) Part. %	(1985-89) Part. %	(1990-94) Part. %	(1995-98) Part. %
Produtos Primários	44,22	37,01	29,87	31,42
012- Carne salgada/defumada	0,02	0,03	0,02	0,01
014- Carne/conserv./prepar.	2,40	1,37	1,13	0,91
022- Leite e nata	0,00	0,01	0,02	0,02
024- Queijo e coalhada	0,00	0,00	0,00	0,01
046- Sêmola e farinha	0,00	0,00	0,00	0,00
048- Prepar/ de cereais	0,05	0,03	0,06	0,10
057- Frutas fresc./secas	1,12	0,99	0,97	0,86
058- Sucos e frutas/conserv.	6,27	5,32	4,57	3,82
062- Confeitar.(exc.choc.)	0,13	0,19	0,24	0,22
071- Café e similares	15,87	12,60	6,29	7,71
072- Cacau	4,14	2,75	1,15	0,44
073- Chocol./ prepar/	1,15	0,23	0,15	0,15
074- Chá e mate	0,04	0,15	0,16	0,13
098- Outros produt.comest.	0,23	0,17	0,11	0,21
111- Bebidas não-alcoólic.	0,01	0,01	0,05	0,06
112- Bebidas alcoólic.	0,06	0,08	0,23	0,22
122- Cigarros/tabac.	0,04	0,10	0,73	1,56
222- Sement./frutas oleag.	2,49	3,77	3,57	4,79
233- Latex/borrac.sint.	0,21	0,13	0,13	0,33
248- Madeira trabalh.	1,37	0,87	0,86	1,28
266- Fibras sintéticas	0,11	0,08	0,05	0,02
267- Outr.fibras artific.	0,03	0,05	0,06	0,05
287- Miner.metál./conc./	1,35	0,89	0,98	0,88
288- Refug/metals n/ferros.	0,06	0,02	0,01	0,09
423- Azeites vegetais	4,44	1,48	1,73	2,44
424- Outr. Azeit.vegetais	0,34	0,35	0,40	0,08
431- Azeit./gordur/elabor.	0,16	0,19	0,27	0,34
684- Alumínio	0,98	3,71	4,45	3,86
682- Cobre	0,27	0,34	0,81	0,48
681- Prata, platino, etc	0,00	0,01	0,01	0,02
683- Níquel	0,01	0,02	0,10	0,12
685- Chumbo	0,02	0,01	0,01	0,00
687- Estanho	0,83	1,06	0,49	0,17
689- Metais não-ferrosos	0,01	0,00	0,02	0,03
Manufat. basead. em recurs. intensivas em trabalho	16,15	16,71	18,82	17,66
611- Couro	0,92	1,09	1,48	1,94
612- Manufat./ de couro	0,36	0,40	0,34	0,29
633- Manufatura/cortiça	0,00	0,00	0,00	0,00
634- Chapas de mad./etc	0,66	0,86	0,97	1,11
635- Manufatura/madeira	0,47	0,22	0,48	0,61
641- Papel	1,67	2,15	3,15	2,97
642- Artigos de papel/cart.	0,20	0,27	0,21	0,31
651- Tecidos/fibras têxteis	2,37	1,69	1,31	0,80

Tabela 03 - Composição Relativa das Exportações Brasileiras:(1981-1998) - classificação segundo a Tipologia II

Tipologia II	Export.Méd.	Export.Méd.	Export.Méd.	Export.Méd.
Código / Produto	(1981-84)	(1985-89)	(1990-94)	(1995-98)
	Part. %	Part. %	Part. %	Part. %
652- Tecidos de algodão	1,04	0,76	0,76	0,68
653- Tecid./fibras artificiais	0,24	0,18	0,09	0,06
654- Outros tecidos	0,12	0,12	0,07	0,07
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	0,52	0,40	0,43	0,46
658- Artig. Têxteis divers.	0,62	0,79	0,95	0,72
659- Artig./pisos/tapeçar.	0,03	0,02	0,04	0,05
661- Cal/cim./ mat. Const.	0,11	0,10	0,32	0,58
662- Manufatura argila	0,34	0,39	0,51	0,55
663- Manufatur./minerais	0,15	0,16	0,26	0,31
664- Vidro	0,14	0,18	0,18	0,24
665- Artigos de vidro	0,13	0,12	0,18	0,13
666- Artigos de porcelana	0,13	0,15	0,16	0,11
821- Móveis/ e pts	0,19	0,26	0,64	1,06
851- Calçados	5,43	5,90	5,71	4,35
894- Artigos de esporte	0,32	0,51	0,59	0,25
Manufaturas com Baixa Intensidade Tecnológica	12,02	15,87	18,38	14,17
679- Manufatura/ferro/aço	0,02	0,05	0,07	0,09
671- Granulad./etc de ferro	2,84	2,87	2,83	2,60
672- Lingot./etc/ferro/aço	0,58	4,80	6,45	5,00
673- Lâmin./chap./ferr./aço	2,07	2,05	2,48	0,89
674- Lâm./chap/fer/aq/fund	3,40	3,69	3,42	2,59
677- Arame de ferro/aço	0,12	0,10	0,11	0,09
678- Tub/aces/ ferro/aço	1,29	0,90	0,90	0,79
691- Estrut. Metal e s/pts.	0,26	0,12	0,14	0,16
692- Receptent. De metal	0,18	0,11	0,18	0,14
693- Artigos de fio metálic.	0,30	0,20	0,24	0,18
694- Parafus/pregos/etc	0,07	0,07	0,14	0,16
695- Ferram.p/ man./maq.	0,26	0,24	0,31	0,33
696- Cutelaria	0,21	0,21	0,37	0,32
697- Utens. Domés. Met.	0,16	0,17	0,34	0,32
699- Manuf. Metais com.	0,28	0,32	0,39	0,51
Manufaturas com Média Intensidade Tecnológica	14,52	15,68	19,09	21,78
621- Mater. artig. Borracha	0,03	0,04	0,07	0,12
625- Pneumático/tubos/ etc	0,75	1,10	1,44	1,52
628- Artig. Borrach/ n. esp.	0,07	0,10	0,19	0,22
714- Máquin/motor/ n/elétr.	0,04	0,11	0,23	0,31
718- Outr.maq. Energ. /pts	0,00	0,04	0,05	0,06
711- Caldeir. Gerad. Vapor	0,04	0,02	0,04	0,04
712- Máqu. Vapor d'água	0,00	0,00	0,00	0,01
713- Motor comb. Int. e pts	3,23	3,73	3,31	3,16
716- Apar. Elét./ pts/peç.	0,28	0,27	0,56	0,72
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	0,22	0,28	0,35	0,58
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	0,36	0,42	0,48	0,31
727- Máq. p/alimt./ pts/peç.	0,07	0,05	0,11	0,08
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	0,46	0,22	0,33	0,38
736- Máq-ferr/met./pts/acs	0,28	0,18	0,31	0,40

Tabela 03 - Composição Relativa das Exportações Brasileiras:(1981-1998) - classificação segundo a Tipologia II

Tipologia II		Export.Méd.	Export.Méd.	Export.Méd.	Export.Méd.
Código / Produto		(1981-84)	(1985-89)	(1990-94)	(1995-98)
		Part. %	Part. %	Part. %	Part. %
737-	Máq. p/met./ pts nsp.	0,19	0,07	0,10	0,14
745-	Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,23	0,26	0,44	0,39
771-	Apar. Eletrc./nsp/pts	0,05	0,09	0,26	0,31
773-	Eq. Distr. Energ. Elét.	0,21	0,28	0,37	0,25
774-	Apar. Elétr. Uso méd.	0,01	0,01	0,02	0,03
775-	Apar.elét./n-elét./méd.	0,28	0,36	0,55	0,46
778-	Máq.e apar.elet. Nsp.	0,62	0,56	0,86	1,01
781-	Veicul. Pasg.(ex.ônib)	3,27	3,23	2,13	3,10
723	Máq.eq. Eng.civ./e pts	0,61	0,62	1,07	1,16
784-	Pts e aces./veic.aut.	2,06	2,55	3,96	4,93
726	Máq/ap/encad/ e pts	0,02	0,02	0,06	0,05
749-	Pts/aces/n.elét./ máq.	0,51	0,55	0,98	1,11
772-	Acess. Elétric. Divers	0,41	0,32	0,48	0,55
893-	Artig. Matér. Plásticas	0,22	0,21	0,33	0,40
Manufaturas com Alta Intensidade Tecnológica		13,09	14,72	13,85	14,97
582-	Prod/conden/policon/	0,18	0,19	0,26	0,37
583-	Prod.polimerizaç./etc	0,84	1,72	1,80	1,45
511-	Hidrocarburet./etc	1,40	1,17	0,86	0,79
512-	Álcool e concentr.	1,43	0,81	0,55	0,58
513-	Ácidos carboxil./etc	0,37	0,44	0,42	0,35
514-	Compostos hidrogen.	0,63	0,58	0,72	0,84
515-	Compost.organomin.	0,21	0,37	0,31	0,36
516-	Outr.prod.quím.orgân.	0,18	0,31	0,28	0,33
522-	Elem./quím. Inorgân.	0,45	0,49	0,67	0,80
523-	Out.prod.quím.inorg.	0,10	0,12	0,19	0,19
524-	Mater. radioativ./ etc	0,01	0,01	0,00	0,00
531-	Mat./tintur./orgân./sint.	0,03	0,03	0,15	0,23
532-	Extrat./tint./sintét./etc	0,12	0,11	0,06	0,11
533-	Tintas, vernizes, etc	0,06	0,09	0,15	0,27
541-	Prod. Medic./farmac.	0,39	0,35	0,43	0,61
551-	Óleos, aromatiz./etc	0,24	0,20	0,22	0,25
553-	Perfumar./cosmético.	0,10	0,07	0,11	0,16
554-	Produtos de limpeza	0,10	0,06	0,12	0,19
562-	Fertilizantes	0,11	0,08	0,18	0,19
592-	Féculas, glúten trigo	0,09	0,13	0,23	0,28
598-	Produtos químic. Div.	0,51	0,60	0,44	0,49
751-	Máquinas de escritór.	0,42	0,25	0,18	0,10
752-	Máq.elab.autom.dad.	1,28	0,80	0,34	0,58
759-	pts/aces/751 e 752	0,25	0,27	0,43	0,30
761-	Recep.telev./radrecp.	0,22	0,14	0,05	0,03
762-	Radiorecepts/etc	0,84	1,69	1,27	1,04
763-	Apar.repr.gravds.som	0,12	0,05	0,00	0,00
764-	eqts/pts/aces/ teleco.	0,27	0,47	0,27	0,47
776-	microc.elet.,etc/e pts	0,47	0,40	0,37	0,30
792-	Aeron./ e equip./etc	0,73	1,71	1,53	2,13
871-	Instrumentos ópticos	0,03	0,01	0,03	0,04
872-	Instr. Médicos n.esp.	0,11	0,05	0,07	0,08
873-	Medid./medid/ n.esp.	0,05	0,06	0,08	0,09
874-	Instr. Medid./controle	0,33	0,24	0,34	0,29
882-	Produt. Foto.cinemt.	0,37	0,49	0,64	0,68
885-	Relógios	0,03	0,04	0,02	0,01
881-	Apar./equip. fotográf.	0,04	0,11	0,06	0,01
Total		100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte dos dados: International Trade Statistics Yearbook. Elaboração própria.

Tabela 04 - Composição relativa das Importações Brasileiras: (1981-1998) - classificação segundo a Tipologia II

Classificação pela Tipologia II Código /Produto	Import.Méd.	Import.Méd.	Import.Méd.	Import.Méd.
	(1981-84) Part. %	(1985-89) Part. %	(1990-94) Part. %	(1995-98) Part. %
Produtos Primários	15,56	13,23	14,53	11,16
022- Leite e nata	0,31	1,12	0,77	1,17
037- Pescado,etc/conserv.	0,08	0,10	0,08	0,15
048- Prepar/ de cereais	1,16	1,25	4,21	2,04
057- Frutas fresc./secas	1,56	1,31	1,11	1,13
112- Bebidas alcoólic.	0,19	0,34	0,36	0,55
222- Sement./frutas oleag.	2,51	0,73	0,54	0,69
233- Latex/borrac.sint.	1,00	1,00	0,68	0,46
266- Fibras sintéticas	0,08	0,09	0,19	0,22
267- Outr.fibras artific.	0,03	0,02	0,09	0,09
287- Miner.metál./conc./	1,47	2,88	2,91	1,22
288- Refug/metais n/ferros.	0,14	0,29	0,14	0,06
423- Azeites vegetais	0,74	0,81	0,70	0,77
684- Alumínio	0,58	0,33	0,56	0,90
682- Cobre	3,63	1,90	1,44	1,08
681- Prata, platino, etc	0,48	0,54	0,28	0,21
683- Níquel	0,27	0,24	0,24	0,20
685- Chumbo	0,01	0,04	0,08	0,11
689- Metais não-ferrosos	1,31	0,25	0,16	0,12
Manufat. basead. em recurs. intensivas em trabalho	5,15	5,30	4,82	5,10
611- Couro	1,00	1,99	1,18	0,44
628- Artig. Borrach/ n. esp.	0,37	0,41	0,51	0,75
633- Manufatura/cortiça	0,00	0,01	0,01	0,01
641- Papel	2,38	1,89	1,86	2,37
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	0,48	0,28	0,42	0,55
663- Manufatur./minerais	0,43	0,47	0,42	0,42
664- Vidro	0,48	0,27	0,43	0,55
Manufaturas com Baixa Intensidade Tecnológica	3,25	2,72	2,81	3,25
671- Granulad./etc de ferro	0,16	0,07	0,18	0,13
674- Lâm./chap/fer/aç/fund	1,34	1,03	0,83	0,73
693- Artigos de fio metálic.	0,11	0,12	0,05	0,15
694- Parafus/pregos/etc	0,35	0,36	0,37	0,45
695- Ferram.p/ man./maq.	0,70	0,49	0,60	0,73
699- Manuf. Metais com.	0,60	0,65	0,79	1,06
Manufaturas com Média Intensidade Tecnológica	32,20	30,72	30,01	32,18
679- Manufatura/ferro/aço	0,01	0,01	0,05	0,10
621- Mater. artig. Borracha	0,21	0,17	0,26	0,32
714- Máquin/motor/ n/elétr.	1,27	2,64	0,91	0,85
718- Outr.maq. Energ. /pts	0,29	1,36	0,22	0,20
711- Caldeir. Gerad. Vapor	0,24	0,41	0,08	0,10
712- Máqu. Vapor d'agua	0,43	0,51	0,62	0,14
713- Motor comb. Int. e pts	2,15	2,07	2,19	2,74
716- Apar. Elét./ pts/peç.	3,75	1,23	0,67	0,96
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	1,33	2,18	2,64	1,73
727- Máq. p/alimt./ pts/peç.	0,09	0,11	0,26	0,39

Tabela 04 - Composição relativa das Importações Brasileiras: (1981-1998) - classificação segundo a Tipologia II

Classificação pela Tipologia II Código /Produto	Import.Méd.	Import.Méd.	Import.Méd.	Import.Méd.
	(1981-84) Part. %	(1985-89) Part. %	(1990-94) Part. %	(1995-98) Part. %
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	1,96	1,57	2,48	3,84
736- Máq-ferr/met./pts/acs	1,69	1,69	1,61	1,58
737- Máq. p/met./ pts nsp.	1,06	0,31	0,54	0,84
745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,46	0,36	1,00	1,45
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	1,93	0,87	0,85	1,00
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	0,80	0,45	0,47	0,74
774- Apar. Elétr. Uso méd.	0,43	0,75	0,79	0,91
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	2,54	2,18	2,47	2,96
784- Pts e aces./veic.aut.	2,54	3,91	4,35	4,79
726- Máq/ap/encad/ e pts	0,40	0,70	1,03	0,23
749- Pts/aces/n.elét./ máq.	4,65	4,06	3,36	2,84
772- Acess. Elétric. Divers	3,72	2,84	2,37	2,02
893- Artig. Matér. Plásticas	0,24	0,34	0,81	1,43
Manufaturas com Alta				
Intensidade Tecnológica	43,84	48,03	47,83	48,32
582- Prod/conden/policon/	0,98	1,16	1,27	1,35
583- Prod.polimerizaç./etc	1,13	1,34	1,64	2,10
511- Hidrocarburet./etc	0,82	1,14	0,75	0,65
512- Álcool e concentr.	0,86	0,91	2,51	1,54
513- Ácidos carboxil./etc	1,41	1,34	1,07	1,09
514- Compostos hidrogen.	2,93	2,93	3,32	2,59
515- Compost.organomin.	3,69	3,61	2,65	2,85
516- Outr.prod.quím.orgân.	0,78	1,12	0,76	0,66
522- Elem./quím. Inorgân.	2,51	1,88	1,24	0,88
523- Out.prod.quím.inorg.	1,43	1,22	1,00	0,77
524- Mater. radioativ./ etc	0,06	0,06	0,06	0,05
531- Mat./tintur./orgân./sint.	0,57	0,64	0,66	0,46
532- Extrat./tint./sintét./etc	0,04	0,04	0,05	0,05
533- Tintas, vernizes, etc	0,46	0,81	0,74	0,90
541- Prod. Medic./farmac.	2,01	2,22	3,13	3,79
551- Óleos, aromatiz./etc	0,29	0,23	0,21	0,18
554- Produtos de limpeza	0,19	0,14	0,26	0,31
562- Fertilizantes	4,72	3,46	3,43	2,73
592- Féculas, glúten trigo	0,11	0,14	0,15	0,25
598- Produtos químíc. Div.	3,12	2,11	1,46	1,35
751- Máquinas de escritór.	0,12	0,13	0,42	0,45
752- Máq.elab.autom.dad.	1,59	1,93	2,72	2,88
759- pts/aces/751 e 752	1,23	2,14	1,95	1,72
762- Radiorecepts/etc	0,12	0,21	0,36	0,38
763- Apar.repr.gravds.som	0,27	0,79	0,43	0,30
764- eqts/pts/aces/ teleco.	0,87	2,96	4,09	6,93
776- microc.elet.,etc/e pts	3,23	4,07	3,51	4,36
792- Aeron./ e equip./etc	3,03	3,98	1,72	1,89
871- Instrumentos ópticos	0,26	0,19	0,21	0,31
872- Instr. Médicos n.esp.	0,23	0,46	0,95	0,60
873- Medid./medid/ n.esp.	0,09	0,09	0,10	0,12
874- Instr. Medid./controle	2,58	2,65	2,57	2,47
882- Produt. Foto.cinemt.	1,35	1,05	0,97	0,83
885- Relógios	0,58	0,70	1,24	0,32
881- Apar./equip. fotográf.	0,16	0,18	0,25	0,23
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte dos dados: International Trade Statistics Yearbook. Elaboração própria.

Tabela 05- Composição do Saldo Comercial Brasileiro: (1981-1998) - classificação segundo a Tipologia II
(Saldo médio em milhões de dólares)¹

Classificação segundo a	Saldo Médio 1981/89	Saldo Médio 1990/98	Saldo Médio 1981/84	Saldo Médio 1985/89	Saldo Médio 1990/94	Saldo Médio 1995/98
tipologia II						
Produtos Primários	887,19	931,89	607,31	1111,09	1044,09	791,64
022- Leite e nata	(72,69)	(227,01)	(22,52)	(112,83)	(110,06)	(373,19)
037- Pescado, etc/conserv.	(5,20)	(28,06)	0,23	(9,55)	(11,50)	(48,76)
048- Prepar/ de cereais	(101,70)	(625,81)	(77,31)	(121,20)	(620,74)	(632,15)
057- Frutas fresc./secas	68,95	(5,35)	59,49	76,52	71,53	(101,45)
112- Bebidas alcoólic.	(11,18)	(48,05)	(4,12)	(16,83)	1,61	(110,13)
222- Sement./frutas oleag.	492,70	998,11	202,64	724,74	791,81	1255,97
233- Latex/borrac.sint.	(59,70)	(61,72)	(40,71)	(74,89)	(71,88)	(49,02)
266- Fibras sintéticas	9,29	(37,66)	11,48	7,55	(15,07)	(65,89)
267- Outr.fibras artific.	5,83	(5,51)	3,12	8,00	1,53	(14,31)
287- Miner.metál./conc./	(12,98)	(166,19)	101,93	(104,92)	(198,43)	(125,89)
288- Refug/metals n/ferros.	(14,37)	(7,45)	(1,28)	(24,84)	(17,78)	5,46
423- Azeites vegetais	412,31	400,52	637,99	231,77	318,85	502,61
684 Alumínio	466,47	959,43	109,10	752,37	1005,76	901,51
682 Cobre	(168,21)	(101,37)	(224,85)	(122,89)	(19,99)	(203,11)
681- Prata, platino, etc	(45,41)	(49,44)	(35,35)	(53,46)	(39,51)	(81,86)
683- Níquel	(20,32)	(17,32)	(19,16)	(21,26)	(11,24)	(24,92)
685- Chumbo	(0,40)	(22,11)	2,08	(2,38)	(11,11)	(35,88)
689- Metais não-ferrosos	(56,21)	(23,10)	(95,45)	(24,82)	(19,69)	(27,37)
Manufat. basead. em recurs. intensivas em trabalho	250,20	477,78	161,04	321,54	665,48	243,15
611- Couro	46,23	304,79	69,43	27,67	183,99	455,80
628- Artig. Borrach/ n. es	(18,48)	(94,59)	(15,72)	(20,70)	(29,94)	(175,40)
633- Manufatura/cortiça	(0,23)	(1,36)	(0,06)	(0,36)	(1,07)	(1,72)
641- Papel	182,53	336,75	83,78	261,53	489,76	145,49
657- Tecid./ esp./fibr./têxt	51,72	7,42	45,46	56,72	42,47	(36,39)
663- Manufatur./minerais	(11,17)	(17,33)	(8,39)	(13,40)	1,15	(40,42)
664- Vidro	(0,39)	(57,92)	(13,47)	10,07	(20,89)	(104,21)
Manufaturas com Baixa Intensidade Tecnológica	1104,14	1164,59	873,44	1288,70	1368,66	909,50
671 Granulad./etc de ferro	525,00	707,05	430,61	600,51	665,12	759,46
674 Lãm./chap/fer/aç/fund	568,38	646,49	432,10	677,40	712,64	563,80
693- Artigos de fio metálic.	34,04	31,48	38,16	30,74	51,09	6,96
694- Parafus/pregos/etc	(19,28)	(55,57)	(15,54)	(22,27)	(21,81)	(97,77)
695- Ferram.p/ man./maq.	(4,74)	(68,23)	(10,91)	0,20	(13,97)	(136,06)
699- Manuf. Metais com.	0,74	(96,62)	(1,00)	2,12	(24,41)	(186,88)

Tabela 05- Composição do Saldo Comercial Brasileiro: (1981-1998) - classificação segundo a Tipologia II

		(Saldo médio em milhões de dólares) ¹					
Classificação segundo a		Saldo Médio	Saldo Médio	Saldo Médio	Saldo Médio	Saldo Médio	Saldo Médio
		1981/89	1990/98	1981/84	1985/89	1990/94	1995/98
tipologia II							
Manufaturas com Média							
Intensidade Tecnológica		(972,04)	(3300,18)	(921,31)	(1012,62)	(1241,43)	(5873,61)
679	Manufatura/ferro/aço	6,14	4,50	2,05	9,42	11,00	(3,63)
621-	Mater. artig. Borracha	(10,14)	(41,38)	(11,25)	(9,26)	(20,35)	(67,67)
714	Máquin/motor/ n/elétr.	(175,69)	(126,54)	(87,07)	(246,58)	(81,91)	(182,32)
718	Outr.maq. Energ. /pts	(82,39)	(33,24)	(20,95)	(131,53)	(21,20)	(48,29)
711-	Caldeir. Gerad. Vapor	(25,76)	(9,52)	(11,58)	(37,11)	(1,59)	(19,43)
712-	Máqu. Vapor d'água	(42,93)	(71,36)	(31,65)	(51,95)	(92,74)	(44,65)
713-	Motor comb. Int. e pts	475,07	304,60	344,86	579,24	480,75	84,40
716-	Apar. Elét./ pts/peç.	(142,12)	(20,36)	(232,67)	(69,68)	35,65	(90,38)
724-	Máq. p/têxt/cour/e pts	(93,32)	(362,02)	(42,91)	(133,65)	(279,60)	(465,06)
727-	Máq. p/alimt./ pts/peç.	0,61	(50,99)	3,81	(1,95)	(11,66)	(100,16)
728-	Máq. eq. Esp. Indúst.	(95,13)	(664,83)	(72,42)	(113,30)	(291,66)	(1131,29)
736-	Máq-ferri/met./pts/acs	(111,19)	(266,93)	(81,71)	(134,77)	(168,00)	(390,60)
737-	Máq. p/met./ pts nsp.	(30,81)	(133,77)	(49,21)	(16,09)	(56,43)	(230,46)
745-	Out.máq/ferri/ap. n. elé	10,58	(179,34)	1,70	17,69	(41,90)	(351,15)
771-	Apar. Eletro./nsp/pts	(97,98)	(138,35)	(134,03)	(69,13)	(65,29)	(229,67)
773-	Eq. Distr. Energ. Elét.	(4,55)	(62,04)	(26,54)	13,05	18,90	(163,22)
774-	Apar. Elét. Uso méd.	(54,26)	(191,66)	(29,42)	(74,13)	(115,12)	(287,33)
778-	Máq.e apar.elet. Nsp.	(98,51)	(380,01)	(91,08)	(104,45)	(163,12)	(651,12)
784	Pts e aces./veíc.aut	138,10	159,31	134,17	141,25	313,75	(33,73)
726	Máq/ap/encad/ e pts	(49,99)	(104,58)	(27,20)	(68,23)	(140,81)	(59,30)
749	Pts/aces/n. elé./ máq.	(283,74)	(407,04)	(263,77)	(299,71)	(268,14)	(580,65)
772	Acess. Elétric. Divers	(216,93)	(350,14)	(210,53)	(222,04)	(240,70)	(486,95)
893-	Artig. Matér. Plásticas	12,88	(174,46)	16,09	10,30	(41,26)	(340,96)
Manufaturas com Alta							
Intensidade Tecnológica		(1572,19)	(7094,42)	(1243,36)	(1835,25)	(3868,29)	(11127,08)
582	Prod/condens/policon/	(63,58)	(214,75)	(45,01)	(78,44)	(127,34)	(324,01)
583	Prod.polimerizaç./etc	148,27	2,28	47,44	228,93	192,16	(235,08)
511-	Hidrocarburet./etc	143,67	69,28	158,55	131,76	97,55	33,94
512-	Álcool e concentr.	115,23	(278,49)	159,66	79,69	(244,67)	(320,75)
513-	Ácidos carboxil./etc	(45,47)	(142,44)	(46,59)	(44,58)	(59,93)	(245,58)
514-	Compostos hidrogen.	(151,00)	(440,04)	(118,42)	(177,06)	(324,60)	(584,34)
515-	Compost.organomin.	(268,23)	(541,56)	(239,67)	(291,08)	(324,59)	(812,78)
516-	Outr.prod.quím.orgân.	(39,29)	(76,20)	(28,73)	(47,74)	(45,21)	(114,94)
522-	Elem./quím. inorgân.	(99,88)	(30,14)	(115,46)	(87,41)	(22,27)	(39,97)
523-	Out.prod.quím.inorg.	(95,61)	(142,01)	(90,47)	(99,73)	(103,57)	(190,07)
524-	Mater. radioativ./ etc	(3,87)	(12,34)	(3,45)	(4,20)	(9,10)	(16,39)
531-	Mat./intur./orgân./sint.	(49,26)	(69,16)	(37,19)	(58,91)	(63,12)	(76,72)
532-	Extrat./tint./sintét./etc	17,65	12,96	16,26	18,76	8,74	18,22
533-	Tintas, vernizes, etc	(46,37)	(134,76)	(24,15)	(64,15)	(74,28)	(210,35)
541-	Prod. Medic./farmac.	(123,58)	(667,72)	(87,02)	(152,83)	(367,89)	(1042,50)
551-	Óleos, aromatiz./etc	17,32	20,42	16,09	18,31	23,04	17,15
554-	Produtos de limpeza	(0,69)	(23,01)	1,08	(2,11)	(8,94)	(40,60)
562-	Fertilizantes	(334,80)	(630,04)	(330,78)	(338,02)	(472,69)	(826,73)
592-	Féculas, glúten trigo	10,09	19,77	5,95	13,40	32,11	4,35
598-	Produtos químíc. Div.	(115,50)	(189,56)	(149,71)	(88,13)	(113,25)	(284,94)
751-	Máquinas de escritór.	46,87	(62,14)	56,54	39,14	(18,77)	(116,35)
752-	Máq.elab.autom.dad.	21,52	(517,45)	82,44	(27,22)	(327,64)	(754,72)
759	pts/aces/751 e 752	(112,68)	(311,01)	(51,67)	(161,49)	(187,43)	(465,49)
762-	Radiorecept./etc	241,74	230,57	121,90	337,61	256,94	197,61
763-	Apar.repr.gravds.som	(39,46)	(79,05)	(1,44)	(69,88)	(64,99)	(96,62)
764-	eqts/pts/aces/ teleco.	(122,51)	(1242,44)	(22,45)	(202,55)	(551,41)	(2106,24)
776-	microc.elet./etc/e pts	(258,10)	(832,31)	(165,05)	(332,55)	(439,03)	(1323,91)
792-	Aeron./ e equip./etc	(73,37)	83,11	(110,23)	(43,89)	115,33	42,84
871-	Instrumentos ópticos	(16,13)	(53,33)	(14,94)	(17,09)	(25,11)	(88,62)
872-	Instr. Médicos n.esp.	(20,67)	(144,89)	0,11	(37,30)	(124,78)	(170,03)
873-	Medic./medic/ n.esp.	2,62	(1,92)	0,30	4,49	4,44	(9,87)
874-	Instr. Medic./controle	(184,10)	(486,33)	(139,27)	(219,97)	(303,94)	(714,32)
882-	Produt. Foto.cinemt.	(20,51)	(20,21)	(42,93)	(2,58)	10,26	(58,30)
885-	Relógios	(52,47)	(145,52)	(38,73)	(63,46)	(181,96)	(99,97)
881	Apar./equip. fotográf.	(0,02)	(44,01)	(6,30)	5,01	(22,38)	(71,03)
Saldo Total da Tipologia		(302,70)	(7820,34)	(522,89)	(126,54)	(2031,49)	(15056,40)
Saldo Total ²		(987,99)	(8777,01)	(1067,11)	(924,69)	(2854,95)	(16179,59)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

¹ Entre parênteses, saldo médio negativo.² Saldo médio total referente aos 149 produtos listados no ITSY.

Tabela 06 - Exportações Brasileiras - Contribuição ao Saldo Comercial Médio -classificação segundo a Tipologia I :1981-89 /1990-98

Classificação segundo o Grau de Elaboração dos Insumos - Tipologia I	Saldo Médio (1981-89)		Saldo Médio (1990-98)	
	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo
	(part. relativa) (%)		(part. relativa) (%)	
SEMIMANUFATURADOS	34,04	47,99	37,74	35,22
Baseados em recursos agrícolas	23,85	6,50	35,39	9,52
022- Leite e nata	0,00	2,47	0,00	2,32
037- Pescado, etc/conserv.	0,00	0,18	0,00	0,29
048- Prepar/ de cereais	0,00	3,46	0,00	6,41
112- Bebidas alcoólic.	0,00	0,38	0,00	0,49
423- Azeites vegetais	15,34	0,00	13,60	0,00
611- Couro	1,72	0,00	10,35	0,00
633- Manufatura/cortiça	0,00	0,01	0,00	0,01
641- Papel	6,79	0,00	11,44	0,00
Baseados em recursos minerais	10,19	41,49	2,35	25,70
233- Latex/borrac.sint.	0,00	2,03	0,00	0,63
266- Fibras sintéticas	0,35	0,00	0,00	0,39
267- Outr.fibras artific.	0,22	0,00	0,00	0,06
511- Hidrocarburet./etc	5,34	0,00	2,35	0,00
512- Álcool e concentr.	4,29	0,00	0,00	2,85
513- Ácidos carboxil./etc	0,00	1,55	0,00	1,46
514- Compostos hidrogen.	0,00	5,13	0,00	4,50
515- Compost.organomin.	0,00	9,12	0,00	5,54
516- Outr.prod.quím.orgân.	0,00	1,34	0,00	0,78
522- Elem./quím. Inorgân.	0,00	3,40	0,00	0,31
523- Out.prod.quím.inorg.	0,00	3,25	0,00	1,45
524- Mater. radioativ./ etc	0,00	0,13	0,00	0,13
562- Fertilizantes	0,00	11,38	0,00	6,45
681- Prata, platino, etc	0,00	1,55	0,00	0,51
683- Níquel	0,00	0,69	0,00	0,18
685- Chumbo	0,00	0,01	0,00	0,23
689- Metais não-ferrosos	0,00	1,91	0,00	0,24
MANUFATURADOS	65,96	52,01	62,26	64,78
Intensivos Capital e Trabalho	44,75	4,15	47,96	8,35
592- Féculas, glúten trigo	0,38	0,00	0,67	0,00
621- Mater. artig. Borracha	0,00	0,34	0,00	0,42
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	1,92	0,00	0,25	0,00
663- Manufatur./minerais	0,00	0,38	0,00	0,18
693- Artigos de fio metálic.	1,27	0,00	1,07	0,00
893- Artig. Matér. Plásticas	0,48	0,00	0,00	1,79
288- Refug/metais n/ferros.	0,00	0,49	0,00	0,08
628- Artig. Borrach/ n. esp.	0,00	0,63	0,00	0,97
664- Vidro	0,00	0,01	0,00	0,59
671- Granulad./etc de ferro	19,53	0,00	24,01	0,00
674- Lãm./chap/fer/aç/fund	21,14	0,00	21,95	0,00
695- Ferram.p/ man./maq.	0,00	0,16	0,00	0,70
694- Parafus/pregos/etc	0,00	0,66	0,00	0,57
699- Manuf. Metais com.	0,03	0,00	0,00	0,99
892- Impressos	0,00	1,47	0,00	2,07

Tabela 06 - Exportações Brasileiras - Contribuição ao Saldo Comercial Médio -classificação segundo a Tipologia I:1981-89 /1990-98

Classificação segundo o Grau de Elaboração dos Insumos - Tipologia I	Saldo Médio (1981-89)		Saldo Médio (1990-98)	
	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo
	(part. relativa) (%)		(part. relativa) (%)	
Médio conteúdo tecnológico	19,37	20,81	11,48	21,31
531- Mat./tintur./orgân./sint.	0,00	1,67	0,00	0,71
532- Extrat./tint./sintét./etc	0,66	0,00	0,44	0,00
533- Tintas, vernizes, etc	0,00	1,58	0,00	1,38
551- Óleos, aromatiz./etc	0,64	0,00	0,69	0,00
554- Produtos de limpeza	0,00	0,02	0,00	0,24
598- Produtos químic. Div.	0,00	3,93	0,00	1,94
711- Caldeir. Gerad. Vapor	0,00	0,88	0,00	0,10
712- Máqu. Vapor d'agua	0,00	1,46	0,00	0,73
713- Motor comb. Int. e pts	17,67	0,00	10,34	0,00
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	0,00	3,17	0,00	3,71
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	0,00	3,23	0,00	6,81
737- Máq. p/met./ pts nsp.	0,00	1,05	0,00	1,37
745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,39	0,00	0,00	1,84
763- Apar.repr.gravds.som	0,00	1,34	0,00	0,81
882- Produt. Foto.cinemt.	0,00	0,70	0,00	0,21
885- Relógios	0,00	1,78	0,00	1,49
Alto conteúdo tecnológico	1,84	27,05	2,82	35,12
541- Prod. Medic./farmac.	0,00	4,20	0,00	6,84
751- Máquinas de escritór.	1,74	0,00	0,00	0,64
764- eqts/pts/aces/ teleco.	0,00	4,17	0,00	12,72
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	0,00	3,33	0,00	1,42
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	0,00	0,15	0,00	0,64
774- Apar. Elétr. Uso méd.	0,00	1,84	0,00	1,96
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	0,00	3,35	0,00	3,89
792- Aeron./ e equip./etc	0,00	2,49	2,82	0,00
871- Instrumentos ópticos	0,00	0,55	0,00	0,55
872- Instr. Médicos n.esp.	0,00	0,70	0,00	1,48
873- Medid./medid/ n.esp.	0,10	0,00	0,00	0,02
874- Instr. Medid./controle	0,00	6,26	0,00	4,98
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00
Saldo (médio) positivo acumul. ^(*)	4272,55		5298,85	
Saldo (médio) negativo acumul. ^(*)		-5260,71		-14042,11

Fonte dos dados: International Trade Statistics Yearbook. Elaboração própria.

Notas: (*) Em milhões de dólares.

Tabela 07- Brasil - Saldo Comercial Médio, segundo a natureza do Saldo: 1981-89 / 1990-98 - classificação pela Tipologia II

Classificação segundo a Tipologia II	Saldo Médio Positivo Acumulado (1981-89)		Saldo Médio Negativo Acumulado (1981-89)		Saldo Médio Positivo Acumulado (1990-98)		Saldo Médio Negativo Acumulado (1990-98)	
	Valor Absoluto	Part. Rel. (%)						
Produtos Primários	1455,55	34,06	-568,54	12,43	2358,06	44,50	-1426,17	10,87
022- Leite e nata			-72,76	1,59			-227,01	1,73
037- Pescado, etc/conserv.			-5,20	0,11			-28,06	0,21
048- Prepar. de cereais			-101,70	2,22			-625,81	4,77
057- Frutas fresc./secas	68,95	1,61					-5,35	0,04
112- Bebidas alcoólic.			-11,18	0,24			-48,05	0,37
222- Sement./frutas oleag.	492,70	11,53			998,11	18,84		
233- Latex/borrac.sint.			-59,70	1,30			-61,72	0,47
266- Fibras sintéticas	9,29	0,22					-37,66	0,29
267- Outr.fibras artific.	5,83	0,13					-5,51	0,04
287- Miner.metál./conc./			-12,98	0,28			-166,19	1,27
288- Refug./metais n/ferros.			-14,37	0,31			-7,45	0,06
423- Azetres vegetais	412,31	9,65			400,52	7,56		
684- Alumínio	466,47	10,92			959,43	18,11		
682- Cobre			-168,21	3,68			-101,37	0,77
681- Prata, platino, etc			-45,51	0,99			-49,44	0,38
683- Níquel			-20,32	0,44			-17,32	0,13
685- Chumbo			-0,40	0,01			-22,11	0,17
689- Metais não-ferrosos			-56,21	1,23			-23,10	0,18
Manufat. basead. em recurs.								
Intensivos em trabalho	280,48	6,56	-30,28	0,66	648,97	12,25	-171,19	1,31
611- Couro	46,23	1,08			304,79	5,75		
628- Artig. Borrach/ n. esp.			-18,48	0,40			-94,59	0,72
633- Manufatura/cortiça			-0,23	0,00			-1,36	0,01
641- Papel	182,53	4,27			336,75	6,36		
657- Tecid./ esp./fibr./êxt.	51,72	1,21			7,42	0,14		
663- Manufatur./minerais			-11,17	0,24			-17,33	0,13
664- Vidro			-0,39	0,01			-57,92	0,44
Manufaturas com Baixa Intensidade Tecnológica	1128,15	26,40	-24,01	0,52	1385,02	26,14	-220,43	1,68
671- Granulad./etc de ferro	525,00	12,29			707,05	13,34		
674- Lãm./chap./ferro/fund	568,38	13,30			646,49	12,20		
693- Artigos de fio metálic.	34,04	0,80			31,48	0,59		
694- Parafus/pregos/etc			-19,28	0,42			-55,57	0,42
695- Ferram.p/ man./maq.			-4,74	0,10			-68,23	0,52
699- Manuf. Metais com.	0,74	0,02					-96,62	0,74

Tabela 07- Brasil - Saldo Comercial Médio, segundo a natureza do Saldo: 1981-89 / 1990-98 - classificação pela Tipologia II

Classificação segundo a Tipologia II	Saldo Médio Positivo Acumulado (1981-89)		Saldo Médio Negativo Acumulado (1981-89)		Saldo Médio Positivo Acumulado (1990-98)		Saldo Médio Negativo Acumulado (1990-98)	
	Valor Absoluto	Part. Rel. (%)						
Manufaturas com Média								
Intensidade Tecnológica	643,38	15,06	-1615,43	35,31	468,41	8,84	-3768,59	28,73
679- Manufatura/ferro/aço	6,14	0,14	-10,14	0,22	4,50	0,08	-41,38	0,32
621- Mater. artig. Borracha			-175,69	3,84			-126,54	0,96
714- Máq./motor/n/elétr.			-82,39	1,80			-33,24	0,25
718- Outr.maq. Energ./pis			-25,76	0,56			-9,52	0,07
711- Caldeir. Gerad. Vapor			-42,93	0,94			-71,36	0,54
712- Máq. Vapor d'agua								
713- Motor comb. Int. e pis	475,07	11,12	-142,12	3,11	304,60	5,75	-20,36	0,16
716- Apar. Elét./ pis/peç.			-93,32	2,04			-362,02	2,76
724- Máq. p/têx/cour/e pis							-50,99	0,39
727- Máq. p/alimnt./ pis/peç.	0,61	0,01	-95,13	2,08			-664,83	5,07
728- Máq. eq. lisp. Indúst.			-111,19	2,43			-266,93	2,04
736- Máq.-ferr/met./pis/acs			-30,81	0,67			-133,77	1,02
737- Máq. p/met./ pis nsp.							-179,34	1,37
745- Out.maq/ferr/ap. n.elé	10,58	0,25	-97,98	2,14			-138,35	1,05
771- Apar. Elétric./nsp/pis			-4,55	0,10			-62,04	0,47
773- Eq. Distr. Energ Elét.			-54,26	1,19			-191,66	1,46
774- Apar. Elétr. Uso méd			-98,51	2,15			-380,01	2,90
778- Máq e apar elet. Nsp.								
784- Pis e aces./veic aut.	138,10	3,23	-49,99	1,09	159,31	3,01	-104,58	0,80
726- Máq/ap/encad/ e pis			-283,74	6,20			-407,04	3,10
749- Pis/acs/n.elét./ máq.			-216,93	4,74			-350,14	2,67
772- Acess. Elétric. Divers							-174,46	1,33
893- Artig. Malér. Plásticas	12,88	0,30						
Manufaturas com Alta								
Intensidade Tecnológica	764,98	17,88	-2337,17	51,08	438,40	8,27	-7530,54	57,41
582- Prod/condem/policon/		0,00	-63,58	1,39			-214,75	1,64
583- Prod.polimerizac/etc	148,27	3,47			2,28	0,04	2,28	-0,02
511- Hidrocarburet/etc	143,67	3,36			69,28	1,31		
512- Alcool e concentr.	115,23	2,70						
513- Ácidos carbóxil/etc			-45,47	0,99			-278,49	2,12
514- Compostos hidrogen.			-151,00	3,30			-142,44	1,09
515- Compost.organomin.			-268,23	5,86			-440,04	3,35
516- Outr.prod.quim.orgân.			-39,29	0,86			-541,56	4,13
522- Elem./quim. Inorgân.			-99,88	2,18			-76,20	0,58
523- Out.prod.quim.inorg.			-95,61	2,09			-30,14	0,23
524- Mater. radioativ/ etc			-3,87	0,08			-142,01	1,08
531- Mat./fintur./orgân./sint.			-49,26	1,08			-12,34	0,09
532- Extrat./int./sintét/etc	17,65	0,41			12,96	0,24	-69,16	0,53
533- Tintas, vernizes, etc			-46,37	1,01			-134,76	1,03
541- Prod. Medic./farmac.			-123,58	2,70			-667,72	5,09
551- Óleos, aromatiz/etc	17,32	0,40			20,42	0,39		
554- Produtos de limpeza			-0,69	0,02			-23,01	0,18

Tabela 07- Brasil - Saldo Comercial Médio, segundo a natureza do Saldo: 1981-89 / 1990-98 - classificação pela Tipologia II

Classificação segundo a Tipologia II	Saldo Médio Positivo Acumulado (1981-89)		Saldo Médio Negativo Acumulado (1981-89)		Saldo Médio Positivo Acumulado (1990-98)		Saldo Médio Negativo Acumulado (1990-98)	
	Valor Absoluto	Part. Rel. (%)						
562- Fertilizantes			-334,80	7,32			-630,04	4,80
592- Fêculas, glúten trigo	10,09	0,23			19,77	0,37		
598- Produtos químic. Div.			-115,50	2,52			-189,56	1,45
751- Máquinas de escritór.	46,87	1,10					-62,14	0,47
752- Máq.elab.autom.dad.	21,52	0,50					-517,45	3,94
759- ptes/aces/751 e 752			-112,68	2,46			-311,01	2,37
762- Radioreceptis/etc	241,74	5,66			230,57	4,35		
763- Apar.repr.gravds son			-39,46	0,86			-79,05	0,60
764- eqs/pts/aces/ teleco.			-122,51	2,68			-1242,44	9,47
776- microc.elet./etc/e p/s			-258,10	5,64			-832,31	6,35
792- Aeron./ e equip./etc			-73,37	1,60	83,11	1,57		
871- Instrumentos ópticos			-16,13	0,35			-53,33	0,41
872- Instr. Médicos n.esp.			-20,67	0,45			-144,89	1,10
873- Medid./medid/ n.esp.	2,62	0,06					-1,92	0,01
874- Instr. Medid./controle			-184,10	4,02			-486,33	3,71
882- Produt. Foto.cinemat.			-20,51	0,45			-20,21	0,15
885- Relógios			-52,47	1,15			-145,52	1,11
881- Apar./equip. fotográf.			-0,02	0,00			-44,01	0,34
Participação Relativa Acumulada	100,00	100,00	100,00	100,00	5298,85	100,00	-13116,91	100,00
Saldo Médio Acum. (US\$milhões)	4272,55		-4575,42		5298,85		-13116,91	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

(1) Valor Absoluto : Saldo médio acumulado em milhões de dólares.

(2) Part. Relat. (%) : Participação relativa no saldo médio total da tipologia. Valores percentuais multiplicados por 100.

Tabela 08- Exportações Brasileiras - Ranking de Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDERs) Positivos: 1981-89 / 1990-98

1981-89		1990-98	
PRODUTOS	IDER - (+)	PRODUTOS	IDER - (+)
Cafê e similares	0,875	Cafê e similares	0,893
Sucos e frutas/conserv.	0,867	Sucos e frutas/conserv.	0,842
Cacau	0,810	Sement./frutas oleag.	0,830
Carne/conserv./prepar.	0,801	Granulad./etc de ferro	0,830
Granulad./etc de ferro	0,786	Lingot./etc/ferro/aço	0,775
Azeites vegetais	0,768	Azeites vegetais	0,754
Estanho	0,734	Estanho	0,746
Calçados	0,696	Carne/conserv./prepar.	0,706
Sement./frutas oleag.	0,652	Cacau	0,661
Lingot./etc/ferro/aço	0,644	Alumínio	0,623
Extrat./tint./sintét./etc	0,579	Calçados	0,618
Manufat./ de couro	0,554	Couro	0,617
Chocol./ prepar/	0,514	Extrat./tint./sintét./etc	0,593
Álcool e concentr.	0,450	Azeit./gordur/elabor.	0,513
Couro	0,439	Cutelaria	0,502
Radiorecepts/etc	0,427	Chapas de mad./etc	0,428
Artig. Têxteis divers.	0,375	Lâmin./chap./ferr./aço	0,393
Motor comb. Int. e pts	0,358	Pneumático/tubos/ etc	0,384
Lâmin./chap./ferr./aço	0,343	Artig. Têxteis divers.	0,375
Lâm./chap/fer/aç/fund	0,334	Confeitar.(exc.choc.)	0,360
Confeitar.(exc.choc.)	0,330	Cigarros/tabac.	0,358
Alumínio	0,321	Lâm./chap/fer/aç/fund	0,349
Chapas de mad./etc	0,310	Manufat./ de couro	0,346
Cutelaria	0,265	Motor comb. Int. e pts	0,345
Tecidos/fibras têxteis	0,226	Radiorecepts/etc	0,335
Azeit./gordur/elabor.	0,191	Latex/borrac.sint.	0,289
Hidrocarburet./etc	0,171	Chá e mate	0,282
Tecidos de algodão	0,145	Manufatura argila	0,278
Artigos de fio metálic.	0,145	Míner.metál./conc./	0,268
Pneumático/tubos/ etc	0,143	Álcool e concentr.	0,233
Óleos, aromatiz./etc	0,136	Elem./quím. Inorgân.	0,232
Outr. Azeit.vegetais	0,126	Artigos de fio metálic.	0,220
Madeira trabalh.	0,095	Máq.eq. Eng.civ./e pts	0,218
Míner.metál./conc./	0,092	Papel	0,211
Manufatura/madeira	0,054	Hidrocarburet./etc	0,209
Manufatura argila	0,043	Cal/cim./ mat. Const.	0,184
Medid./medid/ n.esp.	0,040	Manufatura/madeira	0,182
Frutas fresc./secas	0,028	Máq. agric (ex.trt.)pts	0,180
		Madeira trabalh.	0,174
		Óleos, aromatiz./etc	0,155
		Produt. Foto.cinemt.	0,130
		Pts e aces./veic.aut.	0,123
		Medid./medid/ n.esp.	0,112
		Utens. Domés. Met.	0,099
		Tub/aces/ ferro/aço	0,084
		Féculas, glúten trigo	0,079
		Tecidos de algodão	0,068
		Outr. Azeit.vegetais	0,066
		Frutas fresc./secas	0,058
		Tecidos/fibras têxteis	0,050
Tx.Cr. Export. Mundiais no Grupo IDER(+)	5,05	Tx.Cr. Export. Mundiais no Grupo IDER(+)	3,78
Tx.Cr. Export. Brasil no grupo IDER(+)	6,24	Tx.Cr. Export. Brasil no grupo IDER(+)	3,80
Part. Rel. do grupo IDER(+) na pauta		Part. Rel. do grupo IDER(+) na pauta	
Export. Brasil	0,71	Export. Brasil	0,74

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 09- Exportações Brasileiras - Ranking de Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDERs) Negativos: 1981-89 / 1990-98

1981-1989		1990-1998	
PRODUTOS	IDER (-)	PRODUTOS	IDER (-)
Queijo e coalhada	-1,00	Briqueta/coque/etc	-1,00
Carvão/lignito/turba	-1,00	Carvão/lignito/turba	-1,00
Briqueta/coque/etc	-1,00	Apar.repr.gravds.som	-1,00
Leite e nata	-0,98	Queijo e coalhada	-0,99
Prata, platino, etc	-0,98	Mater. radioativ./ etc	-0,99
Sêmola e farinha	-0,96	Vestuário masculino	-0,98
Máqu. Vapor d'agua	-0,96	Relógios	-0,97
Mater. radioativ./ etc	-0,95	Manteiga	-0,96
Apar. Elétr. Uso méd.	-0,93	Recep.telev./radrecp.	-0,96
Máq/ap/encad/ e pts	-0,92	Leite e nata	-0,94
Madeira/polpa	-0,92	Legumes,etc/prepr./conserv	-0,94
Manufatura/cortiça	-0,91	Tecid./fibras artificiais	-0,90
Relógios	-0,90	Artig./pisos/tapeçar.	-0,90
Metais não-ferrosos	-0,90	Apar. Elétr. Uso méd.	-0,89
Pescado,etc/conserv.	-0,88	Chumbo	-0,87
Artig./pisos/tapeçar.	-0,87	Máqu. Vapor d'agua	-0,87
Manteiga	-0,86	Prata, platino, etc	-0,87
Níquel	-0,84	Vestuário feminino	-0,86
Apar.repr.gravds.som	-0,84	microc.elet.,etc/e pts	-0,86
Máquin/motor/ n/elétr.	-0,84	Impressos	-0,85
Bebidas alcoólic.	-0,83	Apar./equip. fotográf.	-0,81
Mat./tintur./orgân./sint.	-0,82	eqts/pts/aces/ teleco.	-0,80
Instrumentos ópticos	-0,81	Manufatura/cortiça	-0,79
Prepar/ de cereais	-0,80	Máq.elab.autom.dad.	-0,77
Refug/metais n/ferros.	-0,80	Máq/ap/encad/ e pts	-0,77
Fertilizantes	-0,77	Instrumentos ópticos	-0,75
Impressos	-0,76	pts/aces/751 e 752	-0,75
Bebidas não-alcoólic.	-0,76	Instr. Médicos n.esp.	-0,74
pts/aces/751 e 752	-0,75	Prepar/ de cereais	-0,71
Instr. Medid./controle	-0,72	Instr. Medid./controle	-0,67
Chumbo	-0,72	Máq. eq. Esp. Indúst.	-0,64
Tintas, vernizes, etc	-0,72	Refug/metais n/ferros.	-0,64
Outr.maq. Energ. /pts	-0,71	Outros tecidos	-0,62
eqts/pts/aces/ teleco.	-0,71	Fibras sintéticas	-0,60
microc.elet.,etc/e pts	-0,69	Prod. Medic./farmac.	-0,59
Instr. Médicos n.esp.	-0,69	Perfumar./cosmético.	-0,59
Cigarros/tabac.	-0,68	Artig. Matér. Plásticas	-0,58
Apar. Eletric./nsp/pts	-0,67	Bebidas alcoólic.	-0,57
Caldeir. Gerad. Vapor	-0,67	Máquin/motor/ n/elétr.	-0,56
Máq. eq. Esp. Indúst.	-0,66	Carne salgada/defumada	-0,55
Mater. artig. Borracha	-0,65	Acess. Elétric. Divers	-0,55
Apar./equip. fotográf.	-0,65	Máquinas de escritór.	-0,52
Máq-ferr/met./pts/acs	-0,65	Metais não-ferrosos	-0,52
Móveis/ e pts	-0,64	Veicul. Pasg.(ex.ônib)	-0,46
Tecid./fibras artificiais	-0,64	Artigos de esporte	-0,45
Perfumar./cosmético.	-0,63	Estrut. Metal e s/pts.	-0,44
Artig. Matér. Plásticas	-0,62	Outros produt.comest.	-0,44
Prod. Medic./farmac.	-0,62	Tintas, vernizes, etc	-0,43
Vestuário masculino	-0,61	Eq. Distr. Energ. Elét.	-0,43
Prod/conden/policon/	-0,61	Fertilizantes	-0,43
Acess. Elétric. Divers	-0,60	Manuf. Metais com.	-0,40
Legumes,etc/prepr./conserv	-0,60	Artigos de papel/cart.	-0,40
Produtos de limpeza	-0,60	Prod/conden/policon/	-0,40
Máq. p/alimt./ pts/peç.	-0,59	Máq-ferr/met./pts/acs	-0,39
Parafus/pregos/etc	-0,59	Outr.maq. Energ. /pts	-0,39
Out.prod.quím.inorg.	-0,57	Caldeir. Gerad. Vapor	-0,39

Tabela 09- Exportações Brasileiras - Ranking de Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDERs) Negativos: 1981-89 / 1990-98

1981-1989		1990-1998	
PRODUTOS	IDER (-)	PRODUTOS	IDER (-)
Vestuário feminino	-0,56	Máq. p/met./ pts nsp.	-0,37
Cal/cim./ mat. Const.	-0,55	Apar. Eletrc./nsp/pts	-0,36
Estrut. Metal e s/pts.	-0,54	Produtos quimic. Div.	-0,36
Manuf. Metais com.	-0,54	Máq.e apar.elet. Nsp.	-0,36
Recep.telev./radrecp.	-0,53	Bebidas não-alcoólic.	-0,35
Carne salgada/defumada	-0,52	Produtos de limpeza	-0,34
Cobre	-0,50	Vidro	-0,33
Pts/aces/n.elét./ máq.	-0,48	Máq. p/alimt./ pts/peç.	-0,33
Out.máq/ferr/ap. n.elé	-0,46	Apar.elét./n-elét./méd.	-0,31
Outros tecidos	-0,46	Mater. artig. Borracha	-0,30
Fibras sintéticas	-0,46	Máq. p/têxt/cour/e pts	-0,28
Máq.e apar.elet. Nsp.	-0,46	Artigos de vidro	-0,27
Apar.elét./n-elét./méd.	-0,46	Compost.organomin.	-0,27
Máq.elab.autom.dad.	-0,43	Parafus/pregos/etc	-0,26
Máq. p/met./ pts nsp.	-0,43	Out.prod.quim.inorg.	-0,25
Outr.fibras artific.	-0,42	Mat./tintur./orgân./sint.	-0,24
Artig. Borrach/ n. esp.	-0,42	Móveis/ e pts	-0,22
Vidro	-0,41	Pts/aces/n.elét./ máq.	-0,21
Manufatur./minerais	-0,41	Out.máq/ferr/ap. n.elé	-0,20
Veicul. Pasg.(ex.ômb)	-0,40	Madeira/polpa	-0,20
Artigos de papel/cart.	-0,40	Ferram.p/ man./maq.	-0,19
Manufatura/ferro/aço	-0,39	Aeron./ e equip./etc	-0,18
Apar. Elét./ pts/peç.	-0,39	Chocol./ prepar/	-0,16
Máq. p/têxt/cour/e pts	-0,39	Cobre	-0,15
Artigos de vidro	-0,38	Outr.fibras artific.	-0,14
Ferram.p/ man./maq.	-0,37	Manufatura/ferro/aço	-0,13
Eq. Distr. Energ. Elét.	-0,36	Recepiet. De metal	-0,11
Aeron./ e equip./etc	-0,31	Artigos de porcelana	-0,11
Máquinas de escritór.	-0,31	Manufatur./minerais	-0,11
Compost.organomin.	-0,30	Prod.polimerizaç./etc	-0,10
Máq.eq. Eng.civ./e pts	-0,30	Niquel	-0,10
Utens. Domés. Met.	-0,29	Artig. Borrach/ n. esp.	-0,08
Artigos de esporte	-0,28	Arame de ferro/aço	-0,07
Outros produt.comest.	-0,26	Ácidos carboxil./etc	-0,07
Produtos quimic. Div.	-0,26	Tecid./ esp./fibr./têxt.	-0,04
Latex/borrac.sint.	-0,26	Apar. Elét./ pts/peç.	-0,04
Recepiet. De metal	-0,24	Outr.prod.quim.orgân.	-0,01
Máq. agric (ex.trt.)pts	-0,24	Compostos hidrogen.	0,00
Féculas, glúten trigo	-0,23		
Pts e aces./veic.art.	-0,23		
Produt. Foto.cinemt.	-0,17		
Arame de ferro/aço	-0,17		
Prod.polimerizaç./etc	-0,15		
Elem./quim. Inorgân.	-0,14		
Outr.prod.quim.orgân.	-0,13		
Artigos de porcelana	-0,12		
Tub/aces/ ferro/aço	-0,09		
Ácidos carboxil./etc	-0,08		
Compostos hidrogen.	-0,07		
Papel	-0,05		
Chá e mate	-0,01		
Tecid./ esp./fibr./têxt.	-0,01		
Tx.Cr. Export. Mundiais no Grupo IDER (-)	7,29	Tx.Cr. Export. Mundiais no Grupo IDER (-)	6,36
Tx.Cr. Export. Brasil no grupo IDER (-)	5,89	Tx.Cr. Export. Brasil no grupo IDER (-)	9,30
Part. Rel. do grupo IDER (-) na pauta		Part. Rel. do grupo IDER(-) na pauta	
Export. Brasil	0,29	Export. Brasil	0,26

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 10 - Exportações brasileiras - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) classificação segundo a Tipologia I :1981-89/1990-98

Classificação segundo o grau de elaboração dos insumos /Tipologia I	IDER (1981-89)	IDER (1990-98)
Semimanufaturados		
Baseados em Recursos Agrícolas	0,47	0,39
012- Carne salgada/defumada	-0,52	-0,55
022- Leite e nata	-0,98	-0,94
023- Manteiga	-0,86	-0,96
024- Queijo e coalhada	-1,00	-0,99
037- Pescado,etc/conserv.	-0,88	-
046- Sêmola e farinha	-0,96	-
048- Prepar/ de cereais	-0,80	-0,71
056- Legumes,etc/prepr./conserv	-0,60	-0,94
058- Sucos e frutas/conserv.	0,87	0,84
062- Confeitar.(exc.choc.)	0,33	0,36
071- Café e similares	0,87	0,89
072- Cacau	0,81	0,66
073- Chocol./ prepar/	0,51	-0,16
074- Chá e mate	-0,01	0,28
098- Outros produt.comest.	-0,26	-0,44
111- Bebidas não-alcoólic.	-0,76	-0,35
112- Bebidas alcoólic.	-0,83	-0,57
122- Cigarros/tabac.	-0,68	0,36
246- Madeira/polipa	-0,92	-0,20
248- Madeira trabalh.	0,09	0,17
423- Azeites vegetais	0,77	0,75
424- Outr. Azeit.vegetais	0,13	0,07
431- Azeit./gordur/elabor.	0,19	0,51
611- Couro	0,44	0,62
633- Manufatura/cortiça	-0,91	-0,79
634- Chapas de mad./etc	0,31	0,43
635- Manufatura/madeira	0,05	0,18
641- Papel	-0,05	0,21
642- Artigos de papel/cart.	-0,40	-0,40
651- Tecidos/fibras têxteis	0,23	0,05
Baseados em Recursos Minerais	-0,09	-0,02
233- Latex/borrac.sint.	-0,26	0,29
266- Fibras sintéticas	-0,46	-0,60
267- Outr.fibras artific.	-0,42	-0,14
511- Hidrocarburet./etc	0,17	0,21
512- Álcool e concentr.	0,45	0,23
513- Ácidos carboxil./etc	-0,08	-0,07
514- Compostos hidrogen.	-0,07	0,00
515- Compost.organomin.	-0,30	-0,27
516- Outr.prod.quím.orgân.	-0,13	-0,01
522- Elem./quím. Inorgân.	-0,14	0,23
523- Out.prod.quím.inorg.	-0,57	-0,25
524- Mater. radioativ./ etc	-0,95	-0,99
562- Fertilizantes	-0,77	-0,43
681- Prata, platino, etc	-0,98	-0,87
683- Níquel	-0,84	-0,10
685- Chumbo	-0,72	-0,87
687- Estanho	0,73	0,75
689- Metais não-ferrosos	-0,90	-0,52
Manufaturados		
Intensivos em trabalho	0,10	0,06
592- Féculas, glúten trigo	-0,23	0,08
612- Manufat./ de couro	0,55	0,35
621- Mater. artig. Borracha	-0,65	-0,30
652- Tecidos de algodão	0,15	0,07
653- Tecid./fibras artificiais	-0,64	-0,90
654- Outros tecidos	-0,46	-0,62
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	-0,01	-0,04
658- Artig. Têxteis divers.	0,37	0,38
659- Artig./pisos/tsapeçar.	-0,87	-0,90
662- Manufatura argila	0,04	0,28

Tabela 10 - Exportações brasileiras - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) classificação segundo a Tipologia I : 1981-89/1990-98

Classificação segundo o grau de elaboração dos insumos /Tipologia I	IDER (1981-89)	IDER (1990-98)
663- Manufatur./minerais	-0,41	-0,11
665- Artigos de vidro	-0,38	-0,27
666- Artigos de porcelana	-0,12	-0,11
693- Artigos de fio metálic.	0,15	0,22
696- Cutelaria	0,27	0,50
821- Móveis/ e pts	-0,64	-0,22
851- Calçados	0,70	0,62
893- Artig. Matér. Plásticas	-0,62	-0,58
894- Artigos de esporte	-0,28	-0,45
Intensivos em capital	0,29	0,44
282- Refugio de ferro/aço	-	-
288- Refug./metais n/ferros.	-0,80	-0,64
625- Pneumático/tubos/ etc	0,14	0,38
628- Artig. Borrach/ n. esp.	-0,42	-0,08
661- Cal/cim./ mat. Const.	-0,55	0,18
664- Vidro	-0,41	-0,33
671- Granulad./etc de ferro	0,79	0,83
672- Lingot./etc/ferro/aço	0,64	0,77
673- Lâmin./chap./ferr./aço	0,34	0,39
674- Lâm./chap/fer/aç/fund	0,33	0,35
677- Arame de ferro/aço	-0,17	-0,07
678- Tub/aces/ ferro/aço	-0,09	0,08
695- Ferram.p/ man./maq.	-0,37	-0,19
Baixo Conteúdo Tecnológico	-0,54	-0,38
691- Estrut. Metal e s/pts.	-0,54	-0,44
692- Receptient. De metal	-0,24	-0,11
694- Parafus/pregos/etc	-0,59	-0,26
697- Utens. Domés. Met.	-0,29	0,10
699- Manuf. Metais com.	-0,54	-0,40
892- Impressos	-0,76	-0,85
Médio Conteúdo Tecnológico	-0,29	-0,27
531- Mat./tintur./orgân./sint.	-0,82	-0,24
532- Extrat./tint./sintét./etc	0,58	0,59
533- Tintas, vermizes, etc	-0,72	-0,43
551- Óleos, aromatiz./etc	0,14	0,16
553- Perfumar./cosmético.	-0,63	-0,59
554- Produtos de limpeza	-0,60	-0,34
598- Produtos quimic. Div.	-0,26	-0,36
711- Caldeir. Gerad. Vapor	-0,67	-0,39
712- Máqu. Vapor d'agua	-0,96	-0,87
713- Motor comb. Int. e pts	0,36	0,34
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	-0,24	0,18
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	-0,39	-0,28
728- Máq. eq. Esp. Indústria.	-0,66	-0,64
737- Máq. p/met./ pts nsp.	-0,43	-0,37
745- Out.máq/ferr/ap. n. elé	-0,46	-0,20
763- Apar.repr.gravds.som	-0,84	-1,00
781- Veicul. Pasg. (ex.ônib)	-0,40	-0,46
882- Produt. Foto.cinemt.	-0,17	0,13
885- Relógios	-0,90	-0,97
Alto Conteúdo Tecnológico	-0,52	-0,48
541- Prod. Medic./farmac.	-0,62	-0,59
751- Máquinas de escritór.	-0,31	-0,52
764- eqts/pts/aces/ teleco.	-0,71	-0,80
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	-0,67	-0,36
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	-0,36	-0,43
774- Apar. Elétr. Uso méd.	-0,93	-0,89
775- Apar.elét./n-elét./méd.	-0,46	-0,31
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	-0,46	-0,36
792- Aeron./ e equip./etc	-0,31	-0,18
871- Instrumentos ópticos	-0,81	-0,75
872- Instr. Médicos n.esp.	-0,69	-0,74
873- Medid./medic/ n.esp.	0,04	0,11
874- Instr. Medid./controle	-0,72	-0,67

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 11 - Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) -
classificação segundo a Tipologia II: 1981-89/1990-98

Classificação segundo a Intensidade Tecnológica Tipologia II	IDER (1981-1989)	IDER (1990-1998)
Produtos Primários	0,46	0,45
012- Carne salgada/defumada	-0,52	-0,55
014- Carne/conserv./prepar.	0,80	0,71
022- Leite e nata	-0,98	-0,89
023- Manteiga	-0,86	-0,96
024- Queijo e coalhada	-1,00	-0,97
046- Sêmola e farinha	-0,96	-0,92
048- Prepar/ de cereais	-0,80	-0,71
056- Legumes,etc/prepr./conserv	-0,60	-0,94
057- Frutas fresc./secas	0,03	0,06
058- Sucos e frutas/conserv.	0,87	0,84
062- Confeitar.(exc.choc.)	0,33	0,36
071- Café e similares	0,87	0,89
072- Cacau	0,81	0,66
073- Chocol./ prepar/	0,51	-0,16
074- Chá e mate	-0,01	0,28
098- Outros produt.comest.	-0,26	-0,44
111- Bebidas não-alcoólic.	-0,76	-0,35
112- Bebidas alcoólic.	-0,83	-0,57
122- Cigarros/tabac.	-0,68	0,36
222- Sement./frutas oleag.	0,65	0,83
233- Latex/borrac.sint.	-0,26	0,29
246- Madeira/polpa	-0,92	-0,20
248- Madeira trabalh.	0,09	0,17
266- Fibras sintéticas	-0,46	-0,60
267- Outr.fibras artific.	-0,42	-0,14
287- Miner.metál./conc./	0,09	0,27
288- Refug/metais n/ferros.	-0,80	-0,64
423- Azeites vegetais	0,77	0,75
424- Outr. Azeit.vegetais	0,13	0,07
431- Azeit./gordur/elabor.	0,19	0,51
684- Alumínio	0,32	0,62
682- Cobre	-0,50	-0,15
681- Prata, platino, etc	-0,98	-0,87
683- Níquel	-0,84	-0,10
685- Chumbo	-0,72	-0,86
687- Estanho	0,73	0,75
689- Metais não-ferrosos	-0,90	-0,52
Manufat. basead. em recurs. intensivas em trabalho	0,07	0,08
611- Couro	0,44	0,62
612- Manufat./ de couro	0,55	0,35
633- Manufatura/cortiça	-0,91	-0,79
634- Chapas de mad./etc	0,31	0,43
635- Manufatura/madeira	0,05	0,18
641- Papel	-0,05	0,21
642- Artigos de papel/cart.	-0,40	-0,40
651- Tecidos/fibras têxteis	0,23	0,05
652- Tecidos de algodão	0,15	0,07
653- Tecid./fibras artificiais	-0,64	-0,85
654- Outros tecidos	-0,46	-0,62
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	-0,01	-0,04

Tabela 11 - Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) -
classificação segundo a Tipologia II: 1981-89/1990-98

Classificação segundo a Intensidade Tecnológica		IDER (1981-1989)	IDER (1990-1998)
Tipologia II			
658-	Artig. Têxteis divers.	0,37	0,37
659-	Artig./pisos/tapeçar.	-0,87	-0,76
661-	Cal/cim./ mat. Const.	-0,55	0,18
662-	Manufatura argila	0,04	0,28
663-	Manufatur./minerais	-0,41	-0,11
664-	Vidro	-0,41	-0,33
665-	Artigos de vidro	-0,38	-0,27
666-	Artigos de porcelana	-0,12	-0,11
821-	Móveis/ e pts	-0,64	-0,22
842-	Vestuário masculino	-0,61	-0,98
843-	Vestuário feminino	-0,56	-0,86
851-	Calçados	0,70	0,62
894-	Artigos de esporte	-0,28	-0,45
Manufaturas com Baixa Intensidade Tecnológica			
		0,26	0,40
679	Manufatura/ferro/aço	-0,39	-0,13
671-	Granulad./etc de ferro	0,79	0,83
672-	Lingot./etc/ferro/aço	0,64	0,77
673-	Lâmin./chap./ferr./aço	0,34	0,39
674-	Lâm./chap/fer/aç/fund	0,33	0,35
677-	Arame de ferro/aço	-0,17	-0,07
678-	Tub/aces/ ferro/aço	-0,09	0,08
691-	Estrut. Metal e s/pts.	-0,54	-0,44
692-	Recepiet. De metal	-0,24	-0,11
693-	Artigos de fio metálic.	0,15	0,22
694-	Parafus/pregos/etc	-0,59	-0,26
695-	Ferram.p/ man./maq.	-0,37	-0,19
696-	Cutelaria	0,27	0,50
697-	Utens. Domés. Met.	-0,29	0,10
699-	Manuf. Metais com.	-0,54	-0,41
Manufaturas com Média Intensidade Tecnológica			
		-0,33	-0,19
621-	Mater. artig. Borracha	-0,65	-0,30
625-	Pneumátic/tubos/ etc	0,14	0,38
628-	Artig. Borrach/ n. esp.	-0,42	-0,08
714	Máquin/motor/ n/elétr.	-0,84	-0,56
718	Outr.maq. Energ. /pts	-0,71	-0,39
711-	Caldeir. Gerad. Vapor	-0,67	-0,39
712-	Máqu. Vapor d'agua	-0,96	-0,87
713-	Motor comb. Int. e pts	0,36	0,34
716-	Apar. Elét./ pts/peç.	-0,39	-0,04
721-	Máq. agric (ex.trt.)pts	-0,24	0,18
724-	Máq. p/têxt/cour/e pts	-0,39	-0,28
727-	Máq. p/alimt./ pts/peç.	-0,59	-0,33
728-	Máq. eq. Esp. Indúst.	-0,66	-0,64
736-	Máq-ferr/met./pts/acs	-0,65	-0,40
737-	Máq. p/met./ pts nsp.	-0,43	-0,37
745-	Out.maq/ferr/ap. n.elé	-0,46	-0,20
771-	Apar. Eletrc./nsp/pts	-0,67	-0,37
773-	Eq. Distr. Energ. Elét.	-0,36	-0,43
774-	Apar. Elét. Uso méd.	-0,93	-0,89
775-	Apar.elét./n-elét./méd.	-0,46	-0,31
778-	Máq.e apar.elet. Nsp.	-0,46	-0,36
781-	Veicul. Pasg.(ex.ônib)	-0,40	-0,46
723	Máq.eq. Eng.civ./e pts	-0,30	0,22
784	Pts e aces./veic.aut.	-0,23	0,12
726	Máq/ap/encad/ e pts	-0,92	-0,77
749	Pts/aces/n.elét./ máq.	-0,48	-0,21
772	Acess. Elétric. Divers	-0,60	-0,55
893-	Artig. Matér. Plásticas	-0,62	-0,58

Tabela 11 - Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) -
classificação segundo a Tipologia II: 1981-89/1990-98

Classificação segundo a Intensidade Tecnológica	IDER	IDER
	(1981-1989)	(1990-1998)
Tipologia II		
Manufaturas com Alta Intensidade Tecnológica		
	-0,37	-0,41
582 Prod/conden/policon/	-0,61	-0,40
583 Prod.polimerizaç./etc	-0,15	-0,10
511- Hidrocarburet./etc	0,17	0,21
512- Álcool e concentr.	0,45	0,23
513- Ácidos carboxil./etc	-0,08	-0,07
514- Compostos hidrogen.	-0,07	0,00
515- Compost. organomin.	-0,30	-0,27
516- Outr.prod.quím.orgân.	-0,13	-0,01
522- Elem./quím. Inorgân.	-0,14	0,23
523- Out.prod.quím.inorg.	-0,57	-0,25
524- Mater. radioativ./etc	-0,95	-0,98
531- Mat./tintur./orgân./sint.	-0,82	-0,24
532- Extrat./tint./sintét./etc	0,58	0,59
533- Tintas, vernizes, etc	-0,72	-0,44
541- Prod. Medic./farmac.	-0,62	-0,59
551- Óleos, aromatiz./etc	0,14	0,15
553- Perfumar./cosmético.	-0,63	-0,59
554- Produtos de limpeza	-0,60	-0,34
562- Fertilizantes	-0,77	-0,43
592- Féculas, glúten trigo	-0,23	0,08
598- Produtos químico. Div.	-0,26	-0,36
751- Máquinas de escritór.	-0,31	-0,52
752- Máq.elab.autom.dad.	-0,43	-0,77
759 pts/aces/751 e 752	-0,75	-0,75
761- Recep.telev./radrecp.	-0,53	-0,89
762- Radioreceps/etc	0,43	0,33
763- Apar.repr.gravds.som	-0,84	-0,99
764- eqts/pts/aces/teleco.	-0,71	-0,80
776- microc.elet./etc/e pts	-0,69	-0,86
792- Aeron./e equip./etc	-0,31	-0,18
871- Instrumentos ópticos	-0,81	-0,75
872- Instr. Médicos n.esp.	-0,69	-0,74
873- Medid./medid/ n.esp.	0,04	0,11
874- Instr. Medid./controle	-0,72	-0,67
882- Produt. Foto.cinemt.	-0,17	0,13
885- Relógios	-0,90	-0,95
881 Apar./equip. fotográf.	-0,65	-0,81

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 12- Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER): 1981-89 / 1990-98 -
classificação segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa no Comércio Mundial

Classif. segundo o Dinamismo em Cresc. de Particíp. Relativ. no Comércio Mundial	IDER (simples)		IDER (ponderado) ⁽¹⁾	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Alto Dinamismo em Crescimento	-0,41	-0,36	-0,57	-0,27
776 microc.elet.,etc/e pts	-0,69	-0,86	-0,95	-0,95
752 Máq.elab.autom.dad.	-0,43	-0,77	-0,73	-0,39
871 Instrumentos ópticos	-0,81	-0,75	-0,62	-0,63
759 pts/aces/751 e 752	-0,75	-0,75	-0,61	-0,62
893 Artig. Matér. Plásticas	-0,62	-0,58	-0,93	-0,26
771 Apar. Eletrc./nsp/pts	-0,67	-0,36	-0,36	-0,11
764 eqts/pts/aces/ teleco.	-0,71	-0,80	-0,54	-0,97
553 Perfumar./cosmético.	-0,63	-0,59	-1,29	-0,25
872 Instr. Médicos n.esp.	-0,69	-0,74	-1,00	-0,55
541 Prod. Medic./farmac.	-0,62	-0,59	-0,77	-0,40
773 Eq. Distr. Energ. Elét.	-0,36	-0,43	-0,23	-0,62
612 Manufat./ de couro	0,55	0,35	0,32	0,41
894 Artigos de esporte	-0,28	-0,45	-0,20	-0,72
514 Compostos hidrogen.	-0,07	0,00	-0,08	0,00
772 Acess. Elétric. Divers	-0,60	-0,55	-0,92	-0,45
778 Máq.e apar.elet. Nsp.	-0,46	-0,36	-0,73	-0,24
821 Móveis/ e pts	-0,64	-0,22	-0,68	-0,05
048 Prepar/ de cereais	-0,80	-0,71	-2,92	-0,20
111 Bebidas não-alcoólic.	-0,76	-0,35	-0,99	-0,16
843 Vestuário feminino	-0,56	-0,86	-0,16	-3,04
714 Máquin/motor/ n/elétr.	-0,84	-0,56	-0,31	-0,10
873 Medid./medid/ n.esp.	0,04	0,11	0,03	0,06
098 Outros produt.comest.	-0,26	-0,44	-0,39	-0,17
842 Vestuário masculino	-0,61	-0,98	-0,69	0,00
592 Féculas, glúten trigo	-0,23	0,08	-0,20	0,05
515 Compost.organomin.	-0,30	-0,27	-0,17	-0,21
628 Artig. Borrach/ n. esp.	-0,42	-0,08	-0,45	-0,06
774 Apar. Elétr. Uso méd.	-0,93	-0,89	-2,23	-0,44
781 Veicul. Pasg.(ex.ônib)	-0,40	-0,46	-0,54	-0,33
635 Manufatura/madeira	0,05	0,18	0,14	0,10
551 Oleos, aromatiz./etc	0,14	0,16	0,16	0,13
062 Confeitar.(exc.choc.)	0,33	0,36	0,46	0,29
664 Vidro	-0,41	-0,33	-0,43	-0,20
533 Tintas, vernizes, etc	-0,72	-0,43	-0,94	-0,19
583 Prod.polimerizaç./etc	-0,15	-0,10	-0,05	-0,11
679 Manufatura/ferro/aço	-0,39	-0,13	-0,19	-0,14
122 Cigarros/tabac.	-0,68	0,36	-0,42	0,08
633 Manufatura/cortiça	-0,91	-0,79	-2,39	-0,28
073 Chocol./ prepar/	0,51	-0,16	0,14	-0,11
621 Mater. artig. Borracha	-0,65	-0,30	-0,71	-0,13
611 Couro	0,44	0,62	0,34	0,47
851 Calçados	0,70	0,62	0,53	0,62
642 Artigos de papel/cart.	-0,40	-0,40	-0,38	-0,15
582 Prod.condens/policon/	-0,61	-0,40	-0,61	-0,31
726 Máq/ap/encad/ e pts	-0,92	-0,77	-1,64	-0,62
598 Produtos químic. Div.	-0,26	-0,36	-0,20	-0,37
761 Recep.telev./radrecp.	-0,53	-0,96	-1,64	0,00
775 Apar.elét./n-elét./méd.	-0,46	-0,31	-0,31	-0,27
792 Aeron./ e equip./etc	-0,31	-0,18	-0,23	-0,26
Baixo Dinamismo em Crescimento	-0,34	-0,22	-0,42	-0,51
248 Madeira trabalh.	0,09	0,17	0,16	0,11
057 Frutas fresc./secas	0,03	0,06	0,03	0,05
718 Outr.maç. Energ. /pts	-0,71	-0,39	-0,14	-0,21
682 Cobre	-0,50	-0,15	-0,29	-0,18
736 Máq-ferr/met./pts/acs	-0,65	-0,39	-2,51	-0,22
651 Tecidos/fibras têxteis	0,23	0,05	0,27	0,08
763 Apar.repr.gravds.som	-0,84	-1,00	-0,07	-1,68
014 Carne/conserv./prepar.	0,80	0,71	1,21	0,44
022 Leite e nata	-0,98	-0,94	0,00	-0,15
662 Manufatura argila	0,04	0,28	0,06	0,20
885 Relógios	-0,90	-0,97	-1,09	-4,53
523 Out.prod.quím.inorg.	-0,57	-0,25	-0,68	-0,21
681 Prata, platino, etc	-0,98	-0,87	0,00	-0,01
751 Máquinas de escritór.	-0,31	-0,52	-0,71	-0,94
661 Cal/cim./ mat. Const.	-0,55	0,18	-1,29	0,05
677 Arame de ferro/aço	-0,17	-0,07	-0,15	-0,06
056 Legumes,etc/prepr./conserv	-0,60	-0,94	-1,10	-1,36

Tabela 12- Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER): 1981-89 / 1990-98 -
classificação segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa no Comércio Mundial

Classif. segundo o Dinamismo em Cresc. de Particip. Relativ. no Comércio Mundial		IDER (simples)		IDER (ponderado) ⁽¹⁾	
		1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
724	Máq. p/têxt/cour/e pts	-0,39	-0,28	-0,40	-0,36
522	Elem./quím. Inorgân.	-0,14	0,23	-0,14	0,27
721	Máq. agríc (ex.trt.)pts	-0,24	0,18	-0,33	0,13
693	Artigos de fio metálic.	0,15	0,22	0,22	0,28
671	Granulad./etc de ferro	0,79	0,83	0,67	1,16
659	Artig./pisos/tapecar.	-0,87	-0,90	-1,85	0,00
683	Níquel	-0,84	-0,10	-0,04	-0,07
712	Máq. Vapor d'agua	-0,96	-0,87	-0,40	-0,12
562	Fertilizantes	-0,77	-0,43	-0,54	-0,40
673	Lâmin./chap./ferr./aço	0,34	0,39	0,25	0,65
233	Latex/borrac.sint.	-0,26	0,29	-0,27	0,12
711	Caldeir. Gerad. Vapor	-0,67	-0,39	-2,25	-0,42
072	Cacau	0,81	0,66	1,22	1,44
246	Madera/poipa	-0,92	-0,20	-0,15	0,00
071	Café e similares	0,87	0,89	0,88	0,74
723	Máq.eq. Eng.civ./e pts	-0,30	0,22	-0,45	0,17
511	Hidrocarburet./etc	0,17	0,21	0,13	0,33
266	Fibras sintéticas	-0,46	-0,60	-1,19	-0,58
267	Outr.fibras artific.	-0,42	-0,14	-0,11	-0,32
691	Estrut. Metal e s/pts.	-0,54	-0,44	-0,76	-0,26
012	Carne salgada/defumada	-0,52	-0,55	-0,19	-0,72
322	Carvão/lignito/turba	-1,00	-1,00	-0,21	*
222	Sement./frutas oleag.	0,65	0,83	0,68	0,83
287	Miner.metál./conc./	0,09	0,27	0,16	0,40
685	Cumbo	-0,72	-0,87	-1,30	-14,64
678	Tub/aces/ ferro/aço	-0,09	0,08	-0,14	0,10
524	Mater. radioativ./ etc	-0,95	-0,99	-0,16	-7,44
046	Sêmola e farinha	-0,96	*	-0,59	*
023	Manteiga	-0,86	-0,96	-6,75	0,00
687	Estanho	0,73	0,75	0,38	2,12
Novo Dinâmicos em Crescimento		-0,29	-0,25	-0,28	2,61
062	Confeitar.(exc.choc.)	0,33	0,36	0,46	0,29
098	Outros produt.comest.	-0,26	-0,44	-0,39	-0,17
515	Compost.organomin.	-0,30	-0,27	-0,17	-0,21
551	Óleos, aromatiz./etc	0,14	0,16	0,16	0,13
598	Produtos químic. Div.	-0,26	-0,36	-0,20	-0,37
628	Artig. Borrach/ n. esp.	-0,42	-0,08	-0,45	-0,06
635	Manufatura/madeira	0,05	0,18	0,14	0,10
642	Artigos de papel/cart.	-0,40	-0,40	-0,38	-0,15
679	Manufatura/ferro/aço	-0,39	-0,13	-0,19	-0,14
773	Eq. Distr. Energ. Elét.	-0,36	-0,43	-0,23	-0,62
792	Aeron./ e equip./etc	-0,31	-0,18	-0,23	-0,26
842	Vestuário masculino	-0,61	-0,98	-0,69	*
Regressivos em Crescimento		0,18	0,25	0,19	0,27
874	Instr. Medid./controle	-0,72	-0,67	-0,61	-0,57
749	Pts/aces/n.elét./ máq.	-0,48	-0,21	-0,59	-0,18
658	Artig. Têxteis divers.	0,37	0,38	0,42	0,40
684	Alumínio	0,32	0,62	0,02	0,73
554	Produtos de limpeza	-0,60	-0,34	-1,68	-0,08
672	Lingot./etc/ferro/aço	0,64	0,77	0,04	0,81
716	Apar. Elét./ pts/peç.	-0,39	-0,04	-0,63	-0,02
694	Parafus./pregos/etc	-0,59	-0,26	-0,71	-0,18
516	Outr.prod.quím.orgân.	-0,13	-0,01	-0,06	-0,01
663	Manufatur./minerais	-0,41	-0,11	-0,52	-0,08
037	Pescado,etc/conserv.	-0,88	*	-2,12	*
641	Papel	-0,05	0,21	-0,04	0,21
531	Mat./tintur./orgân./sint.	-0,82	-0,24	-1,38	-0,07
652	Tecidos de algodão	0,15	0,07	0,16	0,06
745	Out.máq/ferro/ap. n.elé	-0,46	-0,20	-0,53	-0,13
892	Impressos	-0,76	-0,85	-1,65	-1,40
112	Bebidas alcoólic.	-0,83	-0,57	-1,36	-0,50
513	Ácidos carboxil./etc	-0,08	-0,07	-0,08	-0,06
423	Azeites vegetais	0,77	0,75	2,05	0,63
512	Álcool e concentr.	0,45	0,23	0,53	0,19
665	Artigos de vidro	-0,38	-0,27	-0,58	-0,22
634	Chapas de mad./etc	0,31	0,43	0,26	0,25
431	Azeit./gordur./elabor.	0,19	0,51	0,17	0,52
058	Sucos e frutas/conserv.	0,87	0,84	0,85	1,52
625	Pneumático/tubos/ etc	0,14	0,38	0,09	0,28
881	Apar./equip. fotográf.	-0,65	-0,81	-0,48	-2,11
532	Extrat./tint./sintét./etc	0,58	0,59	0,54	0,67
654	Outros tecidos	-0,46	-0,62	-0,35	-0,56

Tabela 12- Brasil - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER): 1981-89 / 1990-98 -
classificação segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa no Comércio Mundial

Classif. segundo o Dinamismo em Cresc. de Partic. Relativ. no Comércio Mundial		IDER (simples)		IDER (ponderado) ⁽¹⁾	
		1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
696	Cutelaria	0,27	0,50	0,39	0,46
737	Máq. p/met./ pts nsp.	-0,43	-0,37	-0,36	-0,24
692	Recept. De metal	-0,24	-0,11	-0,54	-0,06
689	Metais não-ferrosos	-0,90	-0,52	-0,47	-0,19
695	Ferram.p/ man./maq.	-0,37	-0,19	-0,54	-0,16
727	Máq. p/alim./ pts/peç.	-0,59	-0,33	-1,13	-0,20
288	Refug/metais n/ferros.	-0,80	-0,64	-0,82	0,00
653	Tecid./fibras artificiais	-0,64	-0,90	-1,11	-1,83
074	Chá e mate	-0,01	0,28	-0,01	0,29
762	Radiorecepts/etc	0,43	0,34	0,18	0,43
424	Outr. Azeit.vegetais	0,13	0,07	0,29	1,58
674	Lâm./chap/fer/eq/fund	0,33	0,35	0,17	0,35
666	Artigos de porcelana	-0,12	-0,11	-0,10	-0,13
882	Produ. Foto.cinemat.	-0,17	0,13	-0,16	0,09
697	Utens. Domés. Met.	-0,29	0,10	-0,55	0,06
248	Madeira trabalh.	0,09	0,17	0,16	0,11
057	Frutas fresc./secas	0,03	0,06	0,03	0,05
024	Queijo e coalhada	-1,00	-0,99	0,00	0,00
718	Outr.maq. Energ. /pts	-0,71	-0,39	-0,14	-0,21
682	Cobre	-0,50	-0,15	-0,29	-0,18
736	Máq.-ferr/met./pts/acs	-0,65	-0,39	-2,51	-0,22
651	Tecidos/fibras têxteis	0,23	0,05	0,27	0,08
763	Apar.repr.gravds.som	-0,84	-1,00	-0,07	-1,68
014	Carne/conserv./prepar.	0,80	0,71	1,21	0,44
022	Leite e nata	-0,98	-0,94	0,00	-0,15
662	Manufatura argila	0,04	0,28	0,06	0,20
885	Relógios	-0,90	-0,97	-1,09	-4,53
523	Out.prod.quim.inorg.	-0,57	-0,25	-0,68	-0,21
681	Prata, platino, etc	-0,98	-0,87	0,00	-0,01
751	Máquinas de escritór.	-0,31	-0,52	-0,71	-0,94
661	Cal/cim./ mat. Const.	-0,55	0,18	-1,29	0,05
677	Arame de ferro/aço	-0,17	-0,07	-0,15	-0,06
056	Legumes,etc/prepr./conserv	-0,60	-0,94	-1,10	-1,36
724	Máq. p/têxt/cour/e pts	-0,39	-0,28	-0,40	-0,36
522	Elem./quim. Inorgân.	-0,14	0,23	-0,14	0,27
721	Máq. agric. (ex.trt.)pts	-0,24	0,18	-0,33	0,13
693	Artigos de fio metálic.	0,15	0,22	0,22	0,28
671	Granulad./etc de ferro	0,79	0,83	0,67	1,16
659	Artig./pisos/tapeçar.	-0,87	-0,90	-1,85	0,00
683	Níquel	-0,84	-0,10	-0,04	-0,07
712	Máqu. Vapor d'água	-0,96	-0,87	-0,40	-0,12
562	Fertilizantes	-0,77	-0,43	-0,54	-0,40
673	Lâmin./chap./ferr./aço	0,34	0,39	0,25	0,65
233	Latex/borrac.sint.	-0,26	0,29	-0,27	0,12
711	Caldeir. Gerad. Vapor	-0,67	-0,39	-2,25	-0,42
072	Cacau	0,81	0,66	1,22	1,44
246	Maderas/polpa	-0,92	-0,20	-0,15	0,00
071	Cafê e similares	0,87	0,89	0,88	0,74
723	Máq.eq. Eng.civ./e pts	-0,30	0,22	-0,45	0,17
511	Hidrocarburet./etc	0,17	0,21	0,13	0,33
266	Fibras sintéticas	-0,46	-0,60	-1,19	-0,58
267	Outr.fibras artific.	-0,42	-0,14	-0,11	-0,32
691	Estrut. Metal e s/pts.	-0,54	-0,44	-0,76	-0,26
012	Carne saigada/defumada	-0,52	-0,55	-0,19	-0,72
322	Carvão/lignito/turba	-1,00	-1,00	-0,21	*
222	Sement./frutas oleag.	0,65	0,83	0,68	0,83
287	Miner.metál./conc./	0,09	0,27	0,16	0,40
685	Cumbo	-0,72	-0,87	-1,30	-14,64
678	Tub/aces/ ferro/aço	-0,09	0,08	-0,14	0,10
524	Mater. radioativ./ etc	-0,95	-0,99	-0,16	-7,44
323	Briqueta/coque/etc	-1,00	-1,00	-0,59	*
046	Sêmola e farinha	-0,96	*	-0,59	*
023	Manteiga	-0,86	-0,96	-6,75	0,00
687	Estanho	0,73	0,75	0,38	2,12

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade statistics Yearbook

⁽¹⁾ IDER ponderado pela participação relativa média do produto em questão nas exportações totais médias do país.

Tabela 13- Brasil - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) - Ranking de ICSC Positivos: 1984-86/1995-97

PRODUTOS	ICSC - 1984/1986	PRODUTOS	ICSC - 1995/1997
Sement./frutas oleag.	0,3287	Alumínio	0,2506
Motor comb. Int. e pts	0,1657	Lâm./chap/fer/aç/fund	0,2043
Granulad./etc de ferro	0,0887	Sement./frutas oleag.	0,1947
Lâm./chap/fer/aç/fund	0,0817	Granulad./etc de ferro	0,1943
Hidrocarburet./etc	0,0672	Pts e aces./veic.aut.	0,1753
Radiorecepts/etc	0,0553	Azeites vegetais	0,1396
Álcool e concentr.	0,0417	Couro	0,1295
Frutas fresc./secas	0,0364	Papel	0,1231
Azeites vegetais	0,0349	Motor comb. Int. e pts	0,1221
Papel	0,0339	Radiorecepts/etc	0,0597
Alumínio	0,0338	Aeron./ e equip./etc	0,0416
Pts e aces./veic.aut.	0,0280	Hidrocarburet./etc	0,0333
Prod.polimerizaç./etc	0,0277	Elem./quím. Inorgân.	0,0280
Máq.elab.autom.dad.	0,0181	Prod.polimerizaç./etc	0,0279
Máquinas de escritór.	0,0164	Produt. Foto.cinemt.	0,0200
Tecid./ esp./fibr./têxt.	0,0149	Apar. Elét./ pts/peç.	0,0197
Miner.metál./conc./	0,0091	Frutas fresc./secas	0,0180
Óleos, aromatiz./etc	0,0081	Óleos, aromatiz./etc	0,0143
Artig. Matér. Plásticas	0,0052	Tecid./ esp./fibr./têxt.	0,0136
Extrat./tint./sintét./etc	0,0045	Féculas, glúten trigo	0,0114
Artigos de fio metálic.	0,0040	Artigos de fio metálic.	0,0080
Fibras sintéticas	0,0035	Latex/borrac.sint.	0,0068
Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,0031	Extrat./tint./sintét./etc	0,0066
Vidro	0,0027	Manufatur./minerais	0,0063
Ferram.p/ man./maq.	0,0026	Miner.metál./conc./	0,0051
Manuf. Metais com.	0,0022	Manufatura/ferro/aço	0,0041
Féculas, glúten trigo	0,0021	Refug/metais n/ferros.	0,0029
Couro	0,0018	Medid./medid/ n.esp.	0,0017
Outr.fibras artific.	0,0014	Produtos de limpeza	0,0012
Eq. Distr. Energ. Elét.	0,0010	Níquel	0,0010
Máq. p/alimt./ pts/peç.	0,0009	Outr.fibras artific.	0,0005
Medid./medid/ n.esp.	0,0005	Manufatura/cortiça	0,0001
Manufatura/ferro/aço	0,0004		
Pescado,etc/conserv.	0,0004		
Refug/metais n/ferros.	0,0002		
Produtos de limpeza	0,0002		
Chumbo	0,0000		

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 14- Brasil - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) - Ranking de ICSC Negativos: 1984-86 / 1995-97

PRODUTOS	ICSC - 1984/1986	PRODUTOS	ICSC - 1995/1997
Carvão/lignito/turba	-0,226317	eqts/pts/aces/ teleco.	-0,251796
eqts/pts/aces/ teleco.	-0,146151	microc.elet.,etc/e pts	-0,167685
pts/aces/751 e 752	-0,116026	Máq. eq. Esp. Indúst.	-0,113844
Aeron./ e equip./etc	-0,083192	Prod. Medic./farmac.	-0,109844
Fertilizantes	-0,054366	Fertilizantes	-0,099306
Instr. Medid./controle	-0,044311	Prepar/ de cereais	-0,087074
microc.elet.,etc/e pts	-0,042116	Instr. Medid./controle	-0,082609
Máquin/motor/ n/elétr.	-0,040499	Máq.elab.autom.dad.	-0,081182
Compost.organomin.	-0,038779	Compost.organomin.	-0,080767
Pts/aces/n.elét./ máq.	-0,037395	Carvão/lignito/turba	-0,076548
Prod. Medic./farmac.	-0,036293	Impressos	-0,053335
Acess. Elétric. Divers	-0,032924	pts/aces/751 e 752	-0,048223
Compostos hidrogen.	-0,025318	Leite e nata	-0,047822
Máq-ferr/met./pts/acs	-0,024219	Compostos hidrogen.	-0,045874
Produtos químic. Div.	-0,020807	Máq.e apar.elet. Nsp.	-0,043659
Latex/borrac.sint.	-0,019684	Máq. p/téxt/cour/e pts	-0,041436
Máq.e apar.elet. Nsp.	-0,019265	Máq-ferr/met./pts/acs	-0,038065
Relógios	-0,017395	Apar. Elétr. Uso méd.	-0,037681
Out.prod.quím.inorg.	-0,015424	Acess. Elétric. Divers	-0,029842
Prepar/ de cereais	-0,013944	Out.máq/ferr/ap. n.elé	-0,029752
Prod/conden/policon/	-0,013245	Artig. Matér. Plásticas	-0,029221
Mat./tintur./orgân./sint.	-0,012589	Prod/conden/policon/	-0,026422
Máq. eq. Esp. Indúst.	-0,012001	Álcool e concentr.	-0,025760
Apar. Eletrc./nsp/pts	-0,011936	Pts/aces/n.elét./ máq.	-0,023941
Máq. p/téxt/cour/e pts	-0,011033	Instr. Médicos n.esp.	-0,021333
Apar. Elét./ pts/peç.	-0,010827	Out.prod.quím.inorg.	-0,018449
Elem./quím. Inorgân.	-0,010215	Máq. p/met./ pts nsp.	-0,018429
Apar.repr.gravds.som	-0,009528	Briqueta/coque/etc	-0,017063
Ácidos carboxil./etc	-0,009282	Tintas, vernizes, etc	-0,016780
Máqu. Vapor d'agua	-0,009211	Produtos químic. Div.	-0,016135
Máq/ap/encad/ e pts	-0,009149	Ácidos carboxil./etc	-0,015215
Outr.prod.quím.orgân.	-0,008658	Apar. Eletrc./nsp/pts	-0,012736
Apar. Elétr. Uso méd.	-0,008382	Máquinas de escritór.	-0,011773
Impressos	-0,006569	Relógios	-0,011650
Outr.maq. Energ. /pts	-0,006011	Máq. p/alimt./ pts/peç.	-0,011037
Leite e nata	-0,005350	Artig. Borrach/ n. esp.	-0,010844
Bebidas alcoólic.	-0,005221	Instrumentos ópticos	-0,010365
Prata, platino, etc	-0,004621	Apar./equip. fotográf.	-0,009519
Cobre	-0,004161	Eq. Distr. Energ. Elét.	-0,008738
Tintas, vernizes, etc	-0,004015	Ferram.p/ man./maq.	-0,008640
Caldeir. Gerad. Vapor	-0,003783	Pescado,etc/conserv.	-0,008368
Apar./equip. fotográf.	-0,003268	Apar.repr.gravds.som	-0,008310
Produt. Foto.cinemt.	-0,002796	Máqu. Vapor d'agua	-0,007603
Briqueta/coque/etc	-0,002757	Fibras sintéticas	-0,007201
Instr. Médicos n.esp.	-0,002303	Máq/ap/encad/ e pts	-0,006434
Manufatur./minerais	-0,001909	Bebidas alcoólic.	-0,005801
Artig. Borrach/ n. esp.	-0,001463	Parafus/pregos/etc	-0,005616
Instrumentos ópticos	-0,001376	Prata, platino, etc	-0,005450
Máq. p/met./ pts nsp.	-0,001214	Vidro	-0,005401
Níquel	-0,001065	Outr.prod.quím.orgân.	-0,005322
Metais não-ferrosos	-0,000916	Manuf. Metais com.	-0,004219
Parafus/pregos/etc	-0,000738	Mater. artig. Borracha	-0,004131
Mater. artig. Borracha	-0,000689	Chumbo	-0,003291
Mater. radioativ./ etc	-0,000382	Cobre	-0,003287
Manufatura/cortiça	-0,000006	Outr.maq. Energ. /pts	-0,003122
		Mat./tintur./orgân./sint.	-0,002610
		Metais não-ferrosos	-0,002383
		Caldeir. Gerad. Vapor	-0,001740
		Mater. radioativ./ etc	-0,001662
		Máquin/motor/ n/elétr.	-0,000793

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 15 - Brasil - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC):1984-86/1995-97 - classificação segundo a Tipologia II

Classificação segundo a Tipologia II	ICSC 1984-1986	ICSC 1995-1997
Produtos Primários	0,201	0,511
022- Leite e nata	-0,005	-0,048
037- Pescado, etc/conserv.	0,000	-0,008
048- Prepar/ de cereais	-0,014	-0,087
057 Frutas fresc./secas	0,036	0,018
112- Bebidas alcoólic.	-0,005	-0,006
222 Sement./frutas oleag.	0,329	0,195
233- Latex/borrac.sint.	-0,020	0,007
266- Fibras sintéticas	0,003	-0,007
267- Outr.fibras artific.	0,001	0,000
287 Miner.metál./conc./	0,009	0,005
288- Refug/metais n/ferros.	0,000	0,003
423- Azeites vegetais	0,035	0,140
684 Alumínio	0,034	0,251
682 Cobre	-0,004	-0,003
681- Prata, platino, etc	-0,005	-0,005
683- Níquel	-0,001	0,001
685- Chumbo	0,000	-0,003
689- Metais não-ferrosos	-0,001	-0,002
Manufat. basead. em recurs. intensivas em trabalho	0,053	0,245
611- Couro	0,002	0,130
628- Artig. Borrach/ n. esp.	-0,001	-0,011
633- Manufatura/cortiça	0,000	0,000
641- Papel	0,034	0,123
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	0,015	0,014
663- Manufatur./minerais	-0,002	0,006
664- Vidro	0,003	-0,005
Manufaturas com Baixa Intensidade Tecnológica	0,189	0,387
671- Granulad./etc de ferro	0,089	0,194
674- Lâm./chap/fer/aç/fund	0,082	0,204
693- Artigos de fio metálic.	0,004	0,008
694- Parafus/pregos/etc	-0,001	-0,006
695- Ferram.p/ man./maq.	0,003	-0,009
699- Manuf. Metais com.	0,002	-0,004
Manufaturas com Média Intensidade Tecnológica	-0,102	-0,162
679 Manufatura/ferro/aço	0,000	0,004
621- Mater. artig. Borracha	-0,001	-0,004
714 Máquin/motor/ n/elétr.	-0,040	-0,001
718 Outr.maq. Energ. /pts	-0,006	-0,003
711- Caldeir. Gerad. Vapor	-0,004	-0,002
712- Máqu. Vapor d'água	-0,009	-0,008
713- Motor comb. Int. e pts	0,166	0,122
716- Apar. Elét./ pts/peç.	-0,011	0,020
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	-0,011	-0,041
727- Máq. p/alimt./ pts/peç.	0,001	-0,011
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	-0,012	-0,114
736- Máq-ferr/met./pts/acs	-0,024	-0,038
737- Máq. p/met./ pts nsp.	-0,001	-0,018
745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,003	-0,030
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	-0,012	-0,013

Tabela 15 - Brasil - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC):1984-86/1995-97 - classificação segundo a Tipologia II

Classificação segundo a		ICSC	ICSC
Tipologia II		1984-1986	1995-1997
773-	Eq. Distr. Energ. Elét.	0,001	-0,009
774-	Apar. Elétr. Uso méd.	-0,008	-0,038
778-	Máq.e apar.elet. Nsp.	-0,019	-0,044
784	Pts e aces./veic.aut.	0,028	0,175
726	Máq/ap/encad/ e pts	-0,009	-0,006
749	Pts/aces/n.elét./ máq.	-0,037	-0,024
772	Acess. Elétric. Divers	-0,033	-0,030
893-	Artig. Matér. Plásticas	0,005	-0,029
Manufaturas com Alta			
Intensidade Tecnológica		-0,334	-0,888
582	Prod/conden/policon/	-0,013	-0,026
583	Prod.polimerizaç./etc	0,028	0,028
511-	Hidrocarburet./etc	0,067	0,033
512-	Álcool e concentr.	0,042	-0,026
513-	Ácidos carboxil./etc	-0,009	-0,015
514-	Compostos hidrogen.	-0,025	-0,046
515-	Compost.organomin.	-0,039	-0,081
516-	Outr.prod.quim.orgân.	-0,009	-0,005
522-	Elem./quím. Inorgân.	-0,010	0,028
523-	Out.prod.quím.inorg.	-0,015	-0,018
524-	Mater. radioativ./ etc	0,000	-0,002
531-	Mat./tintur./orgân./sint.	-0,013	-0,003
532-	Extrat./tint./sintét./etc	0,005	0,007
533-	Tintas, vernizes, etc	-0,004	-0,017
541-	Prod. Medic./farmac.	-0,036	-0,110
551-	Óleos, aromatiz./etc	0,008	0,014
554-	Produtos de limpeza	0,000	0,001
562-	Fertilizantes	-0,054	-0,099
592-	Féculas, glúten trigo	0,002	0,011
598-	Produtos químíc. Div.	-0,021	-0,016
751-	Máquinas de escritór.	0,016	-0,012
752-	Máq.elab.autom.dad.	0,018	-0,081
759	pts/aces/751 e 752	-0,116	-0,048
762-	Radiorecepts/etc	0,055	0,060
763-	Apar.repr.gravds.som	-0,010	-0,008
764-	eqts/pts/aces/ teleco.	-0,146	-0,252
776-	microc.elet.,etc/e pts	-0,042	-0,168
792-	Aeron./ e equip./etc	-0,083	0,042
871-	Instrumentos ópticos	-0,001	-0,010
872-	Instr. Médicos n.esp.	-0,002	-0,021
873-	Medid./medid/ n.esp.	0,000	0,002
874-	Instr. Medid./controle	-0,044	-0,083
882-	Produt. Foto.cinemt.	-0,003	0,020
885-	Relógios	-0,017	-0,012
881	Apar./equip. fotográf.	-0,003	-0,010

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 16 - Exportações Brasileiras - Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER)
 Teste de Diferença de Média ¹: 1981/1989 e 1990/1998

Diferença de média (não significativa)		Diferença de média (significativa)	
CODIGO / PRODUTO		CODIGO / PRODUTO	
012- Carne salgada/defumada		024- Queijo e coalhada	
014 Carne/conserv./prepar.		672- Lingot./etc/ferro/aço	
022- Leite e nata		072- Cacau	
046- Sêmola e farinha		074- Chá e mate	
048- Prepar/ de cereais		531- Mat./tintur./orgân./sint.	
057 Frutas fresc./secas		628- Artig. Borrach/ n. esp.	
062- Confeitar.(exc.choc.)		714 Máquin/motor/ n/elétr.	
073- Chocol./ prepar/		696- Cutelaria	
246- Madeira/polpa		752- Máq.elab.autom.dad.	
248- Madeira trabalh.		222 Sement./frutas oleag.	
266- Fibras sintéticas		516- Outr.prod.quim.orgân.	
583 Prod.polimerizaç./etc		679 Manufatura/ferro/aço	
423- Azeites vegetais		621- Mater. artig. Borracha	
424- Outr. Azeit.vegetais		678- Tub/aces/ ferro/aço	
511- Hidrocarburet./etc		233- Latex/borrac.sint.	
513- Ácidos carboxil./etc		431- Azeit./gordur/elabor.	
514- Compostos hidrogen.		598- Produtos quimic. Div.	
515- Compost.organomin.		625- Pneumátic/tubos/ etc	
524- Mater. radioativ./ etc		641- Papel	
532- Extrat./tint./sintét./etc		661- Cal/cim./ mat. Const.	
541- Prod. Medic./farmac.		712- Máqu. Vapor d'água	
551- Óleos, aromatiz./etc		784 Pts e aces./veic.aut.	
553- Perfumar./cosmético.		821- Móveis/ e pts	
634- Chapas de mad./etc		749 Pts/aces/n.elét./ máq.	
635- Manufatura/madeira		058- Sucos e frutas/conserv.	
642- Artigos de papel/cart.		071- Café e similares	
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.		512- Álcool e concentr.	
658- Artig. Têxteis divers.		633- Manufatura/cortiça	
659- Artig./pisos/tapeçar.		697- Útens. Domés. Met.	
664- Vidro		716- Apar. Elét./ pts/peç.	
665- Artigos de vidro		761- Recep.telev./radrecp.	
666- Artigos de porcelana		771- Apar. Eletrc./nsp/pts	
673- Lâmin./chap./ferr./aço		723 Máq.eq. Eng.civ./e pts	
674- Lâm./chap./fer/aç/fund		122- Cigarros/tabac.	
685- Chumbo		523- Out.prod.quím.inorg.	
687- Estanho		562- Fertilizantes	
691- Estrut. Metal e s/pts.		651- Tecidos/fibras têxteis	
692- Receptent. De metal		662- Manufatura argila	
693- Artigos de fio metálic.		689- Metais não-ferrosos	
713- Motor comb. Int. e pts		694- Parafus/pregos/etc	
728- Máq. eq. Esp. Indústria.		699- Manuf. Metais com.	
737- Máq. p/met./ pts nsp.		776- microc.elet./etc/e pts	
759 pts/aces/751 e 752		611- Couro	
762- Radiorecept/etc		612- Manufat./ de couro	885- Relógios
763- Apar.repr.gravds.som		652- Tecidos de algodão	098- Outros produt.comest.
764- eqts/pts/aces/ teleco.		671- Granulad./etc de ferro	111- Bebidas não-alcoólic.
773- Eq. Distr. Energ. Elét.		718 Outr.maq. Energ. /pts	267- Outr.fibras artific.
774- Apar. Elétr. Uso méd.		724 Máq. p/têxt/cour/e pts	582 Prod/conden/policon/
778- Máq. e apar.elet. Nsp.		112- Bebidas alcoólic.	287 Miner.metál./conc./
781- Veicul. Pasg.(ex.ônib)		522- Elem./quím. Inorgân.	592- Féculas, glúten trigo
792- Aeron./ e equip./etc		533- Tintas, vernizes, etc	653- Tecid./fibras artificiais
871- Instrumentos ópticos		554- Produtos de limpeza	663- Manufatur./minerais
872- Instr. Médicos n. esp.		654- Outros tecidos	683- Níquel
873- Medid./medid/ n. esp.		682- Cobre	711- Caldeir. Gerad. Vapor
874- Instr. Medid./controle		677- Arame de ferro/aço	721- Máq. agric.(ex.trt.)pts
772- Acess. Elétric. Divers		681- Prata, platino, etc	727- Máq. p/alimnt./ pts/peç.
892- Impressos		695- Ferram p/ man./maq.	745- Out.maq/ferri/ap. n. elé
893- Artig. Matér. Plásticas		736- Máq-ferri/met./pts/acs	775- Apar.elét./n-elét./méd.
894- Artigos de esporte		751- Máquinas de escritór.	851- Calçados
881 Apar./equip. fotográf.		726 Máq/ap/encad/ e pts	882- Produt. Foto.cinemt.
684 Alumínio			

Participação Relativa nas Exportações Totais Médias ²

(1981-1989): 54,00%

(1990-1998): 51,50%

(1981-1989): 46,00%

(1990-1998): 48,50%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

¹ Teste -T: duas amostras presumindo variâncias diferentes. Calculado para o nível de 5% de significância.² Em relação ao total de 138 produtos para os quais o teste pôde ser aplicado.

Tabela 17- Brasil - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) - Teste de Diferença de Média ¹: 1981/1989 e 1990/1998

Diferença de média (não significativa)		Diferença de média (significativa)	
CODIGO / PRODUTO		CODIGO / PRODUTO	
057-	Frutas fresc./secas	022-	Leite e nata
112-	Bebidas alcoólic.	037-	Pescado,etc/conserv.
267-	Outr.fibras artificio.	322-	Carvão/lignito/turba
287-	Miner.metál./conc./	048-	Prepar/ de cereais
288-	Refug/metals n/ferros.	323-	Briqueta/coque/etc
583-	Prod.polimerizaç./etc	222-	Sement./frutas oleag.
423-	Azeites vegetais	233-	Latex/borrac.sint.
511-	Hidrocarburet./etc	266-	Fibras sintéticas
513-	Ácidos carboxil./etc	582	Prod/conden/policon/
515-	Compost.organomin.	512-	Álcool e concentr.
523-	Out.prod.quím.inorg.	514-	Compostos hidrogen.
531-	Mat./tintur./orgân./sint.	516-	Outr.prod.quím.orgân.
532-	Extrat./tint./sintét./etc	522-	Elem./quím. Inorgân.
533-	Tintas, vernizes, etc	524-	Mater. radioativ./ etc
551-	Óleos, aromatiz./etc	541-	Prod. Medic./farmac.
554-	Produtos de limpeza	684	Alumínio
562-	Fertilizantes	592-	Féculas, glúten trigo
598-	Produtos químico. Div.	611-	Couro
628-	Artig. Borrach/ n. esp.	679	Manufatura/ferro/aço
633-	Manufatura/cortiça	621-	Mater. artig. Borracha
657-	Tecid./ esp./fibr./têxt.	641-	Papel
674-	Lâm./chap/fer/aç/fund	682	Cobre
681-	Prata, platino, etc	663-	Manufatur./minerais
718	Outr.maq. Energ. /pts	664-	Vidro
689-	Metais não-ferrosos	671-	Granulad./etc de ferro
693-	Artigos de fio metálico.	714	Máquin/motor/ n/elétr.
694-	Parafus/pregos/etc	683-	Níquel
695-	Ferram.p/ man./maq.	685-	Chumbo
711-	Caldeir. Gerad. Vapor	699-	Manuf. Metais com.
712-	Máq. Vapor d'agua	716-	Apar. Elét./ pts/peç.
713-	Motor comb. Int. e pts	724-	Máq. p/têxt/cour/e pts
736-	Máq-ferr/met./pts/acs	727-	Máq. p/alimt./ pts/peç.
737-	Máq. p/met./ pts nsp.	728-	Máq. eq. Esp. Indústria.
759	pts/aces/751 e 752	745-	Out.máq/ferr/ap. n.elé
762-	Radiorecepts/etc	751-	Máquinas de escritór.
763-	Apar.repr.gravds.som	752-	Máq.elab.autom.dad.
771-	Apar. Eletro./nsp/pts	764-	eqts/pts/aces/ teleco.
773-	Eq. Distr. Energ. Elét.	774-	Apar. Elétr. Uso méd.
726	Máq/ap/encad/ e pts	776-	microc.elet.,etc/e pts
873-	Medid./medid/ n.esp.	778-	Máq.e apar.elet. Nsp.
772	Acess. Elétrico. Divers	784	Pts e aces./veic.aut.
885-	Relógios	792-	Aeron./ e equip./etc
		749-	Pts/aces/n.elét./ máq.
		871-	Instrumentos ópticos
		872-	Instr. Médicos n.esp.
		874-	Instr. Medid./controle
		882-	Produt. Foto.cinemat.
		892-	Impressos
		893-	Artig. Matér. Plásticas
		881-	Apar./equip. fotográf.

Participação Relativa nas Exportações Totais Médias ²

(1981-1989): 44,39%

(1990-1998): 36,60%

(1981-1989): 55,61%

(1990-1998): 63,40%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Notas:

¹ Teste -T: duas amostras presumindo variâncias diferentes. Calculado para o nível de 5% de significância.² Em relação ao total de 93 produtos para os quais o teste pôde ser aplicado.

Tabela 18 - Brasil - Produtos que apresentaram queda do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) entre 1981-89 e 1990-98 - segundo a natureza do saldo comercial

CÓDIGOS / SITC PRODUTOS	ICII (1981-89)	Saldo Comercial ⁽¹⁾		ICII (1990-98)	Saldo Comercial ⁽¹⁾	
		positivo	negativo		positivo	negativo
685-Chumbo	0,92		-0,40	0,07		-22,11
881- Apar./equip. fotográf.	1,00		-0,02	0,31		-44,01
752- Máq. elab. autom. Dados	0,94	21,52		0,33		-517,45
727- Máq. p/alimt/pts/peçs.	0,97	0,61		0,51		-50,99
524-Mater. Radioativ./etc	0,47		-3,87	0,06		-12,34
763-Apar. Reprod./gravads/som	0,43		-39,46	0,01		-70,05
764-Eqts/pts/acess/telecom.	0,55		-122,51	0,14		-1241,44
611-Couros	0,86	46,23		0,52	304,79	
872-Instr.médicos n.espfc.	0,56		-20,67	0,22		-144,89
664-Vidro	0,99		-0,39	0,67		-57,92
728-Máq./eqpts./ espec.indust.	0,55		-95,13	0,23		-664,83
745-Outras máq/ferr/apar./n.elét	0,87	10,58		0,56		-179,34
892-Impressos	0,48		-43,37	0,20		-201,84
699-Manuf/ metais com.	0,99	0,74		0,72		-96,62
893-Artig. Materiais plásticos	0,81	12,88		0,53		-174,46
266-Fibras sintéticas	0,62	9,29		0,35		-37,66
737-Máq. p/metais/ pts/ nsp.	0,58		-30,81	0,33		-133,77
724-Máq. P/têxt/couros e pts	0,61		-93,32	0,38		-362,02
695-Ferramts/ p/ man/ máq.	0,95		-4,74	0,72		-68,23
541-Produt. Medic./farmac.	0,53		-123,58	0,3		-667,72
773-Equip. distr. Energia elétric	0,95		-4,55	0,73		-62,04
287-Minerais metálics./conc./	0,97		-12,98	0,75		-166,19
776-Microeletr/eletron/ etc/e pts	0,38		-258,1	0,18		-832,31
554-Produtos de limpeza	0,98		-0,69	0,79		-23,01
513-Ácidos carboxil./etc	0,77		-45,47	0,60		-142,44
885-Relógios	0,20		-52,47	0,05		-145,52
778-Máq.e apar. Eletrc. Nsp	0,69		-98,51	0,57		-380,01
222-Sement./frutas oleaginosas	0,33	492,7		0,23	998,11	
514-Compostos hidrogen	0,60		-151,00	0,49		-440,04
874-Instr. Medidor./controle	0,36		-184,10	0,26		-486,33
628-Artigos borracha/ nsp	0,64		-18,48	0,55		-94,59
633-Manufatura/cortiça	0,69		-0,23	0,60		-1,360
598-Produtos químic.diversos	0,65		-115,50	0,57		-189,56
759-Pts/Acess 751 e 752	0,47		-112,68	0,39		-311,01
582-Prod/condensad/policon/	0,52		-63,58	0,45		-214,75
048-Preparados de cereais	0,12		-101,7	0,06		-625,81
512-Álcool e concentrados	0,58	115,23		0,52		-278,49
515-Compostos organomin.	0,30		-268,23	0,25		-541,56
516-Outrs. produt/quím. Orgânic	0,72		-39,29	0,69		-76,20
871-Instrumentos ópticos	0,28		-16,13	0,25		-53,33
774-Apar. Elétr. p/ uso médic.	0,08		-54,26	0,06		-191,66
Saldo Médio do Período		709,78	-2176,23		1302,9	-10013,96

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

⁽¹⁾ Saldo médio do período - em milhões de dólares.

Tabela 19 - Brasil - Produtos que apresentaram elevação do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) entre 1981-89 e 1990-98 - segundo a natureza do saldo comercial

CODIGOS / SITC PRODUTOS	ICII (1981-89)		Saldo Comercial		ICII (1990-98)		Saldo Comercial	
			positivo	negativo			positivo	negativo
679-Manufatura/ferro/aço	0,23		6,14		0,89		4,5	
683-Níquel	0,20			-20,32	0,78			-17,32
716-Apar./elétric/pts/peças	0,42			-142,12	0,94			-20,36
657-Tecids/espec/fibras sintétic	0,55		51,72		0,97		7,42	
711-Caldeir./gerador./vapor	0,28			-25,76	0,70			-9,52
267-Outras fibras sintéticas	0,44		5,830		0,85			-5,51
531-Mat./tintur./orgân./sintétic.	0,19			-49,26	0,60			-69,16
583-Produtos polimerização/etc	0,60		148,27		1,00		2,28	
714-Máquin/motor/ não elétric	0,15			-175,69	0,54			-126,54
682-Cobre	0,41			-168,21	0,78			-101,37
718-Outr. Máq. Energ./pts	0,10			-82,39	0,46			-33,24
689-Metais não-ferrosos	0,03			-56,21	0,39			-23,1
713-Motor comb. Intern. e pts./	0,44		475,07		0,79		304,6	
532-Extrat./ tint./ sintétic./ etc	0,30		17,65		0,64		12,96	
288-Refugos metais n/ferrosos	0,47			-14,37	0,79			-7,45
762-Radioreceptores/ etc	0,12		241,74		0,42		230,57	
771- Apar. Eletr. nsp /pts	0,23			-97,98	0,53			-138,35
522-Elem./ químicos inorgânicos.	0,64			-99,88	0,93			-30,14
511-Hidrocarburet./ etc	0,56		143,67		0,82		69,28	
693-Artigos de fio metálic.	0,38		34,04		0,61		31,48	
751-Máquinas de escritór.	0,33		46,87		0,55			-62,14
057-Frutas frescas/secas	0,78		68,95		0,99			-5,35
423-Azeites vegetais	0,25		412,31		0,46		400,52	
749-Pts/acess/ n. elétric/ máq.	0,41			-283,74	0,58			-407,04
233-Látex/borrach/ sintétic.	0,50			-59,70	0,67			-61,72
592-Féculas/ glúten trigo	0,70		10,09		0,83		19,77	
684-Alumínio	0,14		466,47		0,27		959,43	
523-Outs. Prod. Químic. inorgân.	0,30			-95,61	0,42			-142,01
784-Pts e acess/ veículs. Autom.	0,82		138,10		0,93		159,31	
681-Prata/ platino/ etc	0,04			-45,51	0,15			-49,44
726-Máq. / apar./encad. e pts.	0,11			-49,99	0,22			-104,58
873-Mevid./ medid./ nsp.	0,86		2,62		0,96			-1,92
674-Lamin./chap./ferr./aç. /fund.	0,26		568,38		0,35		646,49	
551-óleos/aromatiz./ etc	0,72		17,32		0,81		20,42	
641-Papel	0,67		182,53		0,75		336,75	
533-Tintas / vernizes / etc	0,39			-46,37	0,46			-134,76
772-Acess. etétrics. Diversos	0,38			-216,93	0,44			-350,14
663-Manufatur./ minerais	0,84			-11,17	0,90			-17,33
882-Produts. Fotogr. Cinem.	0,89			-20,51	0,95			-20,21
671-Granulado./ etc. de ferro	0,03		525,00		0,09		707,05	
562-Fertilizantes	0,09			-334,8	0,14			-630,04
792-Aeron./ e equip./ etc	0,87			-73,37	0,91		83,11	
022-Leite e nata	0,02			-72,77	0,05			-227,01
694-Parafusos /pregos / etc	0,57			-19,28	0,60			-55,57
712-Máq. Vapor d'água	0,02			-42,93	0,04			-71,36
736-Máq.-ferr./ met./pts./acess.	0,42			-111,19	0,42			-266,93
Saldo Médio do Período ¹			3562,77	-2416,04			3995,95	-3187,36

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

⁽¹⁾ Saldo médio do período - em milhões de dólares.

Tabela 20- Exportações Brasileiras e Mundiais - Taxa de Crescimento:1981-89 /1990-98 -
classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial	Exportações Mundiais taxa de crescimento (%)		Exportações Brasil taxa de crescimento (%)	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Alto Dinamismo em Crescimento	10,1	7,8	5,6	9,2
776- microc.elet.,etc/e pts	16,7	13,8	-0,5	4,5
752- Máq.elab.autom.dad.	18,5	9,6	-6,8	18,3
871- Instrumentos ópticos	12,4	14,9	10,0	10,7
759 pts/aces/751 e 752	17,3	9,2	14,7	6,2
893- Artig. Matér. Plásticas	12,8	7,5	0,6	17,6
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	8,7	11,0	21,3	15,3
764- eqts/pts/aces/ teleco.	9,8	11,2	7,9	12,1
553- Perfumar./cosmético.	11,1	9,3	-5,5	19,4
872- Instr. Médicos n.esp.	10,7	8,7	-3,2	10,4
541- Prod. Medic./farmac.	7,6	11,3	1,0	14,6
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	6,7	10,6	18,0	-4,0
612- Manufat./ de couro	8,3	6,6	11,0	1,0
894- Artigos de esporte	7,8	6,6	5,0	-8,3
514- Compostos hidrogen.	11,7	7,1	4,9	9,4
772- Acess. Elétric. Divers	8,1	8,3	1,9	5,9
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	8,4	8,4	1,6	11,5
821- Móveis/ e pts	8,4	6,4	4,6	28,6
048- Prepar/ de cereais	8,8	7,1	-11,9	25,5
111- Bebidas não-alcoólic.	8,2	7,6	7,2	16,2
843- Vestuário feminino	9,9	4,7	25,9	-
714- Máquin/motor/ n/elétr.	9,0	7,6	10,9	31,1
873- Medid./medid/ n.esp.	8,2	7,7	9,2	15,2
098- Outros produt.comest.	6,1	8,1	-12,9	29,8
842- Vestuário masculino	6,5	6,4	1,7	-
592- Féculas, glúten trigo	9,0	6,1	11,7	12,3
515- Compost.organomin.	6,1	9,1	16,8	8,3
628- Artig. Borrach/ n. esp.	5,9	8,1	11,1	9,9
774- Apar. Elétr. Uso méd.	8,6	6,5	-11,8	15,8
781- Veicul. Pasg.(ex.ônib)	9,9	5,5	1,1	17,5
635- Manufatura/madeira	5,6	7,2	-9,1	14,9
551- Óleos, aromatiz./etc	6,0	8,0	0,1	3,0
062- Confeitar.(exc.choc.)	5,7	7,7	5,0	6,3
664- Vidro	8,6	5,9	5,5	14,6
533- Tintas, vernizes, etc	7,7	6,9	8,6	22,9
583- Prod.polimerizaç./etc	10,8	3,9	25,3	0,9
679- Manufatura/ferro/aço	7,6	6,6	29,3	4,6
122- Cigarros/tabac.	8,7	3,8	25,1	33,3
633- Manufatura/cortiça	8,5	5,9	-9,7	13,3
073- Chocol./ prepar/	7,4	6,2	5,0	10,1
621- Mater. artig. Borracha	7,8	6,2	7,9	21,5
611- Couro	10,5	3,8	9,3	10,0
851- Calçados	7,7	3,5	8,5	1,5
642- Artigos de papel/cart.	6,9	6,2	-1,6	25,1
582- Prod/conden/policon/	7,3	6,5	8,4	9,2
726- Máq/ap/encad/ e pts	11,4	2,3	6,4	3,9
598- Produtos químíc. Div.	6,5	6,6	5,5	5,3
761- Recep.telev./radrecp.	6,7	3,9	-7,7	-
775- Apar.elét./n-elét./méd.	7,1	5,3	12,7	4,4
792- Aeron./ e equip./etc	6,3	6,6	20,1	10,5

Tabela 20- Exportações Brasileiras e Mundiais - Taxa de Crescimento:1981-89 /1990-98 - classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial	Exportações Mundiais taxa de crescimento (%)		Exportações Brasil taxa de crescimento (%)	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Médio Dinamismo em Crescimento	6,6	4,6	10,2	3,8
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	7,5	4,6	-1,1	7,3
699- Manuf. Metais com.	5,3	6,6	6,4	14,9
713- Motor comb. Int. e pts	7,8	5,9	9,6	2,3
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	7,9	4,3	-10,5	12,2
784- Pts e aces./veic.aut.	7,2	5,0	7,6	13,8
874- Instr. Medid./controle	7,5	5,4	4,3	9,5
749- Pts/aces/n.elét./ máq.	6,6	5,4	7,7	7,5
658- Artig. Têxteis divers.	2,7	5,9	6,2	1,6
684- Alumínio	11,3	3,8	54,9	-0,3
554- Produtos de limpeza	5,6	6,3	-7,1	29,8
672- Lingot./etc/ferro/aço	10,4	2,5	66,5	1,3
716- Apar. Elét./ pts/peç.	3,3	7,6	5,3	12,7
694- Parafus/pregos/etc	6,4	3,7	7,1	10,7
516- Outr.prod.quím.orgân.	5,7	6,1	17,7	9,1
663- Manufatur./minerais	6,4	4,9	6,0	8,7
037- Pescado,etc/conserv.	6,5	4,0	-	-
641- Papel	7,7	3,5	14,8	2,2
531- Mat./tintur./orgân./sint.	8,8	1,9	4,9	27,0
652- Tecidos de algodão	5,5	2,8	1,7	4,6
745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	6,5	3,9	9,8	9,7
892- Impressos	6,7	3,7	-10,9	-
112- Bebidas alcoólic.	5,4	4,2	6,9	-0,8
513- Ácidos carboxil./etc	7,4	3,6	7,3	2,6
423- Azeites vegetais	2,3	7,4	-9,5	9,4
512- Álcool e concentr.	7,2	4,4	-2,8	3,6
665- Artigos de vidro	4,7	3,6	-1,1	2,9
634- Chapas de mad./etc	6,4	3,1	3,9	10,1
431- Azeit./gordur/elabor.	5,4	6,5	15,3	3,8
058- Sucos e frutas/conserv.	4,8	3,6	3,9	-2,5
282- Refugo de ferro/aço	9,7	1,3	-	-
625- Pneumático/tubos/ etc	4,6	5,1	12,6	9,4
881- Apar./equip. fotográf.	4,2	6,5	26,3	-30,7
532- Extrat./tint./sintét./etc	5,7	4,8	3,6	4,6
654- Outros tecidos	7,9	0,6	7,5	0,3
696- Cutelaria	3,5	4,6	4,6	5,2
737- Máq. p/met./ pts nsp.	4,8	4,0	1,2	17,6
692- Recept. De metal	4,2	4,3	-5,6	10,1
689- Metais não-ferrosos	2,2	7,5	12,4	19,7
695- Ferram.p/ man./maq.	4,3	3,4	3,2	7,9
727- Máq. p/alim./ pts/peç.	5,9	1,7	1,6	8,3
288- Refug/metals n/ferros.	10,1	1,4	-	-
653- Tecid./fibras artificiais	5,3	1,8	-5,4	-
074- Chá e mate	4,5	0,0	21,8	1,8
762- Radiorecepts/etc	4,6	2,4	19,7	-0,9
424- Outr. Azeit.vegetais	0,5	11,3	-5,5	-27,5
674- Lãm./chap/fer/aç/fund	6,8	3,0	14,7	0,0
666- Artigos de porcelana	3,9	1,4	7,4	-2,2
Baixo Dinamismo em Crescimento	2,4	1,8	2,1	4,8
882- Produt. Foto.cinemt.	6,0	3,0	7,3	7,9
697- Utens. Domés. Met.	1,6	5,1	1,4	9,9
248- Madeira trabalh.	6,1	1,5	-5,6	14,2
057- Frutas fresc./secas	3,9	4,0	1,3	4,4
024- Queijo e coalhada	4,7	2,8	-	-
718- Outr.maq. Energ. /pts	4,9	-0,8	27,6	13,2
682- Cobre	6,0	1,4	23,9	-9,2
736- Máq-ferr/met./pts/acs	5,5	1,1	-11,6	11,5

Tabela 20- Exportações Brasileiras e Mundiais - Taxa de Crescimento: 1981-89 / 1990-98 - classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial	Exportações Mundiais taxa de crescimento (%)		Exportações Brasil taxa de crescimento (%)	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
651- Tecidos/fibras têxteis	3,9	3,2	1,4	-6,5
763- Apar.repr.gravds.som	6,6	1,9	11,0	-
014- Carne/conserv./prepar.	0,7	4,0	-7,1	10,8
022- Leite e nata	5,1	3,9	-	-
662- Manufatura argila	3,8	3,4	7,3	9,7
885- Relógios	4,1	1,7	3,0	-
523- Out.prod.quím.inorg.	3,8	2,2	6,0	4,3
681- Prata, platino, etc	2,8	-0,3	-	84,6
751- Máquinas de escritór.	4,8	1,8	-8,5	-12,9
661- Cal/cim./ mat. Const.	1,6	3,5	-2,1	30,2
677- Arame de ferro/aço	4,8	1,4	6,8	2,8
056- Legumes,etc/prepr./conserv	1,0	1,9	-12,6	-
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	8,0	-2,2	7,9	-4,1
522- Elem./quím. Inorgân.	4,0	1,9	10,2	2,2
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	2,1	2,9	6,5	14,1
693- Artigos de fio metálic.	2,8	2,3	5,2	-3,4
671- Granulad./etc de ferro	5,6	-0,9	10,6	0,5
659- Artig./pisos/tapeçar.	3,9	0,8	-3,8	-
683- Niquel	0,4	-0,4	69,9	10,2
712- Máqu. Vapor d'agua	-1,7	5,1	18,7	48,4
562- Fertilizantes	2,2	-0,8	15,4	8,7
673- Lâmin./chap./ferr./aço	1,9	1,5	11,9	-11,6
233- Latex/borrac.sint.	2,3	1,3	-4,5	18,6
711- Caldeir. Gerad. Vapor	-3,6	4,2	-0,3	6,6
072- Cacau	-0,4	5,5	-8,6	-10,3
246- Madeira/polpa	-1,9	1,4	-29,3	212,1
071- Café e similares	0,9	7,1	-1,5	8,3
723- Máq.eq. Eng.civ./e pts	-2,7	4,3	9,6	9,3
511- Hidrocarburet./etc	4,7	-1,9	5,3	-3,3
266- Fibras sintéticas	0,3	1,3	-5,8	-3,6
267- Outr.fibras artífic.	3,8	-4,1	29,5	-3,8
691- Estrut. Metal e s/pts.	-4,0	3,9	-7,3	11,2
012- Carne salgada/defumada	1,3	-0,7	11,6	-2,5
322- Carvão/lignito/turba	-1,2	-0,8	-32,5	-
222- Sement./frutas oleag.	-2,6	3,6	11,0	10,5
287- Miner.metál./conc./	0,6	0,5	1,2	1,9
685- Chumbo	-2,1	0,3	5,1	-
678- Tub/aces/ ferro/aço	-3,0	3,4	-1,3	1,7
524- Mater. radioativ./ etc	2,9	-4,5	35,7	-
Taxa de crescimento (geral)	6,8	5,6	6,1	5,2

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

(-) Sem informação para o primeiro ou o último ano da série.

Tabela 21- Exportações Brasileiras - Taxa de Contribuição ao Crescimento ¹: 1981-89 / 1990-98
(em porcentagem)

		1981-1989	1990-1998			1981-1989	1990-1998
Código/ Produto ⁽³⁾		Taxa Contrib. Cresc.	Taxa Contrib. Cresc. ²	Código/ Produto ³		Taxa Contrib. Cresc.	Taxa Contrib. Cresc. ²
071-	Café e similares	-20,19	58,28	691-	Estrut. Metal e s/pts.	-1,52	1,61
784	Pts e aces./veic.aut.	18,30	56,86	562-	Fertilizantes	1,26	1,60
222	Sement./frutas oleag.	34,57	44,09	694-	Parafus/pregos/etc	0,47	1,55
781-	Veicul. Pasg.(ex.ônib)	3,45	39,21	583	Prod.polimerizaç./etc	33,81	1,55
122-	Cigarros/tabac.	1,47	37,38	692-	Receptient. De metal	-0,73	1,53
821-	Móveis/ e pts	1,03	27,33	073-	Chocol./ prepar/	3,08	1,53
423-	Azeites vegetais	-18,71	21,50	776-	microc.elet./etc/e pts	-0,18	1,50
792-	Aeron./ e equip./etc	21,74	18,30	062-	Confeitar.(exc.choc.)	0,81	1,49
611-	Couro	9,49	15,62	678-	Tub/aces/ ferro/aço	-1,40	1,47
625-	Pneumátic/tubos/ etc	11,38	13,52	873-	Medid./medid/ n.esp.	0,51	1,37
661-	Cal/cim./ mat. Const.	-0,21	13,36	671-	Granulad./etc de ferro	30,16	1,35
248-	Madeira trabalh.	-5,91	13,23	683-	Níquel	0,59	1,31
634-	Chapas de mad./etc	2,71	11,44	658-	Artig. Têxteis divers.	4,46	1,31
014	Carne/conserv./prepar.	-13,26	11,39	681-	Prata, platino, etc	0,14	1,30
778-	Máq.e apar.elet. Nsp.	0,93	10,88	431-	Azeit./gordur/elabor.	2,75	1,17
723	Máq.eq. Eng.civ./e pts	4,66	10,04	513-	Ácidos carboxil./etc	2,93	0,99
635-	Manufatura/madeira	-2,29	8,24	111-	Bebidas não-alcoólic.	0,07	0,94
716-	Apar. Elét./ pts/peç.	1,51	8,21	523-	Out.prod.quím.inorg.	0,59	0,87
672-	Lingot./etc/ferro/aço	189,16	7,92	659-	Artig./pisos/tapeçar.	-0,11	0,83
541-	Prod. Medic./farmac.	0,08	7,85	727-	Máq. p/alimt./ pts/peç.	0,09	0,80
752-	Máq.elab.autom.dad.	-7,40	7,80	872-	Instr. Médicos n.esp.	-0,32	0,78
749	Pts/aces/n.elét./ máq.	4,33	7,77	022-	Leite e nata	0,06	0,76
714	Máquin/motor/ n/elétr.	1,06	7,69	551-	Óleos, aromatiz./etc	0,01	0,69
514-	Compostos hidrogen.	2,97	7,59	718	Outr.maq. Energ. /pts	0,63	0,67
851-	Calçados	44,68	7,44	892-	Impressos	-1,19	0,57
713-	Motor comb. Int. e pts	33,46	7,42	689-	Metais não-ferrosos	0,05	0,54
893-	Artig. Matér. Plásticas	0,14	7,37	665-	Artigos de vidro	-0,16	0,43
699-	Manuf. Metais com.	1,92	6,79	532-	Extrat./tint./sintét./etc	0,43	0,43
641-	Papel	25,90	6,66	679	Manufatura/ferro/aço	0,92	0,38
642-	Artigos de papel/cart.	-0,36	6,17	774-	Apar. Elétr. Uso méd.	-0,17	0,36
721-	Máq. agric (ex.trt.)pts	2,24	6,02	871-	Instrumentos ópticos	0,17	0,35
662-	Manufatura argila	2,63	5,13	612-	Manufat./ de couro	3,78	0,33
531-	Mat./tintur./orgân./sint.	0,15	5,06	711-	Caldeir. Gerad. Vapor	-0,01	0,29
882-	Produt. Foto.cinemt.	3,43	4,94	074-	Chá e mate	1,21	0,27
554-	Produtos de limpeza	-0,51	4,58	677-	Arame de ferro/aço	0,71	0,27
771-	Apar. Eletrc./nsp/pts	1,63	4,50	712-	Máqu. Vapor d'agua	0,05	0,25
533-	Tintas, vernizes, etc	0,69	4,46	726	Máq/ap/encad/ e pts	0,11	0,20
098-	Outros produt.comest.	-2,28	4,27	046-	Sêmola e farinha	0,01	0,15
728-	Máq. eq. Esp. Indústria.	-2,66	4,22	674-	Lâm./chap/fer/aç/fund	51,06	0,15
057	Frutas fresc./secas	1,32	4,08	633-	Manufatura/cortiça	-0,02	0,03
745-	Out.máq/ferr/ap. n.elé	2,36	4,06	763-	Apar.repr.gravds.som	0,10	0,03
736-	Máq-ferr/met./pts/acs	-2,52	4,04	654-	Outros tecidos	0,91	0,02
764-	eqts/pts/aces/ teleco.	2,99	3,53	653-	Tecid./fibras artificiais	-1,00	-0,05
652-	Tecidos de algodão	1,46	3,42	761-	Recep.telev./radrecp.	-1,67	-0,06

Tabela 21- Exportações Brasileiras - Taxa de Contribuição ao Crescimento¹: 1981-89 / 1990-98
(em porcentagem)

1981-1989			1990-1998		
Código/ Produto ⁽³⁾	Taxa Contrib. Cresc.	Taxa Contrib. Cresc. ²	Código/ Produto ³	Taxa Contrib. Cresc.	Taxa Contrib. Cresc. ²
233- Latex/borrac. sint.	-0,75	3,25	524- Mater. radioativ./ etc	3,54	-0,06
697- Utens. Domés. Met.	0,25	3,22	685- Chumbo	0,07	-0,12
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	-0,46	3,17	266- Fibras sintéticas	-0,56	-0,13
592- Féculas, glúten trigo	1,41	3,00	112- Bebidas alcoólic.	0,51	-0,18
664- Vidro	0,89	2,99	885- Relógios	0,10	-0,20
772- Acess. Elétric. Divers	0,70	2,97	267- Outr.fibras artific.	1,06	-0,21
874- Instr. Medid./controle	1,26	2,96	666- Artigos de porcelana	21,89	-0,31
515- Compost.organimin.	6,04	2,82	693- Artigos de fio metálic.	1,24	-0,70
516- Outr.prod.quím.orgân.	4,16	2,77	881 Apar./equip. fotográf.	1,87	-0,72
695- Ferram.p/ man./maq.	0,77	2,52	762- Radiorecepts/etc	31,39	-0,98
553- Perfumar./cosmêtic.	-0,50	2,48	773- Eq. Distr. Energ. Elét.	4,44	-1,30
663- Manufatur./minerais	0,96	2,46	684 Alumínio	161,63	-1,32
598- Produtos químic. Div.	3,22	2,39	724- Máq. p/têxt/cour/e pts	3,12	-1,67
759 pts/aces/751 e 752	4,01	2,18	751- Máquinas de escritór.	-2,64	-1,90
775- Apar.elét./n-elét./méd.	4,00	2,16	511- Hidrocarburet./etc	6,33	-2,76
048- Prepar/ de cereais	-0,45	2,10	424- Outr. Azeit.vegetais	-1,99	-3,43
512- Álcool e concentr.	-2,80	2,04	894- Artigos de esporte	2,32	-3,91
737- Máq. p/met./ pts nsp.	0,16	2,01	687- Estanho	15,21	-5,64
628- Artig. Borrach/ n. esp.	1,06	1,98	651- Tecidos/fibras têxteis	2,96	-6,61
621- Mater. artig. Borracha	0,25	1,94	682 Cobre	7,18	-6,62
696- Cutelaria	1,01	1,77	072- Cacau	-28,28	-10,18
522- Elem./quím. Inorgân.	4,81	1,77	058- Sucos e frutas/conserv.	4,10	-11,31
246- Madeira/polpa	-0,09	1,70	673- Lâmin./chap./ferr./aço	24,61	-23,66
287 Miner.metál./conc./	1,28	1,70			

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

¹ A taxa de Contribuição ao Crescimento resulta da multiplicação da taxa de crescimento médio (1981-89 e 1990-1998) pela taxa de participação relativa do produto no ano X. Esta última foi definida em termos da menor diferença absoluta entre a taxa de participação relativa do produto, em termos médios (1981-89 e 1990-98), e a taxa de participação relativa no ano X. Utiliza-se então a taxa de participação relativa referente ao ano para o qual esta apresentou o menor desvio absoluto em relação ao seu valor médio (1981-89).

² Por ordem decrescente de Contribuição ao Crescimento no período 1990-98.

³ Em negrito, produtos com queda na taxa de Contribuição ao Crescimento entre 1981-1989 e 1990-1998.

Tabela 22 - Exportações Brasileiras - Taxa de Crescimento e Taxa de Contribuição ao Crescimento¹:
 ranking de taxas positivas de Contribuição ao Crescimento- 1981-89 (1990-98 (em %)

CODIGO/PRODUTO	1981-1989		CODIGO/PRODUTO	1990-1998	
	Cresc. Médio (%)	Contrib. Cresc. ² (%)		Cresc. Médio (%)	Contrib. Cresc. ² (%)
672- Lingot./etc/ferro/aço	66,49	189,16	071- Café e similares	8,34	58,28
684 Alumínio	54,90	161,63	784 Pts e aces./veic.aut.	13,81	56,86
674- Lâmin./chap/fer/aç/fund	14,73	51,06	222 Sement./frutas oleag.	10,54	44,09
851- Calçados	8,51	44,68	781- Veícul. Pasg.(ex.ônib)	17,47	39,21
222 Sement./frutas oleag.	11,04	34,57	122- Cigarros/tabac.	33,29	37,38
583 Prod.polimerizaç./etc	25,32	33,81	821- Móveis/ e pts	28,57	27,33
713- Motor comb. Int. e pts	9,65	33,46	423- Azeites vegetais	9,41	21,50
762- Radiorecepts/etc	19,71	31,39	792- Aeron./ e equip./etc	10,50	18,30
671- Granulad./etc de ferro	10,60	30,16	611- Couro	9,95	15,62
641- Papel	14,77	25,90	625- Pneumático/tubos/ etc	9,36	13,52
673- Lâmin./chap./ferr./aço	11,92	24,61	661- Cal/cim./ mat. Const.	30,19	13,36
666- Artigos de porcelana	7,44	21,89	248- Madeira trabalh.	14,19	13,23
792- Aeron./ e equip./etc	20,12	21,74	634- Chapas de mad./etc	10,06	11,44
784 Pts e aces./veic.aut.	7,60	18,30	014 Carne/conserv./prepar.	10,82	11,39
687- Estanho	17,71	15,21	778- Máq.e apar.elet. Nsp.	11,46	10,88
625- Pneumático/tubos/ etc	12,55	11,38	723 Máq.eq. Eng.civ./e pts	9,28	10,04
611- Couro	9,27	9,49	635- Manufatura/madeira	14,88	8,24
843- Vestuário feminino	25,94	8,82	716- Apar. Elét./ pts/peç.	12,71	8,21
682 Cobre	23,86	7,18	672- Lingot./etc/ferro/aço	1,33	7,92
511- Hidrocarburet./etc	5,26	6,33	541- Prod. Medic./farmac.	14,59	7,85
515- Compost.organomin.	16,84	6,04	752- Máq.elab.autom.dad.	18,31	7,80
522- Elem./quím. Inorgân.	10,22	4,81	749 Pts/aces/n.elét./ máq.	7,55	7,77
723 Máq.eq. Eng.civ./e pts	9,56	4,66	714 Máquin/motor/ n/elétr.	31,05	7,69
658- Artig. Têxteis divers.	6,19	4,46	514- Compostos hidrogen.	9,42	7,59
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	17,99	4,44	851- Calçados	1,47	7,44
749 Pts/aces/n.elét./ máq.	7,71	4,33	713- Motor comb. Int. e pts	2,29	7,42
516- Outr.prod.quím.orgân.	17,72	4,16	893- Artig. Matér. Plásticas	17,57	7,37
058- Sucos e frutas/conserv.	3,90	4,10	699- Manuf. Metais com.	14,90	6,79
759 pts/aces/751 e 752	14,73	4,01	641- Papel	2,17	6,66
775- Apar.elét./n-elét./méd.	12,73	4,00	642- Artigos de papel/cart.	25,05	6,17
612- Manufat./ de couro	10,96	3,78	721- Máq. agric (ex.trt.)pts	14,06	6,02
524- Mater. radioativ./ etc	35,67	3,54	662- Manufatura argila	9,66	5,13
781- Veícul. Pasg.(ex.ônib)	1,05	3,45	531- Mat./tintur./orgân./sint.	27,03	5,06
882- Produt. Foto.cinemat.	7,34	3,43	882- Produt. Foto.cinemat.	7,88	4,94
598- Produtos químic. Div.	5,49	3,22	554- Produtos de limpeza	29,78	4,58
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	7,90	3,12	771- Apar. Eletre./nsp/pts	15,32	4,50
073- Chocol./ prepar/	4,99	3,08	533- Tintas, vernizes, etc	22,94	4,46
764- eqts/pts/aces/ teleco.	7,90	2,99	098- Outros produt.comest.	29,81	4,27
514- Compostos hidrogen.	4,92	2,97	728- Máq. eq. Esp. Indústria.	12,19	4,22
651- Tecidos/fibras têxteis	1,44	2,96	057 Frutas fresc./secas	4,45	4,08
513- Ácidos carboxil./etc	7,33	2,93	745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	9,68	4,06
431- Azeit./gordur/elabor.	15,32	2,75	736- Máq-ferr/met./pts/acs	11,48	4,04
634- Chapas de mad./etc	3,91	2,71	764- eqts/pts/aces/ teleco.	12,09	3,53
662- Manufatura argila	7,30	2,63	652- Tecidos de algodão	4,62	3,42
745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	9,81	2,36	233- Latex/borrac.sint.	18,60	3,25
894- Artigos de esporte	5,01	2,32	697- Utens. Domés. Met.	9,92	3,22
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	6,47	2,24	657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	7,25	3,17
699- Manuf. Metais com.	6,44	1,92	592- Féculas, glúten trigo	12,33	3,00
881 Apar./equip. fotográf.	26,35	1,87	664- Vidro	14,63	2,99
771- Apar. Eletre./nsp/pts	21,34	1,63	772 Acess. Elétric. Divers	5,88	2,97
716- Apar. Elét./ pts/peç.	5,32	1,51	874- Instr. Medid./controle	9,47	2,96
122- Cigarros/tabac.	25,13	1,47	582 Prod/conden/policon/	9,23	2,92
652- Tecidos de algodão	1,66	1,46	515- Compost.organomin.	8,35	2,82
592- Féculas, glúten trigo	11,69	1,41	516- Outr.prod.quím.orgân.	9,11	2,77
057 Frutas fresc./secas	1,25	1,32	695- Ferram.p/ man./maq.	7,88	2,52
287 Miner.metál./conc./	1,25	1,28	553- Perfumar./cosmético.	19,40	2,48
874- Instr. Medid./controle	4,34	1,26	663- Manufatur./minerais	8,71	2,46
562- Fertilizantes	15,44	1,26	598- Produtos químic. Div.	5,27	2,39

Tabela 22 - Exportações Brasileiras - Taxa de Crescimento e Taxa de Contribuição ao Crescimento¹:
 ranking de taxas positivas de Contribuição ao Crescimento- 1981-89/1990-98 (em %)

		1981-1989		194	1990-1998	
		Cresc.	Contrib.		Cresc.	Contrib.
		Médio	Cresc. ²		Médio	Cresc. ²
		(%)	(%)		(%)	(%)
CODIGO/PRODUTO				CODIGO/PRODUTO		
693- Artigos de fio metálic.		5,22	1,24	759 pts/aces/751 e 752	6,24	2,18
074- Chá e mate		21,85	1,21	775- Apar.elét./n-elét./méd.	4,45	2,16
628- Artig. Borrach/ n. esp.		11,06	1,06	048- Prepar/ de cereais	25,55	2,10
714 Máquin/motor/ n/elétr.		10,87	1,06	512- Álcool e concentr.	3,64	2,04
267- Outr.fibras artífic.		29,47	1,06	737- Máq. p/met./ pts nsp.	17,57	2,01
821- Móveis/ e pts		4,58	1,03	628- Artig. Borrach/ n. esp.	9,89	1,98
696- Cutelaria		4,55	1,01	621- Mater. artig. Borracha	21,50	1,94
663- Manufatur./minerais		6,02	0,96	696- Cutelaria	5,25	1,77
778- Máq.e apar.ciet. Nsp.		1,57	0,93	522- Elem./quím. Inorgân.	2,25	1,77
679 Manufatura/ferro/aço		29,25	0,92	246- Madeira/polpa	212,07	1,70
654- Outros tecidos		7,46	0,91	287 Miner.metál./conc./	1,88	1,70
664- Vidro		5,54	0,89	691- Estrut. Metal e s/pts.	11,21	1,61
062- Confeitar.(exc.choc.)		5,00	0,81	562- Fertilizantes	8,68	1,60
695- Ferram.p/ man./maq.		3,18	0,77	694- Parafus/pregos/etc	10,69	1,55
677- Arame de ferro/aço		6,78	0,71	583 Prod.polimerizaç./etc	0,92	1,55
772 Acess. Elétric. Divers		1,88	0,70	692- Receptient. De metal	10,14	1,53
533- Tintas, vernizes, etc		8,60	0,69	073- Chocol./ prepar/	10,05	1,53
718 Outr.maq. Energ. /pts		27,63	0,63	776- microc.elét./etc/e pts	4,47	1,50
683- Níquel		69,90	0,59	062- Confeitar.(exc.choc.)	6,30	1,49
523- Out.prod.quím.inorg.		5,98	0,59	678- Tub/aces/ ferro/aço	1,70	1,47
873- Medid./medid/ n.esp.		9,20	0,51	873- Medid./medid/ n.esp.	15,17	1,37
112- Bebidas alcoólic.		6,92	0,51	671- Granulad./etc de ferro	0,49	1,35
694- Parafus/pregos/etc		7,06	0,47	683- Níquel	10,25	1,31
532- Extrat./tint./sintét./etc		3,64	0,43	658- Artig. Têxteis divers.	1,58	1,31
842- Vestuário masculino		1,65	0,30	681- Prata, platino, etc	84,56	1,30
697- Utens. Domés. Met.		1,44	0,25	431- Azeit./gordur/elabor.	3,76	1,17
621- Mater. artig. Borracha		7,90	0,25	513- Ácidos carboxil./etc	2,56	0,99
012- Carne salgada/defumada		11,60	0,20	111- Bebidas não-alcoólic.	16,18	0,94
871- Instrumentos ópticos		9,95	0,17	523- Out.prod.quím.inorg.	4,33	0,87
737- Máq. p/met./ pts nsp.		1,21	0,16	659- Artig./pisos/tapeçar.	20,40	0,83
531- Mat./tintur./orgân./sint.		4,89	0,15	727- Máq. p/alim./ pts/peç.	8,26	0,80
893- Artig. Matér. Plásticas		0,65	0,14	872- Instr. Médicos n.esp.	10,43	0,78
681- Prata, platino, etc		35,73	0,14	022- Leite e nata	38,99	0,76
726 Máq/ap/encad/ e pts		6,38	0,11	551- Óleos, aromatiz./etc	2,98	0,69
885- Relógios		3,00	0,10	718 Outr.maq. Energ. /pts	13,23	0,67
763- Apar.repr.gravds.som		11,04	0,10	892- Impressos	6,17	0,57
727- Máq. p/alim./ pts/peç.		1,60	0,09	689- Metais não-ferrosos	19,74	0,54
541- Prod. Medic./farmac.		1,02	0,08	665- Artigos de vidro	2,88	0,43
111- Bebidas não-alcoólic.		7,24	0,07	532- Extrat./tint./sintét./etc	4,57	0,43
685- Chumbo		5,13	0,07	679- Manufatura/ferro/aço	4,59	0,38
022- Leite e nata		28,75	0,06	774- Apar. Elétr. Uso méd.	15,77	0,36
689- Metais não-ferrosos		12,42	0,05	871- Instrumentos ópticos	10,69	0,35
712- Máqu. Vapor d'água		18,74	0,05	612- Manufat./ de couro	1,03	0,33
551- Óleos, aromatiz./etc		0,05	0,01	711- Caldeir. Gerad. Vapor	6,63	0,29
046- Sêmola e farinha		6,14	0,01	074- Chá e mate	1,83	0,27
				677- Arame de ferro/aço	2,81	0,27
				712- Máqu. Vapor d'água	48,38	0,25
				024- Queijo e coalhada	61,30	0,20
				726- Máq/ap/encad/ e pts	3,91	0,20
				046- Sêmola e farinha	53,86	0,15
				674- Lâm./chap/fer/aq/fund	0,05	0,15
				633- Manufatura/cortiça	13,33	0,03
				763- Apar.repr.gravds.som	17,35	0,03
				654- Outros tecidos	0,27	0,02
Taxa de Contribuição (acumulada)		914,86			665,15	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

¹ A taxa de Contribuição ao Crescimento resulta da multiplicação da taxa de crescimento médio das exportações (em 1981-89 e 1990-98) pela taxa de participação relativa do ano "X". Para cada produto considerado, definiu-se como ano "X" aquele para o qual a taxa de participação relativa correspondeu ao menor desvio absoluto em relação à taxa média de participação relativa no período de referência.

² Por ordem decrescente de Contribuição ao Crescimento. Valores multiplicados por 100.

Tabela 23 - Exportações brasileiras - Taxa de Crescimento e Taxa de Contribuição ao Crescimento¹:
 ranking de taxas negativas de Contribuição ao Crescimento - 1981-89 /1990-98

(em porcentagem)					
CODIGO/PRODUTO	1981-1989		CODIGO/PRODUTO	1990-1998	
	Cresc. Médio (%)	Contrib. Cresc. ² (%)		Cresc. Médio (%)	Contrib. Cresc. ² (%)
071- Café e similares	-1,47	-20,19	058- Sucos e frutas/conserv.	-2,51	-11,31
423- Azeites vegetais	-9,51	-18,71	072- Cacau	-10,35	-10,18
014- Carne/conserv./prepar.	-7,12	-13,26	682 Cobre	-9,17	-6,62
752- Máq.elab.autom.dad.	-6,83	-7,40	651- Tecidos/fibras têxteis	-6,51	-6,61
248- Madeira trabalh.	-5,57	-5,91	687- Estanho	-18,62	-5,64
512- Álcool e concentr.	-2,78	-2,80	894- Artigos de esporte	-8,26	-3,91
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	-10,53	-2,66	424- Outr. Azeit.vegetais	-27,51	-3,43
751- Máquinas de escritór.	-8,46	-2,64	511- Hidrocarburet./etc	-3,28	-2,76
736- Máq-ferr/met./pts/acs	-11,59	-2,52	751- Máquinas de escritór.	-12,91	-1,90
635- Manufatura/madeira	-9,08	-2,29	724- Máq. p/têxt/cour/e pts	-4,12	-1,67
098- Outros produt.comest.	-12,88	-2,28	684 Alumínio	-0,32	-1,32
424- Outr. Azeit.vegetais	-5,47	-1,99	773- Eq. Distr. Energ. Elét.	-3,98	-1,30
761- Recep.telev./radrecp.	-7,73	-1,67	762- Radiorecepts/etc	-0,86	-0,98
691- Estrut. Metal e s/pts.	-7,28	-1,52	881 Apar./equip. fotográf.	-30,73	-0,72
678- Tub/aces/ ferro/aço	-1,34	-1,40	693- Artigos de fio metálic.	-3,38	-0,70
023- Manteiga	-51,70	-1,29	666- Artigos de porcelana	-2,22	-0,31
892- Impressos	-10,88	-1,19	267- Outr.fibras artific.	-3,81	-0,21
653- Tecid./fibras artificiais	-5,36	-1,00	885- Relógios	-11,04	-0,20
056- Legumes,etc/prepr./conserv	-12,64	-0,76	112- Bebidas alcoólic.	-0,78	-0,18
233- Latex/borrac.sint.	-4,48	-0,75	266- Fibras sintéticas	-3,59	-0,13
692- Receptient. De metal	-5,63	-0,73	685- Chumbo	-35,35	-0,12
266- Fibras sintéticas	-5,79	-0,56	524- Mater. radioativ./ etc	-29,42	-0,06
554- Produtos de limpeza	-7,06	-0,51	761- Recep.telev./radrecp.	-3,55	-0,06
553- Perfumar./cosmétic.	-5,52	-0,50	653- Tecid./fibras artificiais	-0,62	-0,05
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	-1,13	-0,46			
048- Prepar/ de cereais	-11,88	-0,45			
642- Artigos de papel/cart.	-1,56	-0,36			
872- Instr. Médicos n.esp.	-3,24	-0,32			
661- Cal/cim./ mat. Const.	-2,09	-0,21			
776- microc.elet.,etc/e pts	-0,46	-0,18			
774- Apar. Elétr. Uso méd.	-11,81	-0,17			
665- Artigos de vidro	-1,13	-0,16			
659- Artig./pisos/tapeçar.	-3,79	-0,11			
246- Madera/polpa	-29,31	-0,09			
322 Carvão/lignito/turba	-32,53	-0,06			
633- Manufatura/cortiça	-9,73	-0,02			
711- Caldeir. Gerad. Vapor	-0,34	-0,01			
751- Máquinas de escritór.	-8,46	-2,64			
736- Máq-ferr/met./pts/acs	-11,59	-2,52			
635- Manufatura/madeira	-9,08	-2,29			
098- Outros produt.comest.	-12,88	-2,28			
424- Outr. Azeit.vegetais	-5,47	-1,99			
761- Recep.telev./radrecp.	-7,73	-1,67			
691- Estrut. Metal e s/pts.	-7,28	-1,52			
678- Tub/aces/ ferro/aço	-1,34	-1,40			

Tabela 23 - Exportações brasileiras - Taxa de Crescimento e Taxa de Contribuição ao Crescimento¹:
 ranking de taxas negativas de Contribuição ao Crescimento - 1981-89 /1990-98

		1981-1989		1990-1998	
		Cresc.	Contrib.	Cresc.	Contrib.
		Médio	Cresc. ²	Médio	Cresc. ²
		(%)	(%)	(%)	(%)
CODIGO/PRODUTO				CODIGO/PRODUTO	
023-	Manteiga	-51,70	-1,29		
892-	Impressos	-10,88	-1,19		
653-	Tecid./fibras artificiais	-5,36	-1,00		
056-	Legumes,etc/prepr./conserv	-12,64	-0,76		
233-	Latex/borrac.sint.	-4,48	-0,75		
692-	Receipient. De metal	-5,63	-0,73		
266-	Fibras sintéticas	-5,79	-0,56		
554-	Produtos de limpeza	-7,06	-0,51		
553-	Perfumar./cosmético.	-5,52	-0,50		
657-	Tecid./ esp./fibr./têxt.	-1,13	-0,46		
048-	Prepar/ de cereais	-11,88	-0,45		
642-	Artigos de papel/cart.	-1,56	-0,36		
872-	Instr. Médicos n.esp.	-3,24	-0,32		
661-	Cal/cim./ mat. Const.	-2,09	-0,21		
776-	microc.elet.,etc/e pts	-0,46	-0,18		
774-	Apar. Elétr. Uso méd.	-11,81	-0,17		
665-	Artigos de vidro	-1,13	-0,16		
659-	Artig./pisos/tapeçar.	-3,79	-0,11		
246-	Madera/polpa	-29,31	-0,09		
322	Carvão/lignito/turba	-32,53	-0,06		
633-	Manufatura/cortiça	-9,73	-0,02		
711-	Caldeir. Gerad. Vapor	-0,34	-0,01		
Taxa de Contribuição (acumulado)		-123,32		-60,40	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

¹ A taxa de Contribuição ao Crescimento resulta da multiplicação da taxa de crescimento médio das exportações (em 1981-89 e 1990-98) pela taxa de participação relativa do ano "X". Para cada produto considerado, definiu-se como ano "X" aquele para o qual a taxa de participação relativa correspondeu ao menor desvio absoluto em relação à taxa média de participação relativa no período de referência.

² Por ordem decrescente de Contribuição ao Crescimento. Valores multiplicados por 100.

Tabela 24 - Exportações Brasileiras - Taxa de Crescimento e Taxa de Contribuição ao Crescimento¹:1981-89/1990-98

CÓDIGO-SITC/ PRODUTO ²	1981-1989		1990-1998	
	Tx. Cresc. %	Tx. Contrib. %	Tx. Cresc. %	Tx. Contrib. %
(em porcentagem)				
ALTO DINAMISMO³				
776- microc. elet., etc/e pts	-0,46	-0,18	4,47	1,50
752- Máq. elab. autom. dad.	-8,83	-7,40	18,31	7,80
871- Instrumentos ópticos	9,95	0,17	10,69	0,35
759 pts/aces/751 e 752	14,73	4,01	6,24	2,18
893- Artig. Matér. Plásticas	0,65	0,14	17,57	7,37
771- Apar. Elétr. /nsp/pts	21,34	1,63	15,32	4,50
764 eqts/pts/aces/ teleco.	7,90	2,99	12,09	3,53
553- Perfumar./cosmético.	-5,52	-0,50	19,40	2,48
872- Instr. Médicos n. esp.	-3,24	-0,32	10,43	0,78
541- Prod. Medic./farmac.	1,02	0,08	14,59	7,85
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	17,99	4,44	-3,98	-1,30
612- Manufat./ de couro	10,96	3,78	1,03	0,33
894- Artigos de esporte	5,01	2,32	-8,26	-3,91
514- Compostos hidrogen.	4,92	2,97	9,42	7,59
772- Acess. Elétric. Divers	1,88	0,70	5,88	2,97
778- Máq. e apar. elet. Nsp.	1,57	0,83	11,46	10,88
821- Móveis/ e pts	4,58	1,03	28,57	27,33
048- Prepar/ de cereais	-11,88	-0,45	25,53	2,10
111- Bebidas não-alcoólic.	7,24	0,07	16,18	0,94
843- Vestuário feminino	25,94	8,82	*	*
714- Máquin/motoc/ n/elétr.	10,87	1,06	31,05	7,69
873- Medid./medid/ n. esp.	9,20	0,51	15,17	1,37
098- Outros produt. comest.	-12,88	-2,28	29,81	4,27
842- Vestuário masculino	1,65	0,30	*	*
592- Féculas, glúten trigo	11,69	1,41	12,33	3,00
515- Compost. organomin.	16,84	6,04	8,35	2,82
628- Artig. Borrach/ n. esp.	11,06	1,06	9,89	1,98
774- Apar. Elétr. Uso méd.	-11,81	-0,17	15,77	0,38
781- Veicul. Pasg.(ex.ônib)	1,05	3,45	17,47	39,21
635- Manufatura/madeira	-9,06	-2,29	14,88	8,24
551- Óleos, aromatiz./etc	0,05	0,01	2,98	0,69
062- Confeitar.(exc. choc.)	5,00	0,81	6,30	1,49
664- Vidro	5,54	0,89	14,63	2,99
533- Tintas, vernizes, etc	8,60	0,69	22,94	4,46
583- Prod. polimerizaç./etc	25,32	33,81	0,92	1,55
679- Manufatura/ferro/aço	29,25	0,92	4,59	0,38
122- Cigarros/tabac.	25,13	1,47	33,29	37,38
633- Manufatura/cortiça	-9,73	-0,02	13,33	0,03
073- Choccol./ prepar/	4,99	3,08	10,05	1,53
621- Mater. artig. Borracha	7,90	0,25	21,50	1,94
611- Couro	9,27	9,49	9,95	15,62
851- Calçados	8,51	44,68	1,47	7,44
642- Artigos de papel/cart.	-1,56	-0,36	25,05	6,17
582- Prod/conden/policon/	8,39	0,00	9,23	2,92
726- Máq/ap/encad/ e pts	6,38	0,11	3,91	0,20
598- Produtos químic. Div.	5,49	3,22	5,27	2,39
761- Recep. telev./radrecep.	-7,73	-1,67	-3,55	-0,06
Subtotal (ALTO)		131,70		241,33
MÉDIO DINAMISMO				
775- Apar. elét./n-elét./méd.	12,73	4,00	4,45	2,16
792- Aeron./ e equip./etc	20,12	21,74	10,50	18,30
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	-1,13	-0,46	7,25	3,17
699- Manuf. Metais com.	6,44	1,92	14,90	6,79
713- Motor comb. Int. e pts	9,65	33,46	2,29	7,42
728- Máq. eq. Esp. Indústria	-10,53	-2,66	12,19	4,22
784- Pts e aces./veic. aut.	7,60	18,30	13,81	56,86
874- Instr. Medid./controle	4,34	1,26	9,47	2,96
749- Pts/aces/n. elét./ máq.	7,71	4,33	7,55	7,77
658- Artig. Têxteis divers.	6,19	4,46	1,58	1,31
684- Alumínio	54,90	161,63	-0,32	-1,32
554- Produtos de limpeza	-7,06	-0,51	29,78	4,58
672- Lingot./etc/ferro/aço	66,49	189,16	1,33	7,92
716- Apar. Elét./ pts/peç.	5,32	1,51	12,71	8,21
694- Parafus./pregos/etc	7,06	0,47	10,69	1,55
516- Outr. prod. quim. orgân.	17,72	4,16	9,11	2,77
663- Manufatur./minerais	6,02	0,96	8,71	2,46
641- Papel	14,77	25,90	2,17	6,66
531- Mat./tintur./orgân./sint.	4,89	0,15	27,03	5,06
652- Tecidos de algodão	1,66	1,46	4,62	3,42
745- Out. máq./fer/ ap. n. elé	9,81	2,36	9,68	4,06
892- Impressos	-10,88	-1,19	6,17	0,57
112- Bebidas alcoólic.	6,92	0,51	-0,78	-0,18
513- Ácidos carboxil./etc	7,33	2,93	2,56	0,99
423- Azeites vegetais	-9,51	-18,71	9,41	21,50
512- Álcool e concentr.	-2,78	-2,80	3,64	2,04
665- Artigos de vidro	-1,13	-0,16	2,88	0,43

Tabela 24 - Exportações Brasileiras - Taxa de Crescimento e Taxa de Contribuição ao Crescimento¹:1981-89/1990-98
(em porcentagem)

CÓDIGO-SITC/ PRODUTO ²	1981-1989		1990-1998	
	Tx. Cresc. %	Tx. Contrib. %	Tx. Cresc. %	Tx. Contrib. %
634- Chapas de mad./etc	3,91	2,71	10,06	11,44
431- Azeit./gordur./elabor.	15,32	2,75	3,76	1,17
058- Sucos e frutas/conserv.	3,90	4,10	-2,51	-11,31
625- Pneumático/tubos/ etc	12,55	11,38	9,36	13,52
881 Apar./equip. fotográf.	26,35	1,87	-30,73	-0,72
532- Extrat./bint./sintét./etc	3,64	0,43	4,57	0,43
654- Outros tecidos	7,46	0,91	0,27	0,02
696- Cutelaria	4,55	1,01	5,25	1,77
737- Máq. p/met./ pts nsp.	1,21	0,16	17,57	2,01
692- Receptent. De metal	-5,63	-0,73	10,14	1,53
689- Metais não-ferrosos	12,42	0,05	19,74	0,54
695- Ferram p/ man./maq.	3,18	0,77	7,88	2,52
727- Máq. p/alimut./ pts/peq.	1,60	0,09	8,26	0,80
653- Tecid./fibras artificiais	-5,36	-1,00	-0,62	-0,05
074- Chá e mate	21,85	1,21	1,83	0,27
762- Radiorecepts/etc	19,71	31,39	-0,86	-0,98
424- Outr. Azeit.vegetais	-5,47	-1,99	-27,51	-3,43
674- Lãm./chap./ferr./aç./fund	14,73	51,06	0,05	0,15
666- Artigos de porcelana	7,44	21,89	-2,22	-0,31
Subtotal (MÉDIO)		582,25		201,04
BAIXO DINAMISMO				
882- Produt. Foto.cinemt.	7,34	3,43	7,88	4,94
697- Utens. Domés. Met.	1,44	0,25	9,92	3,22
248- Madeira trabalh.	-5,57	-5,91	14,19	13,23
057- Frutas fresco./secas	1,25	1,32	4,45	4,08
024- Queijo e coalhada	-20,35	0,00	61,30	0,20
718- Outr.maq. Energ. /pts	27,63	0,63	13,23	0,67
682- Cobre	23,86	7,18	-9,17	-6,62
736- Máq.ferr/met./pts/acs	-11,59	-2,52	11,48	4,04
651- Tecidos/fibras têxteis	1,44	2,96	-6,51	-6,81
763- Apar.repr.gravds.som	11,04	0,10	17,35	0,03
014- Carne/conserv./prepar.	-7,12	-13,26	10,82	11,39
022- Leite e nata	28,75	0,06	38,99	0,76
662- Manufatura argila	7,30	2,63	9,66	5,13
885- Relógios	3,00	0,10	-11,04	-0,20
523- Out.prod.quím.inorg.	5,98	0,59	4,33	0,87
681- Prata, platino, etc	35,73	0,14	84,56	1,30
751- Máquinas de escritór.	-8,46	-2,64	-12,91	-1,90
661- Cal/clm./ mat. Const.	-2,09	-0,21	30,19	13,36
677- Arame de ferro/aço	6,78	0,71	2,81	0,27
724- Máq. p/têxt/cou/e pts	7,90	3,12	-4,12	-1,67
522- Elem./quím. Inorgân.	10,22	4,81	2,25	1,77
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	6,47	2,24	14,06	6,02
693- Artigos de fio metálic.	5,22	1,24	-3,38	-0,70
671- Granulad./etc de ferro	10,60	30,16	0,49	1,35
659- Artg./pisos/tapepar.	-3,79	-0,11	20,40	0,83
683- Níquel	69,90	0,59	10,25	1,31
712- Máqu. Vapor d'agua	18,74	0,05	48,38	0,25
562- Fertilizantes	15,44	1,26	8,68	1,60
673- Lãmín./chap./ferr./aço	11,92	24,61	-11,56	-23,66
233- Latex/borrac.sint.	-4,48	-0,75	18,60	3,25
711- Caldeir. Gerad. Vapor	-0,34	-0,01	6,63	0,29
072- Cacau	-8,59	-28,28	-10,35	-10,18
246- Madeira/polpa	-29,31	-0,09	212,07	1,70
071- Café e similares	-1,47	-20,19	8,34	58,28
723- Máq.eq. Eng.civ./e pts	9,56	4,66	9,28	10,04
511- Hidrocarburet./etc	5,26	6,33	-3,28	-2,76
266- Fibras sintéticas	-5,79	-0,56	-3,59	-0,13
267- Outr.fibras artífic.	29,47	1,06	-3,81	-0,21
691- Estrut. Metal e s/pts.	-7,28	-1,52	11,21	1,61
222- Sement./frutas oleag.	11,04	34,57	10,54	44,09
287- Miner.metál./conc./	1,25	1,28	1,88	1,70
685- Chumbo	5,13	0,07	-35,35	-0,12
678- Tub./aces/ ferro/aço	-1,34	-1,40	1,70	1,47
524- Mater. radioativ./ etc	35,67	3,54	-29,42	-0,06
046- Sêmola e farinha	6,14	0,01	53,86	0,15
687- Estanho	17,71	15,21	-18,62	-5,64
Subtotal (BAIXO)		77,41		138,72

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

¹ A taxa de Contribuição ao Crescimento resulta da multiplicação da taxa de crescimento médio das exportações (em 1981-89 e 1990-98) pela taxa de participação relativa do ano "X". Para cada produto considerado, definiu-se como ano "X" aquele para o qual a taxa de participação relativa correspondeu ao menor desvio absoluto em relação à taxa média de participação relativa no período de referência.

² Em negrito, produtos que em 1981-89 ou 1990-98 apresentaram taxas positivas de contribuição ao crescimento, a dois dígitos.

³ Os grupos de produtos foram classificados em Alto, Médio e Baixo Dinamismo, com referência à taxa de crescimento médio das exportações mundiais no período 1981-1998, e ordenados por ordem decrescente de taxa de crescimento.

Tabela 25 - Composição Relativa das Exportações Mundiais e Brasileiras: 1981-89/1990-98 -
classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial	Exportações Mundiais composição relativa		Exportações Brasileiras composição relativa	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Alto Dinamismo em Crescimento	40,8	49,8	21,5	24,1
776- microc.elet./etc/e pts	2,3	4,3	0,4	0,3
752- Máq.elab.autom.dad.	2,5	3,5	1,0	0,5
871- Instrumentos ópticos	0,2	0,2	0,0	0,0
759- pts/aces/751 e 752	1,8	2,5	0,3	0,4
893- Artig. Matér. Plásticas	0,9	1,4	0,2	0,4
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	0,4	0,6	0,1	0,3
764- eqts/pts/aces/ teleco.	2,3	3,2	0,4	0,4
553- Perfumar./cosméc.	0,3	0,5	0,1	0,1
872- Instr. Médicos n.esp.	0,4	0,5	0,1	0,1
541- Prod. Medic./farmac.	1,5	2,0	0,4	0,5
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	0,5	0,8	0,3	0,3
612- Manufat./ de couro	0,1	0,2	0,4	0,3
894- Artigos de esporte	0,8	1,1	0,4	0,4
514- Compostos hidrogen.	0,7	0,8	0,6	0,8
772- Acess. Elétric. Divers	1,4	1,7	0,4	0,5
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	1,6	2,0	0,6	0,9
821- Móveis/ e pts	1,0	1,3	0,2	0,9
048- Prepar/ de cereais	0,3	0,5	0,0	0,1
111- Bebidas não-alcoólic.	0,1	0,1	0,0	0,1
843- Vestuário feminino	1,0	1,2	0,3	0,1
714- Máquin/motor/ n/elétr.	0,9	0,9	0,1	0,3
873- Medid./medid/ n.esp.	0,1	0,1	0,1	0,1
098- Outros produt.comest.	0,3	0,4	0,2	0,2
842- Vestuário masculino	0,7	0,9	0,2	0,0
592- Féculas, glúten trigo	0,2	0,2	0,1	0,3
515- Compost.organomin.	0,6	0,6	0,3	0,3
628- Artig. Borrach/ n. esp.	0,2	0,2	0,1	0,2
774- Apar. Elétr. Uso méd.	0,4	0,4	0,0	0,0
781- Veícul. Pasg.(ex.ônib)	7,5	7,0	3,2	2,6
635- Manufatura/madeira	0,3	0,4	0,3	0,5
551- Óleos, aromatiz./etc	0,2	0,2	0,2	0,2
062- Confeitar.(exc.choc.)	0,1	0,1	0,2	0,2
664- Vidro	0,4	0,4	0,2	0,2
533- Tintas, vernizes, etc	0,5	0,5	0,1	0,2
583- Prod.polimerizaç./etc	1,9	2,0	1,4	1,6
679- Manufatura/ferro/aço	0,1	0,1	0,0	0,1
122- Cigarros/tabac.	0,4	0,5	0,1	1,1
633- Manufatura/cortiça	0,0	0,0	0,0	0,0
073- Chocol./ prepar/	0,2	0,2	0,6	0,2
621- Mater. artig. Borracha	0,2	0,2	0,0	0,1
611- Couro	0,4	0,4	1,0	1,7
851- Calçados	1,0	1,2	5,7	5,0
642- Artigos de papel/cart.	0,6	0,6	0,2	0,3
582- Prod/conden/policon/	0,8	0,7	0,2	0,3
726- Máq/ap/encad/ e pts	0,4	0,4	0,0	0,1
598- Produtos químic. Div.	1,0	1,0	0,6	0,5
761- Recep.telev./radrecp.	0,5	0,6	0,2	0,0
775- Apar.elét./n-elét./méd.	0,9	1,0	0,3	0,5

Tabela 25 - Composição Relativa das Exportações Mundiais e Brasileiras: 1981-89/1990-98 -
classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial	Exportações Mundiais composição relativa		Exportações Brasileiras composição relativa	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Médio Dinamismo em Crescimento	33,8	32,0	38,3	45,3
792- Aeron./ e equip./etc	2,6	2,6	1,3	1,8
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	0,4	0,5	0,4	0,4
699- Manuf. Metais com.	1,0	1,1	0,3	0,4
713- Motor comb. Int. e pts	1,7	1,6	3,5	3,2
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	1,5	1,6	0,3	0,4
784- Pts e aces./veíc.aut.	3,7	3,5	2,4	4,4
874- Instr. Medid./controle	1,7	1,6	0,3	0,3
749- Pts/aces/n.elét./ máq.	1,5	1,6	0,5	1,0
658- Artig. Têxteis divers.	0,3	0,4	0,7	0,8
684- Alumínio	1,4	1,0	2,7	4,2
554- Produtos de limpeza	0,3	0,3	0,1	0,2
672- Lingot./etc/ferro/aço	0,7	0,7	3,2	5,7
716- Apar. Elét./ pts/peç.	0,6	0,7	0,3	0,6
694- Parafus/pregos/etc	0,3	0,3	0,1	0,1
516- Outr.prod.quím.orgân.	0,3	0,3	0,3	0,3
663- Manufatur./minerais	0,4	0,4	0,2	0,3
037- Pescado,etc/conserv.	0,3	0,2	0,0	0,0
641- Papel	2,2	2,0	2,0	3,1
531- Mat./tintur./orgân./sint.	0,3	0,3	0,0	0,2
652- Tecidos de algodão	0,6	0,6	0,9	0,7
745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,7	0,6	0,2	0,4
892- Impressos	0,8	0,7	0,1	0,1
112- Bebidas alcoólic.	0,8	0,8	0,1	0,2
513- Ácidos carboxil./etc	0,5	0,4	0,4	0,4
423- Azeites vegetais	0,3	0,3	2,6	2,1
512- Álcool e concentr.	0,4	0,3	1,0	0,6
665- Artigos de vidro	0,3	0,3	0,1	0,2
634- Chapas de mad./etc	0,4	0,4	0,8	1,0
431- Azeit./gordur/elabor.	0,1	0,1	0,2	0,3
058- Sucos e frutas/conserv.	0,4	0,4	5,6	4,2
282- Refugo de ferro/aço	0,2	0,2	0,0	0,0
625- Pneumático/tubos/ etc	0,7	0,7	1,0	1,5
881- Apar./equip. fotográf.	0,4	0,3	0,1	0,0
532- Extrat./tint./sintét./etc	0,0	0,0	0,1	0,1
654- Outros tecidos	0,3	0,3	0,1	0,1
696- Cutelaria	0,1	0,1	0,2	0,3
737- Máq. p/met./ pts nsp.	0,3	0,3	0,1	0,1
692- Receptent. De metal	0,2	0,2	0,1	0,2
689- Metais não-ferrosos	0,1	0,1	0,0	0,0
695- Ferram.p/ man./maq.	0,5	0,5	0,2	0,3
727- Máq. p/alimt./ pts/peç.	0,2	0,2	0,1	0,1
288- Refug/metals n/ferros.	0,3	0,2	0,0	0,1
653- Tecid./fibras artificiais	0,9	0,9	0,2	0,0
074- Chá e mate	0,1	0,1	0,1	0,1
762- Radiorecepts/etc	0,5	0,6	1,4	1,2
424- Outr. Azeit.vegetais	0,3	0,2	0,3	0,2
674- Lâm./chap/ferr/aç/fund	1,8	1,4	3,6	3,0
666- Artigos de porcelana	0,2	0,2	0,1	0,1

Tabela 25 - Composição Relativa das Exportações Mundiais e Brasileiras: 1981-89/1990-98 - classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial	Exportações Mundiais		Exportações Brasileiras	
	composição relativa		composição relativa	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Baixo Dinamismo em Crescimento	24,8	17,9	39,2	30,3
882- Produt. Foto.cinemt.	0,6	0,5	0,4	0,7
697- Utens. Domés. Met.	0,3	0,3	0,2	0,3
248- Madeira trabalh.	0,9	0,8	1,0	1,1
057- Frutas fresc./secas	1,0	0,8	1,0	0,9
024- Queijo e coalhada	0,4	0,3	0,0	0,0
718- Outr.maq. Energ. /pts	0,1	0,1	0,0	0,1
682- Cobre	0,9	0,9	0,3	0,6
736- Máq-ferr/met./pts/acs	1,0	0,8	0,2	0,4
651- Tecidos/fibras têxteis	1,2	1,0	1,9	1,1
763- Apar.repr.gravds.som	0,9	0,6	0,1	0,0
014- Carne/conserv./prepar.	0,2	0,2	1,7	1,0
022- Leite e nata	0,5	0,4	0,0	0,0
662- Manufatura argila	0,3	0,3	0,4	0,5
885- Relógios	0,7	0,6	0,0	0,0
523- Out.prod.quím.inorg.	0,4	0,3	0,1	0,2
681- Prata, platino, etc	0,4	0,2	0,0	0,0
751- Máquinas de escritór.	0,6	0,4	0,3	0,1
661- Cal/cim./ mat. Const.	0,4	0,3	0,1	0,4
677- Arame de ferro/aço	0,1	0,1	0,1	0,1
056- Legumes,etc/prepr./conserv	0,2	0,2	0,1	0,0
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	0,9	0,7	0,4	0,4
522- Elem./quím. Inorgân.	0,6	0,5	0,5	0,7
721- Máq. agríc (ex.trt.)pts	0,4	0,3	0,3	0,5
693- Artigos de fio metálic.	0,2	0,1	0,2	0,2
671- Granulad./etc de ferro	0,3	0,3	2,8	2,7
659- Artig./pisos/tapeçar.	0,4	0,3	0,0	0,0
683- Niquel	0,2	0,1	0,0	0,1
712- Máqu. Vapor d'agua	0,1	0,1	0,0	0,0
562- Fertilizantes	0,7	0,5	0,1	0,2
673- Lâmin./chap./ferr./aço	1,0	0,7	2,0	1,7
233- Latex/borrac.sint.	0,3	0,1	0,2	0,2
711- Caldeir. Gerad. Vapor	0,1	0,1	0,0	0,0
072- Cacau	0,3	0,2	3,2	0,8
246- Madeira/polpa	0,1	0,1	0,0	0,0
071- Café e similares	0,9	0,4	13,7	7,0
723- Máq.eq. Eng.civ./e pts	1,1	0,7	0,6	1,1
511- Hidrocarburet./etc	0,9	0,5	1,2	0,8
266- Fibras sintéticas	0,2	0,1	0,1	0,0
267- Outr.fibras artific.	0,1	0,1	0,0	0,1
691- Estrut. Metal e s/pts.	0,6	0,4	0,2	0,1
012- Carne salgada/defumada	0,1	0,1	0,0	0,0
322- Carvão/lignito/turba	1,0	0,6	0,0	0,0
222- Sement./frutas oleag.	0,7	0,4	3,3	4,2
287- Miner.metál./conc./	0,9	0,5	1,1	0,9
685- Chumbo	0,1	0,0	0,0	0,0
678- Tub/aces/ ferro/aço	1,2	0,7	1,0	0,8
524- Mater. radioativ./ etc	0,4	0,2	0,0	0,0
Regressivos em Crescimento	0,6	0,3	1,0	0,3
323- Briqueta/coque/etc	0,1	0,1	0,0	0,0
046- Sêmola e farinha	0,1	0,1	0,0	0,0
023- Manteiga	0,2	0,1	0,0	0,0
687- Estanho	0,1	0,0	1,0	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 26 -Índice de Dissimilaridade das Exportações Brasileiras: 1981-89 /1990-98 -
classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial	Importações mundiais		Exportações Brasil		Exportações Brasil	
	Tx. Cresc.		Tx. Cresc.		Índice de Dissimilaridade	
	(%)		(%)		1981-89	1990-98
Alto Dinamismo em Crescimento	1981-89 9,78	1990-98 7,84	1981-89 5,59	1990-98 9,21	0,36	0,40
Médio Dinamismo em Crescimento	6,68	4,58	10,15	3,75	0,43	0,38
Baixo Dinamismo em Crescimento	2,62	2,17	2,06	4,76	0,55	0,46
Taxas de Cresc. e Índice Aj (Geral)	6,74	5,71	6,12	5,19	0,49	0,47

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 27 - Exportações Brasileiras e Mundiais - Market-Share (MS) Médio e Taxa de Crescimento: (1981-89 / 1990-98) - classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Partip. Relativa no Comércio Mundial	(em porcentagem)							
	Exportações Mundiais ("MS"-médio)		Exportações Brasil (MS-médio)		"Market-Share" Mundial Tx. Cresc.		Market-Share Brasil Tx. Cresc.	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Alto Dinamismo em Crescimento de Part. %	0,192	0,271	0,004	0,002	4,569	3,988	-7,436	-0,052
776- microc. elet./etc/e pts	0,023	0,043	0,002	0,001	9,263	7,731	-13,423	-8,002
752- Máq.elab.autom.dad.	0,025	0,035	0,005	0,001	10,910	3,717	-21,287	7,463
871- Instrumentos ópticos	0,002	0,002	0,002	0,001	5,202	8,794	-1,752	-1,158
759- pts/acces/751 e 752	0,018	0,025	0,002	0,001	9,861	3,344	-3,331	-4,480
893- Artig. Matér. Plásticas	0,009	0,014	0,003	0,002	5,580	1,819	-10,560	9,056
771- Apar. Elétrc./nsp/pts	0,004	0,006	0,002	0,004	1,803	5,072	12,092	2,498
764- eqts/pts/acces/ teleco.	0,023	0,032	0,002	0,001	2,838	5,241	-2,966	0,956
553- Perfumar./cosmético.	0,003	0,005	0,003	0,003	4,003	3,517	-15,091	9,650
872- Instr. Médicos n.esp.	0,004	0,005	0,002	0,001	3,673	2,952	-12,151	2,012
541- Prod. Medic./farmac.	0,015	0,020	0,003	0,002	0,776	5,396	-5,682	3,135
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	0,005	0,008	0,005	0,002	-0,107	4,692	9,853	-13,231
612- Manufat./ de couro	0,001	0,002	0,044	0,018	1,409	0,948	0,362	-5,140
894- Artigos de esporte	0,008	0,011	0,006	0,003	0,885	0,963	-5,223	-14,691
514- Compostos hidrogen.	0,007	0,008	0,011	0,009	4,558	1,416	-5,138	2,021
772- Acess. Elétric. Divers	0,014	0,017	0,007	0,003	1,241	2,566	-	-2,021
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	0,016	0,020	0,005	0,004	1,496	2,638	-6,813	3,085
821- Móveis/ e pts	0,010	0,013	0,002	0,006	1,530	0,776	-4,588	20,996
048- Prepar/ de cereais	0,003	0,005	0,001	0,002	1,844	1,395	-18,353	18,427
Médio Dinamismo em Crescimento de Part. %	0,153	0,158	0,006	0,004	2,199	0,232	-3,018	5,307
111- Bebidas não-alcoólic.	0,001	0,001	0,002	0,005	1,257	1,839	-2,951	9,037
843- Vestuário feminino	0,010	0,012	0,003	0,001	2,856	-0,893	13,799	-
714- Máquin/motor/ n/elétr.	0,009	0,009	0,001	0,003	2,034	1,890	1,565	21,991
873- Medid./medid/ n.esp.	0,001	0,001	0,011	0,010	1,287	1,995	5,087	4,948
098- Outros produt.comest.	0,003	0,004	0,007	0,004	-0,687	2,360	-19,665	19,265
842- Vestuário masculino	0,007	0,009	0,003	0,000	-0,258	0,687	-6,086	-
592- Féculas, glúten trigo	0,002	0,002	0,008	0,010	2,087	0,417	1,179	6,380
515- Compost.organomin.	0,006	0,006	0,006	0,005	-0,703	3,310	9,451	0,476
628- Artig. Borrach/ n. esp.	0,002	0,002	0,005	0,007	-0,841	2,369	3,499	1,382
774- Apar. Elétr. Uso méd.	0,004	0,004	0,001	0,001	1,647	0,802	-19,479	9,508
781- Veicul. Pasg.(ex.ônib)	0,075	0,070	0,006	0,004	2,886	-0,071	-7,541	11,331
635- Manufatura/madeira	0,003	0,004	0,013	0,014	-1,154	1,530	-13,804	7,354
551- Óleos, aromatiz./etc	0,002	0,002	0,017	0,013	-0,726	2,248	-6,739	-3,316
062- Confeitar.(exc.choc.)	0,001	0,001	0,026	0,021	-1,010	1,947	-0,750	-0,525
664- Vidro	0,004	0,004	0,005	0,005	1,695	0,297	-1,836	8,017
533- Tintas, vernizes, etc	0,005	0,005	0,002	0,004	0,806	1,194	-0,040	15,593
583- Prod.polimerizaç./etc	0,019	0,020	0,010	0,007	3,773	-1,646	13,735	-3,727
679- Manufatura/ferro/aço	0,001	0,001	0,008	0,009	0,770	0,958	24,517	-1,289

Tabela 27 - Exportações Brasileiras e Mundiais - Market-Share (MS) Médio e Taxa de Crescimento: (1981-89 / 1990-98) - classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Partip. Relativa no Comércio Mundial	(em porcentagem)							
	Exportações Mundiais ("MS"-médio)		Exportações Brasil (MS-médio)		"Market-Share" Mundial Tx. Cresc.		Market-Share Brasil Tx. Cresc.	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Baixo Dinamismo em								
Crescimento de Part. %	0,173	0,177	0,013	0,011	0,402	-0,303	0,889	2,702
122- Cigarros/tabac.	0,004	0,005	0,003	0,027	1,754	-1,748	16,433	27,148
633- Manufatura/cortiça	0,000	0,000	0,001	0,001	1,553	0,237	-16,558	8,178
073- Choccol./ prepar/	0,002	0,002	0,042	0,007	0,503	0,533	-2,033	4,559
621- Mater. artig. Borracha	0,002	0,002	0,003	0,005	0,941	0,501	1,115	14,336
611- Couro	0,004	0,004	0,036	0,040	3,470	-1,761	-1,752	6,582
851- Calçados	0,010	0,012	0,060	0,037	0,808	-2,040	0,124	-2,570
642- Artigos de papel/cart.	0,006	0,006	0,003	0,004	0,081	0,551	-8,272	17,736
582- Prod/conden/policon/	0,008	0,007	0,003	0,004	0,449	0,799	0,368	3,054
726- Máq/ap/encad/ e pts	0,004	0,004	0,001	0,001	4,282	-3,169	-3,839	2,213
598- Produtos químic. Div.	0,010	0,010	0,009	0,004	-0,254	0,893	-1,934	0,147
761- Recep.telev./rad/recp.	0,005	0,006	0,004	0,000	-0,147	-1,665	-15,542	*
775- Apar.elét./n-elét./méd.	0,009	0,010	0,005	0,005	0,313	-0,337	4,917	-0,427
792- Aeron./ e equip./etc	0,026	0,026	0,009	0,008	-0,506	0,915	12,584	4,812
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	0,004	0,005	0,013	0,009	0,601	-1,012	-7,585	1,923
699- Manuf. Metais com.	0,010	0,011	0,004	0,004	-1,464	0,965	0,356	6,982
713-1- Motor comb. Int. e pts	0,017	0,016	0,028	0,020	0,899	0,267	1,857	-4,750
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	0,015	0,016	0,003	0,002	1,026	-1,270	-16,369	8,017
784- Pts e aces./veic.aut.	0,037	0,035	0,008	0,012	0,382	-0,613	0,250	7,892
Regressivos em Crescimento de								
Part. %	0,483	0,394	0,019	0,015	-2,390	-2,478	1,461	-0,025
874- Instr. Medid./controle	0,017	0,016	0,002	0,002	0,687	-0,226	-4,027	4,327
749- Pts/aces/n.elét./ máq.	0,015	0,016	0,004	0,006	-0,217	-0,188	2,547	1,971
658- Artig. Têxteis divers.	0,003	0,004	0,024	0,020	-3,865	0,303	1,537	-3,914
684- Alumínio	0,014	0,010	0,026	0,033	4,232	-1,761	39,478	-4,038
554- Produtos de limpeza	0,003	0,003	0,004	0,005	-1,165	0,627	-11,802	22,442
672- Lingot./etc/ferro/aço	0,007	0,007	0,061	0,072	3,379	-2,920	49,441	-2,057
716- Apar. Elét./ pts/peç.	0,006	0,007	0,005	0,008	-3,281	1,871	2,594	5,065
694- Parafus/pregos/etc	0,003	0,003	0,003	0,004	-0,411	-1,834	0,615	4,171
516- Outr.prod.quim.orgân.	0,003	0,003	0,011	0,008	-0,999	0,475	8,004	4,544
663- Manufatur./minerais	0,004	0,004	0,006	0,008	-0,371	-0,710	-0,706	4,259
037- Pescado,etc/conserv.	0,003	0,002	0,001	0,000	-0,285	-1,510	-	-
641- Papel	0,022	0,020	0,012	0,014	0,805	-2,004	6,675	-1,045
531- Mat./tintur./orgân./sint.	0,003	0,003	0,001	0,006	1,827	-3,538	-3,586	24,479
652- Tecidos de algodão	0,006	0,006	0,016	0,011	-1,189	-2,671	-3,643	3,490
745-1- Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,007	0,006	0,005	0,006	-0,249	-1,592	2,199	5,496
892- Impressos	0,008	0,007	0,002	0,001	-0,122	-1,820	-16,874	-
112- Bebidas alcoólic.	0,008	0,008	0,001	0,003	-1,356	-1,383	1,470	-4,634
513- Ácidos carboxil./etc	0,005	0,004	0,013	0,007	0,526	-1,903	-0,419	-1,730
423- Azeites vegetais	0,003	0,003	0,096	0,067	-4,179	1,710	-12,158	2,147
512- Álcool e concentr.	0,004	0,003	0,032	0,014	0,398	-1,155	-9,890	-0,360
665- Artigos de vidro	0,003	0,003	0,005	0,005	-1,982	-1,918	-6,114	-0,586
634- Chapas de mad./etc	0,004	0,004	0,024	0,024	-0,374	-2,408	-0,639	7,155
431- Azeit./gordur/elabor.	0,001	0,001	0,018	0,032	-1,279	0,851	15,305	-2,268
058- Sucos e frutas/conserv.	0,004	0,004	0,166	0,104	-1,855	-1,941	-1,559	-5,105
282- Refugo de ferro/aço	0,002	0,002	0,000	0,000	2,709	-4,061	-	-
625- Pneumático/tubos/ etc	0,007	0,007	0,017	0,021	-2,030	-0,525	7,084	4,519
881- Apar./equip. fotográf.	0,004	0,003	0,003	0,001	-2,430	0,802	20,297	-34,602
532- Extrat./tint./sintét./etc	0,000	0,000	0,048	0,029	-1,074	-0,815	-0,655	0,620
654- Outros tecidos	0,003	0,003	0,005	0,002	1,034	-4,764	-0,803	0,382
696- Cutelaria	0,001	0,001	0,020	0,025	-3,097	-1,014	0,520	-0,941
737- Máq. p/met./ pts nsp.	0,003	0,003	0,006	0,004	-1,912	-1,520	-4,200	12,202
692- Receptent. De metal	0,002	0,002	0,008	0,008	-2,430	-1,282	-8,601	6,142
689- Metais não-ferrosos	0,001	0,001	0,000	0,003	-4,349	1,783	9,913	10,118
695- Ferram.p/ man./maq.	0,005	0,005	0,006	0,006	-2,345	-2,113	-1,339	3,475
727- Máq. p/alimt./ pts/peç.	0,002	0,002	0,004	0,005	-0,889	-3,749	-2,357	6,490

Tabela 27 - Exportações Brasileiras e Mundiais - Market-Share (MS) Médio e Taxa de Crescimento: (1981-89 / 1990-98) - classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Partip. Relativa no Comércio Mundial	(em porcentagem)							
	Exportações Mundiais ("MS"-médio)		Exportações Brasil (MS-médio)		"Market-Share" Mundial Tx. Cresc.		Market-Share Brasil Tx. Cresc.	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
288- Refug/metais n/ferros.	0,003	0,002	0,001	0,002	3,077	-4,017	-	-
653- Tecid./fibras artificiais	0,009	0,009	0,003	0,000	-1,433	-3,662	-10,401	-
074- Chá e mate	0,001	0,001	0,012	0,015	-2,150	-5,334	14,510	1,665
762- Radiorecepts/etc	0,005	0,006	0,027	0,018	-2,075	-3,099	12,070	-4,167
424- Outr. Azeit.vegetais	0,003	0,002	0,017	0,010	-5,878	5,414	-6,279	-33,764
674- Lãm./chap/fer/ac/fund	0,018	0,014	0,028	0,019	-0,049	-2,490	8,520	-3,440
666- Artigos de porcelana	0,002	0,002	0,008	0,007	-2,693	-4,031	2,934	-4,214
882- Produt. Foto.cinemt.	0,006	0,005	0,009	0,012	-0,778	-2,442	0,655	6,054
697- Utens. Domés. Met.	0,003	0,003	0,006	0,010	-4,852	-0,461	-0,594	4,019
248- Madeira trabalh.	0,009	0,008	0,013	0,012	-0,703	-3,939	-10,151	11,882
057- Frutas fresc./secas	0,010	0,008	0,012	0,009	-2,701	-1,542	-2,259	1,192
024- Queijo e coalhada	0,004	0,003	0,000	0,000	-1,983	-2,652	-	-
718- Outr.maq. Energ. /pts	0,001	0,001	0,002	0,004	-1,825	-6,073	21,499	10,561
682- Cobre	0,009	0,009	0,004	0,007	-0,730	-3,985	15,378	-10,227
736- Máq.-ferr/met./pts/acs	0,010	0,008	0,003	0,004	-1,246	-4,257	-16,001	9,544
651- Tecidos/fibras têxteis	0,012	0,010	0,021	0,010	-2,698	-2,320	-4,206	-9,265
763- Apar.repr.gravds.som	0,009	0,006	0,001	0,000	-0,199	-3,507	5,157	-
014- Carne/conserv./prepar.	0,002	0,002	0,105	0,057	-5,707	-1,578	-9,304	8,690
022- Leite e nata	0,005	0,004	0,000	0,000	-1,582	-1,586	-	-
662- Manufatura argila	0,003	0,003	0,014	0,017	-2,813	-2,116	3,820	6,592
885- Relógios	0,007	0,006	0,001	0,000	-2,494	-3,674	-0,629	-
523- Out.prod.quím.inorg.	0,004	0,003	0,003	0,005	-2,798	-3,209	0,645	1,280
681- Prata, platino, etc	0,004	0,002	0,000	0,001	-3,725	-5,607	-	-
751- Máquinas de escritór.	0,006	0,004	0,007	0,003	-1,914	-3,577	-13,256	-14,475
661- Cal/cim./ mat. Const.	0,004	0,003	0,003	0,013	-4,886	-2,036	-2,203	26,372
677- Arame de ferro/aço	0,001	0,001	0,009	0,008	-1,873	-4,000	3,057	0,285
056- Legumes,etc/prepr./conserv	0,002	0,002	0,003	0,000	-5,420	-3,537	-14,505	-
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	0,009	0,007	0,007	0,005	1,068	-7,401	0,752	-2,397
522- Elem./quím. Inorgân.	0,006	0,005	0,010	0,014	-2,672	-3,544	6,212	-1,307
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	0,004	0,003	0,008	0,014	-4,387	-2,583	4,261	10,360
693- Artigos de fio metálic.	0,002	0,001	0,017	0,014	-3,719	-3,142	1,094	-4,830
671- Granulad./etc de ferro	0,003	0,003	0,100	0,080	-1,176	-6,161	1,833	-2,182
659- Artig./pisos/tapeçar.	0,004	0,003	0,001	0,001	-2,760	-4,586	-5,172	-
683- Níquel	0,002	0,001	0,001	0,007	-6,044	-5,663	56,131	9,784
712- Máqu. Vapor d'agua	0,001	0,001	0,000	0,001	-7,995	-0,459	17,638	39,444
562- Fertilizantes	0,007	0,005	0,002	0,003	-4,302	-6,086	14,987	6,647
673- Lãmín./chap./ferr./aço	0,010	0,007	0,027	0,021	-4,583	-3,863	9,861	-13,443
233- Latex/borrac.sint.	0,003	0,001	0,008	0,011	-4,253	-4,133	-8,030	15,344
711- Caldeir. Gerad. Vapor	0,001	0,001	0,003	0,004	-9,781	-1,380	2,370	0,984
072- Cacau	0,003	0,002	0,137	0,046	-6,737	-0,076	-7,518	-14,341
246- Madeira/polpa	0,001	0,001	0,000	0,004	-8,112	-3,999	-28,618	204,642
071- Café e similares	0,009	0,004	0,188	0,156	-5,513	1,397	-0,470	2,208
723- Máq.eq. Eng.civ./e pts	0,011	0,007	0,008	0,016	-8,952	-1,239	11,401	5,824
511- Hidrocarburet./etc	0,009	0,005	0,021	0,016	-2,022	-7,095	1,556	-3,121
266- Fibras sintéticas	0,002	0,001	0,006	0,002	-6,065	-4,052	-8,876	-5,754
267-1- Outr.fibras artífic.	0,001	0,001	0,007	0,008	-2,807	-9,246	26,619	-3,452
691- Estrut. Metal e s/pts.	0,006	0,004	0,004	0,004	-10,137	-1,616	-4,401	6,788
012- Carne salgada/defumada	0,001	0,001	0,004	0,003	-5,190	-6,016	11,510	-0,893
322- Carvão/lignito/turba	0,010	0,006	0,000	0,000	-7,541	-6,093	-31,820	-
222- Sement./frutas oleag.	0,007	0,004	0,062	0,097	-8,839	-1,939	13,084	7,446
287- Miner.metál./conc./	0,009	0,005	0,015	0,014	-5,783	-4,878	-1,543	3,278
685- Chumbo	0,001	0,000	0,002	0,001	-8,355	-5,081	7,142	-
678- Tub/aces/ ferro/aço	0,012	0,007	0,013	0,011	-9,186	-2,093	2,507	-1,451
524- Mater. radioativ./ etc	0,004	0,002	0,000	0,000	-3,663	-9,573	35,316	-
323- Briqueta/coque/etc	0,001	0,001	0,000	0,000	-8,032	-4,681	-	-
046- Sêmola e farinha	0,001	0,001	0,000	0,000	-10,321	-3,692	10,269	-
023- Manteiga	0,002	0,001	0,001	0,000	-8,531	-4,477	-50,324	-
687- Estanho	0,001	0,000	0,105	0,073	-13,600	-5,286	25,903	-18,980

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

(-) Sem informação para o primeiro ou último ano da série.

Tabela 28 - Evolução das Exportações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 - classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial	(em porcentagem)					
	Exportações Brasil Market-Share (Médio)		Exportações Brasil Tx. Cresc. (%)		Exportações Brasil Participaç. Relativa (%)	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Alto Dinamismo em Part. Relativa	0,004	0,002	2,673	9,926	0,057	0,071
776- microc.elet.,etc/e pts	0,002	0,001	-0,460	4,471	0,004	0,003
752- Máq.elab.autom.dad.	0,005	0,001	-6,834	18,312	0,010	0,005
871- Instrumentos ópticos	0,002	0,001	9,954	10,689	0,000	0,000
759- pts/aces/751 e 752	0,002	0,001	14,727	6,239	0,003	0,004
893- Artig. Matér. Plásticas	0,003	0,002	0,648	17,567	0,002	0,004
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	0,002	0,004	21,342	15,316	0,001	0,003
764- eqts/pts/aces/ teleco.	0,002	0,001	7,896	12,093	0,004	0,004
553- Perfumar./cosmécic.	0,003	0,003	-5,523	19,401	0,001	0,001
872- Instr. Médicos n. esp.	0,002	0,001	-3,244	10,432	0,001	0,001
541- Prod. Medic./farmac.	0,003	0,002	1,015	14,591	0,004	0,005
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	0,005	0,002	17,994	-3,980	0,003	0,003
612- Manufat./ de couro	0,044	0,018	10,964	1,034	0,004	0,003
894- Artigos de esporte	0,006	0,003	5,013	-8,259	0,004	0,004
514- Compostos hidrogen.	0,011	0,009	4,924	9,422	0,006	0,008
772- Acess. Elétric. Divers	0,007	0,003	1,884	5,881	0,004	0,005
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	0,005	0,004	1,569	11,460	0,006	0,009
821- Móveis/ e pts	0,002	0,006	4,580	28,568	0,002	0,009
048- Prepar/ de cereais	0,001	0,002	-11,882	25,535	0,000	0,001
Médio Dinamismo em Part. Relat.	0,006	0,004	5,761	11,357	0,069	0,072
111- Bebidas não-alcóolic.	0,002	0,005	7,242	16,176	0,000	0,001
843- Vestuário feminino	0,003	0,001	25,939	*	0,003	0,001
714- Máquin/motor/ n/elétr.	0,001	0,003	10,870	31,051	0,001	0,003
873- Medid./medid/ n. esp.	0,011	0,010	9,204	15,171	0,001	0,001
098- Outros produt.comest.	0,007	0,004	-12,879	29,807	0,002	0,002
842- Vestuário masculino	0,003	0,000	1,654	*	0,002	0,000
592- Féculas, glúten trigo	0,008	0,010	11,693	12,328	0,001	0,003
515- Compost.organomin.	0,006	0,005	16,836	8,345	0,003	0,003
628- Artig. Borrach/ n. esp.	0,005	0,007	11,056	9,893	0,001	0,002
774- Apar. Elétr. Uso méd.	0,001	0,001	-11,811	15,775	0,000	0,000
781- Veícul. Pasg. (ex.ônib)	0,006	0,004	1,050	17,467	0,032	0,026
635- Manufatura/madeira	0,013	0,014	-9,079	14,880	0,003	0,005
551- Óleos, aromatz./etc	0,017	0,013	0,052	2,979	0,002	0,002
062- Confeitar. (exc.choc.)	0,026	0,021	5,000	6,300	0,002	0,002
664- Vidro	0,005	0,005	5,543	14,632	0,002	0,002
533- Tintas, vernizes, etc	0,002	0,004	8,598	22,937	0,001	0,002
583- Prod.polimerizaç./etc	0,010	0,007	25,318	0,920	0,014	0,016
679- Manufatura/ferro/aço	0,008	0,009	29,254	4,594	0,000	0,001
Baixo Dinamismo em Part. Relat.	0,013	0,011	8,455	8,062	0,172	0,205
122- Cigarros/tabac.	0,003	0,027	25,130	33,286	0,001	0,011
633- Manufatura/cortiça	0,001	0,001	-9,733	13,335	0,000	0,000
073- Chocol./ prepar/	0,042	0,007	4,987	10,051	0,006	0,002
621- Mater. artig. Borracha	0,003	0,005	7,902	21,502	0,000	0,001
611- Couro	0,036	0,040	9,270	9,951	0,010	0,017
851- Calçados	0,060	0,037	8,508	1,467	0,057	0,050
642- Artigos de papel/cart.	0,003	0,004	-1,556	25,055	0,002	0,003
582- Prod/conden/policon/	0,003	0,004	8,387	9,232	0,002	0,003
726- Máq/ap/encad/ e pts	0,001	0,001	6,384	3,913	0,000	0,001
598- Produtos químic. Div.	0,009	0,004	5,492	5,268	0,006	0,005
761- Reccep.telev./radrecp.	0,004	0,000	-7,727	*	0,002	0,000
775- Apar.elét./n-elét./méd.	0,005	0,005	12,732	4,448	0,003	0,005
792- Aeron./ e equip./etc	0,009	0,008	20,115	10,496	0,013	0,018
657- Tecid./ esp./fibr./têx.	0,013	0,009	-1,134	7,253	0,004	0,004
699- Manuf. Metais com.	0,004	0,004	6,438	14,900	0,003	0,004
713- Motor comb. Int. e pts	0,028	0,020	9,649	2,292	0,035	0,032
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	0,003	0,002	-10,533	12,189	0,003	0,004
784- Pts e aces./veic.aut.	0,008	0,012	7,600	13,811	0,024	0,044

Tabela 28 - Evolução das Exportações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 - classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial		(em porcentagem)					
		Exportações Brasil Market-Share (Médio)		Exportações Brasil Tx. Cresc. (%)		Exportações Brasil Participaç. Relativa (%)	
		1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Regressivos em Part. Relativa		0,019	0,015	5,924	3,159	0,702	0,651
874-	Instr. Medid./controle	0,002	0,002	4,342	9,472	0,003	0,003
749-	Pts/aces/n.eiét./ máq.	0,004	0,006	7,710	7,548	0,005	0,010
658-	Artig. Têxteis divers.	0,024	0,020	6,185	1,579	0,007	0,008
684-	Alumínio	0,026	0,033	54,899	-0,323	0,027	0,042
554-	Produtos de limpeza	0,004	0,005	-7,059	29,776	0,001	0,002
672-	Lingot./etc/ferro/aço	0,061	0,072	66,485	1,327	0,032	0,057
716-	Apar. Eiét./ pts/peç.	0,005	0,008	5,324	12,708	0,003	0,006
694-	Parafus/pregos/etc	0,003	0,004	7,056	10,687	0,001	0,001
516-	Outr.prod.quím.orgân.	0,011	0,008	17,716	9,115	0,003	0,003
663-1-	Manufatur./minerais	0,006	0,008	6,016	8,708	0,002	0,003
037-	Pescado,etc/conserv.	0,001	0,000	*	*	0,000	0,000
641-	Papel	0,012	0,014	14,769	2,166	0,020	0,031
531-	Mat.fintur./orgân./sint.	0,001	0,006	4,895	27,027	0,000	0,002
652-	Tecidos de algodão	0,016	0,011	1,664	4,623	0,009	0,007
745-	Out.máq/ferr/ap. n.elé	0,005	0,006	9,811	9,677	0,002	0,004
892-	Impressos	0,002	0,001	-10,876	*	0,001	0,001
112-	Bebidas alcoólic.	0,001	0,003	6,924	-0,775	0,001	0,002
513-	Ácidos carboxil./etc	0,013	0,007	7,330	2,563	0,004	0,004
423-	Azeites vegetais	0,096	0,067	-9,511	9,409	0,026	0,021
512-	Álcool e concentr.	0,032	0,014	-2,778	3,644	0,010	0,006
665-	Artigos de vidro	0,005	0,005	-1,135	2,881	0,001	0,002
634-	Chapas de mad./etc	0,024	0,024	3,914	10,059	0,008	0,010
431-	Azeit./gordur/elabor.	0,018	0,032	15,323	3,762	0,002	0,003
058-	Sucos e frutas/conserv.	0,166	0,104	3,896	-2,509	0,056	0,042
282-	Refugio de ferro/aço	0,000	0,000	*	*	0,000	0,000
625-	Pneumático/tubos/ etc	0,017	0,021	12,554	9,359	0,010	0,015
881-	Apar./equip. fotográf.	0,003	0,001	26,349	-30,729	0,001	0,000
532-	Extrat./tint./sintét./etc	0,048	0,029	3,643	4,570	0,001	0,001
654-	Outros tecidos	0,005	0,002	7,456	0,267	0,001	0,001
696-	Cutelaria	0,020	0,025	4,553	5,247	0,002	0,003
737-	Máq. p/met./ pts nsp.	0,006	0,004	1,212	17,570	0,001	0,001
692-	Receptient. De metal	0,008	0,008	-5,631	10,140	0,001	0,002
689-	Metais não-ferrosos	0,000	0,003	12,423	19,740	0,000	0,000
695-	Ferram.p/ man./maq.	0,006	0,006	3,180	7,875	0,002	0,003
727-	Máq. p/alim./ pts/peç.	0,004	0,005	1,599	8,263	0,001	0,001
288-	Refug./metais n/ferros.	0,001	0,002	*	*	0,000	0,001
653-	Tecid./fibras artificiais	0,003	0,000	-5,357	*	0,002	0,000
074-	Chá e mate	0,012	0,015	21,849	1,830	0,001	0,001
762-	Radiorecept/etc	0,027	0,018	19,711	-0,863	0,014	0,012
424-	Outr. Azeit.vegetais	0,017	0,010	-6,465	-27,513	0,003	0,002
674-	Lâm./chap/ferr/aç/fund	0,028	0,019	14,729	0,049	0,036	0,030
666-	Artigos de porcelana	0,008	0,007	7,444	-2,216	0,001	0,001
882-	Produt. Foto.cinemt.	0,009	0,012	7,344	7,881	0,004	0,007
697-	Utens. Dormés. Met.	0,006	0,010	1,439	9,919	0,002	0,003
248-	Madeira trabalh.	0,013	0,012	-5,571	14,186	0,010	0,011
057-	Frutas fresc./secas	0,012	0,009	1,252	4,449	0,010	0,009
024-	Queijo e coalhada	0,000	0,000	*	*	0,000	0,000
718-	Outr.maq. Énerg. /pts	0,002	0,004	27,631	13,231	0,000	0,001
682-	Cobre	0,004	0,007	23,859	-9,174	0,003	0,006
736-	Máq-ferr/met./pts/acs	0,003	0,004	-11,591	11,482	0,002	0,004
651-	Tecidos/fibras têxteis	0,021	0,010	1,441	-6,505	0,019	0,011
763-	Apar.repr.gravds.som	0,001	0,000	11,044	*	0,001	0,000
014-	Carne/conserv./prepar.	0,105	0,057	-7,119	10,820	0,017	0,010
022-	Leite e nata	0,000	0,000	*	*	0,000	0,000
862-	Manufatura argila	0,014	0,017	7,300	9,655	0,004	0,005
885-	Relógios	0,001	0,000	2,998	*	0,000	0,000
523-	Out.prod.quím.inorg.	0,003	0,005	5,980	4,330	0,001	0,002
681-	Prata, platino, etc	0,000	0,001	*	84,564	0,000	0,000
751-	Máquinas de escritór.	0,007	0,003	-8,461	-12,907	0,003	0,001
661-	Cal/cim./ mat. Const.	0,003	0,013	-2,089	30,187	0,001	0,004
677-	Arame de ferro/aço	0,009	0,008	6,784	2,813	0,001	0,001
056-	Legumes,etc/prepr./conserv	0,003	0,000	-12,638	*	0,001	0,000
724-	Máq. p/têxt/cour/e pts	0,007	0,005	7,904	-4,121	0,004	0,004
522-	Elem./quím. Inorgân.	0,010	0,014	10,225	2,250	0,005	0,007
721-	Máq. agríc (ex.trt.)pts	0,008	0,014	6,470	14,065	0,003	0,005

Tabela 28 - Evolução das Exportações Brasileiras: 1981-89 / 1990-98 - classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial

Classificação segundo o Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial	Exportações Brasil		Exportações Brasil		Exportações Brasil	
	Market-Share		Tx. Cresc.		Participaç. Relativa	
	(Médio)		(%)		(%)	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
693- Artigos de fio metálic.	0,017	0,014	5,221	-3,384	0,002	0,002
671- Granulad./etc de ferro	0,100	0,080	10,589	0,490	0,028	0,027
659- Artig./pisos/tapeçar.	0,001	0,001	-3,787	*	0,000	0,000
683- Níquel	0,001	0,007	69,899	10,248	0,000	0,001
712- Máqu. Vapor d'água	0,000	0,001	18,735	48,379	0,000	0,000
562- Fertilizantes	0,002	0,003	15,444	8,683	0,001	0,002
673- Lâmin./chap./ferr./aço	0,027	0,021	11,919	-11,564	0,020	0,017
233- Latex/borrac.sint.	0,008	0,011	-4,484	18,597	0,002	0,002
711- Caldeir. Gerad. Vapor	0,003	0,004	-0,336	6,635	0,000	0,000
072- Cacau	0,137	0,046	-8,587	-10,346	0,032	0,008
246- Madeira/polpa	0,000	0,004	-29,313	212,070	0,000	0,000
071- Café e similares	0,188	0,156	-1,467	8,336	0,137	0,070
723- Máq.eq. Eng.civ./e pts	0,008	0,016	9,556	9,281	0,006	0,011
511- Hidrocarburet./etc	0,021	0,016	5,263	-3,275	0,012	0,008
266- Fibras sintéticas	0,006	0,002	-5,787	-3,594	0,001	0,000
267- Outr.fibras artific.	0,007	0,008	29,468	-3,807	0,000	0,001
691- Estrut. Metal e s/pts.	0,004	0,004	-7,281	11,211	0,002	0,001
012- Carne salgada/defumada	0,004	0,003	11,596	-2,536	0,000	0,000
322- Carvão/lignito/turba	0,000	0,000	-32,535	*	0,000	0,000
222- Sement./frutas oleag.	0,062	0,097	11,040	10,543	0,033	0,042
287- Miner.metál./conc./	0,015	0,014	1,248	1,863	0,011	0,009
685- Chumbo	0,002	0,001	5,132	*	0,000	0,000
678- Tub/aces/ ferro/aço	0,013	0,011	-1,339	1,700	0,010	0,008
524- Mater. radioativ./ etc	0,000	0,000	35,670	*	0,000	0,000
323- Briqueta/coque/etc	0,000	0,000	*	*	0,000	0,000
046- Sêmola e farinha	0,000	0,000	6,143	*	0,000	0,000
023- Manteiga	0,001	0,000	-51,700	*	0,000	0,000
687- Estanho	0,105	0,073	17,707	-18,620	0,010	0,003

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Notas:

(1) Onde se lê "*" significa ausência de informação para o primeiro ou último ano da série.

(2) Onde se lê "0,000" significa valor igual a zero até três casas decimais após a vírgula.

Tabela 29.A - Variação do Market-Share médio (VMS) das Exportações Brasileiras e Mundiais e Posicionamento Relativo do Brasil ⁽¹⁾

Códigos da SITC-REV.2	VMS-Mundo (90-98/ 81-89) (var.%)	VMS-Brasil (90 98 /81-89) (var.%)	Exportações Brasil Market-Share ("retirada") ^(a)	Exportações Brasil Market-Share ("ótima") ^(b)	Exportações Brasil Market-Share ("vulnerabilidade") ^(c)	Exportações Brasil Market-Share ("oportunidades perdidas") ^(d)
012- Carne salgada/defumada	(35,32)	(29,63)	0,02			
014- Carne/conserv./prepar.	(8,58)	(45,22)	1,74			
022- Leite e nata	(17,36)	181,15			0,00	
023- Manteiga	(51,59)	(83,50)	0,02			
024- Queijo e coalhada	(15,30)	437,86			0,00	
037- Pescado,etc/conserv.	(8,11)	*				
046- Sêmola e farinha	(30,59)	*				
322- Carvão/lignito/turba	(37,14)	(93,19)	0,00			
048- Prepar/ de cereais	35,09	14,40		0,04		
056- Legumes,etc/prepr./conserv	(19,28)	(88,43)	0,06			
057- Frutas fresc./secas	(16,84)	(24,02)	1,03			
058- Sucos e frutas/conserv.	(10,47)	(37,66)	5,64			
062- Confeitar. (exc.choc.)	31,08	(16,39)				0,17
071- Café e similares	(56,76)	(17,31)	13,72			
072- Cacao	(52,39)	(66,79)	3,24			
073- Chocol./ prepar/	14,00	(82,28)				0,57
074- Chá e mate	(23,49)	29,08			0,10	
323- Briqueta/coque/etc	(48,58)	(99,84)	0,00			
098- Outros produt.comest.	24,87	(50,76)				0,19
111- Bebidas não-alcoólic.	44,66	169,15		0,01		
112- Bebidas alcoólic.	(3,15)	130,43			0,08	
122- Cigarros/tabac.	30,46	724,09		0,08		
222- Sement./frutas oleag.	(43,74)	56,49			3,27	
233- Latex/borrac.sint.	(52,78)	33,70			0,16	
246- Madeira/polpa	(26,09)	1184,20			0,00	
248- Madeira trabalh.	(13,24)	(8,23)	1,05			
266- Fibras sintéticas	(39,61)	(65,93)	0,09			
267- Outr.fibras artific.	(29,28)	11,28			0,04	
582- Prod/conden/policon/	(3,95)	23,32			0,18	
282- Refugo de ferro/aço	(15,93)					
287- Miner.metál./conc./	(38,84)	(5,19)	1,06			
288- Refug/metals n/ferros.	(25,30)	35,06			0,03	
583- Prod.polimerizaç./etc	6,56	(24,76)				1,39
423- Azeites vegetais	(13,19)	(30,66)	2,56			
424- Outr. Azeit. vegetais	(20,87)	(38,44)	0,34			
431- Azeit./gordur/elabor.	(19,17)	74,13			0,18	
511- Hidrocarburet./etc	(38,96)	(23,64)	1,25			
512- Álcool e concentr.	(11,10)	(57,41)	1,04			
513- Ácidos carboxil./etc	(8,26)	(41,20)	0,41			
514- Compostos hidrogen.	15,08	(21,89)				0,59
515- Compost.organomin.	1,04	(20,80)				0,31
516- Outr.prod.quím.orgân.	(9,79)	(19,84)	0,26			
522- Elem./quím. Inorgân.	(27,24)	48,19			0,47	
523- Out.prod.quím.inorg.	(20,45)	54,81			0,11	
524- Mater. radioativ./ etc	(56,60)	(79,14)	0,01			
531- Mat./tintur./orgân./sint.	(3,05)	345,83			0,03	
532- Extrat./tint./sintét./etc	(24,93)	(39,86)	0,11			
533- Tintas, vernizes, etc	9,98	67,20		0,08		
541- Prod. Medic./farmac.	33,33	(23,75)				0,36
551- Óleos, aromatiz./etc	5,92	(23,21)				0,21

Tabela 29.A - Variação do Market-Share médio (VMS) das Exportações Brasileiras e Mundiais e Posicionamento Relativo do Brasil ⁽¹⁾

Códigos da SITC-REV.2	VMS-Mundo (90-98/ 81-89) (var. %)	VMS-Brasil (90 98 /81-89) (var. %)	Exportações Brasil Market-Share ("retirada") ^(a)	Exportações Brasil Market-Share ("ótima") ^(b)	Exportações Brasil Market-Share ("vulnerabilidade") ^(c)	Exportações Brasil Market-Share ("oportunidades perdidas") ^(d)
553- Perfumar./cosmécic.	48,88	(20,47)				
554- Produtos de limpeza	9,64	25,65		0,07		0,08
562- Fertilizantes	(29,59)	86,40			0,09	
684- Alumínio	(29,95)	29,63			2,68	
592- Féculas, glúten trigo	15,97	28,78		0,12		
598- Produtos químíc. Div.	2,96	(51,49)				0,57
611- Couro	1,76	11,85		1,02		
612- Manufat./ de couro	39,79	(59,54)				0,38
679- Manufatura/ferro/aço	26,26	18,83		0,04		
621- Mater. artig. Borracha	8,51	89,19		0,03		
625- Pneumátic/tubos/ etc	(8,98)	24,82			0,96	
628- Artig. Borrach/ n. esp.	12,40	44,83		0,09		
633- Manufatura/cortiça	8,26	90,38		0,00		
634- Chapas de mad./etc	0,87	(0,67)				0,78
635- Manufatura/madeira	35,31	4,26		0,31		
641- Papel	(8,04)	21,80			1,96	
642- Artigos de papel/cart.	9,71	44,15		0,24		
651- Tecidos/fibras têxteis	(21,94)	(52,90)	1,93			
652- Tecidos de algodão	(2,18)	(32,39)	0,86			
653- Tecid./fibras artificiais	(0,79)	(83,65)	0,20			
654- Outros tecidos	(4,73)	(48,87)	0,12			
682- Cobre	(8,45)	67,70			0,31	
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	8,31	(32,78)				0,44
658- Artig. Têxteis divers.	15,90	(14,22)				0,72
659- Artig./pisos/tapeçar.	(19,93)	(31,72)	0,03			
661- Cal/cim./ mat. Const.	(11,78)	314,48			0,10	
662- Manufatura argila	(10,60)	19,08			0,37	
663- Manufatur./minerais	(4,78)	41,80			0,16	
664- Vidro	8,57	(11,56)				0,16
665- Artigos de vidro	(0,80)	(1,39)	0,13			
666- Artigos de porcelana	(6,49)	(12,28)	0,14			
671- Granulad./etc de ferro	(25,99)	(19,95)	2,84			
672- Lingot./etc/ferro/aço	4,26	16,97		3,21		
673- Lâmin./chap./ferr./aço	(26,84)	(21,56)	2,04			
674- Lâm./chap/fer/aç/fund	(18,63)	(31,50)	3,56			
714- Máquin/motor/ n/elétr.	(0,24)	112,66			0,08	
677- Arame de ferro/aço	(23,19)	(8,81)	0,11			
678- Tub/aces/ ferro/aço	(41,53)	(18,27)	1,03			
681- Prata, platino, etc	(45,46)	273,12			0,01	
683- Niquel	(13,01)	740,66			0,01	
685- Chumbo	(40,28)	(70,41)	0,01			
718- Outr.maq. Energ. /pts	(19,71)	87,85			0,02	
687- Estanho	(67,89)	(30,14)	0,97			
689- Metais não-ferrosos	(3,98)	715,53			0,00	
691- Estrut. Metal e s/pts.	(33,33)	(3,89)	0,17			
692- Receptient. De metal	(6,66)	(4,68)	0,13			
693- Artigos de fio metálic.	(25,27)	(18,28)	0,24			
694- Parafus/pregos/etc	(2,93)	66,52			0,07	
695- Ferram.p/ man./maq.	(11,06)	7,08			0,24	
696- Cutelaria	(5,56)	24,97			0,21	
697- Utens. Domés. Met.	(7,85)	71,11			0,16	
699- Manuf. Metais com.	4,93	0,78		0,30		
711- Caldeir. Gerad. Vapor	(32,18)	38,91			0,03	
712- Máqu. Vapor d'agua	(22,05)	129,29			0,00	
713- Motor comb. Int. e pts	(5,27)	(28,16)	3,52			
716- Apar. Elét./ pts/peç.	12,50	53,56		0,27		
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	(23,00)	66,48			0,26	

Tabela 29.A - Variação do Market-Share médio (VMS) das Exportações Brasileiras e Mundiais e Posicionamento Relativo do Brasil ⁽¹⁾

Códigos da SITC-REV.2	VMS-Mundo (90-98/81-89) (var.%)	VMS-Brasil (90 98/81-89) (var.%)	Exportações Brasil Market-Share ("retirada") ^(a)	Exportações Brasil Market-Share ("ótima") ^(b)	Exportações Brasil Market-Share ("vulnerabilidade") ^(c)	Exportações Brasil Market-Share ("oportunidades perdidas") ^(d)
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	(19,80)	(24,99)	0,39			
727- Máq. p/alimt./ pts/peç.	(8,31)	24,19			0,05	
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	6,44	(29,37)				0,31
736- Máq-ferr/met./pts/acs	(17,64)	26,97			0,21	
737- Máq. p/met./ pts nsp.	(6,53)	(25,79)	0,11			
745- Out.máq/ferr/ap. n.elé	(6,02)	22,61			0,25	
751- Máquinas de escritór.	(24,24)	(60,02)	0,31			
752- Máq.elab.autom.dad.	43,84	(78,15)				0,97
759- pts/aces/751 e 752	35,71	(30,23)				0,26
761- Recep.telev./radrecp.	18,71	(95,12)				0,17
762- Radiorecepts/etc	4,70	(34,67)				1,37
763- Apar.repr.gravds.som	(31,52)	(98,80)	0,08			
764- eqts/pts/aces/ teleco.	38,56	(53,67)				0,39
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	55,21	82,04		0,08		
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	42,97	(71,62)				0,25
774- Apar. Elétr. Uso méd.	1,69	23,58		0,01		
775- Apar.elét./n-elét./méd.	7,21	6,57		0,33		
776- microc.elet.,etc/e pts	82,65	(69,18)				0,42
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	26,68	(5,33)				0,58
781- Veicul. Pasg. (ex.ônib)	(6,18)	(38,52)	3,22			
723- Máq.eq. Eng.civ./e pts	(36,82)	105,50			0,61	
784- Pts e aces./veic.aut.	(7,48)	49,26			2,36	
726- Máq/ap/encad/ e pts	(1,23)	136,44			0,02	
792- Aeron./ e equip./etc	2,53	(9,36)				1,34
821- Móveis/ e pts	25,49	142,15		0,23		
749- Pts/aces/n.elét./ máq.	6,86	35,63		0,53		
842- Vestuário masculino	28,67	(95,91)				0,16
843- Vestuário feminino	19,65	(79,08)				0,28
851- Calçados	16,31	(38,64)				5,69
871- Instrumentos ópticos	55,41	(6,35)				0,02
872- Instr. Médicos n.esp.	30,09	(41,47)				0,07
873- Medid./medid/ n.esp.	30,89	(6,88)				0,06
874- Instr. Medid./controle	(8,11)	(17,09)	0,27			
882- Produt. Foto.cinemt.	(19,04)	26,69			0,44	
772- Acess. Elétric. Divers	22,27	(62,55)				0,35
885- Relógios	(6,94)	(76,28)	0,03			
892- Impressos	(5,63)	(57,64)	0,11			
893- Artig. Matér. Plásticas	49,70	(13,27)				0,21
894- Artigos de esporte	44,36	(48,44)				0,43
881- Apar./equip. fotográf.	(9,78)	(67,06)	0,08			
Participação Relativa na Pauta			56,30	7,09	16,34	20,26

Fonte dos dados: International Trade Statistics Yearbook. Elaboração própria.

(1) Os valores apresentados nas colunas 3 a 6 referem-se às participações relativas dos produtos em questão na pauta das exportações brasileiras, calculadas em termos médios, com referência ao período 1981-1989. Obs: valores multiplicados por 100.

(a) Posição de "retirada" = VMS-mundo < 0 e VMS-Brasil < 0

(b) Posição "ótima" = VMS-mundo > 0 e VMS-Brasil > 0

(c) Posição de "vulnerabilidade" = VMS-mundo < 0 e VMS-Brasil > 0

(d) Posição de "oportunidades perdidas" = VMS-mundo > 0 e VMS-Brasil < 0

Tabela 29.B - Variação do Market-Share médio (VMS) das Exportações Brasileiras e Mundiais e Posicionamento Relativo do Brasil⁽¹⁾

Códigos da SITC-REV.2	VMS-Mundo ² (90-98/81-89) (var.%)	VMS-Brasil ³ (90-98/81-89) (var.%)	Exportações Brasil Market-Share ("retirada") ^a	Exportações Brasil Market-Share ("ótima") ^b	Exportações Brasil Market-Share ("vulnerabilidade") ^c	Exportações Brasil Market-Share ("oportunidades perdidas") ^d
012- Carne salgada/defumada	(35,32)	(29,63)	0,015			
014- Carne/conserv./prepar.	(8,58)	(45,22)	1,019			
022- Leite e nata	(17,36)	181,15			0,012	
023- Manteiga	(51,59)	(83,50)	0,002			
024- Queijo e coalhada	(15,30)	437,86			0,002	
037- Pescado,etc/conserv.	(8,11)					
046- Sêmola e farinha	(30,59)					
322- Carvão/lignito/turba	(37,14)	(93,19)	0,000			
048- Prepar/ de cereais	35,09	14,40		0,078		
056- Legumes,etc/prepr./conser.	(19,28)	(88,43)	0,006			
057- Frutas fresc./secas	(16,84)	(24,02)	0,913			
058- Sucos e frutas/conserv.	(10,47)	(37,66)	4,190			
062- Confeitar.(exc.choc.)	31,08	(16,39)				0,233
071- Café e similares	(56,76)	(17,31)	6,998			
072- Cacau	(52,39)	(66,79)	0,792			
073- Chocol./prepar/	14,00	(82,28)				0,150
074- Chá e mate	(23,49)	29,08			0,146	
323- Briqueta/coque/etc	(48,58)	(99,84)	0,000			
098- Outros produt.comest.	24,87	(50,76)				0,160
111- Bebidas não-alcoólic.	44,66	169,15		0,057		
112- Bebidas alcoólic.	(3,15)	130,43			0,224	
122- Cigarros/tabac.	30,46	724,09		1,146		
222- Sement./frutas oleag.	(43,74)	56,49			4,181	
233- Latex/borrac.sint.	(52,78)	33,70			0,229	
246- Madeira/polpa	(26,09)	1.184,20			0,035	
248- Madeira trabalh.	(13,24)	(8,23)	1,070			
266- Fibras sintéticas	(39,61)	(65,93)	0,037			
267- Outr.fibras artífic.	(29,28)	11,28			0,056	
582- Prod/conden/policon/	(3,95)	23,32			0,316	
282- Refugo de ferro/aço	(15,93)					
287- Miner.metál./conc./	(38,84)	(5,19)	0,929			
288- Refug/metals n/ferros.	(25,30)	35,06			0,050	
583- Prod.polimerizaç./etc	6,56	(24,76)				1,620
423- Azeites vegetais	(13,19)	(30,66)	2,084			
424- Outr. Azeit. vegetais	(20,87)	(38,44)	0,241			
431- Azeit./gordur/elabor.	(19,17)	74,13			0,306	
511- Hidrocarburet./etc	(38,96)	(23,64)	0,826			
512- Álcool e concentr.	(11,10)	(57,41)	0,562			
513- Ácidos carboxil./etc	(8,26)	(41,20)	0,385			
514- Compostos hidrogen.	15,08	(21,89)				0,778
515- Compost.organomin.	1,04	(20,80)				0,335
516- Outr.prod.quim.orgân.	(9,79)	(19,84)	0,304			
522- Elem./quim. Inorgân.	(27,24)	48,19			0,736	
523- Out.prod.quim.inorg.	(20,45)	54,81			0,191	
524- Mater. radioativ./ etc	(56,60)	(79,14)	0,001			
531- Mat./tintur./orgân./sint.	(3,05)	345,83			0,189	
532- Extrat./tint./sintét./etc	(24,93)	(39,86)	0,089			
533- Tintas, vernizes, etc	9,98	67,20		0,209		
541- Prod. Medic./farmac.	33,33	(23,75)				0,521
551- Óleos, aromatiz./etc	5,92	(23,21)				0,234
553- Perfumar./cosmético.	48,88	(20,47)				0,134
554- Produtos de limpeza	9,64	25,65		0,157		
562- Fertilizantes	(29,59)	86,40			0,186	
684- Alumínio	(29,95)	29,63			4,153	
592- Féculas, glúten trigo	15,97	28,78		0,252		
598- Produtos químico. Div.	2,96	(31,49)				0,465
611- Couro	1,76	11,85		1,710		
612- Manufat./ de couro	39,79	(59,54)				0,315
679- Manufatura/ferro/aço	26,26	18,83		0,083		
621- Mater. artig. Borracha	8,51	89,19		0,097		
625- Pneumático/tubos/ etc	(8,98)	24,82			1,478	
628- Artig. Borrach/ n. esp.	12,40	44,83		0,208		
633- Manufatura/cortiça	8,26	90,38		0,004		
634- Chapas de mad./etc	0,87	(0,67)				1,040
635- Manufatura/madeira	35,31	4,26		0,542		
641- Papel	(8,04)	21,80			3,053	
642- Artigos de papel/cart.	9,71	44,15		0,258		

Tabela 29.B - Variação do Market-Share médio (VMS) das Exportações Brasileiras e Mundiais e Posicionamento Relativo do Brasil ⁽¹⁾

Códigos da SITC-REV.2	VMS-Mundo ² (90-98/81-89) (var.%)	VMS-Brasil ³ (90-98/81-89) (var.%)	Exportações Brasil Market-Share ("retirada") ^a	Exportações Brasil Market-Share ("ótima") ^b	Exportações Brasil Market-Share ("vulnerabilidade") ^c	Exportações Brasil Market-Share ("oportunidades perdidas") ^d
651- Tecidos/fibras têxteis	(21,94)	(52,90)	1,053			
652- Tecidos de algodão	(2,18)	(32,39)	0,716			
653- Tecid./fibras artificiais	(0,79)	(83,65)	0,046			
654- Outros tecidos	(4,73)	(48,87)	0,071			
682- Cobre	(8,45)	67,70			0,640	
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.	8,31	(32,78)				0,447
658- Artig. Têxteis divers.	15,90	(14,22)				0,836
659- Artig./pisos/tapeçar.	(19,93)	(31,72)	0,016			
661- Cal/cim./ mat. Const.	(11,78)	314,48			0,450	
662- Manufatura argila	(10,60)	19,08			0,530	
663- Manufatur./minerais	(4,78)	41,80			0,285	
664- Vidro	8,57	(11,56)				0,211
665- Artigos de vidro	(0,80)	(1,39)	0,157			
666- Artigos de porcelana	(6,49)	(12,28)	0,134			
671- Granulad./etc de ferro	(25,99)	(19,95)	2,711			
672- Lingot./etc/ferro/aço	4,26	16,97		5,719		
673- Lâmin./chap./ferr./aço	(26,84)	(21,56)	1,679			
674- Lâm./chap/fer/aç/fund	(18,63)	(31,50)	3,003			
714- Máquin/motor/ n/elétr.	(0,24)	112,66			0,268	
677- Arame de ferro/aço	(23,19)	(8,81)	0,099			
678- Tub/aces/ ferro/aço	(41,53)	(18,27)	0,848			
681- Prata, platino, etc	(45,46)	273,12			0,016	
683- Niquel	(13,01)	740,66			0,112	
685- Chumbo	(40,28)	(70,41)	0,003			
718- Outr.maq. Energ. /pts	(19,71)	87,85			0,052	
687- Estanho	(67,89)	(30,14)	0,328			
689- Metais não-ferrosos	(3,98)	715,53			0,027	
691- Estrut. Metal e s/pts.	(33,33)	(3,89)	0,148			
692- Receptient. De metal	(6,66)	(4,68)	0,160			
693- Artigos de fio metálic.	(25,27)	(18,28)	0,206			
694- Parafus/pregos/etc	(2,93)	66,52			0,149	
695- Ferram.p/ man./maq.	(11,06)	7,08			0,320	
696- Cutelaria	(5,56)	24,97			0,345	
697- Útens. Domés. Met.	(7,85)	71,11			0,327	
699- Manuf. Metais com.	4,93	0,78		0,447		
711- Caldeir. Gerad. Vapor	(32,18)	38,91			0,041	
712- Máqu. Vapor d'agua	(22,05)	129,29			0,006	
713- Motor comb. Int. e pts	(5,27)	(28,16)	3,233			
716- Apar. Elét./ pts/peç.	12,50	53,56		0,637		
721- Máq. agric (ex.trt.)pts	(23,00)	66,48			0,462	
724- Máq. p/têxt/cour/e pts	(19,80)	(24,99)	0,398			
727- Máq. p/alimt./ pts/peç.	(8,31)	24,19			0,098	
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	6,44	(29,37)				0,355
736- Máq-ferr/met./pts/acs	(17,64)	26,97			0,355	
737- Máq. p/met./ pts nsp.	(6,53)	(25,79)	0,121			
745- Out.maq/ferr/ap. n.elé	(6,02)	22,61			0,418	
751- Máquinas de escritór.	(24,24)	(60,02)	0,139			
752- Máq.elab.autom.dad.	43,84	(78,15)				0,461
759- pts/aces/751 e 752	35,71	(30,23)				0,366
761- Recep.telev./radrecep.	18,71	(95,12)				0,013
762- Radiorecepts/etc	4,70	(34,67)				1,155
763- Apar.repr.gravds.som	(31,52)	(98,80)	0,001			
764- eqts/pts/aces/ teleco.	38,56	(53,67)				0,367
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	55,21	82,04		0,284		
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	42,97	(71,62)				0,307
774- Apar. Elétr. Uso méd.	1,69	23,58		0,022		
775- Apar.elét./n-elét./méd.	7,21	6,57		0,504		
776- micro.elet./etc/e pts	82,65	(69,18)				0,332
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	26,68	(5,33)				0,932
781- Veícul. Pasg.(ex.ônib)	(6,18)	(38,52)	2,619			
723- Máq.eq. Eng.civ./e pts	(36,82)	105,50			1,112	
784- Pts e aces./veic.aut.	(7,48)	49,26			4,444	
726- Máq/ap/encad/ e pts	(1,23)	136,44			0,053	
792- Aeron./ e equip./etc	2,53	(9,36)				1,829
821- Móveis/ e pts	25,49	142,15		0,850		
749- Pts/aces/n.elét./ máq.	6,86	35,63		1,040		
842- Vestuário masculino	28,67	(95,91)				0,010

Tabela 29.B - Variação do Market-Share médio (VMS) das Exportações Brasileiras e Mundiais e Posicionamento Relativo do Brasil ⁽¹⁾

Códigos da SITC-REV.2	VMS-Mundo ² (90-98/81-89) (var.%)	VMS-Brasil ³ (90-98 /81-89) (var.%)	Exportações Brasil Market-Share ("retirada") ^a	Exportações Brasil Market-Share ("ótima") ^b	Exportações Brasil Market-Share ("vulnerabilidade") ^c	Exportações Brasil Market-Share ("oportunidades perdidas") ^d
843- Vestuário feminino	19,65	(79,08)				0,090
851- Calçados	16,31	(38,64)				5,022
871- Instrumentos ópticos	55,41	(6,35)				0,033
872- Instr. Médicos n.esp.	30,09	(41,47)				0,077
873- Medid./medid/ n.esp.	30,89	(6,88)				0,086
874- Instr. Medid./controle	(8,11)	(17,09)	0,313			
882- Produt. Foto.cinemt.	(19,04)	26,69			0,660	
772- Acess. Elétric. Divers	22,27	(62,55)				0,513
885- Relógios	(6,94)	(76,28)	0,011			
892- Impressos	(5,63)	(57,64)	0,059			
893- Artig. Matér. Plásticas	49,70	(13,27)				0,367
894- Artigos de esporte	44,36	(48,44)				0,417
881- Apar./equip. fotográf	(9,78)	(67,06)	0,036			
Participação Relativa na Pauta			38,77	14,31	26,71	20,21

Fonte dos dados: International Trade Statistics Yearbook. Elaboração própria.

(1) Os valores apresentados nas colunas 3 a 6 referem-se às participações relativas dos produtos em questão na pauta das exportações brasileiras, ca em termos médios, com referência ao período 1990-1998. Obs: valores multiplicados por 100.

(2) VMS mundo = participação relativa das exportações mundiais do produto X no total das exportações mundiais.

(3) VMS Brasil = participação relativa das exportações brasileiras do produto X nas exportações mundiais do produto X.

(a) Posição de "retirada" = VMS-mundo < 0 e VMS-Brasil < 0.

(b) Posição "ótima" = VMS-mundo > 0 e VMS-Brasil > 0.

(c) Posição de "vulnerabilidade" = VMS-mundo < 0 e VMS-Brasil > 0.

(d) Posição de "oportunidades perdidas" = VMS-mundo > 0 e VMS-Brasil < 0.

Tabela 30- Posição do Market-Share Brasileiro em relação às Exportações Mundiais: 1981-1998

Produtos / Aumento de Participação Relativa na Pauta Mundial ² Códigos SITC/ Produtos	Brasil em relação ao Mundo: onde a distância ⁴ em termos de Market-Share	
	Aumentou	Diminuiu
048- Prepar/ de cereais	31,12	
062- Confeitar.(exc.choc.)		68,97
073- Chocol/ prepar/		50,00
098- Outros produt.comest.		113,08
111- Bebidas não-alcoólic.	20,09	
122- Cigarros/tabac.	578,60	
583- Prod.polimerizaç./etc	411,21	
514- Compostos hidrogen.		307,94
515- Compost.organomin.		110,84
533- Tintas, vernizes, etc		108,32
541- Prod. Medic./farmac.	231,87	
551- Óleos, aromatiz./etc		55,05
553- Perfumar./cosmético.	54,02	
554- Produtos de limpeza	74,30	
592- Féculas, glúten trigo	95,70	
598- Produtos químic. Div.	159,25	
611- Couro	614,21	
612- Manufat./ de couro		87,66
- Manufatura/ferro/aço		28,97
621- Mater. artig. Borracha	45,61	
628- Artig. Borrach/ n. esp.	74,30	
633- Manufatura/cortiça	0,84	
634- Chapas de mad./etc		292,24
635- Manufatura/madeira		196,07
642- Artigos de papel/cart.		135,51
657- Tecid./ esp./fibr./têxt.		133,08
658- Artig. Têxteis divers.		217,38
664- Vidro		87,29
672- Lingot./etc/ferro/aço	1447,66	
699- Manuf. Metais com.	179,25	
716- Apar. Elét/ pts/peç.	247,94	
728- Máq. eq. Esp. Indúst.	113,55	
752- Máq.elab.autom.dad.	202,71	
759- pts/aces/751 e 752	110,09	
761- Recep.telev./radrecep.	23,97	
762- Radiorecepts/etc		292,43
764- eqts/pts/aces/ teleco.	238,69	
771- Apar. Eletrc./nsp/pts	64,02	
773- Eq. Distr. Energ. Elét.	67,57	
774- Apar. Elétr. Uso méd.		8,04
775- Apar.elét./n-elét./méd.	136,17	
776- microc.elet.,etc/e pts	112,43	
778- Máq.e apar.elet. Nsp.	338,22	
792- Aeron./ e equip./etc	1231,31	
821- Móveis/ e pts		337,48
749- Pts/aces/n.elét/ máq.		360,09
851- Calçados		1243,46
871- Instrumentos ópticos	13,83	
872- Instr. Médicos n.esp.	28,04	
873- Medid./medid/ n.esp.	33,27	
772- Acess. Elétric. Divers	147,10	
893- Artig. Matér. Plásticas	140,47	
894- Artigos de esporte	68,79	
Total (1)	7336,21	4233,93
Total (2) (export. ano 1998/milhões US\$)	32820,26	32820,26
(1) / (2)	22,35%	12,90%

Produtos c/ Redução de Participação Relativa na Pauta Mundial ³ Códigos SITC/ Produtos	Brasil em relação ao Mundo: onde a distância em termos de Market-Share	
	Aumentou	Diminuiu
	012- Carne salgada/defumada	
014- Carne/conserv./prepar.		327,94
022- Leite e nata		6,38
023- Manteiga		0,19
024- Queijo e coalhada		3,21
046- Sêmola e farinha		0,94
057- Frutas fresc./secas	265,42	
058- Sucos e frutas/conserv.		1259,35
071- Café e similares		2434,30
072- Cacau		142,24
074- Chá e mate	37,94	
112- Bebidas alcoólic.		41,21
222- Sement./frutas oleag.	2034,30	
233- Latex/borrac.sint.	87,48	
246- Madeira/polpa	35,98	
248- Madeira trabalh.	426,36	
266- Fibras sintéticas		5,89
267- Outr.fibras artific.	18,04	
582- Prod/conden/policon/		111,87
287- Miner.metál./conc./	335,89	
288- Refug./metais n/ferros.		34,86
423- Azeites vegetais		786,82
424- Outr. Azeit.vegetais		31,59
431- Azeit./gordur/elabor.	91,03	
511- Hidrocarburet./etc		208,97
512- Álcool e concentr.		138,41
513- Ácidos carboxil./etc		92,43
516- Outr.prod.quím.orgân.		127,10
522- Elem./quím. Inorgân.	221,59	
523- Out.prod.quím.inorg.	50,09	
524- Mater. radioativ./ etc		0,07
531- Mat./tintur./orgân./sint.	86,73	
532- Extrat./tint./sintét./etc		31,03
562- Fertilizantes		74,30
684- Alumínio	1012,52	
625- Pneumático/tubos/ etc	490,65	
641- Papel		795,79
651- Tecidos/fibras têxteis		202,90
652- Tecidos de algodão		194,95
653- Teced./fibras artificiais	17,75	
654- Outros tecidos		14,49
682- Cobre		76,64
659- Artig./pisos/tapeçar.		22,96
661- Cal/cim./ mat. Const.	216,17	
662- Manufatura argila	180,47	
663- Manufatur./minerais	92,80	
665- Artigos de vidro		35,05
666- Artigos de porcelana		26,92
671- Granulad./etc de ferro	832,06	
673- Lâmin./chap./ferr./aço		214,21
674- Lârn./chap/ferr/aq/fund		655,79
714- Máquin/motor/ n/elétr.		96,73
677- Arame de ferro/aço		24,49
678- Tub/aces/ ferro/aço	249,35	
681- Prata, platino, etc		7,94
683- Níquel	36,64	
685- Chumbo		0,14
718- Outr.maq. Energ. /pts	16,73	
687- Estanho		33,55
689- Metais não-ferrosos	9,72	

691-	Estrut. Metal e s/pts.		47,01
692-	Receipient. De metal		41,31
693-	Artigos de fio metálic.		42,80
694-	Parafus/pregos/etc	54,11	
695-	Ferram.p/ man./maq.	105,05	
696-	Cutelaria	103,93	
697-	Utens. Domés. Met.	95,33	
711-	Caldeir. Gerad. Vapor	16,07	
712-	Máqu. Vapor d'agua		4,21
713-	Motor comb. Int. e pts		1067,10
721-	Máq. agric (ex.trt.)pts	208,22	
724-	Máq. p/têxt/cour/e pts		76,07
727-	Máq. p'alimt/ pts/peç.	26,07	
736-	Máq-ferr/met./pts/acs		106,36
737-	Máq. p/met/ pts nsp.		63,55
745-	Out.máq/ferr/ap. n.elé		127,20
751-	Máquinas de escritór.	16,92	
763-	Apar.repr.gravds.som		1,15
781-	Veicul. Pasg.(ex.ônib)		1512,80
723-	Máq.eq. Eng.civ./e pts	384,67	
784-	Pts e aces./veic.aut.		1671,87
726-	Máq/ap/encad/ e pts		12,99
874-	Instr. Medid./controle		121,59
882-	Produt. Foto.cinemt.	196,36	
885-	Relógios		3,26
892-	Impressos	32,48	
881-	Apar./equip. fotográf.	0,93	
Total (1)		8085,84	13164,29
Total (2) (export. ano 1998/milhões US\$)		32820,26	32820,26
(1) / (2)		24,64%	40,11%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

¹ Os números mostrados nas colunas 2 e 3 referem-se ao valor das exportações (em milhões de dólares) brasileiras no ano de 1998.

² Produtos que, entre 1981 e 1998, tiveram aumento de participação relativa na pauta mundial.

³ Produtos que, entre 1981 e 1998, tiveram queda de participação relativa na pauta mundial.

⁴ A "distância Mundo - Brasil" foi definida da seguinte maneira: calculamos o market-share das exportações brasileiras e a estrutura de participação relativa das exportações mundiais, em termos médios, para 1981-89 e 1990-98, e apuramos, para cada um desses períodos, a diferença absoluta entre aqueles dois percentuais. Havendo aumento (redução) dessa diferença, ao compararmos os seus valores para para 1981-89 e 1990-98, dizemos que a "distância Mundo - Brasil", em termos de market-share, aumentou (diminuiu).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMABLE, BRUNO (1996). *The effects of foreign trade specialisation on growth: does specialisation in electronics foster growth?* (<http://meritbbs.unimaas.nl/tser.html>).
- AMSDEN, A. Crescimento y estabilización en Corea – 1962-1984. *El Trimestre Económico*, 1988, vol.LV (3), no.219, Jul/set, pp.465-522.
- ARAÚJO JR, J. T. (1992). Oportunidades estratégicas da indústria brasileira nos anos 90. Rio de Janeiro, *UFRJ/IEI*.
- AZHAR, A.K.M.; et alli (1998). Static and Dynamic Measurement of Intra-Industry Trade and Adjustment: A Geometric Reappraisal. *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol.134, n.3, pp:404-422.
- BALASSA, B. (1965). Trade liberalization and “Revealed” Comparative Advantage. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, vol.32, pp.99-123.
- _____. (1977). “Revealed” Comparative Advantage Revisited: An Analysis of Relative Export Shares of the Industrial Countries, 1953-1971. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, vol. 45, pp.327-344.
- BAPTISTA, M. A. C. (2000). *A abordagem neo-schumpeteriana: desdobramentos normativos e implicações para a política industrial*. Campinas, SP: UNICAMP. IE (Coleção Teses).
- BARROS DE CASTRO, A. (2001). A reestruturação industrial brasileira nos anos 90 – uma interpretação. *Revista de Economia Política*, v.21, n.3 (83), julho-setembro.
- BARROS, J. R. M. e GOLDENSTEIN, L. (1997). Avaliação do processo de reestruturação industrial brasileiro. *Revista de Economia Política*, vol 17, n.2 (66), abr./jun.
- BAUMANN, R. (1993). Uma avaliação das exportações intra-firma do Brasil: 1980 e 1990. Rio de Janeiro, *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v.23, n.3, pp.487-512.
- BÉRTOLA, L., PORCILE, G. (1997). *Argentina, Brazil, Uruguay and the world economy: an approach to different convergence and divergence regimes*. (sd.).
- BIELSCHOWSKY, R. (1999). Investimentos na indústria brasileira depois da abertura e do real: o mini-ciclo de modernizações, 1995-1997, Cepal. *Série Reformas Econômicas*, 44, novembro.

- BIELSCHOWSKY, R., STUMPO, G. (1995). Empresas transnacionales y cambios estructurales en la industria de Argentina, Brasil, Chile e México. *Revista de la Cepal*, n.55, pp.139-164, abril.
- BIELSCHOWSKY, R., STUMPO, G. (1996). A internacionalização da indústria brasileira: números e reflexões depois de alguns anos de abertura. In: Baumann, R. (org.), *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro: Campus.
- BONELLI, R. (1991). Fontes de crescimento da competitividade das exportações brasileiras na década de 80. Rio de Janeiro: FUNCEX, *Texto para Discussão* n.59, abril.
- BONELLI, R., GONÇALVES, R. (1998). Para onde vai a estrutura industrial brasileira? IPEA, *Texto para Discussão* n.540.
- BONELLI, R., VEIGA, P. DA M., BRITO, A F. DE. (1997). As políticas industrial e de comércio exterior no Brasil: rumos e indefinições. Rio de Janeiro: IPEA, *Texto para Discussão* n.527, novembro.
- BOWEN, H.P. (1983). On the Theoretical Interpretation of Trade Intensity and Revealed Comparative Advantage. *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol.19, pp.464-472.
- _____. (1986). On Measuring Comparative Advantage: Further Comments. *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol.122, pp.379-381.
- CANUTO, O. (1992). Mudança técnica e concorrência: um arcabouço evolucionista. Campinas: Unicamp/IE, *Texto para Discussão*, n.6.
- CANUTO, O. (1994). *Brasil e Coréia do Sul: os (des) caminhos da industrialização tardia*. São Paulo: Nobel, 1994.
- CARNEIRO, R. DE M. (1991). *Crise, estagnação e hiperinflação: a economia brasileira nos anos 80*. Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado).
- CEPAL (1992). El Comercio de Manufacturas de America Latina – Evolucion y Estructura 1962-1989. *Estudios e Informes de la Cepal*. Santiago do Chile, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (Cepal) Nações Unidas, 1992.
- CEPAL (1996). *América Latina y el Caribe quince años después – de la década perdida a la transformación económica: 1980-1995*. Santiago de Chile, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (Cepal)/Fondo de Cultura Económica, 1996.

- CEPAL (1999). Nuevas políticas comerciales em América Latina y Ásia: algunos casos nacionales. Santiago de Chile, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (Cepal) Nações Unidas, diciembre de 1999.
- CEPII (Centre D'études Prospectives et d'Informations Internationales) (1979). Les exigences d'une spécialisation efficace *La Lettre du CEPII*, no.3, septembre 1979.
- CEPII (Centre D'études Prospectives et d'Informations Internationales) (1983). *Économie Mondiale: la montée des tensions*. Paris, Economica.
- CIMOLI, M. (1994). Lock-in and specialisation (dis) advantages in a structuralist growth model. In: Fagerberg, J., Verspagen, B., Tunzelmann, N. (ed.) *The dynamics of technology, trade and growth*. England: Edward Elgar Publishing.
- COUTINHO, L. (1997). A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização. In: João Paulo dos Reis Velloso (Coord.) *Brasil: desafios de um país em transformação*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- COUTINHO, L. (1998). O desempenho da indústria sob o Real. In: Mercadante, Aloizio (Org.). *O Brasil pós Real: a política econômica em debate*. Campinas, SP: UNICAMP/IE.
- COUTINHO, L. (1999). Coréia do Sul e Brasil: paralelos, sucessos e desastres. In: José Luís Fiori (Org.) *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes.
- DALUM, B., LAURSEN, K., & VERSPAGEN, B. (1996). Does Specialization Matter for Growth? *Maastricht: MERIT* (<http://meritbbs.unimaas.nl/tser/tser/html>).
- DALUM, B., LAURSEN, K., VILLUMSEN, G. (1996). *The long term development of OCDE export specialisation patterns: de-specialisation and "stickiness"* (<http://meritbbs.unimaas.nl/tser/tser/html>).
- DIAS, V. V. (1996). O Brasil entre o poder da força e a força do poder. In: Baumann, R. (org.), *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro: Campus.
- DOSI, G. (1982). Technological paradigms and technological trajectories: a suggested interpretation of the determinants and directions of technical change. *Research Policy*, v.2, n.3.
- DOSI, G. (1984). *Technical change and industrial transformation*. London: Macmillan.
- DOSI, G. (1987). Some Notes on Patterns of Production, Industrial Organization and International Competitiveness. Paper prepared for the Meeting on " Production

- Reorganization and Skills” , *BRIE, University of California*, Berkeley, September 10-12, 1987.
- DOSI, G. (1988). The nature of innovative process. In: Dosi, G., Freeman, C., Nelson, R., Silverberg, G., Soete, L. (Eds.). *Technical change and economic theory*. London: Pinter Publishers.
- DOSI, G., PAVITT, K., SOETE, L. (1990). The economics of technical change and international trade. Great Britain: Harvester Wheatsheaf.
- DOSI, G., SOETE, L. (1983). Technology Gaps and Cost-Based Adjustment: Some explorations on the determinants of international competitiveness. *Metroeconomica*, vol. XXXV, n.3, pp.197-222, october 1983.
- DOSI, G., TYSON, L., ZYSMAN, J. (1989). Trade, Technologies, and Development: A framework for discussing Japan. In: JOHNSON, C., TYSON, L., ZYSMAN, J. (eds.). *Politics and Productivity: how Japan’s development strategy works*. New York: Harper Business.
- ERBER, F., CASSIOLATO, J. E. (1997). Política industrial: teoria e prática no Brasil e na OCDE. *Revista de Economia Política*, vol. 17, n.2 (66), abril-junho, pp.32-60.
- FAGERBERG, J. (1988). International Competitiveness. *Economic Journal*, 98:355-374.
- FAGERBERG, J. (1995). Convergence or divergence? The impact of technology on “why growth rates differ?”. *Journal of Evolutionary Economics*, 5:269-284.
- FAJNZYLBER, F. (1988). Competitividad internacional: evolución y lecciones. *Revista de la Cepal*, n.36, dezembro de 1988.
- _____ (1992). Progresso Técnico, Competitividade e Mudança Institucional. In VELLOSO, J.P.R. (coord.) *A Nova Ordem Internacional e a Terceira Revolução Industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- FERRAZ, J.C., KUPFER, D., SERRANO, F. (1999). Incerteza, adaptação e mudança: a indústria brasileira entre 1982 e 1998. Rio de Janeiro, UFRJ/*Boletim de Conjuntura*, vol.19, n.2, pp.57-61.
- FONSECA, R., CARVALHO, M., POURCHET, H. (1998). A orientação externa da indústria brasileira após a liberalização comercial. Rio de Janeiro: FUNCEX, *Texto para Discussão* n.135.

- FRANCO, G. (1998). A inserção externa e o desenvolvimento. *Revista de Economia Política*, v.18, n.3 (71), julho-setembro/1998.
- FRANCO, G. (1998). O plano Real em perspectiva de médio prazo. In: João Paulo dos Reis Velloso (coord.). *O Brasil e o mundo no limiar do século*. Rio de Janeiro: José Olympio. Vol.II.
- FREUDENBERG, M., MÜLLER, F. (1992). France et Allemagne: quelles spécialisations commerciales? *Économie Prospective Internationale*, n.52, pp.7-36.
- FURTADO, A. (coord.) (1994). Capacitação tecnológica, competitividade e política industrial: uma abordagem setorial e por empresas líderes. Brasília: IPEA. *Texto para Discussão no. 348*.
- GEREFFI, G. (1994). *Global commodity chains and third world development*. Duke University, (mimeo.).
- GONÇALVES, R., et alli (1998). *A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira*. Rio de Janeiro: Campus.
- GUERRIERI, P. (1994). International competitiveness, trade integration and technological interdependence. In: BRADFORD JR, C. I. (Ed.) *The new paradigm of systemic competitiveness: toward more integrated policies in Latin America*. OECD, Development Centre Documents.
- GUIMARÃES, E. P. (2000). Componente tecnológico comparativo das exportações ao Mercosul e ao resto do mundo. Brasília: IPEA/CEPAL, *Texto para Discussão n.765*.
- HAGUENAUER, L., et alli. (2001). Evolução das cadeias produtivas brasileiras na década de 90. Brasília: IPEA, *Texto para Discussão n.786*.
- IE/UNICAMP; IE/UFRJ. (1994). Estudo da competitividade da indústria brasileira. Campinas: Editora Unicamp.
- IEDI (1998). *Trajetória recente da indústria brasileira*. São Paulo, outubro de 1998.
- _____. (1999a). *A mudança da política cambial e os efeitos da maxidesvalorização do real*. São Paulo, 1999.
- _____. (2000). *Abertura, política cambial e comércio exterior brasileiro*. São Paulo, 2000.
- KALDOR, N (1981). The Role of Increasing Returns, Technical Progress and Cumulative Causation in the Theory of International Trade and Economic Growth. In: Thirlwall, A.P., Targetti, F. (eds) *The Essencial Kaldor*, Holmes & Meier, New York, 1989.

- KATZ, J. (2000). Reformas estruturales, productividad y conduta tecnológica en América Latina. Santiago de Chile, Comisión Econômica para América Latina y el Caribe (Cepal) Nações Unidas, 2000.
- KRUGMAN, P. R., OBSTFELD, M. (2001). *Economia internacional – teoria e prática*. São Paulo: Makron Books.
- KUME, H. (1996). A política de importação no Plano Real e a estrutura de proteção efetiva. Brasília, IPEA, *Texto para Discussão* n.423.
- KUPFER, D. S. (1998). *Trajetórias de reestruturação da indústria brasileira após a abertura e a estabilização*. Rio de Janeiro, UFRJ/IEI, tese de doutorado.
- LAFAY, G. (1979). Dynamique de la Spécialisation Internationale. *Economica*, Paris.
- LAFAY, G. (1987). Advantage Comparatif et Compétitivité: la point sur deux notions fondamentales de la théorie économique. *Economie Prospective Internationale*, 1o. trimestre 1987, n.29, pp.39-52.
- LAFAY, G. (1990). La Mesure des Avantages Comparatifs révélés: exposé de la méthodologie du CEPII. *Economie Prospective Internationale*, 1o. trimestre, 1990, n.41, pp:27-43.
- LAPLANE, M.F. (1992). Tendências da reestruturação da indústria nos países desenvolvidos nos anos 80. IPEA/PNPE, *Cadernos de Economia* n.11.
- LAPLANE, M.F. e SARTI, F. (1998). Novo ciclo de investimentos e especialização produtiva no Brasil. *Mimeo*. IE /UNICAMP, maio de 1998.
- _____ (1999). Investimento direto estrangeiro e o impacto na balança comercial nos anos 90. IPEA/*Texto para Discussão* 629.
- LAPLANE, M., et alli. (2001). *Empresas transnacionais no Brasil nos anos 90: fatores de atração, estratégias e impactos*. Campinas: UNICAMP, setembro, mimeo.
- LAURSEN, K. (1998). Revealed Comparative Advantage and the Alternatives as Measures of International Specialisation. *DRUID Working Papers*, no.98-30, Copenhagen Business School, Denmark.
- LAURSEN, K. (1998). *How structural change differs, and why it matters (for economic growth)*. (paper prepared for the ETIC Conference, Strasbourg, 16– 17, october.

- LEAL, J.P.G. (1992). *Brasil e Coréia do Sul: dinamismo das inserções no comércio internacional de manufaturas – 1981/1988*. Campinas, Unicamp (Dissertação de Mestrado).
- MACHADO, J. B. M. (1992). Comércio regional e especialização produtiva: uma análise do comércio intra-industrial entre o Brasil e os países da ALADI. Rio de Janeiro: UFRJ/IEI, *Texto para Discussão* n.283.
- MANDENG, O. J. (1991). Competitividad internacional y especialización. *Revista de la Cepal*, n.45, diciembre de 1991, pp.25-42.
- MARKWALD, R. A. B (1987). Balança comercial e dívida externa. In: *Revista da Anpec*, ano X, n.12, dezembro, pp.9-14.
- McCOMBIE, J. S. L.; THIRLWALL, A. P. (1994). *Economic Growth and the Balance-of-Payments Constraint*. Londres: McMillan.
- MEDEIROS, C. A. (2001). *A Economia Política da Crise e da Mudança Estrutural na Ásia* (mimeo).
- MEDEIROS, C. A.; SERRANO, F. (2001). *Inserção Externa, Exportações e Crescimento no Brasil*. Texto apresentado no Seminário Internacional “Desenvolvimento no Novo Século”, em homenagem ao centenário de Raul Prebisch. Rio de Janeiro, setembro de 2001, IE/UFRJ.
- MELICIANI, V. (1998). The Impact of Technological Specialisation on National Performance in a Balance-of-Payments-Constrained Growth Model. *Paper prepared for the ETIC Conference*, Strasbourg, 16-17 october 1998.
- METCALFE, J. S. (1999). Competitiveness and comparative advantage: (rough) notes toward an evolutionary approach to growth and foreign trade. ESRC Centre for Research on Innovation and Competition, University of Manchester, June 1999.
- MICHAELY, M. (1962/67). *Concentration in International Trade, Contributions to Economic Analysis*. Amsterdam, North-Holland Publishing Company.
- MIRANDA, J. C. Abertura comercial, reestruturação industrial e exportações brasileiras na década de 1990. Brasília: IPEA, *Texto para Discussão* n.829, outubro de 2001.
- MOREIRA M. M. & CORREA, P. G. (1996). Abertura comercial e indústria: o que se pode esperar e o que se vem obtendo. Rio de Janeiro: BNDES, Departamento Econômico, *Texto para Discussão*, n.49.

- _____. (1999). A indústria brasileira nos anos 90. O que já se pode dizer? In: GIAMBIAGI, F. e MOREIRA, M. M. (orgs.) *A economia brasileira nos anos 90*. Rio de Janeiro: BNDES.
- MOTTA VEIGA, P. (1990_a). Comércio exterior e inserção internacional da economia brasileira. Rio de Janeiro: FUNCEX, *Texto para Discussão n.24*, janeiro de 1990.
- _____. (1990_b). Notas sobre políticas de ajustamento externo e estratégias de inserção internacional: algumas questões colocadas pela abertura da economia. Rio de Janeiro: FUNCEX, *Texto para Discussão n.29*, fevereiro de 1990.
- _____. (1991). Exportações brasileiras: desempenho, especialização internacional e mudança estrutural na economia brasileira. Rio de Janeiro: FUNCEX, *Texto para Discussão n.56*, junho de 1991.
- _____. (1994). O comércio exterior industrial do Brasil: um novo ciclo de crescimento. Rio de Janeiro: FUNCEX, *Texto para Discussão n.56*, junho de 1991.
- MOTTA VEIGA, P., et alli. (1995). Relationships between trade and the environment: the brazilian case. Rio de Janeiro: FUNCEX, *Texto para Discussão n.9*, junho de 1995.
- NACIONES UNIDAS/CEPAL (1975). Clasificación uniforme para el comercio internacional, Revision 2, Nueva York, Departamento de Asuntos Economicos y Sociales, Informes estadísticos, serie M, n.34, revisão 2.
- NACIONES UNIDAS/CEPAL (1996). Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe. Nações Unidas.
- NACIONES UNIDAS/CEPAL (1998). Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe. Nações Unidas.
- NACIONES UNIDAS/CEPAL (2000/2001). Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe. Nações Unidas.
- NACIONES UNIDAS/WORLD TRADE ORGANIZATION (2001). International trade statistics. United Nations.
- NELSON, R., SOETE, L. (1988). Policy conclusions. In: Dosi, G., Freeman, C., Nelson, R., Silverberg, G., Soete, L. (Eds.). *Technical change and economic theory*. London: Pinter Publishers.
- NELSON, R., WINTER, S. (1982). *An evolutionary theory of economic change*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press.

NONNENBERG, M.J.B. (1991). Vantagens comparativas reveladas, custo relativo dos fatores e intensidade de recursos naturais: resultados para o Brasil – 1980/88. Brasília: IPEA, *Texto para Discussão* n.214.

_____. (1994). Bloco de comércio e competitividade das exportações brasileiras. Brasília: IPEA, *Texto para Discussão* n.334.

OECD (1986). *Indicateurs de la Science et de la Technologie*. Paris, OECD, vol.2.

OECD (1992). The Technology/Economy Programme: *Technology and the economy – the key relationships*. Paris, OECD.

ONU. *International Trade Statistics Yearbook*, vários.

ONU (1991). *Industrial Statistics Yearbook*, vol.II.

ONUDI (1983). *La industria mundial en 1980 (ID/269)*, Nueva York, Publicación de las Naciones Unidas, no. de venta: S.81.II.B.3

PAVITT, K. (1984). Sectoral Patterns of Technical Change: Towards a Taxonomy and a Theory. *Research Policy*, North Holland, v.13, n.6.

PATEL, P. & PAVITT, K. (1994). Uneven (and Divergent) Technological Accumulation Among Advanced Countries: evidence and a framework of explanation. *Industrial and Corporate Change*, vol.3, n.3, pp:759-787.

PAVITT, K. (1989). International Patterns of Technological Accumulation. In Hood, H. E Vahlne, J.E. (eds.). *Strategies in Global Competition*. London: Croom Helm.

PERES, W. & ALCORTA, L. (1996). Sistemas de Innovación y Especialización Tecnológica en América Latina y el Caribe. Santiago de Chile, Cepal, *Serie Desarrollo Productivo* n.33.

SARTI, F. (1994). *Evolução das estruturas de produção e de exportação da indústria brasileira nos anos 80*. Campinas:Unicamp/IE (Dissertação de Mestrado).

SOETE, L. (1987). The impact of technological innovation on international trade patterns: the evidence reconsidered. *Research Policy*, North Holland, v.16, n.2, pp.101-130.

SCHUMPETER, J. A. (1988). *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Nova Cultural, (*Coleção Os Economistas*).

SCHUMPETER, J. A. (1984). *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- THIRLWALL, A. P. (1979). The balance-of-payments constraint as an explanation of international growth rate differences, *Banca Nazionale del Lavoro Quartely Review*, 32: 45-53.
- THIRLWALL, A. P. (1980). *Balance-of-payment Theory and the United Kingdom Experience*. London, Macmillan.
- THIRLWALL, A. P. (1986). A general model of growth and development along Kaldorian lines, *Oxford Economic Papers*, 38: 199-219.
- UNCTAD (1996). *Trade and Development Report*. United Nations Conference on Trade and Development. United Nations, New York and Geneva.
- UNCTAD (2000). *The competitiveness challenge: transnational corporations and industrial restructuring in developing countries*. United Nations Conference on Trade and Development. United Nations. New York and Geneva, capts.I, II e VII.
- UNCTAD (2001_a). *World Investment Report – Promoting Linkages*. United Nations Conference on Trade and Development. United Nations, New York and Geneva.
- UNCTAD (2001_b). *Handbook os Sstatistics*. United Nations Conference on Trade and Development. United Nations, New York and Geneva.
- UNCTAD (2002) *Trade and Development Report*. United Nations Conference on Trade and Development. United Nations, New York and Geneva.
- VERLMUN, R. (1998). Estrutura industrial brasileira. *Relatório de Pesquisa (versão preliminar)*.
- VOLLRATH, T. L. (1991). A theoretical evaluation of alternative trade intensity measures of revealed comparative advantage. *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol. 127, pp.265-280.
- XAVIER, C. L. (2000) Padrões de especialização e competitividade no comércio exterior brasileiro. Campinas: IE/UNICAMP (Tese de Doutorado).
- YEATS, A J. (1985). On the appropriate interpretation of the revealed comparative advantage index: implications of a methodology based on industry sector analysis. *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol. 121, pp:61-73.